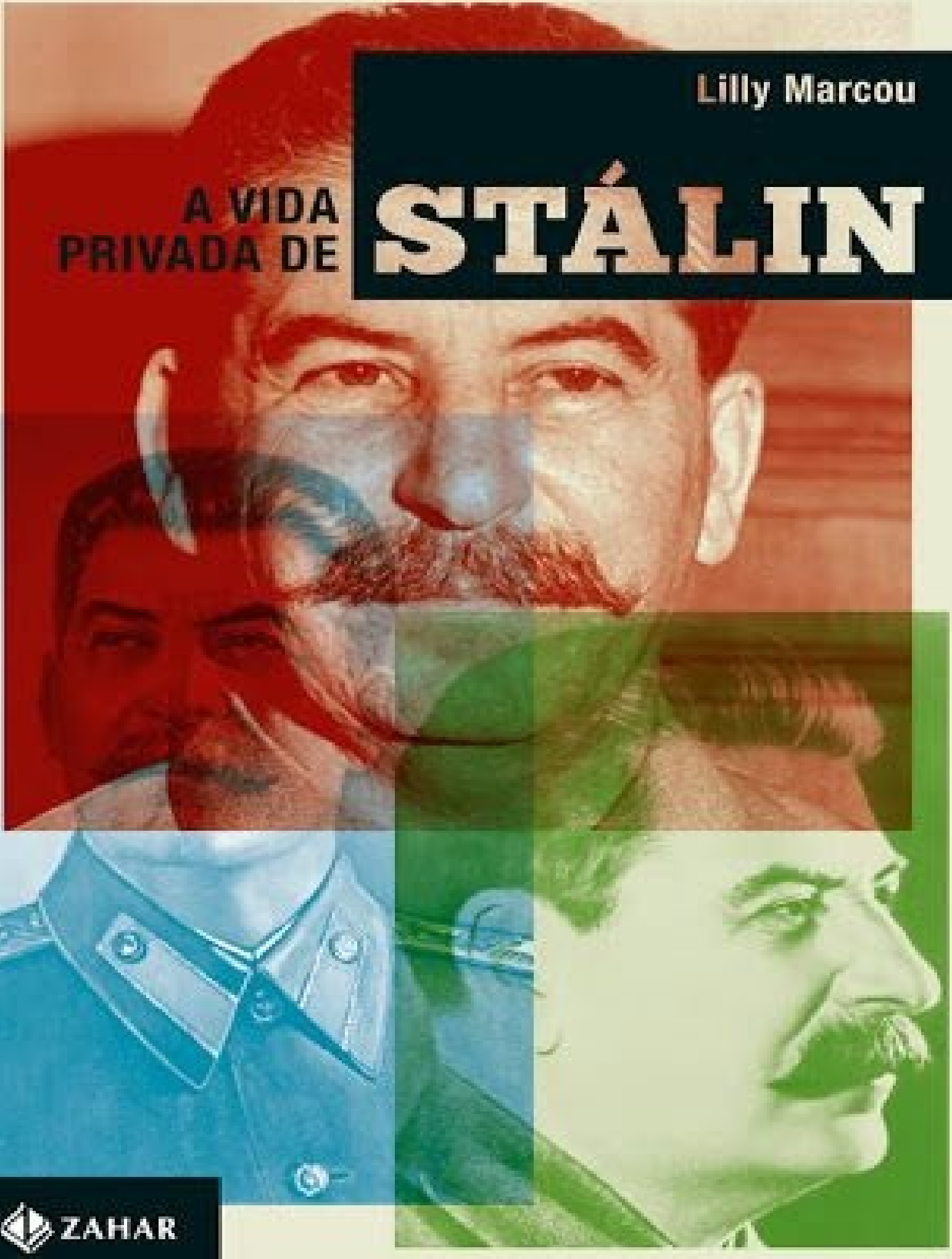
Lilly Marcou

A VIDA PRIVADA DE STÁLIN



ZAHAR

SOBRE ESSE LANÇAMENTO



Esse ebook é a versão oficial, vendida nas livrarias virtuais brasileiras. Nada nele foi modificado, exceto a adição desse arquivo e a quebra do DRM, tornando-o acessível a todos.

As editoras e livrarias brasileiras continuam fazendo pouco caso dos leitores brasileiros, cobrando preços altíssimos pelos ebooks lançados, que muitas vezes superam inclusive o preço da versão impressa.

Elas também atrasam propositalmente o lançamento de ebooks no Brasil, em até um ano em relação ao livro impresso, com o intuito de nos forçarem a adquirir a versão impressa, tentando dessa forma dificultar e atrasar o avanço da era da leitura digital no Brasil.

Outro ponto que questionamos é a falta de interesse em lançar versões digitais de obras mais antigas, nos deixando presos apenas a novos lançamentos, livros de domínio publico ou então obras de pouca expressão, logo, muito mais baratas de serem licenciadas.

Por fim, porém não menos importante, questionamos a péssima qualidade dos ebooks lançados no Brasil. Muitos deles, apesar do preço altíssimo, tem péssima formatação, erros de parágrafo e grafia, onde se percebe claramente um trabalho feito às pressas, com pouco ou nenhum cuidado com a pós-produção.

Enquanto as editoras e livrarias brasileiras não passarem a tratar o consumidor brasileiro com respeito e seriedade, nós os Anonymous estaremos aqui, trazendo livros novos e antigos, com qualidade e de graça, fazendo o trabalho que caberiam às editoras.



Nós somos Anonymous.
Nós somos Legião.
Nós não perdoamos.
Nós não esquecemos.
Nos aguardem.

Lilly Marcou

A vida privada de Stálin

Tradução:
André Telles

ZAHAR

Sumário

Prólogo

1. Sosso

Gori
Tíflis
Batum

2. Koba

O komitetchik
Primeiro casamento
Os exílios
O filho natural

3. Stálin

O surgimento de um teórico
O siberiano

4. Na torrente da Revolução

O retorno do herói
Ajudante de campo de Lênin
Um amor surgido entre a revolução e a guerra civil
Nadejda, secretária de Lênin
A marcha para o poder
Desavenças com Lênin

5. Entre vitórias políticas e reveses familiares

Uma família como as demais

O primeiro grupo
O homem ponderado
Um teórico contestado
Primeiras cisões
Um suicídio misterioso
A segunda revolução

6. O ditador

Supostos amores e um caso verídico
Chefe de clã
O assassinato de Kirov
O segundo luto
Os parentes
Em meio ao povo
A obsessão do suicídio
A loucura assassina
A família dizimada

7. Líder em tempos de guerra

Vigília de armas
“Operação Barba Ruiva”
A captura de Iakov
Moscou sitiada
O front
Um amor impossível
Os Aliados
O episódio de Katyn
O caso Morozov
Valentina Vassilievna Istomina

8. O recluso

A política de contenção
Autorretrato
O segundo expurgo na família

Os “casos”
Molotov
A “questão antissemita”
Fim de reinado

Epílogo

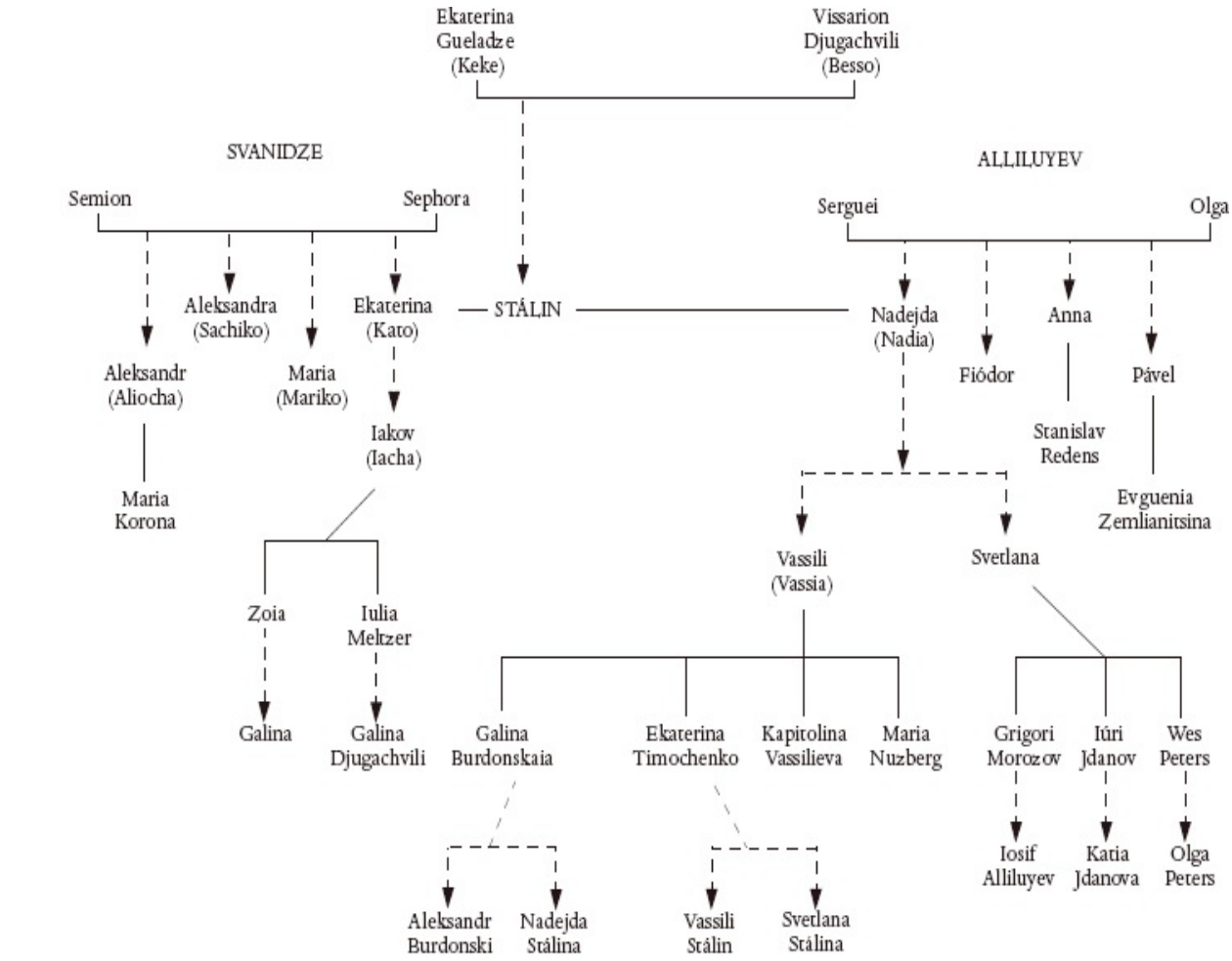
Notas
Bibliografia
Agradecimentos
Índice onomástico

– Mamãe, lembra-se do nosso czar?
– Claro!
– Pois bem, de certa forma sou o novo czar…
– Pondo tudo na balança, você teria feito melhor virando padre.

Diálogo entre Stálin e a mãe

Portanto quem julgar necessário, em seu novo governo, controlar os inimigos, atrair os amigos, vencer por força ou astúcia, ser amado e temido pelo povo, acompanhar os soldados e ser por eles respeitado, arruinar os que podem ou inclinam-se a prejudicar-nos, modernizar mediante novos recursos os antigos costumes, ser rigoroso e benevolente, altivo e liberal, destruir uma milícia infiel, criar uma nova, manter-se amigo dos reis e príncipes, de maneira que eles o adulem voluntariamente ou não o prejudiquem sem inquietude, este não pode escolher exemplos mais recentes do que os feitos do duque de Valentinois.

MAQUIAVEL, *O príncipe*


Ekaterina
Gueladze
(Keke)
Vissarion
Djugachvili
(Besso)
SVANIDZE
ALLILUYEV
Semion
Sephora
Serguei
Olga
Aleksandra
(Sachiko)
Ekaterina
(Kato)
STÁLIN
Nadejda
(Nadia)
Anna
Aleksandr
(Aliocha)
Maria
(Mariko)
Fiódor
Pável
Iakov
(Iacha)
Stanislav
Redens
Maria
Korona
Evguenia
Zemlianitsina
Vassili
(Vassia)
Svetlana
Zoia
Iulia
Meltzer
Galina
Galina
Djugachvili
Galina
Burdonskaia
Ekaterina
Timochenko
Kapitolina
Vassilieva
Maria
Nuzberg
Grigori
Morozov
Iúri
Jdanov
Wes
Peters
Iosif
Alliluyev
Katia
Jdanova
Olga
Peters
Aleksandr
Burdonski
Nadejda
Stálina
Vassili
Stálin
Svetlana
Stálina
casamentos
filhos

Prólogo

O HOMEM STÁLIN ACABOU OFUSCADO pelo mito, cujo espectro determina toda a perspectiva do século XX. Neste livro, procuro descrever a vida privada desse homem, aludindo aos fatos históricos apenas quando necessários à inteligibilidade do itinerário pessoal do indivíduo ou quando permitem desvelar, nuançar ou transformar as interpretações julgadas definitivas. Por muito tempo a aura de "monstro abjeto" impediu que desvendássemos o enigma de um caráter. Decerto é tranquilizador pensar que o homem sob cujo regime tais horrores foram cometidos não pode ser senão um demônio: maneira de desculpar as pessoas que o cercavam, preservar o otimismo à la Rousseau quanto à inocência da natureza humana e banir dessa humanidade comum o único responsável pelos crimes perpetrados. Essa demonização de Stálin, contudo, não passa de preguiça intelectual, como sua deificação o fora ontem: fazendo-o existir em carne e osso, humano, demasiado humano, nem por isso ele se torna menos vulnerável ao julgamento da História.

Não ignoro que tentar captar a personalidade do homem Stálin, a partir de arquivos inéditos e conversas com os sobreviventes da linhagem familiar e do círculo mais íntimo, poderá parecer obsceno aos olhos de alguns. O quê?! Falar das emoções desse tirano sem levar em conta sua responsabilidade nos milhões de mortes pelas quais ele é culpado? Mergulhar sem ideias pré-concebidas nos ignóbeis segredinhos da história privada, deixando em segundo plano uma das maiores tragédias do século? A estes, faço questão de responder antecipadamente que minha proposta aqui não é promover um novo julgamento dos anos de terror stalinista: a causa é justa, e subscrevo-a. Acontece apenas que estou convencida de que, no caso de um personagem dessa dimensão, não há "ignóbeis segredinhos": toda e qualquer prova material que venha a surgir deve ser despejada no dossiê da História.

À exceção de numerosos e abalizados estudos dos sovietólogos ocidentais, a abertura dos arquivos soviéticos estimulou a publicação de livros que escapavam a qualquer rigor deontológico. A liberdade de expressão, em se

tratando de um tema tabu, era confundida com o direito de falar qualquer coisa. Proliferaram então publicações fantasiosas e rocambolescas, que ainda pululam nas bancadas dos livreiros ambulantes pelas ruas de Moscou. Cumpria esperar por uma nova geração de historiadores que esmiuçassem os documentos com a única preocupação de apreender a verdade, para reconstituir uma história que deixara de ser prisioneira dos arquivos fechados.

EM BREVE COMPLETARÃO trinta anos que estudo a vida de Stálin, e cinquenta que o enigma Stálin me obceca. Nenhuma explicação jamais me convenceu inteiramente, ainda que eu concorde com as grandes biografias a ele dedicadas por Isaac Deutscher ou Robert C. Tucker, que muito me ensinaram e ajudaram a empreender minha própria reflexão. Portanto, o esboço biográfico que hoje apresento constitui a síntese de anos de estudos que nem por isso deixaram de resultar num saber sempre fragmentado e parcial, tão vasto é o tema. Ele não pretende elucidar todas as questões teóricas e históricas que o caso Stálin coloca para os pesquisadores. Procurar estudar a pessoa, sem cair no psicologismo, não tem como intenção qualquer tipo de reabilitação – operação impossível, parece-me, até para as gerações vindouras. Alimenta apenas a modesta ambição de, por meio das fontes primárias, inéditas em sua maioria, apreender a complexidade, as contradições e os paradoxos do personagem. Mergulhando nos arquivos de Stálin, busquei criar um vazio com relação a um saber por demais engessado, no intuito de captar o que há de novo, iluminar as zonas de sombra, fazer a mediação entre verdade e rumor, dirimir certas controvérsias e revelar aspectos ignorados ou desconhecidos.[a] Se por um lado o retrato pessoal ganha proporções humanas, por outro ele só faz endurecer os traços de caráter daquele que sempre colocou acima de tudo seu credo revolucionário, a razão de Estado, o poder absoluto, a certeza de que ele e seus métodos fariam a felicidade de todos.

AOS CRIMES, ao terror e aos erros com que Stálin e seu reinado são confundidos há cerca de quarenta anos, esqueceram-se recentemente de acrescentar a esperança, o entusiasmo, o heroísmo, o espírito de sacrifício de que essa história "impossível" foi porta-voz. O arroubo e a admiração despertados pela URSS e seu líder carismático nos anos 1930 e 1940 podem ter outras explicações que não a enganação, a mentira, o medo e a manipulação… Complexa e paradoxal, a URSS oferecia, aos que dela se aproximavam, um leque de sucessos e fracassos, de magia e tragédias ao mesmo tempo. Numerosos foram os que apreenderam esse carácter dúplice de uma realidade inédita para a época. O Estado inovador

fascinava; a utopia em vias de tornar-se realidade entusiasmava; o voluntarismo, transformado em valor fundamental, era contagiante.

Nem o relatório secreto de Kruchtchev, nem a glasnost de Gorbatchev foram capazes de arrefecer, nas profundezas da memória coletiva da ex-sociedade soviética, a ideia de que a época stalinista foi igualmente motivo de glória e orgulho nacional para os povos da URSS. E de que o homem que a encarnou não é o único responsável pelo terror que a sacudiu.[1] Para todos, ele continua um gigante que marcou duradouramente o século com seus crimes e suas vitórias. Nem epifenômeno, como pensava Roy Medvedev; nem termidoriano, como julgava Trótski, porque Stálin pretendia-se herdeiro fiel do legado leninista; nem causa de todos os males, como o acusava Kruchtchev, porque havia uma relação simbiótica entre ele e seu "mundo".

[a] Recusei-me a entrar numa polêmica sobre afirmações difusas, não alicerçadas nos arquivos, como as de Victor Suvorov, que, por ter sido anteriormente agente dos serviços secretos militares soviéticos, julgou-se capaz de convencer o público com "revelações" segundo as quais Stálin teria ajudado Hitler a tomar o poder e deflagrado a Segunda Guerra Mundial, e preparava um ataque, às vésperas da invasão nazista da URSS, no intuito de conquistar a Europa. (Cf. Victor Suvorov, Le brise-glace, Paris, Orban, 1989.) Da mesma forma, recusei-me a participar de outra controvérsia – antiga e atual ao mesmo tempo – sobre Stálin como agente da Okhrana, que nenhum arquivo confirma e que Robert C. Tucker recusou de maneira científica em sua grande biografia *Staline révolutionnaire, 1879-1929, essai historique et psychologique* (Paris, Fayard, 1975, p.93-6).

1. Sosso

Gori

Cercada de montanhas e situada a aproximadamente setenta quilômetros de Tíflis, a cidade de Gori, na Geórgia, assentada numa colina arborizada e florida, em meio a uma natureza encantadora e agreste, não imaginara, ao longo de sua veneranda e trágica história, que se tornaria conhecida no século XX graças a um robusto caucasiano ali nascido em 6 de dezembro de 1878 e batizado no dia 17 do mesmo mês (no início de sua carreira de revolucionário profissional, ele mudará a data de nascimento, declarando 21 de dezembro de 1879 à polícia).[1] Localizada numa das margens do Kura, na encruzilhada de três vales ricos em vinhedos e terras escuras, iluminada pelo sol meridional – embora ali o céu fosse quase sempre tempestuoso –, Gori tinha ao fundo a cadeia das montanhas caucasianas, cujos picos mais altos permanecem eternamente cobertos de neve. Não longe da cidade, erguia-se uma antiga fortaleza bizantina. Foi nesse panorama, ao mesmo tempo despojado e aconchegante, que Iosif Vissarionovitch Djugachvili, alcunhado Sosso desde o nascimento por seus pais, amigos e colegas de escola, passou os primeiros 16 anos de sua vida. Uma infância penosa, apesar de protegida pelo amor profundo de uma mãe extremosa e devota.

A casinha onde ele nasceu, lar do casal Vissarion Ivanovitch Djugachvili (vulgo Besso) e Ekaterina Gavrilovna Gueladze (Keke), atesta a pobreza endêmica da família. Situada no centro da cidade, perto de uma catedral – que foi destruída em 1921 por ocasião de um terremoto –, a construção, coberta por uma laje de argila, tinha apenas dois cômodos. Havia buracos no teto e, durante as chuvas diluvianas que às vezes despencavam na cidade, entrava água na casa. Poucos e modestos móveis conferiam ao cenário um caráter austero, malgrado as paredes forradas com tapeçarias, à moda caucasiana: um baú que servia de armário, uma mesa na qual ficavam o samovar e os livros escolares de Sosso,

uma cama de madeira. Uma escada íngreme descia até o porão, onde a mãe cozinhava. O piso de todos os cômodos era de tijolos. Keke, que se esfalfava da manhã à noite para prover as necessidades do filho que ela criava sozinha, descansava no quintalzinho, num banco de madeira.[2] Essa pequena casa continua a existir, incrustada no mármore e transformada em museu.

A família Djugachvili, de origem osseta, tinha ancestrais servos, e um dos bisavós paternos do futuro Stálin gozara de uma fama fugaz na região. No despontar do século XIX, Zaza Djugachvili participara de um levante camponês contra os russos e tivera de se esconder, primeiro nas montanhas, depois na aldeia de Didi-Lilo, não muito longe de Tíflis, onde permanecera até sua morte. Vano, seu filho, tornara-se vinicultor na região, e foi nesse lugarejo que nasceu Vissarion. Após a morte do pai, Besso emigrara para a capital e arranjara um emprego na fábrica Adelkhanov, onde aprendera a profissão de sapateiro. Em seguida, estabelecera-se em Gori, onde trabalhara numa oficina de conserto de calçados antes de abrir sua própria lojinha. Nessa nova vida, conhecera a bela Ekaterina, por sua vez oriunda de uma família de servos da aldeia de Gambareuli, que, quando estes foram emancipados na Geórgia, em 1864, instalara-se em Gori. Quando conheceu Besso, ela tinha dezoito anos e ele, 24. Casaram-se logo depois, em 1874.[a]

Casamento fracassado, em função do caráter inconsequente de um marido alcoólatra. Violento, espancava sem escrúpulo e por ninharias sua mulher e seu filho único recém-nascido. Por conta desses furores sem fim, bem como do fracasso do empreendimento privado de Besso, o casal terminou por separar-se em 1883. O pai voltou a trabalhar e morar em Tíflis, quando Sosso tinha apenas cinco anos. Retornava de tempos em tempos à sua casa em Gori, deixando invariavelmente apenas lágrimas atrás de si. Morreu em 1909,[b] em Tíflis, durante uma briga numa taberna. Sosso não guardou uma boa recordação desse pai beberrão que o queria à sua imagem, opondo-se à mãe, que fazia esforços sobre-humanos para enviá-lo à escola.

Vissarion era o verdadeiro pai de Stálin? Há mais de uma versão a respeito disso. Dependendo dos períodos e dos autores, essa paternidade foi atribuída ora a um prelado, em cuja casa sua mãe trabalhou por um tempo, ora a um aristocrata georgiano, do qual ela era lavadeira, ora a um célebre explorador russo, Prjevalski, que visitou Gori e em quem alguns observadores viram uma semelhança espantosa com Stálin. E muitos outros. Mas é o conde Iakov Egnatachvili que Nadejda, neta de Stálin, considera o pai mais plausível. Keke trabalhava como faxineira na casa e era ama de leite do filho do conde, Aleksandr, que a mãe, doente, não podia aleitar. Keke teria tido um

relacionamento amoroso com o conde num momento em que a condessa estava acamada. Mais tarde, em todo caso, Sosso será constantemente recebido e alimentado por essa família, e foi uma parenta do conde, uma certa Sophiko, que o tomou sob seus cuidados, em Rustavi, cidade situada nas proximidades de Tíflis, quando ele adoeceu seriamente. Para os descendentes do conde, não resta dúvida: Stálin é um filho da família, e foi graças a ela que conseguiu matricular-se no seminário de Gori, depois no de Tíflis. Prova disso, afirmam, é que, quando Stálin estava no auge do poder, mandou chamar ao Kremlin seu irmão de leite Aleksandr Iakovlievitch. Embora soubesse quem era seu pai verdadeiro, Iosif deu credibilidade à lenda de Vissarion a fim de lavar a honra da mãe, conforme declara Nadejda Stálina. Fato é que a única fotografia que possuímos do pretenso pai legítimo de Stálin é uma fraude. Vissarion jamais foi fotografado em vida. Pegaram uma fotografia de Stálin e acrescentaram-lhe uma barba: a semelhança era necessariamente perfeita.[c] Cumpre dizer que, ruiva, com um rosto franco e sossegado, cheio de sardas, Keke era atraente e parece de fato ter vivido várias aventuras galantes. Dela Stálin herdou sobretudo a tenacidade, 0 pragmatismo, a aplicação no trabalho, bem como a rudeza. Com o tempo, ela aderiu ao visual das devotas georgianas, usando o barrete tradicional e vestindo-se com roupas pretas de freira. Muito respeitada, era vista como uma mulher que consagrara a vida a Deus e ao filho.

Após a partida de Besso, mãe e filho instalaram-se num dois quartos contíguo à casa de um padre, onde Keke fazia faxina.

Antes de Iosif, o casal Djugachvili tivera dois filhos: Mikhail e Giorgy, ambos mortos antes de completar um ano de vida. É compreensível o cuidado extremoso que Keke dispensou ao terceiro filho. Aos oito anos, Sosso entrou no seminário de Gori, onde, bom aluno, obteve uma bolsa. Era um menino ativo, enérgico, que procurava companhia. Alegre, fazia piadas, gostava de falar e chamar a atenção para sua pessoa. Desenhava mapas otimamente. Mostrou logo desenvoltura com a aritmética, depois foi brilhante em matemática. Espantava os professores acima de tudo pela prodigiosa memória. Embora a mãe fosse devota e ele tenha frequentado uma escola religiosa, nunca foi tocado pela fé. A necessidade de rezar e adotar os ritos do culto o entediavam. Assim, aprendeu muito cedo a dissimular o que efetivamente pensava e sentia. Sua verdadeira natureza impelia-o para o real, o racional, o pragmático. A leitura precoce, aos treze anos de idade, de Darwin – seguramente uma versão adaptada – pôs um termo definitivo às suas dúvidas sobre a existência de Deus: “Eu já sabia. Deus não existe!” teria exclamado, fechando o livro.[3]

Constantemente estabelecia metas que terminava por atingir. Plenamente

satisfeito, exprimia então sua alegria dando cambalhotas, lembra-se Piotr Kapanatze, seu amigo de infância.[4] Trabalhava com afinco, tornou-se o líder no pátio de recreio e primeiro-tenor no coro da escola e da igreja.

Nem por isso o aluno brilhante deixava de viver constantemente numa situação material precária. Para prover suas necessidades, a mãe trabalhava como faxineira na casa dos professores da escola de Iosif, lavava roupa e costurava para os ricos da cidade. Seu pai opunha-se a que ele permanecesse na escola. Quando Sosso fez dez anos, o pai arrancou-o a força de Gori e levou-o para Tíflis, onde empregou-o na fábrica Adelkhanov como operário. Não sem dificuldades, a valente Keke conseguiu trazer o filho de volta para Gori, após uma semana de brigas, matriculando-o novamente na escola.

Naquele fim de século, dois graves problemas agitavam a sociedade na Geórgia: as relações russo-georgianas e as consequências da abolição da escravidão no Cáucaso. Foi nessa época que o menino tomou consciência das desigualdades sociais e nacionais, mostrando-se ressentido diante da arrogância dos ricos filhos de mercadores de vinho ou de sementes e dos descendentes das antigas famílias aristocráticas. Suas tentativas para impor-se a todo custo, graças às suas proezas escolares e sua agilidade no terreno esportivo, para adquirir o status de líder, talvez sejam a primeira desforra do filho do sapateiro contra suas modestas origens sociais.

A despeito de seu desempenho escolar e esportivo, era de certa forma uma criança de saúde frágil. Aos seis anos pegou varíola, o que deixou seu rosto marcado para sempre. Aos dez, foi atropelado por uma carroça durante um festejo popular. Levado para casa quase sem sentidos, teve forças para dizer à mãe desesperada: “Não se preocupe. Está tudo certo!” Após semanas de dores, acabou convalescendo, com um achaque menor, que o acompanhará por toda a vida: uma rigidez crônica na articulação do cotovelo esquerdo. Mais tarde, isso fez com que fosse declarado inapto para o serviço militar. Superou com coragem as dores físicas: alguns amigos desse período afirmam nunca tê-lo visto chorar.[5]

Recebia os golpes da vida com estoicismo e, também, aparentemente, com um quê de indiferença. Seu cotidiano, porém, não era cor-de-rosa. Não conhecia o aconchego de um lar estável e protetor. Precisava esforçar-se para escapar das pancadas do pai ébrio e assistir, impotente porque muito jovem, às brutalidades que este infligia à mãe, que se matava de trabalhar para criar o filho segundo seus preceitos. Iosif amava aquela mãe devota que tinha apenas a ele na terra, embora tampouco ela economizasse nos tabefes e severidades de todo tipo. Embora ela não tivesse nenhuma instrução e falasse apenas o georgiano, ele a respeitava. Um dia, para defendê-la, acabou lançando uma faca na direção do

pai. Este jogou-se sobre ele, que se safou por um triz, escondendo-se por alguns dias na casa de vizinhos.[6] A partir desse dia, adotou uma atitude de desconfiança, vigilância e dissimulação com relação ao pai. Traços de caráter que carregará para sempre.

PARA ESCAPAR DESSE COTIDIANO PENOSO, o jovem Sosso refugiava-se nos livros. Apesar da inclinação pronunciada pelo real e o concreto, tinha uma grande propensão ao sonho. Identificando-se com personagens heroicos, buscava sublimar a vida miserável que levava. No início, suas primeiras leituras, em georgiano, limitam-se aos romances de capa e espada. Afora dramas sociais e amores infelizes, eles exaltavam de maneira romântica a resistência caucasiana face à grande Rússia. Guardou especialmente na memória a narrativa *O parricídio*, de Aleksandr Kesbegui. A ação se passa na época do lendário imã Chamil, quando os montanheses caucasianos combatiam os russos. A história celebra a coragem e tenacidade de um fora da lei conhecido como Koba (que significa o Indomável), vingador exemplar do povo escravizado. Essa alegoria romântica, que exalta o patriotismo caucasiano, parece ter marcado profundamente o imaginário do jovem Sosso, que prendia a respiração diante das façanhas guerreiras de Koba. Anos mais tarde, durante sua clandestinidade revolucionária, em Batum (em 1901), adotará o nome, que conservará até tornar-se, dez anos mais tarde, Stálin.

No fim dos estudos em Gori, sendo o primeiro da classe, candidatou-se ao seminário de Tíflis.[d] Recebeu um diploma especial. Partiu com a mãe para Tíflis em 1894, um menino magro e de aspecto atlético, com olhos pretos brilhantes e um nariz proeminente, cujo caminhar denunciava um caráter independente e determinado, para cursar a escola religiosa e cumprir os votos maternos tornando-se padre. Passou com louvor no exame de admissão e foi matriculado em setembro como semi-interno,[7] com bolsa. Isso era ainda mais meritório na medida em que, em seus anos em Gori, Sosso tivera de mudar seu idioma de estudo. Quando entrara na escola, o ensino era ministrado em georgiano. Dois anos mais tarde, o russo tornara-se a língua nacional. A passagem havia sido dolorosa para a maioria dos alunos: os recalcitrantes eram severamente punidos. Aparentemente, o jovem Djugachvili saiu incólume dessa provação ao mesmo tempo linguística e patriótica. Estava impregnado da ambição que sua mãe lhe incutira.

Tíflis

O seminário de teologia ortodoxa russa de Tíflis, o estabelecimento de ensino superior mais importante da Geórgia, oferecia ao jovem Sosso uma perspectiva de vida bem diferente da que ele conhecera em Gori. Embora o objetivo inicial da instituição fosse a formação de sacerdotes, ela não deixou de ser um viveiro de revolucionários, devido tanto à atmosfera repressiva reinante quanto à russificação exagerada lá adotada. Nos anos 1860 e 1870, ali eclodiram atos de rebelião e grupelhos secretos conspiravam na sombra, permitindo a infiltração de ideias políticas subversivas que desafiavam as normas feudais então vigentes na escola. Grandes figuras nacionais georgianas fizeram sua iniciação nas armas atrás dos muros espessos desse seminário. Djugachvili só passou a frequentá-lo meses depois da última grande greve que paralisou o estabelecimento. Percebendo imediatamente o clima opressivo, ele também não demorou a rebelar-se contra a rotina estabelecida. Já em seu primeiro ano letivo em Tíflis deixou de ser o aluno aplicado que tanto admirava os professores em Gori, e o registro das punições comprova sua indisciplina e gênio difícil, como se a libertação da influência protetora mas decerto opressiva da mãe lhe permitisse finalmente exprimir sua verdadeira natureza. “Iosif Djugachvili, falando alto e rindo, impede seus colegas de dormir”, já anotava o inspetor em 21 de novembro de 1894. E em dezembro as punições multiplicaram-se: almoço depois de todo mundo, refeição de pé na cantina, horas de solitária…

Mas o que ele fazia de tão grave? Artes típicas de um adolescente cuja educação não havia sido muito esmerada: comportava-se mal na igreja, recostando-se na parede; cantava alto demais no coro, sem levar em conta as observações do inspetor; ameaçava os colegas; chegava atrasado às preces matinais; não respeitava a disciplina da instituição, que vivia no ritmo de um quartel; fazia barulho na cantina; muitas vezes não aparecia na sala de aula.[8] Nesse primeiro ano, seus resultados escolares sofreram com isso, ficando muito aquém do desempenho em Gori.

Ainda assim, na volta às aulas, em 1895, foi aceito como interno em tempo integral.[9] Atrás dos muros da escola levava-se uma vida difícil, os alunos eram malnutridos e espremiam-se em grupos de vinte ou trinta nos dormitórios, sob constante vigilância. Esse confinamento quase penitenciário era-lhe insuportável. A camisa de força da escola deixava-o furioso e ele manifestava ruidosamente sua recusa a entrar na linha com um comportamento cada vez mais recalcitrante. Alvorada às 7h, preces, café da manhã, aula até as duas, almoço às três, chamada às cinco, preces da tarde, chá, estudo, cama às dez:[10] Essa rotina de vida cronometrada e monótona deixou-o alérgico para sempre a qualquer programa que envolvesse um horário preciso.

As disciplinas que era obrigado a estudar não despertavam nem sua curiosidade nem sua sede de saber: teologia, escrituras sagradas, literatura, matemática, história, grego e latim. Aos domingos e feriados, tinha de assistir a ofícios religiosos que duravam horas. Os reiterados castigos desestabilizavam-no completamente. Começou então uma queda de braço entre um aluno cada vez mais revoltado e a direção do seminário, que desejava subjugá-lo e humilhá-lo. Ele adotou a revolta como regra.

Embora cultivasse uma paixão pela leitura, o jovem Iosif não apreciava os livros religiosos. Desde o início de seus estudos no seminário, mostrou-se interessado pelos textos profanos, à margem do caminho traçado pela escola. Leu então, em edições adaptadas, Galileu, Copérnico e Darwin. Em história, foi a Comuna de Paris que mais o entusiasmou. Devorava igualmente a literatura clássica russa: Púchkin, Lermontov, Dobroliubov, Saltykov-Chtchedrin, Gógol, Tchekhov. “Os livros eram os amigos inseparáveis de Iosif. Não queria ficar longe deles nem nas horas de comer”, lembra-se Glurdjidze, um de seus colegas de classe. Sosso lia durante a noite, escondido, à luz da vela, lembra-se Iremachvili. Seus novos focos de interesse afastaram-no ainda mais da escola religiosa.[11] Os registros da escola listam escrupulosamente suas condenáveis leituras: em 30 de novembro de 1896, o inspetor anota: “Soube que Djugachvili era sócio da biblioteca popular, onde pegava livros emprestados. Hoje confisquei-lhe *Os trabalhadores do mar*, de Victor Hugo. Foi castigado com a solitária prolongada. Eu já o avisara quando encontrei com ele o *Noventa e três*, de Victor Hugo.” Em 3 de março de 1897, confiscam-lhe *A evolução literária das nações*, de Letourneau; foi novamente punido com a solitária prolongada em regime severo.[12]

Os monges espionavam os alunos, suas leituras, revistavam seus bolsos, escutavam às portas e denunciavam todo e qualquer deslize. A revolta de Sosso não era um fato excepcional na história do seminário. A partir dos anos 1860, as expulsões por razões políticas multiplicaram-se em Tíflis. Em 1885, Sylvestr Djibladze,[e] um aluno expulso, agrediu o diretor da escola, que chamara a língua georgiana de “língua para cães”. Embora Sosso não se rebelasse no terreno linguístico – falava um russo perfeito, a despeito do forte sotaque georgiano, que, para seu grande desespero, conservou vida afora –, seus colegas de turma, pouco mais velhos que ele, tinham recebido muito mal a supressão da língua nacional. Houve motins em 1890 e 1893, resultando em greves. As autoridades terminaram por fechar o seminário durante um mês e expulsar 87 alunos, dos quais 23 foram proibidos de permanecer em Tíflis.[13] Entre eles, um ex-colega dos tempos de escola em Gori, Lado Ketskhoveli, apenas três anos mais velho que Sosso, que desempenhou papel relevante em seu engajamento político. Portanto,

era num cenário de rebeldias que o jovem Stálin exprimia sua revolta.

Durante esse período difícil, em que procurava seu caminho, ele escreveu versos em georgiano, que publicou em 1895 assinando-se Sosselo, num grande periódico georgiano, *Iveria*. Misto de romantismo popular e arroubos patrióticos, celebravam sobretudo a natureza e apiedavam-se da condição camponesa: “Floresce, meu belo país/ O país dos georgianos/ E, tu, georgiano/ Faz o país feliz com teus estudos”, lê-se no poema “A rosa desabrochou”.[14] Em julho de 1896, o jovem terminou sua carreira de poeta iniciante com a publicação de “Velho Ninika” no periódico *Kvali* (O Trilho).

A partir dessa data, juntou-se a outros alunos para criar uma agremiação clandestina de jovens socialistas. Durante esse período de guinada, seu caráter modificou-se progressivamente: a criança, depois o adolescente alegre, franco e cheio de entusiasmo, cedia lugar a um rapaz cada vez mais introvertido, contido, desconfiado. Nasce um personagem cujas lendas posteriores nos ensinam que já se via como um chefe, mas ainda não sabia para onde canalizar efetivamente sua revolta. Estabelecer contato com este jovem era difícil: pretenderia impor-se de saída como um líder, como o Koba de suas leituras de adolescente? Se, em determinado grupo, não fosse ele o líder, criava outro para poder dominá-lo a seu bel-prazer. Nos relatórios a seu respeito durante o último ano letivo, 1898-99, ele figura como um agitador. Em 28 de setembro de 1898, “às 21h, o inspetor observou na cantina um grupo de alunos em torno de Djugachvili, que lia alguma coisa para eles. Quando o vigilante se aproximou, Djugachvili tentou esconder a folha de papel, e foi somente após reiteradas injunções que entregou seu manuscrito. Fato é que Djugachvili lia livros proibidos pela direção do seminário e estabelecia notas de leitura, que mostrava em seguida aos outros alunos.”[15]

Cada vez mais ausente da sala de aula ou atrasado na prece, Sosso era repreendido junto com outros alunos aparentemente cooptados por ele: “Vários alunos da quinta série, entre eles Djugachvili, atrasaram-se para a aula de liturgia. Punição: meia hora de solitária.” Quando comparecia à prece, falava, ria ou agitava os colegas. As autoridades sentiam-se cada vez mais impotentes diante daquele aluno, que exprimia seu descontentamento em voz alta quando vistoriavam suas coisas, que se mostrava cada vez mais grosseiro com a direção, que faltava ao respeito com alguns dos professores e que não estava mais sozinho em sua rebelião.[16] Nem a solitária, nem as reprimendas conseguiam domá-lo. O último registro de punições a ele data de 7 de abril de 1899.

Durante essa última fase de sua vida de seminarista, Iosif Djugachvili leu Marx, Plekhanov e, por fim, Lênin. Literatura, história e política tornaram-se

suas paixões. Passou a cultivar esse gênero de leituras.

Desde 1898 ele vinha tentando abandonar o seminário e ir trabalhar como operário. Embora hesitante, julgou ter encontrado seu caminho. Nesse mesmo ano, filiara-se a uma organização clandestina, Messame Dassi (O Terceiro Grupo),[f] que constituía uma das primeiras estruturas social-democratas em Tíflis. Inspirava-se acima de tudo no exemplo de Lado Ketskhoveli, a quem admirava e que, expulso do seminário, dedicava-se exclusivamente à ação militante. Após uma passagem por Kiev, onde tentou prosseguir os estudos, Lado chegara ilegalmente a Tíflis em 1897 e ali levava a vida clássica do revolucionário profissional, trabalhando como gráfico – profissão-fetiche dos revolucionários de todos os tempos. Estabelecia então as bases de uma imprensa clandestina na Transcaucásia. Em 1900, no momento em que o próprio Sosso dava seus primeiros passos na vida de revolucionário, Lado instalou-se em Baku e montou uma gráfica, imprimindo jornais marxistas ilegais: o *Iskra* (A Fagulha) e a *Brdzola* (A Luta). Stálin, colega de turma no seminário de Vado, irmão de Lado, entrou em contato com ele em Tíflis. Conviveram por um breve tempo, antes que a amizade terminasse tragicamente. Preso em 1902, Ketskhoveli foi morto por um guarda, na prisão, em agosto de 1903, após ter gritado pela janela de sua cela: “Abaixo a autocracia! Viva a liberdade! Viva o socialismo!”

Sosso deixou o seminário em 29 de maio de 1899 sem ter feito os exames de fim de ano nem tampouco concluído os estudos. Não tinha, portanto, nenhum diploma, vendo-se impossibilitado de tornar-se padre, como teria desejado sua mãe. Teria sido expulso pela ausência não justificada nas provas de fim de ano, como atestam os anais do seminário? Ou retirado pela mãe, porque a severidade da escola poderia fazer com que o filho desenvolvesse tuberculose, como ela afirma mais tarde? Seja como for, aquela vida de jovem clandestino e de seminarista banido era de fato prejudicial à sua saúde. Cada vez mais pálido, devastado por uma tosse preocupante, estava no fim das forças. Ele mesmo explicará na sequência que fora expulso em consequência de sua atividade marxista. Durante todo esse período, voltou regularmente para passar as férias em Gori. Para lá retornou quando deixou o seminário, e lá permaneceu durante todo o verão de 1899.

Em 28 de dezembro de 1899, o ex-seminarista Djugachvili começa a trabalhar no principal observatório físico de Tíflis,[17] sobretudo como fachada para acobertar seu trabalho ilegal. Seu quarto no observatório, o primeiro em que morava sozinho, marcou o início de sua vida privada. Às vezes, recebia ali amigos ou operários que pretendia conquistar para a causa. Eventualmente realizavam-se pequenas reuniões. O militante clandestino ia se delineando. Junto

com alguns outros companheiros, preparou a manifestação de 1º de maio no Cáucaso. O modesto comício mais parecia uma procissão religiosa ortodoxa que uma ação de massa proletária, mas, na ocasião, Djugachvili dirigiu-se aos manifestantes, e este foi seu primeiro discurso em público.[18]

Terminou sendo descoberto. Um relatório do comissariado de Tíflis, datado de 23 de março de 1901, registra que Djugachvili, que trabalhava no observatório, mantinha relações com operários e pertencia ao partido social-democrata. Durante buscas em sua casa, encontraram o livro de Prokopovitch, *O movimento operário no Ocidente*, contendo anotações e comentários escritos pelo envolvido, referindo-se a obras proibidas. A partir desse momento, entrou no rol dos suspeitos.[19]

Em consequência dessas buscas, Sosso foi obrigado a deixar o observatório e mergulhar ainda mais profundamente na clandestinidade e na precariedade. Ele e seus colegas colaboradores eram vigiados regularmente. Um relatório da polícia desse período conclui: "Djugachvili é um socialdemocrata e mantém relações com os operários. A vigilância mostrou que está constantemente de sobreaviso, que se volta o tempo todo quando caminha na rua."[20] Diversos motivos levaram-no a escolher uma vida difícil. Anos mais tarde ele oferecerá uma explicação para isso: "Tornei-me marxista não só em virtude de minha posição social … mas também devido à rígida intolerância e à disciplina jesuítica que me atormentavam sem misericórdia no seminário… A atmosfera na qual eu vivia era saturada de ódio contra a opressão czarista."[21] Ele pretendia então combater um sistema opressivo e anacrônico, e sua causa era antes de tudo a da liberdade. Trocava as preces e as aulas de religião pelos círculos marxistas e pela pregação da boa nova entre os operários. Foi o *Messame Dassi* que o nomeou para dirigir o círculo de estudos formados por trabalhadores das oficinas ferroviárias. Três ex-seminaristas eram seus principais guias espirituais: Sylvestr Djibladze, Aleksandr Tsulukidze e Lado Ketskhoveli. Era com eles que ia às vezes à redação do *Kvali*, jornal liberal, mas que servia de tribuna para os líderes de *Messame Dassi*. E foram eles que o orientaram para a criação de grupos de estudos e formação para operários. Frequentou então os pardieiros superlotados dos operários dos subúrbios de Tíflis, empesteados pela fumaça densa, que se misturava ao cheiro de suor e sujeira. Iniciou no marxismo pequenos grupos de doze homens. As reuniões realizavam-se na véspera das festas ou dos feriados, nos apartamentos operários, fora da cidade. Nelas, Sosso deu seus primeiros passos como propagandista, demonstrando imediatamente possuir o dom da exposição concisa e límpida, além de um senso didático inato. Sem ser um grande tribuno, sabia exprimir-se e prender a atenção dos operários. Sua análise clara e eloquência rude eram eficientes. Momentos exaltantes para ele, se

comparados à atmosfera melancólica e humilhante do seminário. Tornou-se rapidamente um dos membros mais dinâmicos do pequeno grupo que incitava os operários de Tíflis.[22]

Aos 21 anos, começava efetivamente sua carreira de revolucionário profissional clandestino.

Batum

Em 1899, o jovem Iosif começou sua vida de clandestino, revolucionário e conspirador em alerta constante. Junto aos companheiros – grupo, facção, partido –, descobria uma atmosfera de ebulição permanente, discussões internas, fortes inimizades pessoais. Soube de traições que só fizeram aumentar suas dúvidas e suspeitas quanto ao perigo real de uma infiltração da polícia secreta no seio do Partido. Descobriu as batalhas doutrinais, com seu cortejo de distorções e interpretações. Dominou rapidamente os ritos da vida clandestina: como se esconder, escapar das perseguições, evitar as buscas. À noite, com o rosto enfiado na gola do sobretudo, olhando constantemente para trás para verificar se não estava sendo seguido, Sosso encarnava para as polícias de todas as Rússias "o Caucasiano".

Regularmente seguido, não lhe faltavam coragem nem determinação: era incansável na organização de greves, manifestações de rua, reuniões secretas, comícios. Daí em diante sua vida viu-se engolida pela ação revolucionária, que prevaleceu sobre todo o resto. Não sabe mais o que é relaxamento, conforto ou bem-estar. E quando, no auge do poder, tiver acesso a eles, nunca saberá desfrutar. A dúvida, a suspeita e a traição permanecerão como ameaças obsessivas, que impedirão o homem maduro, e em seguida o velho, de gozar o descanso.

Quando deixou o observatório de Tíflis, Sosso viu-se entregue à própria sorte. Não podia contar com a ajuda da mãe ou de parentes ou amigos. Não queria ser um fardo para Keke, a quem, pelo contrário, gostaria de ajudar. Precisava ganhar a vida – nem que fosse modestamente. Num primeiro momento, deu aulas particulares e trabalhou como contador. Mas dedicava a maior parte do tempo às atividades de propaganda nos círculos de estudos dos operários das ferrovias. Aproximou-se então da miséria material mais completa. Vivia sobretudo da ajuda de alguns companheiros com condições um pouco melhores.

Associou-se ao trabalho de Ketskhoveli e ao de Aleksandr Tsulukidze,[g] à

criação de *Brdzola*, o primeiro jornal georgiano marxista. Foi nele que redigiu seus primeiros artigos políticos.[23] Impondo-se cada vez mais, foi nomeado em novembro de 1901 membro do comitê social-democrata de Tíflis.[24] Esse organismo abrangia nove pessoas e coordenava a ação dos grupos socialistas na capital, após haver temporariamente representado a executiva para todo o Cáucaso.

Ao entrar no fogo e no jogo da luta revolucionária, ele mantinha, apesar da baixa estatura (media 1,67 metro) e da saúde frágil, a silhueta esguia e as feições acentuadas por um nariz proeminente, um queixo vigoroso e uma basta cabeleira negra; o bigode e a barba curta conferiam-lhe o aspecto clássico de um indomável. Bolchevique precoce, começava a criar uma reputação de homem enérgico, dinâmico, com o qual se podia contar, mas também a de uma criatura complicada, individualista e autoritária.

Em 2 de dezembro de 1901, o comitê enviou-o a Batum para trabalhar na propaganda.[25] Esse porto do mar Negro, ligado a Baku por um oleoduto, tornara-se no ano anterior o novo centro da indústria petrolífera na fronteira turca. Batum precisava de um organizador enérgico, e foi assim que Sosso viu-se encarregado de despertar a consciência de classe dos operários, cuja formação política deixava a desejar, se comparada à dos operários de Tíflis. Ele começou por reunir sete operários no quarto de um militante. Antes disso, pediu para encontrá-los separadamente. Era prudente. Ninguém conhecia seu nome verdadeiro, ninguém sabia onde morava nem onde passava a noite. Encontrou sem demora a linguagem adequada: vocabulário simples, frases claras e diretas. Tinha respostas para todas as perguntas. No fim da sessão, pedia a cada um dos presentes que reunisse por sua vez sete operários e lhes transmitisse o teor de suas palavras. Assim, num lapso de tempo de quinze dias os operários de todas as fábricas da cidade haviam sido alcançados pela propaganda de Sosso.[26]

Os relatórios da polícia registram pedidos incessantes de Iosif a seus companheiros de Tíflis para que lhe enviassem livros proibidos. Infiltrados, os social-democratas eram de tal forma vigiados que a polícia estava a par de todos os seus passos. Segundo ela, Djugachvili estava entre os principais dirigentes do movimento.[27] Foi durante sua temporada nessa cidade que ele começou a utilizar o pseudônimo Koba. Magro, esbelto, geralmente usava uma típica camisa russa em cetim azul, de colarinho alto fechado lateralmente, por cima da qual enfiava um casaco apertado, rematando com um barrete turco preto. Foi assim que ele ficou na memória dos que o conheceram na época.[28]

Em dezembro de 1901, a cidade de Batum foi palco de uma agitação operária fora do comum. Em fevereiro seguinte, greves estouraram na refinaria

Rothschild e na fábrica Mantatchev. A prisão dos operários rebeldes provocou, em 9 de março, uma insurreição em massa, que terminou em escaramuças com a polícia e um grande número de mortos e feridos entre os manifestantes.

Em 13 de fevereiro de 1902, a polícia de Batum observara a respeito de Sosso, num relatório secreto: “Expulso do seminário, residente em Batum sem visto de permanência, sem ocupação específica nem domicílio, o morador de Gori Iosif Djugachvili foi visto em uma reunião no apartamento de um operário da fábrica Mantatchev.”[29]

Perseguido pela polícia, Koba rumou para uma aldeia da Abkásia, próximo a Batum. Instalou-se na casa de um velho muçulmano chamado Khachim. Lá, montou uma gráfica. Os membros da organização que iam ao local para buscar panfletos ilegais, disfarçavam-se de mulheres, o rosto coberto pela *chadra* – o longo véu tradicional das caucasianas. Os vizinhos começaram a se inquietar com aquele vaivém incessante, e corria o boato de que o georgiano fabricava dinheiro falso. Os aldeões pediram então parte dos lucros. Koba conseguiu explicar o sentido de sua ação e conquistar-lhes a confiança. Contudo, parece ter sido obrigado a prometer a Khachim que se converteria ao islamismo.[30]

Na noite de 6 de abril, os membros do comitê social-democrata de Batum, inclusive Djugachvili, foram presos. Sua temporada em Batum durara apenas quatro meses e meio, porém foi um período de intensa atividade. A prisão marcou o início de seus litígios com a polícia.

O CÍRCULO DO PARTIDO OPERÁRIO SOCIAL-DEMOCRATA da Rússia em Tíflis fora minuciosamente esquadrinhado desde 1901, e Iosif Djugachvili fazia parte dos poucos líderes particularmente visados pela polícia política. Nos relatórios do comissariado da cidade, começava a ser descrito como um intelectual e um dos principais dirigentes social-democratas. Mudara a data de seu nascimento e fornecera outro local de origem: era assim que figurava nos arquivos da polícia como “um camponês de Didi-Lilo” de 23 anos de idade. Teria sido para proteger a pobre mãe que evitara designar Gori como cidade natal? É possível. Mas por que atribuir um ano a menos? Verdade que nessa época tratava-se de uma prática comum, mas ainda assim a explicação deixa a desejar…

Por ocasião dos motins de Batum, foi classificado, ao lado de Kandelaki,[h] entre “os principais chefes e instrutores dos operários de Batum”. Eram acusados de ter “iniciado o motim e a queda do governo czarista”.[31] Foi detido, incurso no artigo 251.

De Gori, a mãe de Sosso tentava salvar o filho. Escreveu à polícia pedindo que o libertassem.[32] Em vão. As informações dos agentes e os depoimentos das

testemunhas multiplicavam as acusações, apontando-o como um dos principais responsáveis pelos motins: “Djugachvili pronunciava discursos para provocar o descontentamento dos operários com relação ao regime e incitá-los à luta contra a autocracia.” Foi acusado, junto com outros dirigentes social-democratas georgianos, de “haver pertencido, do outono de 1901 até fevereiro de 1902, a uma organização criminosa secreta cujo objetivo era a mudança do regime monárquico na Rússia e a proclamação de uma Constituição democrática”.[33] Um policial afirma que ele se encontrava em meio à multidão durante o motim. Em 28 de maio de 1902, o comissariado de Kutaissi acrescentou que as informações sobre Kandelaki e Djugachvili obtidas por seus agentes haviam sido estudadas com grande atenção pelo promotor do tribunal local, que julgara necessária a detenção de ambos.[34]

Iosif declarou inocência, mas em vão. Foi julgado como um dos principais líderes e condenado. Encarcerado durante mais de um ano na prisão de Batum, depois mais seis meses na de Kutaissi, terminou exilado por três anos na aldeia de Novaia Uda, na região de Irkutsk, na Sibéria oriental. Chegou lá no fim de novembro de 1903. Era o primeiro ciclo de uma série que continuará até 1913: constantemente detido, preso, exilado, quase sempre conseguirá escapar. De 1902 a 1913, será preso oito vezes; exilado, sete; e fugirá em seis oportunidades. Até 1917, sua vida foi feita de prisões e deportações. Contudo, saberá transformar tais eventos em “universidades”, e concluir sua formação intelectual. O regime das prisões e dos locais de exílio na época czarista era ao mesmo tempo brutal e permissivo. Havia violência o suficiente para exacerbar o ódio dos prisioneiros pela ordem existente e relaxamento o suficiente para que o trabalho revolucionário pudesse prosseguir dentro dos muros da prisão e, assim, eventualmente, se planejassem as fugas.

Koba aproveitou-se amplamente disso. Impôs-se uma disciplina de ferro, trabalhou duro, leu vorazmente e tornou-se um dos principais oradores do coletivo da prisão. Taciturno e distante, intervinha de maneira decisiva e altiva.

EM MARÇO DE 1903, quando ele ainda estava no exílio, os grupos socialdemocratas do Cáucaso formaram uma Federação Transcaucasiana. Embora ausente, ele foi nomeado membro do conselho executivo.

Em Bruxelas, em julho do mesmo ano, numa sala dos fundos da Casa do Povo Socialista, teve início o Congresso Social-democrata Russo, que terminou em Londres na segunda metade de agosto e ficou conhecido depois como o “Segundo Congresso”, quando se considerou retrospectivamente a reunião em Minsk de 1898 como a certidão de batismo do Partido Comunista russo. Nesse

encontro, o socialismo russo dividiu-se em duas facções: os bolcheviques e os mencheviques; em outros termos, os revolucionários (majoritários) e os moderados (minoritários), ou ainda os “duros” e os “flexíveis”, como a princípio eles próprios se designavam.

Foi só de muito longe que Koba recebeu os ecos desse acontecimento, que não obstante interessava-lhe no mais alto grau. Sua vida pessoal na época era, como dito, uma série de transferências de prisão em prisão, até a deportação para a Sibéria. Talvez tenha recebido fiapos de informações sobre a cisão antes que o comboio dos exilados, escoltado por policiais, deixasse a costa do mar Negro para a terrível viagem pelo inverno siberiano. O grupo parava regularmente no caminho para pegar deportados provenientes de outras prisões.

Fato é que tão logo chegaram eles se puseram a preparar a fuga. Na confusão reinante, em virtude de uma guerra iminente com o Japão, a vigilância das autoridades diminuíra. Em 5 de janeiro de 1904, Koba viajou de volta através das planícies nevadas. Uma primeira tentativa fracassou, por falta de roupas suficientemente quentes. Quase enregelado, teve que retornar até seu local de relegação. Na aldeia onde estava exilado, e onde viviam populações autóctones, alugava uma cabana ou um quarto na casa de um morador. Vivia como queria, a despeito da vigilância da polícia. Precisava suportar o duro inverno siberiano e a solidão, o que exigia uma sólida constituição física e psíquica, alicerçada numa imensa vontade. Da segunda vez, a fuga foi mais bem-organizada; ele partiu primeiro a pé, depois numa carroça de um camponês, que o levou para o Ural. Passou frio e fome, tossia sem parar e esteve perto da tuberculose.[35] Enfraquecido fisicamente, mas aguerrido na mesma medida por essa primeira provação de prisioneiro, voltou a Tíflis no início de fevereiro.

[a] A certidão de casamento traz a menção “Livro do segundo casamento”, o que sugere que, para Vissarion, tratava-se de uma segunda aliança. A idade dos cônjuges é indicada nesse documento. (Coleção 558, inventário 4, dossiê 1.)

[b] Os principais biógrafos ocidentais de Stálin apontam 1890 como data da morte de seu pai, ao passo que as testemunhas de sua infância declaram 1905 ou 1907. (Coleção 558, inventário 4, dossiê 665.) Num formulário da polícia preenchido por Stálin em 19 de abril de 1908, ele ainda menciona seu pai como residente em Tíflis, onde trabalha como sapateiro. (Cf. coleção 558, inventário 4, dossiê 98.)

[c] Entrevista com Nadejda Stálina, Moscou, 17 de junho de 1995. Para essa neta de Stálin, que morou em 1971-72 em Gori e aproximou-se então da família Egnatachvili, não resta dúvida: Stálin não poderia ser filho de Vissarion. Apontando o alcoolismo do pai como a causa da morte dos primeiros bebês de Keke, ela não vê por que o terceiro teria sobrevivido e se beneficiado de uma constituição saudável. Surpreende-a inclusive que os grandes ocidentais tenham dado crédito à versão segundo a qual Stálin era filho do sapateiro Vissarion.

[d] Alguns amigos dessa época dizem que era inclusive o melhor da escola. (Coleção 558, inventário 4, dossiê 665.)

[e] Sylvestr Djibladze será um dos fundadores da social-democracia georgiana.

[f] Em 1801, o czar Alexandre I promulgou um ucasse proclamando a anexação da Geórgia Oriental à Rússia. A reação dos georgianos foi imediata, desencadeando rebeliões que se estenderam ao longo do tempo. Somente em torno de 1860 a região foi pacificada. Nasceu então um movimento social e cultural visando a despertar a consciência nacional georgiana. Foi o primeiro grupo de intelectuais cujas obras mesclaram os temas da opressão nacional aos do protesto social com posições liberais. Sob a direção do príncipe Ilia Tchavtchadze, encontramos nessa época grandes figuras da *intelligentsia* georgiana, como Daniel Tchukadze, Akaki Tseretelli e Raphael Eristavi, todos eles fundadores do jornal *Iveria*. Paralelamente, um segundo grupo, Meore Dassi, militava na mesma direção, mas com posições mais radicais. Adiante, entre 1892 e 1893, formou-se um terceiro grupo, o Messame Dassi, influenciado pelo marxismo e cujo mentor foi Noi Jordania. Esse grupo deu origem à social-democracia georgiana influenciada pelo marxismo. Mais tarde, Jordania e a maioria moderada do Messame Dassi irão alinhar-se com as posições dos mencheviques russos, ao passo que uma minoria se identificará com a dos bolcheviques. Após a Revolução de Outubro, Jordania será presidente da República georgiana autônoma, proclamada em 1918 – que será liquidada pelo Exército Vermelho em 1921.

[g] O príncipe Tsulukidze foi uma das figuras mais interessantes entre os marxistas georgianos desse início de século. De constituição frágil, a vida clandestina o destruirá, e ele morre em 8 de junho de 1905. Stálin será um dos principais oradores por ocasião de seu enterro.

[h] Constantin Kandelaki era um operário que já tinha uma base de formação socialista e que o Partido enviou para auxiliar Sosso em suas ações.

2. Koba

O komitetchik[a]

De volta a Tíflis em fevereiro de 1904, Koba simplesmente retomou o trabalho e passou a coordenar suas ações, que se estendiam por três cidades-chave: Tíflis, que se tornara a encruzilhada ferroviária do Cáucaso, Baku, o maior centro de extração de petróleo do mundo, e Batum, célebre por suas refinarias. Nessa região, operava um núcleo de operários de fábrica russos exilados no Cáucaso devido a suas atividades socialistas, e que trabalhavam nas oficinas ferroviárias de Tíflis ou na central elétrica de Baku. Entre eles, o futuro presidente da União Soviética, Mikhail Kalinin.

Enfim livre, Sosso não pensou um instante em voltar para casa, para junto da mãe. Instalou-se provisoriamente em Tíflis, na casa de um colega, Mitcho Botchoridze. Foi lá que conheceu Serguei Iakolevitch Alliluyev, seu futuro sogro. Porém, nesse momento, aquela que virá a ser sua segunda esposa tinha apenas três anos.

De origem russa e condição modesta – o pai era cocheiro e a mãe camareira –, Serguei trabalhava como operário mecânico nas oficinas da ferrovia de Tíflis. Ao chegar ao Cáucaso no início dos anos 90, casara-se com Olga Evguenievna Fedorenko, que, apesar de também ser russa, nascera e crescera na Geórgia, de onde seu pai era originário. De uma família burguesa com nove crianças, educada na fé da Igreja protestante pela mãe, Magdalina Aigkhgolts, filha de colonos alemães, a jovem Olga, que tinha apenas catorze anos, tivera que fugir da casa paterna pulando pela janela para se casar com um operário. Não conhecendo senão o georgiano e o alemão, fora obrigada, já adulta, a aprender o russo, que falava com um forte sotaque caucasiano. Permanecera protestante e, a despeito de seu casamento com um bolchevique, continuou a praticar sua religião, mesmo depois que se tornou sogra de Stálin.[1]

Quando Sosso conheceu os Alliluyev, a residência do casal, na periferia de

Tíflis, era um local de reunião dos revolucionários, como serão também mais tarde suas casas em Batum e Baku, e depois em São Petersburgo, onde se estabelecem com seus quatro filhos – Anna, Fiódor, Pável e Nadejda, todos nascidos no Cáucaso. Koba afeiçoou-se imediatamente a Serguei, e continuará a visitá-lo quando ele se instalar em Baku.

Tão logo recuperou a liberdade, Djugachvili lançou-se com paixão nas lutas de facções que dividiam os social-democratas após a cisão de Bruxelas e Londres, em 1903. Sem hesitar, alinhou-se do lado dos bolcheviques,[2] adotando as posições de Lênin.

Essa escolha combinava com sua natureza: por temperamento, pertencia ao grupo dos revolucionários duros. Também via em Lênin o eco de suas próprias opções. Estava seduzido pelas qualidades de concisão e precisão das teses leninistas. A batalha era ainda mais árdua para ele uma vez que seu país natal, a Geórgia, via-se dominado pelos mencheviques.

Que fazer?, a obra mais importante de Lênin, escrita em 1902, e a "Carta a uma camarada referente às nossas tarefas de organização", escrita em 1903, tiveram influência determinante sobre Stálin. Ele se reconhecia no retrato do revolucionário profissional, ao qual Lênin atribuía um papel primordial. Admirava Lênin, identificando-se com ele como identificara-se com Koba, o heroico vingador do povo.

Queria ser um "segundo Lênin", o "Lênin do Cáucaso": moldava-se por esse personagem, imitava sua maneira de ser e falar, impregnava-se de seu pensamento. Terminou por venerá-lo, e muitos de seus colegas da época apontaram, não sem uma ponta de ironia, o mimetismo de Stálin. Sua ambição era tornar-se o principal companheiro de armas do *Vojd*. E perpetuará essa lenda ao longo do tempo.

Durante os meses seguintes, viajou pela Transcaucásia: em junho estava em Baku, em setembro-outubro na Geórgia ocidental, onde parou por um momento em Kutaissi; em seguida, passou breves temporadas em Batum e Tchiatura. É apontado nos relatórios do comissariado de Tíflis nesse período como líder do Partido Operário Social-democrata georgiano.[3] Não voltava mais a Gori, embora houvesse declarado à polícia residir nessas duas cidades. Suas relações com a mãe, a despeito de sua afeição por ela, ficaram em segundo plano. Trabalhava como um possesso. De dia, lia e escrevia. À noite, comparecia a duas reuniões clandestinas. Vivia modestamente de sua pensão, retirando pouco dos trinta rublos mensais que lhe eram alocados.[4]

A revolução de 1905, o famoso "ensaio geral", segundo a fórmula de Lênin, assumiu formas bastante violentas no Cáucaso. Os camponeses amotinaram-se,

os operários revoltaram-se e as ruas foram tomadas por manifestações de massa. A reação foi terrível: a multidão furiosa foi massacrada em Tíflis, e os cossacos, enviados como reforços, não hesitaram em usar o chicote. Os social-democratas não estiveram à altura da tarefa: suas divisões, face à insurreição espontânea, só fizeram acentuar-se. Koba, assim como seus camaradas, mostrou-se mais interessado pelas lutas de facções que pelo próprio desfecho da revolução. Ainda assim, redigiu dois panfletos em nome do comitê de Tíflis: “Cidadãos!” (outubro de 1905) e “A todos os operários” (19 de outubro de 1905) – no qual proclamava: “A hora da insurreição soará!”, “A revolução ruge!” – e um artigo não assinado, intitulado “Tíflis, 20 de novembro de 1905”.[5]

Preocupado acima de tudo com o desenvolvimento de sua tendência, Koba contribuiu para equilibrar o caixa dos bolcheviques. Nessa época, social-democratas caucasianos executaram uma série de “expropriações” – em outros termos, assaltos a bancos e furgões do correio a mão armada –, que Lênin aprovava, ao contrário dos mencheviques. Elas prosseguiram, aliás, depois de 1905. Em junho de 1907, por exemplo, o assalto ao banco estatal de Tíflis proporcionou enorme soma de dinheiro à tesouraria bolchevique. O principal artífice dessa operação foi o lendário Kamo, cujo nome verdadeiro era Semion Ter-Petrossian, mas parece – e Stálin nunca desmentiu isso[b] – que Koba exerceu um papel importante nos bastidores, no planejamento da ação, bem como em outras do mesmo tipo realizadas na Transcaucásia.[6]

Em dezembro de 1905, aconteceu o primeiro encontro histórico entre Lênin e aquele que ainda não era Stálin, na cidade finlandesa de Tammerfors. Reencontraram-se um ano mais tarde, em 1906, em Estocolmo, para o congresso do Partido, e em 1907, em Londres, para novo congresso do Partido, onde Koba também conheceu aquele que viria a ser seu rival, Trótski. Foram suas primeiras incursões no estrangeiro, sob o pseudônimo Ivanovitch.[c]

Vinte anos mais tarde, ainda lembrava-se de seu espanto ao conhecer Lênin: “Encontrei Lênin pela primeira vez em dezembro de 1905, na conferência dos bolcheviques, em Tammerfors. Esperava ver a águia das montanhas de nosso Partido, o grande homem, tanto do ponto de vista político quanto do ponto de vista físico, pois eu imaginara Lênin como um gigante majestoso e imponente. Qual não foi minha decepção quando conheci um homem dos mais comuns, mais baixo que eu, que nada, absolutamente nada, distinguia do restante dos mortais…” Reação típica de um provinciano face ao homem do centro. Ficou ainda mais decepcionado quando descobriu que Lênin “chegara à conferência antes dos outros delegados e que, sentado num canto, conversava o mais humildemente possível com os mais modestos delegados”.[7] Mais tarde,

compreenderá os motivos dessa pseudomodéstia, e imitará Lênin, forjando-se um personagem voluntariamente apagado, que tenta permanecer na sombra a fim de não enfatizar muito sua elevada posição, construindo assim seu próprio contramito.

Primeiro casamento

Difícil saber se, antes de conhecer Ekaterina Semionovna Svanidze, a quem todos chamavam de Kato, ele tivera outras aventuras amorosas ou casos passageiros. Foi o irmão da moça, Aleksandr Svanidze – um colega de turma de Sosso no seminário de Tíflis, que adotará o codinome Aliocha em sua vida de bolchevique clandestino – que apresentou os dois em torno de 1902. Reencontraram-se no fim de 1904. Era uma jovem forte e bonita, com grandes olhos negros, cabelos escuros volumosos e reluzentes, que usava em coque, e parecia iluminada pela devoção e admiração ao seu Iosif. Devota como o era a mãe de Stálin, Keke, com quem também tinha em comum o nome, será o primeiro grande amor de Stálin.

Não era nem uma revolucionária nem uma intelectual, antes uma moça na tradição das esposas dedicadas ao marido e ao lar, submissas mas não escravas, fiéis mas não servis. Amava Iosif com a afeição típica de sua educação e esperava do fundo do coração que um dia ele desistisse dos perigos da vida revolucionária e aceitasse levar uma vida sossegada de chefe de família. Venerava-o como um semideus. Em junho de 1906, um colega do seminário, Christophe Tkhinvoleli, casou-os secretamente na igreja de São Davi, em Tíflis.[8] Koba devia estar bastante apaixonado por Kato para, bolchevique empedernido, entrar no jogo e ir à igreja, que ele detestava como instituição, a fim de consumar o rito do casamento ortodoxo. Manteve em segredo a vida inteira esse cerimonial religioso.

Foi um relacionamento constantemente perturbado pelas idas e vindas de Koba, breves estadas e intermináveis ausências. Moraram um tempo com a família de Ekaterina na aldeia de Didi-Lilo, antes de se instalarem em Baku. Ela era a caçula das quatro crianças Svanidze: Aleksandr (Aliocha), Aleksandra (Sachiko) e Maria (Mariko). Ganhava a vida como costureira, mas aceitava de bom grado outros trabalhos a fim de prover as necessidades da família.

Quando, em julho de 1907, Serguei Alliluyev decidiu deixar a Geórgia para ir morar em São Petersburgo, foi saudar seu amigo Koba, que na época morava com a mulher num subúrbio operário de Baku. O casal ocupava um conjugado

numa casinha de um andar. Quando entrou na residência, Sosso estava lendo. “Ele parou de ler, levantou-se e, muito gentilmente, disse-me: ‘Seja bem-vindo’”, lembrará mais tarde o velho Alliluyev. Considerando-se tolhido pela vigilância policial, Alliluyev explicou a Koba sua decisão de ir morar em Piter. “Tem razão, precisa partir”, concordou Koba, “porque seus inimigos irão apanhá-lo.” Deu-lhe dinheiro e desejou-lhe boa sorte. Foi a última vez que Alliluyev viu Stálin em casa com a mulher.[9] Outras visitas admiraram-se com o contraste entre a austeridade antiga da casa e a limpeza do quarto ocupado por Koba e Kato. As cortinas duplas brilhavam de tão alvas, apliques de renda enfeitavam as almofadas da cama de madeira. Um tapete cobria o chão de barro. E, num canto, ficava o ateliê da costureira.[10] A graça e a delicadeza de Kato ajudavam Koba em sua vida de homem acuado, e, quando ele era preso, era ela que ia até as portas da prisão entregar-lhe farnéis.

Em setembro de 1907, Kato deu à luz um filho, que eles batizaram Iakov. Catorze meses mais tarde, ela morreu de tifo, aos 24 anos de idade. O menino foi criado na Geórgia por Sachiko, a irmã mais velha de Kato; a ama de leite Monaselidze dispensou-lhe os primeiros cuidados, e continuou depois a criá-lo. Foi só em 1921 que Iacha foi ao encontro do pai em Moscou. Sua avó materna conseguiu com um padre que ele adiasse a data de nascimento da criança para, dessa forma, postergar seu serviço militar – e, com isso, a data oficial do nascimento de Iakov é 16 de março de 1908.[d]

A morte da esposa foi uma terrível provação para Stálin. Amava-a profundamente, e ela lhe oferecia aquilo de que ele precisava: um lar calmo, sossegado e acolhedor. “É com dor no coração que participamos aos camaradas, amigos e parentes a morte de Ekaterina Semionovna Svanidze Djugachvili… A trasladação do corpo para a igreja Kolubanskaia terá lugar em 25 de novembro (1908) às 9h da manhã.” Os signatários dessa participação são Iosif, o marido, Semion e Sephora, os pais, e Aleksandr, Sachiko e Mariko, os irmãos de Kato.[11] Como ela faleceu enquanto seu marido estava preso, a direção do presídio permitiu a Koba comparecer aos funerais. No enterro, ele pareceu arrasado pelo sofrimento. Diante do caixão, cabelos desalinhados, feições devastadas, petrificado de dor, ele parecia enterrar seu coração e sua juventude. Respeitando a fé da falecida e o desejo da família, encomendara um ofício religioso.[e]

Com o coração vazio, sentia-se agora mais só do que nunca. Mas a ação revolucionária não lhe permitia descanso. Primeiro, tomou o caminho do exílio. Em seguida, conseguiu escapar e dedicou-se, como de costume, a organizar greves, influenciar a política dos sindicatos e redigir artigos. Foi a época em que adotou, entre muitos outros, o codinome Kaioz Nijaradze.

Os exílios

Stálin nunca foi um revolucionário emigrado, vivendo na Europa, como Lênin, Trótski, Plekhanov, Vera Zassulitch, Zinoviev e tantas outras figuras do marxismo russo. Em sua maioria, essas personalidades, de origem burguesa, haviam recebido ainda muito jovens uma formação intelectual sólida e tinham perfeito conhecimento de línguas estrangeiras, principalmente do alemão. Seu longo exílio acostumara-os à vida ocidental, permitindo-lhes aproximar o socialismo do Ocidente. Para eles, a miséria das massas trabalhadoras no império czarista, seu obscurantismo, seu primitivismo intrínseco representavam conceitos filosóficos ou noções políticas. Stálin foi o único dos principais bolcheviques de primeira hora a impregnar-se de maneira íntima, cotidiana, do infortúnio dos pobres. Conhecia o marasmo, o atraso, e, como *komitetchik*, tinha uma prática efetiva nesse terreno. Lênin foi o primeiro a compreender o peso de tal experiência e o papel que poderia delegar àquele profissional.

Afora algumas breves viagens ao estrangeiro, Koba passou todo o período pré-revolucionário na Rússia, vivendo na clandestinidade, mergulhado num trabalho de rotina para planejar a revolução futura. Se por um lado o internacionalismo do movimento operário permanecia para ele uma questão de princípio, por outro ele tinha um conhecimento direto das dissidências ferozes entre clãs e povos do Cáucaso. Em 1904, escrevera um ensaio a respeito, cujo tema viria a ser central para as preocupações dos marxistas: a questão nacional. Nesse primeiro ensaio, “Como a social-democracia compreende a questão nacional?”,[12] já transparecia a antipatia que lhe inspiravam o nacionalismo em geral e o dos georgianos em particular.

Por conta própria, desde 1899 empreendera a própria formação política e teórica e logo se tornara um marxista erudito.[13] Transformara esse saber em ferramenta revolucionária. Lendo constantemente – seu quarto estava sempre abarrotado de pilhas de livros e folhetos –, e contando com uma memória infalível, conseguira rapidamente dominar seu campo de estudos e adquirira sólida autoridade em matéria de marxismo.[14] Sua série de artigos “Anarquismo ou socialismo?”, escritos entre 1906 e 1907, dá a medida desse domínio e do profundo comprometimento de Djugachvili com o pensamento marxista. O marxismo mudava sua visão de mundo, dava um sentido à sua vida, uma vida de lutas que se inscrevia acima de tudo na luta de classes.

A despeito da constante vigilância da polícia, ele era um dos membros mais atuantes do comitê de Baku. Era apoiado por um velho amigo, bolchevique eficiente, Sergo Ordjonikidze. Após nove meses de trabalho duro, os dois

georgianos caíram nas malhas da Okhrana: “Na noite de 25 de março”, descreve um relatório do comissariado de Baku, datado de 3 de abril de 1908, “a polícia judiciária efetuou uma batida nos bares frequentados por criminosos. Alguns suspeitos foram presos… dentre eles Nijaradze, com o qual foi encontrada uma correspondência ilegal.”[15]

Djugachvili foi confinado no presídio Bailov, em Baku, onde permaneceu até o início de novembro. Semion Vepiachiak lembra-se de tê-lo visto no dia da Páscoa: os soldados do regimento de Salianski faziam um corredor polonês para os presos políticos; Koba caminhava como os outros no meio daquela coluna dupla, de onde choviam golpes de todos os lados, sem abaixar a cabeça, com um livro nas mãos; saiu da prova com um olhar feroz e altivo,[16] porém jamais esqueceu tal humilhação. Em seguida, foi condenado a dois anos de exílio na província de Vologda. Passou pelo já conhecido ritual: o comboio em grupo, de prisão em prisão, recolhendo outros prisioneiros. Ao chegar em janeiro de 1909 a Vologda, atribuíram-lhe como residência a pequena aldeia de Solvytchegodsk. Mais uma vez, pôs-se a caminho, viajando por etapas, às vezes a pé. Em 8 de fevereiro de 1909, terminou por contrair tifo e foi hospitalizado em Viatka.[17] Foi somente em 27 de fevereiro que chegou finalmente a Solvytchegodsk.

Alugou um quarto na casa de um aldeão, dedicando a maior parte de seu tempo, como os outros exilados, à caça, à pesca, à leitura e à escrita. Vivia com uma pequena soma que o governo destinava aos exilados, mas que era insuficiente para resistir aos rigores do clima. A maioria dos exilados dependia dos amigos ou da família para sobreviver. Stálin era o mais pobre de todos: o que lhe restava de família não podia ajudá-lo, e, a propósito, durante esse período de provações jamais pediu o que quer que fosse à mãe. Bem ou mal, adaptou-se, chegando a escrever um artigo durante esse breve exílio.

Quando conseguiu escapar, em junho, essa segunda fuga acarretou uma vigilância mais intensa. “Um recém-chegado, fugitivo de Solvytchegodsk, originário de Gori, um social-democrata conhecido na organização pelo codinome Koba, que se chama Sosso, trabalha neste momento em Tíflis”, afirma um relatório do comissariado de Baku datado de 27 de agosto de 1909. “Ele chega amanhã às 9h. Poderá ser visto na estação de Balahansk com outros membros do Partido.” Todas as polícias foram informadas da presença daquele homem considerado perigoso. “Foi representante da organização de Baku no comitê de Oblast. Participou de diversos congressos. Aqui, naturalmente, ocupará um lugar central, começará a trabalhar imediatamente… Tomamos todas as medidas para impor uma vigilância ininterrupta a Koba.”[18]

Em 20 de novembro de 1909, foi identificado, sob o pseudônimo Oganes

Vortanov Totomints, como o cabeça da organização do Partido de Baku.[19] Acabou sendo preso novamente, em 23 de março de 1910, sob o nome Zakhar Grigorian Melidiants, e confinado mais uma vez no presídio Bailov. “Punido por fugir do local de reclusão”, Djugachvili foi “reencaminhado em 23 de setembro para Vologda, onde deve passar o restante do exílio sob a vigilância da polícia”. Pior ainda, levando em conta “a atividade nefasta de Koba por ocasião de sua estada irregular em Baku, ele foi proibido de morar no Cáucaso durante cinco anos, segundo o artigo 27”.[20]

Em outubro, portanto, estava de volta a Solvytchegodsk. De lá, escreveu a Vladimir Bobrovski uma carta que se tornaria célebre, a respeito de uma polêmica surgida entre Lênin e Plekhanov de um lado e Trótski-Martov-Bogdanov do outro. A polêmica acentuava o fosso entre os intelectuais exilados num certo conforto ocidental e os revolucionários que permaneciam no terreno e que, em sua grande maioria, mofavam nas jaulas do czar. Arriscando-se a desagradar Lênin, o futuro Stálin não hesitava em qualificar essa querela teórica de “tempestade em copo d’água”, para depois queixar-se também de seus tormentos, do “tédio quase sufocante” de sua vida de recluso. Essa carta foi interceptada pela polícia, sempre à espreita.[21]

O filho natural

No início de 1911, Stálin alugou, em Solvytchegodsk, um quarto na casa de Maria Kuzakova, viúva com cinco filhos para cuidar. Mulher forte e inteligente, embora bem mais velha que seu jovem locatário, soube propiciar-lhe apoio e ajuda a fim de que ele prosseguisse com sua ação revolucionária. Cada tentativa de evasão de Koba a preocupava, e ela temia que um dia, querendo fugir, ele terminasse por se afogar, como tantos outros exilados antes dele. Em sua humilde isbá, dessa amizade precária e provisória nasce, em 1912, um filho, Konstantin, que receberá o patronímico do finado marido da mãe, Stepanovitch. Desde a mais tenra idade, seu aspecto caucasiano bastante marcado contrastava com os de seus colegas de brincadeira, louros do Grande Norte. Portanto, esse filho natural de Stálin, que a lenda familiar julgava antes oriundo de um caso em Turuhansk, é na verdade fruto de um exílio anterior. Os exilados revolucionários não demoraram a identificá-lo: “É você o filho de Djugachvili? É a cara dele!” dizem-lhe um dia, quando, ainda pequeno, brincava num terreno baldio. Desse dia em diante tentou desvendar o segredo de seu nascimento, fez perguntas à mãe: “Você é meu filho, nunca fale do resto com ninguém”, respondeu-lhe esta,

já cautelosa.

Esse filho encoberto, mas jamais perdido de vista e frequentemente amparado, permaneceu um segredo de Estado, ainda que em outros círculos não passasse de um segredo de polichinelo. Antes que o terror fechasse as bocas, ele foi interpelado pelo secretário do Komsomol, ao ser aprovado com excelência em seus exames: “Então, filho de Stálin, seu pai talvez esteja contente agora!” Konstantin Kuzakov ficou com medo e, seguindo então o conselho da mãe, não declarou nem confirmou para ninguém a identidade do pai.

Stálin, o personagem histórico mais discreto e fechado quanto a sua vida privada, mencionou contudo o nome da mãe de Konstantin na cronologia oficial de suas *Obras*, informando-nos que, em março-junho de 1911, “buscas reiteradas foram feitas nos aposentos de Stálin, na casa de M.P. Kuzakova, em Solvytchegodsk”.[22]

Discretamente protegido, o jovem Konstantin realizou estudos brilhantes e subiu rapidamente os degraus de uma carreira cultural de prestígio: professor universitário, foi assessor do chefe da direção para propaganda do Comitê Central do Partido antes de tornar-se assessor principal do ministro de Cinematografia. Em 1947, contudo, o terror alcançou-o e ele foi apanhado na teia de aranha tecida por Beria. Como todos os mais próximos de Stálin sabiam quem ele era, Beria pediu-lhe para denunciar Jdanov junto a Stálin. Ele recusou. Foi expulso do Partido, demitido do emprego e quase preso. “Não vejo nenhuma razão para a prisão de Kuzakov”, teria dito Stálin. E todo o processo de perseguição foi interrompido. Em todo caso, Konstantin só será definitivamente reabilitado com a prisão de Beria.

Nunca viu o pai cara a cara, embora o avistasse de longe e se aproximasse dele anonimamente. Guardou a imagem de um homem ensimesmado e fechado aos sentimentos humanos. Somente em 1995 quebrou o silêncio e revelou sua verdadeira identidade.[f]

Voltemos a Solvytchegodsk, onde, em 27 de junho de 1911, teve fim a pena de exílio de Koba e, ao mesmo tempo, seu relacionamento com Maria. Contudo, como estava proibido de ir para uma cidade grande ou para o Cáucaso, escolheu a cidade de Vologda, situada no caminho para São Petersburgo, e, em 6 de setembro, trocou-a clandestinamente pela capital. Lá visitou Alliluyev e, por seu intermédio, entrou em contato com o estado-maior secreto do Partido. Estava munido de um passaporte em nome de Tchijikov, no qual até mesmo os mais perspicazes de seus biógrafos viram um novo pseudônimo; na realidade, Koba foi ajudado em Vologodsk por um bolchevique que acabava de cumprir sua pena de exílio, um certo Piotr Tchijikov, que lhe emprestou seu passaporte – trapaça

rapidamente descoberta pela polícia da cidade: “O procurador de São Petersburgo foi informado em 19 de outubro que Djugachvili reside com um passaporte que não lhe pertence. É conveniente que Djugachvili seja detido segundo o artigo 977 e que um processo seja aberto segundo o decreto sobre a segurança do Estado.”[23] Foi preso no fim de outubro e novamente deportado para três anos em Vologda.

Koba começava a acostumar-se à vida de exilado. Levava a mesma vida dos outros proscritos, com a diferença de que continuava o mais pobre de todos. Num formulário da polícia, que ele preencheu em 1911 e no qual notificava não haver ninguém que pudesse acompanhá-lo em seu exílio, não dispor de nenhum meio de subsistência e não ter pais para ajudá-lo,[24] percebemos todo o seu desânimo.

Durante esse mesmo período, quando vivia jogado de um exílio a outro, entre reuniões do Partido e a prisão, parece no entanto ter tido outro relacionamento, com uma mulher chamada Pelágia Gueorguievna Onufrieva, também residente na região de Vologda. Dois cartões postais – cuja escolha é bastante simbólica: um apresentando duas estátuas antigas enlaçadas, cuja legenda nos informa tratar-se da “centelha elétrica”, e outro no qual está escrito em maiúsculas a palavra “Afrodite” contra um pano de fundo bucólico – revelam um Stálin afável e engraçado. “Devo-lhe meu beijo, pois Petka me transmitiu o seu. Abraço-a efusivamente (não posso simplesmente abraçá-la).”[25] Em 24 de dezembro de 1911, Koba, num tom trocista, escreve à mesma Pelágia: “Então, Pola, ‘a má’, estou em Vologda e beijo a ‘amabilíssima Petinka’. Estamos sentados à mesa e bebemos à saúde de Paula, ‘a inteligente’. Vocês também, bebam à saúde do ‘excêntrico’ que conhecem.” Assinado Iosif.[26] Essas poucas palavras revelam uma faceta desconhecida de sua personalidade: embora perseguido e vivendo precariamente, nem por isso perdia um certo senso de humor e o prazer de cortejar as damas.

DE 5 A 17 DE JANEIRO DE 1912, em Praga, por ocasião da VI Conferência do Partido, Koba foi cooptado como membro do Comitê Central, embora continuasse exilado em Vologda. Tornou-se então um dirigente nacional. Sergo Ordjonikidze foi até lá para dar-lhe essa notícia decisiva. No fim de fevereiro, Koba foi ilegalmente a Baku e Tíflis a fim de aplicar na Transcaucásia as decisões da Conferência de Praga.[g] Do Cáucaso, dirigiu-se às pressas para Moscou, onde encontrou-se com Ordjonikidze. Sempre clandestinamente, chegou em abril a São Petersburgo, onde fez contato com os deputados bolcheviques da Duma,[h] cujas atividades ele passou a controlar para o CC. Além

disso, preparou a publicação do primeiro número do *Pravda*. Porém, no fim do mês, tornou a ser preso. Novamente a rotina do êxodo por etapas até a cidadezinha de Narym, dessa vez na província de Tomsk, na Sibéria. Para cumprir três anos. Em setembro, fugiu. De Moscou, o comissariado passou um cabograma para São Petersburgo: "Koba Djugachvili fugiu da região de Narym. Esteve em Moscou, de onde se dirigiu para São Petersburgo. É muito ligado ao operário Badaiev, eleito para a Duma de Estado. Djugachvili e Badaiev têm a intenção de viajar para reunirem-se com Lênin. Se o encontrar, peço que o detenha, mas não imediatamente: é preferível fazê-lo logo antes de sua partida para o estrangeiro."[27]

Com efeito, Koba procurava organizar a campanha para as eleições da IV Duma, embora tivesse um exército inteiro de policiais em seus calcanhares. A leitura dos relatórios oficiais evoca a trama de um romance policial. Em 29 de outubro de 1912, "à 1h30 da tarde, ele chegou pelo trem de Moscou. Saindo da estação, atravessou o bairro de Tovarni, saiu à rua… Percorreu a Nievski Prospect, entrou na rua… depois na rua…, entrou no prédio 17 às 14h. Ali, passou quatro horas e 45 minutos, saiu de lá às 18h45… Entrou no restaurante F… Permaneceu ali duas horas… Ficou dois minutos na esquina da rua… O caucasiano entrou num fiacre, dirigiu-se à estação Finlândia e, na estação, foi perdido de vista às 21h."

A fim de encontrá-lo, a polícia fornecia sua descrição: "Intelectual, entre 32-35 anos, estatura acima da média, compleição mediana, moreno, pele bronzeada, nariz aquilino, barba rala, usa um chapeuzinho preto e um sobretudo velho com gola…"

No dia seguinte, a vigilância recomeça, das 9h30 às 19h. É visto numa casa da qual não saiu durante o dia. E assim continuou, diariamente, até o dia 3 de novembro, quando foi seguido por vários recantos da cidade até que, na estação Finlândia, a polícia perde seu rastro, sem saber se ele partira ou chegara.[28] Na realidade, o "caucasiano" tomara um trem para Cracóvia a fim de encontrar-se com Lênin. Voltou para uma breve estadia em São Petersburgo, onde continuava sendo procurado, e retornou a Cracóvia no fim de dezembro. Ali permaneceu até fevereiro de 1913. Foi sua temporada mais longa no exterior. Foi nesse intervalo de tempo que se transformou em Stálin.

[a] Membro do comitê, em russo.

[b] Quando, em 1931, Emil Ludwig interrogou-o a esse respeito, Stálin evitou dar uma resposta precisa. Tampouco desmentiria essa participação durante a polêmica travada em 1918 com Martov, líder dos mencheviques, sobre o tema.

[c] De seu exílio de 1903-4, Koba escrevera a um amigo, um certo Davitichvili, que morava em Leipzig e

conhecia Lênin, elogiando seus trabalhos, sobretudo suas análises relativas ao Partido. Em seguida, Stálin afirma que Lênin lhe respondera. Parece que Lênin, a quem essa carta foi transmitida, tinha sido sensível ao elogio de Stálin. Foi só em maio de 1905 que Stálin começou sua correspondência com Lênin enquanto membro do comitê de união caucasiano, num momento em que era o mentor dos bolcheviques caucasianos contra os mencheviques georgianos e o principal dirigente da facção rival, Noi Jordania. Mas fora em Estocolmo, em 1906, que Lênin percebera que tinha em Koba-Ivanovitch um partidário a ser considerado.

[d] Aleksandr Kolesnik, *Mife i pravda o seme Stalina* (Carcóvia, Prostor, 1990, p.10). Essa versão sobre a data de nascimento de Iakov me foi confirmada igualmente por sua filha Galina. Entrevista com Galina Djugachvili, Moscou, 7 de junho de 1995.

[e] O único depoimento que possuímos a respeito do enterro da primeira mulher de Stálin é o de Iosif Iremachvili, *Stalin und die Tragödie Georgiens* (Berlim, Volksblatt-Druckerei, 1932, p.30).

[f] "Kuzakov – syn I.V. Stalina" *Argumenty i fakty* 37, 1995. Quando Kyra Alliluyeva o conheceu, ficou estupefata com a semelhança com seu tio. "Ele anda como Stálin, come igual a ele, faz os mesmos gestos quando fala", disse-me ela. Entrevista com Kyra Alliluyeva, Moscou, 12 de junho de 1995.

[g] Esse novo Comitê Central criara um escritório russo encarregado de dirigir as atividades do Partido no interior da Rússia. Era formado por quatro membros: Koba, Ordjonikidze, Spanderian e um certo Golochechekin. (Cf. Isaac Deutscher, *Staline* – edição definitiva, Paris, Gallimard, 1973, p.128.)

[h] Na esteira da revolução de 1905, e sobretudo do "Domingo Vermelho" (22 de janeiro), quando a polícia da capital abriu fogo contra uma imensa manifestação operária, fazendo 130 mortos, Nicolau II declarou sua intenção de convocar uma assembleia consultiva. Como no verão de 1905 houve novas greves, revoltas camponesas, motins no Exército e movimentos de oposição diligentes, em 19 de agosto um documento anunciou a criação de uma Duma eleita, cujo papel seria consultivo. Isso não impediu a greve geral de outubro. Em 30 de outubro, o czar publicou o "manifesto de Outubro", que garantia direitos civis aos russos e anunciava a eleição de uma nova Duma, dessa vez investida de poder legislativo. Em 7 de maio de 1906, reuniu-se a primeira Duma.

3. Stálin

VIAJANDO SEM PASSAPORTE, Koba teve dificuldades para atravessar a fronteira. Após múltiplas peripécias, chega em 10 de dezembro de 1912 a Cracóvia para participar da reunião dos membros do Comitê Central. Ficará ali até o fim do mês. Seu objetivo era, assim que estivesse de volta a São Petersburgo, coordenar os trabalhos de um pequeno grupo bolchevique da IV Duma de Estado. Como de costume, escondeu-se nas casas do deputado Badaiev e do velho amigo Serguei Alliluyev. Contudo, mal regressara à capital, Lênin chamou-o imperativamente de volta a Cracóvia para uma nova sessão do CC. Apesar dos perigos, pôs-se novamente a caminho. Ao chegar à pequena cidade fronteiriça, estabeleceu contato, dessa vez por instinto, com um homem que conheceu por acaso. Era um polonês, um sapateiro. Caçado e desconfiado, ainda assim o revolucionário aceitou a hospitalidade do desconhecido. Aceitou igualmente partilhar suas magras refeições. Conversaram sobre seus países e Djugachvili contou a seu anfitrião que seu pai também era sapateiro. Levou a confiança a ponto de confessar que iria atravessar a fronteira ilegalmente. O homem quis ajudá-lo; conhecia bem o lugar. Uma vez em porto seguro, Stálin ofereceu-lhe pagamento: "Não", disse o homem, "não faça isso… Somos filhos de nações oprimidas e devemos nos ajudar mutuamente."[1] Era um polonês falando com um georgiano. E o georgiano caminhava então para um momento decisivo de sua vida: seu primeiro encontro a sós com Lênin.

O surgimento de um teórico

Contrariando o Bund (a União Geral dos Operários Judeus da Lituânia, Polônia e Rússia), que preferia que o partido russo adotasse a palavra de ordem austromarxista "autonomia nacional-cultural", Lênin lutava contra toda forma de separatismo nacional. Do seu ponto de vista, o partido que ele dirigia não deveria ser nada além de um movimento revolucionário de classe contra o

czarismo. Os militantes deveriam esquecer sua nacionalidade e trabalhar todos juntos. A organização transcaucausiana oferecia-lhe então a ilustração viva de seu sonho: uma estrutura na qual conviviam revolucionários de diversas nacionalidades – georgiana, russa, armênia e outras.

Em Koba, metamorfoseando-se gradualmente em Stálin,[a] Lênin encontrou um homem que, nesse terreno, pensava como ele – embora fosse um "nacional" –, que desde a virada do século opusera-se a toda forma de nacionalismo e sempre defendera um partido russo centralizado, lutando por uma homogeneização dos proletários para além das fronteiras nacionais. Esta havia sido a própria essência de sua luta contra os mencheviques georgianos e o chefe destes, Jordania. O encontro histórico desses dois homens estava, portanto, inscrito na sequência lógica dos acontecimentos. Independentemente de suas origens, tinham as mesmas ideias. E Koba/ Stálin era mais bem-qualificado que qualquer outro para escrever sobre a questão nacional. Lênin instigou-o, incentivou-o e aconselhou-o a ir a Viena para documentar-se sobre a questão.

Na segunda metade de janeiro de 1913, Iosif Djugachvili desembarcou na capital austríaca – viagem de sonho para aquele provinciano que passara grande parte da juventude entre as paredes de um seminário, depois nas prisões do czar. Ali permaneceu por um mês a fim de pesquisar e redigir seu estudo. Viena, berço dos austromarxistas, era então visitada por numerosos revolucionários russos. Mas era, acima de tudo, a capital de um império multiétnico, onde convivia um mosaico de nações que não podiam senão instigar ainda mais a reflexão de Stálin. Ali reencontrou Trótski e, pela primeira vez, esteve com Bukharin e Aleksandr Troyanovski. Antipatizara com Trótski desde o primeiro instante: anos mais tarde, este ainda se lembrará da "centelha de animosidade" que então detectara em Stálin.

Na época, Trótski apoiava os mencheviques, embora ele próprio não pertencesse a seus quadros. Numa carta à revista *Social-democrata*, em 12 de janeiro de 1913, Stálin designou-o como "um ruidoso contorcionista de músculos flácidos". Desde o início Trótski tratara-o com altivez, manifestando seu desprezo. Subestimara aquele georgiano saído das catacumbas ou, como ele mesmo dizia, dos "atrasos do movimento operário russo"[2] sem suspeitar que, por trás do ar caipira e do sotaque forte, escondiam-se um estrategista habilidoso e um caráter inflexível. Era apenas o início de suas diferenças, de uma inimizade e rivalidade que se transformariam em ódio.

Com Bukharin, em contrapartida, a conversa foi cordial. Ainda muito jovem, este já carregava a aura de um erudito, e tudo leva a crer que ajudou Koba em suas pesquisas e na leitura dos textos alemães – tanto na prisão quanto

durante suas deportações. Stálin treinara a leitura em alemão e, apesar de não conseguir falar fluentemente, decifrava-o corretamente. Esse encontro foi o início de uma amizade que terminou em tragédia.

Stálin redigiu a maior parte de seu estudo[3] em Viena. Possuía então um conhecimento bastante aprofundado das questões de nacionalidades na Suíça, na Polônia, no Império russo e, principalmente, no Cáucaso. A partir desse estudo, concebe uma definição do conceito de nação que, logo em seguida, fez escola: "A nação é uma comunidade estável, historicamente constituída, determinada por quatro características: comunidade de linguagem, comunidade de território, comunidade de vida econômica e comunidade de formação psíquica." Em seguida, atacava o conceito austromarxista[b] de "autonomia nacional-cultural", tal como enunciado por Karl Renner e Otto Bauer, conceito que julgava anacrônico face à derrubada das barreiras nacionais. Concebia a existência de uma autonomia regional cultural para as minorias que quisessem salvaguardar sua língua materna e ter suas próprias escolas, revistas, teatros etc. Politicamente, contudo, só podia haver um único Partido, reunindo os operários de uma classe única, para a edificação do socialismo.

Esse estudo foi considerado fundamental por Lênin, que numa carta a Górki, na segunda metade de fevereiro de 1913, já exprimira seu entusiasmo face às posições de Stálin sobre o problema das nacionalidades: "Temos aqui um maravilhoso georgiano, que, após reunir todos os textos austríacos e outros, empenhou-se em compor um grande artigo para o *Prosvechtchenie*." Quando o estudo foi publicado, Lênin afirmou que ele irradiava na "literatura marxista teórica … os princípios do programa nacional da social-democracia".[4] O artigo não passou despercebido, e gerou controvérsia quanto a quem seria seu verdadeiro autor. Trótski pensava que fora escrito por Lênin, outros atribuíam-no a Bukharin e Troyanovski. Na realidade, as cartas de Turukhansk, que leremos adiante, acabam de vez com essas alegações;[5] além disso, nas análises do Stálin de 1913 encontramos ideias que ele defendia já em 1904.[6] Com esse estudo, Stálin impôs-se ao mesmo tempo como marxista e como teórico.

O siberiano

Em meados de fevereiro, Stálin retornou a São Petersburgo e começou a reorganizar, junto com Iakov Sverdlov, a redação do *Pravda*, em conformidade com as indicações de Lênin. Porém uma semana mais tarde, em 23 de fevereiro, a polícia o deteve na Sala Kalachnikov durante um sarau musical organizado

pelos bolcheviques em prol do *Pravda*. Havia sido traído por Roman Malinovski – um agente provocador da Okhrana que conseguira conquistar a confiança de Lênin e, dessa forma, infiltrar-se na hierarquia do Partido; como diversos outros bolcheviques, Stálin confiava nele.[c] O sarau acabara de começar quando a polícia chegou ao local. Tentaram salvar Stálin, cobrindo-o com um casaco de mulher, mas ele foi descoberto e detido. Preso imediatamente, recebeu uma pena de quatro anos de exílio na região de Turukhansk.

A prisão de Stálin despertou a fúria de Lênin, que logo tentou planejar sua fuga. Para isso, contudo, convocou Malinovski, que sabotou a missão: o comissariado da província de Turukhansk foi prontamente informado da operação. Um despacho datado de 25 de agosto de 1913 pede expressamente à chefia do comissariado de Iênissei que impeça Djugachvili e Sverdlov de escaparem do exílio, "pois pretendem retomar suas atividades no Partido".[7]

Até 8 de março de 1917, portanto, Stálin permaneceu nas mãos da polícia.

Em julho de 1913, sob escolta, embarcou no trem até Kransnoiarsk. Em seguida, desceu o Iênissei de barco até a aldeia de Monastyrskoie. Dali, foi transferido para o remoto ponto que lhe fora destinado como local de relegação: a aldeia de Kostino, situada numa vasta região desértica do norte da Sibéria central. Lá, a vida era severíssima, e a fuga, quase impossível. As poucas cartas que mandou desse lugar isolado atestam sua aflição. Doente e privado de tudo, enviava verdadeiros pedidos de socorro a todos que, de uma maneira ou de outra, pudessem ajudá-lo. Assim, o primeiro sinal de vida que deu foi uma mensagem cifrada endereçada ao sr. Radomylski, isto é, Zinoviev, por intermédio de uma certa Anna Abramovna Rozenkrantz, moradora de Kiev, que por sua vez deveria transmiti-la a Esfiri Finkelstein (as mulheres aparentemente atuavam como caixas postais): "Estou, como vê, em Turukhansk… Depois da viagem, caí doente. Preciso me recuperar. Envie-me dinheiro… Envie-me livros… Assinado K. St-na."[8] Este será o *leitmotiv* de seus pedidos durante os quatro anos de exílio. Sua saúde, nesse período, deixa constantemente a desejar. Para esse homem do Sul, a vida na Sibéria era uma difícil provação física. Alguns à sua volta sucumbiam, como Spanderian, que terminará por morrer de tuberculose. Os que tinham mais resistência física quebravam psiquicamente: ou soçobravam na depressão, ou se suicidavam – a menos que, tal como Sverdlov, conseguissem levar consigo família, mulher e filhos. Stálin, prisioneiro de seu caráter altivo e rude, viu-se sozinho e pobre. Tudo – roupas, lenha, comida – lhe custava uma exorbitância. Os que haviam sido condenados por um tribunal, como era o seu caso, dependiam de seus próprios recursos e não recebiam nenhuma pensão.[9]

Perto de completar 35 anos, tendo vivido toda a juventude entre as prisões e o exílio, Stálin retraiu-se mais ainda. Isolado de seus contatos no Partido e paralisado em suas ações, não tinha outra coisa a fazer senão tentar adaptar-se à indigência cotidiana e à solidão da Sibéria. Paralelamente à sua necessidade constante de dinheiro, buscava instruir-se, ler e aprender línguas estrangeiras, assim como concluir seu trabalho sobre as nacionalidades iniciado em Viena. Em 10 de novembro, por exemplo, escreve a alguns camaradas: “Finalmente recebi a carta de vocês. Achava que me haviam esquecido. E eis que ainda se lembram de mim. Como vivo? O que faço? Vivo mal, não faço quase nada. O que posso fazer na ausência total, ou quase total, de meus queridos livros? No que se refere à questão nacional, não disponho das ‘obras científicas’ e tampouco consigo que me mandem de Moscou, por falta de dinheiro, o miserável *Problemas nacionais*. Tenho diversos temas e questões na cabeça, mas nenhum texto.” Enviará assim mesmo um manuscrito a Serguei Alliluyev para que este o transmita a Lênin.[10]

A falta de dinheiro é a preocupação dominante, e ele a expressa constantemente, sem nenhum pudor. “Vocês me fazem perguntas sobre meus recursos financeiros. Posso lhes dizer que em nenhum exílio vivi tão modestamente quanto aqui. E por que me fazem essas perguntas? Por acaso choveu dinheiro sobre suas cabeças? Teriam pensado em dividi-lo comigo? Vamos, ajam! Seria realmente o melhor momento.”[11]

Escreveu inclusive a Malinovski, ignorando ser ele o responsável por seu exílio. Devia estar em uma situação dramática para pedir socorro a uma pessoa que não conhecia muito bem e que, em hipótese alguma, era seu amigo. Mas Malinovski era deputado, podia ajudá-lo. Aparentemente não era hora de bancar o orgulhoso ou o durão: “Bom-dia, amigo, constrange-me escrever-lhe, mas vejo-me obrigado a isso. Acho que nunca vivi situação tão terrível. Gastei todo o meu dinheiro, estou com uma tosse suspeita por causa do frio (–37°C), meu estado geral é enfermiço, não tenho mais pão, nem açúcar, nem carne, nem gasolina (gastei todo o dinheiro em roupas e calçados). Sem provisões, é muito difícil, pois tudo é muito caro. Pão de centeio a 4 copeques e meio a libra, gasolina a 15 copeques, carne a 18 copeques, açúcar a 25 copeques. Preciso de leite e lenha, mas não tenho dinheiro, caro amigo. Não sei como sobreviverei ao inverno nessa situação. Não tenho pais ricos, nem amigos. Não tenho ninguém a quem procurar, volto-me então para você. Você não é o único; escrevo a Petrovski e Badaiev. Minha demanda consiste em pedir-lhe uma ajuda de pelo menos 60 rublos, que a ala democrata-socialista poderá retirar do ‘fundo dos reprimidos’. Transmita meu pedido a Tchkeidze e diga-lhe que peço que compreenda minha solicitação. Não peço isso na condição de patriota, mas basicamente como presidente da facção. Se esse fundo não existe mais, talvez

todos juntos encontrem alguma alternativa conveniente. Compreendo que todo mundo, e sobretudo você, esteja ocupado, mas que o diabo me carregue, não tenho ninguém mais a quem procurar. Não queria morrer aqui sem ter-lhe escrito. É imperioso providenciar isso hoje mesmo e enviar o dinheiro por telégrafo o mais rapidamente possível, pois esperar significa passar fome, sendo que já estou magro e doente. Você sabe meu endereço: região de Turukhansk, *oblast* de Iênissei, aldeia de Kostino." Assinado Iosif Djugachvili. E em *postscriptum* acrescenta, confirmando dessa forma que, apesar de seu estado desesperador, continua a refletir e procura trabalhar sobre a questão nacional: "Zinoviev me escreveu que os artigos sobre a 'questão nacional' serão publicados como folhetos. Sabe alguma coisa sobre isso? É que, se for verdade, será preciso acrescentar aos artigos mais um capítulo (poderei fazê-lo em poucos dias, basta me avisarem). Espero ainda (tenho o direito de esperar) receber honorários (neste buraco maldito onde não há nada exceto peixe, precisamos de dinheiro como do ar). Espero que me defenda, se necessário, e consiga honorários para mim. Espero receber tudo que lhe peço e aperto-lhe a mão. Um beijo, que o diabo me carregue. Seu Iosif."[12]

No mesmo 10 de novembro Stálin enviou um despacho a Tatiana Aleksandrovna Slavotinski, uma bolchevique que ele conhecera e que se encontrava no sarau musical quando ele foi preso: "Guardo esta carta há duas semanas, pois a intempérie atrasa a partida do correio. Tatiana Aleksandrovna, hesito muito em lhe escrever, mas não há nada a fazer, é a miséria que me obriga. Não tenho um copeque e todas as minhas reservas se esgotaram. Eu possuía um pouco de dinheiro, mas fui obrigado a comprar roupas de frio, calçados e produtos alimentícios, que aqui são caríssimos. Não posso obter crédito. Não sei o que será de mim depois. Não seria possível mobilizar conhecidos (entre os camponeses) e providenciar 20 ou 30 rublos? Talvez um pouco mais? Será minha salvação. Quanto mais rápido, melhor, pois é o auge do inverno (ontem fez –33°C). Ainda não comprei lenha em quantidade suficiente; os estoques se esgotaram. Espero que, caso se disponha, consiga fazer isso. Então, minha cara, ao trabalho, senão 'o Caucasiano da bolsa Kalachnikovskaia' perecerá…" Tatiana fez o que pôde para socorrê-lo, como atesta uma carta de Stálin de 12 de novembro: "Querida e amável Tatiana Aleksandrovna, recebi sua remessa, mas não lhe pedi para comprar roupa branca nova. Pedi apenas que me remetesse a velha. E você comprou a nova. Gastou dinheiro que lhe faz falta. Não sei como lhe agradecer, minha amável querida." Em 20 de novembro no entanto, uma mensagem aflita: "Minha cara. Minha pobreza aumenta de hora em hora. Estou desesperado, cada vez mais doente; tenho uma tosse suspeita. Preciso de leite, mas não tenho dinheiro. Minha cara, se arranjar dinheiro, envie-

me imediatamente por telégrafo. Não tenho mais forças para esperar.”[d]

Em 7 de dezembro de 1913, Stálin parece mais animado. Numa carta dirigida a Herr Radomylski, na Áustria, discute com segurança questões de divisão interna e sugere que “o melhor não é ir em frente… ou acariciar, é bater… não falar, mas cortar”. Esses métodos punitivos são propostos enquanto ele sofre de uma “tosse terrível” e de indigência quase total.[13] No dia seguinte, escreveu ao mesmo correspondente: “Em sua carta datada de 9 de novembro, o senhor diz que enviará sua ‘dívida’ em várias partes. Eu gostaria que a enviasse o mais rápido possível, por menores que sejam. Pode enviá-las diretamente para Kostino. Digo isso porque passo grande necessidade. Tudo seria nada se não houvesse a doença, essa maldita doença que exige cuidados (isto é, dinheiro), que me desequilibra e acaba com a minha paciência. Aguardo. Assim que receber os livros alemães, completarei os artigos e os enviarei corrigidos. Seu Ios(if).”[14]

A situação de Stálin piorou ainda mais, devido às maquinações de Malinovski: em março de 1914, ele foi enviado para Kureika, pequena aldeia de pescadores situada além do círculo polar, e a vigilância policial foi reforçada em torno dele.

Num primeiro momento, dividiu um quarto com Sverdlov – que viria a ser o primeiro presidente da URSS. A convivência foi um fracasso. Selvagem e solitário, desorganizado e rude, Stálin não era um companheiro agradável para Sverdlov, longe disso. “É um bom sujeito, mas individualista demais na vida cotidiana”, escreveu a um amigo.[15] Separaram-se no fim de maio. Cada um seguiu seu caminho. Sverdlov, magoado, escreveu então: “O triste é que, na prisão e no exílio, os homens se desnudam à sua frente e mostram o que há de mais mesquinho neles… Aqui não há espaço para as grandes qualidades. Agora, esse camarada e eu estamos separados e só raramente nos vemos.”[16] Tal desentendimento era ainda mais prejudicial na medida em que eles eram os dois únicos exilados políticos em Kureika. Logo em seguida, Sverdlov foi transferido para outra aldeia e Stálin permaneceu sozinho. Apesar dessa incompatibilidade de gênios, Stálin mantinha contato com Sverdlov por necessidade de sua causa. Encontrava igualmente outros camaradas do Partido, exilados como Spanderian, com o qual manteve uma relação de amizade até a morte deste.[17]

Os exilados viviam em minúsculas cabanas, separadas umas das outras por dezenas ou centenas de quilômetros de deserto invariavelmente congelado. Durante o longo inverno, que geralmente durava em torno de nove meses, o termômetro volta e meia chegava a –40°C. Vivendo em extrema precariedade, Stálin terminou por adaptar-se à nova vida e aproximar-se dos nativos, que

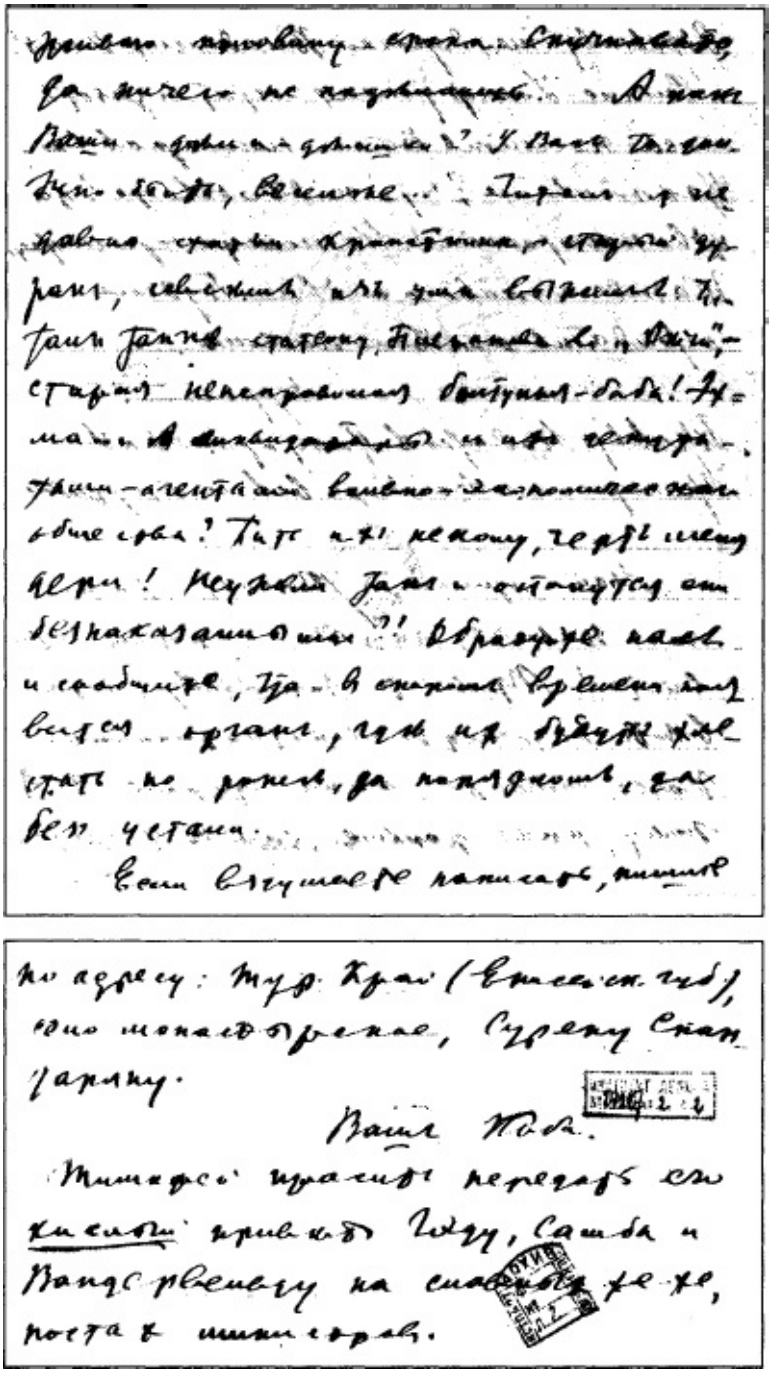
pertenciam a um povoado do Norte chamado Ostyaks. Devido à aridez do solo, viviam sobretudo da caça e da pesca. Durante meses, Stálin morou como eles, numa casa de estilo esquimó. A lenda posterior o descreverá como amigo das pessoas pobres, ajudando-as a construir uma casa, conversando com elas, integrando-se às suas vidas, pescando como elas no Iênessei.[18] Mais tarde, foi construído em Kureika um museu que mostra a vida de Stálin nesse canto perdido entre 1914 e dezembro de 1916.

Durante esse período, pôde escrever um artigo, "Da autonomia nacional cultural", que enviou ao estrangeiro para publicação por intermédio de Alliluyev. Sem nenhuma notícia quanto à sua recepção, escreveu com ironia a Zinoviev, em Cracóvia, em 1914: "Uma notícia: Stálin enviou… um imenso artigo sobre a autonomia nacional cultural. Parece que o artigo é bom. Penso que ele receberá polpudos honorários e assim deixará de pedir dinheiro. O artigo critica a brochura de Kostrov (em georgiano), por causa das posições comuns dos autonomistas culturais."[19] Em seu empenho de aprender línguas estrangeiras, escreve em 27 de fevereiro de 1914 a um certo G. Bielynski, em Paris, no 13º *arrondissement*: "Segundo rumores, existe em Paris uma sociedade de ajuda intelectual aos exilados russos. Ocorre que o senhor é membro da mencionada sociedade. Se isso for verdade, peço-lhe que me envie um dicionário de bolso francês-russo e alguns números de qualquer jornal inglês. Caso necessário, pode obter informações por meio de Kamenev, a quem dirijo minha cordial saudação. Exilado administrativo Iosif Vissarionovitch Djugachvili."[20] Na mesma época, conseguiu *O príncipe*, de Maquiavel, que leu com atenção.[21]

Foi durante sua vida de recluso em Kureika que tomou conhecimento do início da Primeira Guerra Mundial. Nenhuma carta evoca sua reação diante desse acontecimento crucial. Sua situação material parece haver se estabilizado durante esse ano de 1914, e com isso sua saúde melhorou. Mais que nunca, queria estudar francês e inglês. Numa carta dirigida a Zinoviev sob seu verdadeiro nome Radomylski, na Áustria, em 20 de maio de 1914, pede, como sempre, livros e "qualquer jornal inglês (mesmo antigo, tanto faz, pois é para leitura). Aqui, não há nada em inglês e, sem treino, receio perder o que já domino."[22]

Durante esse mesmo ano, escreveu a um companheiro sobre a situação do grupo bolchevique na Rússia. Nessa missiva, sua paixão pelas lutas de facções mostra-se ainda mais exacerbada por ele não poder agir diretamente. Seu moral parece elevado, bem como seu humor: "Beijo-o no nariz como os esquimós. Que o diabo me carregue, isto aqui é um tédio sem você. Estou enfastiado, juro. Não tenho ninguém com quem conversar, ninguém com quem me abrir."[23]

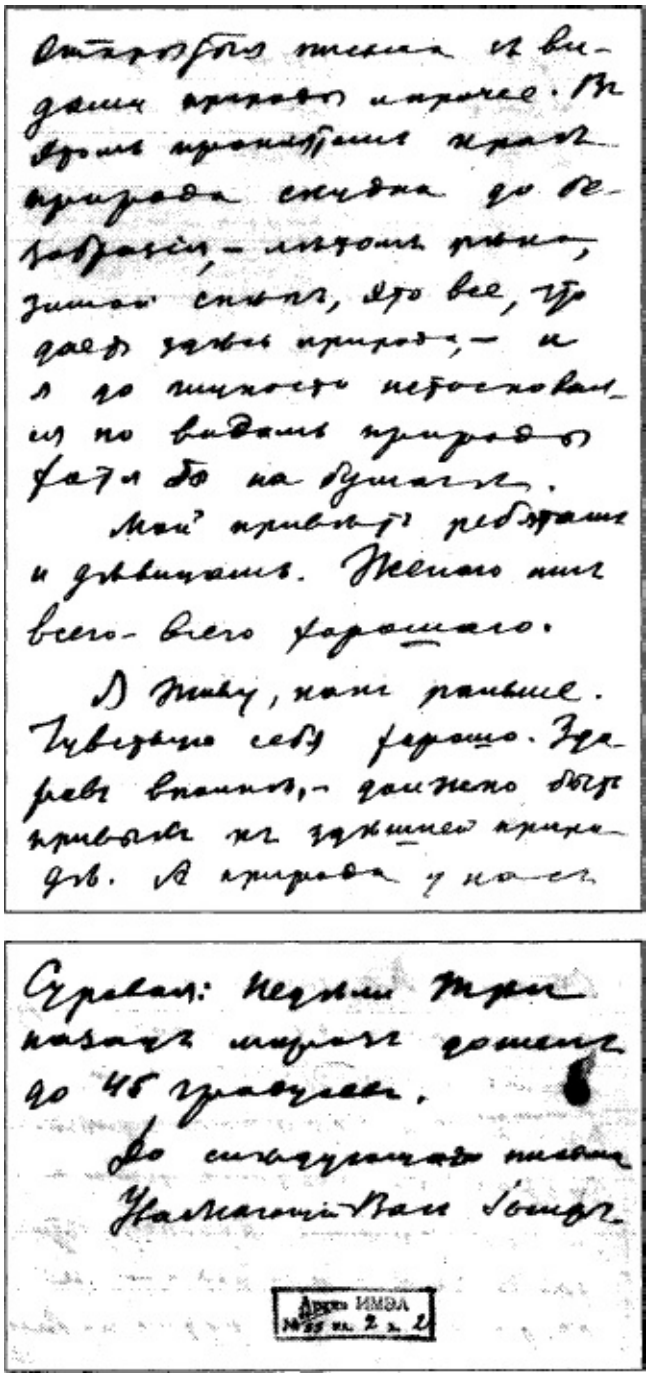
Em fevereiro de 1915, Stálin dirige-se à aldeia de Monastyrskoie[e] para encontrar-se com Spanderian. Envia então uma carta a Lênin, que se encontrava na Suíça, na qual critica Kropotkin, Plekhanov e a social-democracia ocidental: “Um cordialíssimo bom-dia, meu caro Ilitch. Bom-dia a Zinoviev e a Nadejda Konstantinovna. Como vão vocês? Como vai sua saúde? Pois eu vivo como antes. Resta metade da pena. Entedio-me um pouco, mas não há nada a fazer. Como vão seus negócios? Na sua casa, o ambiente deve ser mais alegre. Li recentemente os artigos de Kropotkin – velho imbecil, está completamente caduco. Li também o artigo de Plekhanov, no *Retch*: uma velha tagarela, uma velha incorrigível… E os liquidantes, com seu dinheiro da Sociedade econômica livre? Não há ninguém para surrá-los, diabos? Vão permanecer impunes?! Alegre-nos dizendo que logo irão criar-se meios que permitam esbofeteá-los sem parar, sem trégua… Seu Koba. P.S. Timóteo (Spanderian) pede que façam chegar a Guesde, Sembat e Vandervelde suas ácidas congratulações por seus gloriosos postos de ministros. Rá! Rá!”[24]



Excerto de uma carta de Stálin a Lênin, fevereiro de 1915.

O STÁLIN REPRESSIVO APARECE sutilmente por ocasião desse longo exílio, no qual a precariedade da vida parece tê-lo endurecido ainda mais; isso repercute na maneira como ele passa a conceber a luta contra aqueles com quem não concorda. Spanderian, com quem redigiu essa missiva, aparentemente compartilha seu ponto de vista.

Durante esse duro período de sua vida, foram os Alliluyev que mais se corresponderam com ele. Ajudavam-no na medida do possível, escrevendo-lhe cartas e enviando-lhe coisas úteis. Serguei também repassava-lhe o dinheiro proveniente da verba de auxílio do Partido. Dessa relação próxima restou apenas uma única carta, que Stálin enviou a Olga em 20 de novembro de 1915: “Sou-lhe muito grato, querida Olga Evguenievna, por sua bondade e pela pureza de seus sentimentos para comigo. Jamais esquecerei sua solicitude. Espero o fim de meu exílio e o momento de minha chegada a Petersburgo para agradecer-lhe pessoalmente por tudo, bem como a Serguei. Restam-me apenas dois anos. Recebi sua remessa, agradeço-lhe. Peço-lhe uma coisa: não gaste mais dinheiro comigo. Você precisa desse dinheiro. Eu ficaria muito contente se de quando em quando me enviasse cartas e cartões-postais com vistas da natureza etc. Neste canto maldito, as paisagens são pobres. No verão, o rio; no inverno, a neve. É tudo que a natureza oferece por aqui. Sinto saudades das paisagens contrastadas. Transmita meu bom-dia às crianças, desejo-lhes o melhor. Vivo como antes. Sinto-me bem. Talvez tenha me acostumado ao clima local, pois ele é severo. A temperatura nas últimas três semanas é de –45°C. Até a próxima carta, respeitosamente seu. Iosif.”[25]



Excerto de uma carta de Stálin a Olga Olga Alliluyeva, novembro de 1915.

O TEMPO PASSOU, e Stálin parou de escrever. Seu artigo permanecera sem resposta. Em 25 de fevereiro de 1916, numa carta dirigida ao centro bolchevique no estrangeiro e expedida por intermédio de Inès Armand, Stálin perguntava por seu paradeiro. Envia um bilhete a uma certa srta. Émilie Mégroz para que esta o transmita à sra. Popoff, em Lutry, perto de Lausanne: “Escreva-me, por favor,

sobre que destino teve o artigo de K. Stálin sobre a autonomia nacional cultural. Foi publicado, ou terá se perdido? Faz mais de um ano que tento obter sua publicação, mas não recebo notícias. Envie-me um cartão-postal com novidades sobre o artigo. Seu Iosif.”[26]

Aparentemente perdido, esse texto de fato permaneceu inédito.

Em 14 de dezembro de 1916, Stálin foi encaminhado, por etapas, a Krasnoiarsk para alistar-se, mas dispensado em função de seu braço rígido. Em 20 de fevereiro, deixou Krasnoiarsk e foi para Atchinsk, onde recebeu autorização para morar até o fim da pena de exílio.

Esse lugarejo, onde em 1938 foi construído um museu sobre o exílio de Stálin, ficava no trajeto da Transiberiana, a quatro dias de trem de Petrogrado. Lev Kamenev e sua mulher Olga também viviam ali como exilados e Stálin conviveu com eles durante sua temporada nessa cidade – noites em que, taciturno, pouco intervinha nas conversas; quando eventualmente o fazia, Kamenev corria para lhe cortar a palavra com desprezo, fazendo com que Stálin se retraísse ainda mais, reacendendo seu cachimbo e não abrindo mais a boca.[27] Enquanto isso, Lênin não desistia de planejar a fuga de Stálin e Sverdlov; com esse propósito agendou para o início de 1917, uma reunião do Comitê Central. Pouco antes, enviou a Stálin 120 rublos.[28]

Mas eis que, sem que os bolcheviques se dessem conta, a Rússia lhes escapava, mergulhando por conta própria na revolução de fevereiro de 1917. Os distúrbios começaram em Petrogrado, estimulados pela guerra e seu cortejo de infortúnios. Manifestações e greves sacudiam a capital, e os soldados recusavam-se a atirar contra a multidão. O czar renunciou e, em 2 de março, o poder caiu nas mãos de um governo provisório formado sob os auspícios da Duma e presidido pelo príncipe Lvov. Os exilados políticos começaram a voltar para casa. No dia 8 de março, Stálin, os Kamenev e outros exilados embarcaram num trem em Krasnoiarsk, após enviarem um telegrama de saudações fraternas a Lênin. No caminho de volta, eram saudados nas estações por multidões inflamadas que cantavam a *Marselhesa*. Chegaram à capital no dia 12 de março.

Foi quando Stálin entrou para a História.

[a] Em russo, *stal* = aço; Stálin significa “homem de aço”. Há uma lenda segundo a qual o nome de Stálin tem como origem um relacionamento amoroso com uma mulher chamada Ludmila Stahl, que ele teria conhecido durante esse período, e que o teria ajudado durante seus numerosos exílios.

[b] O austromarxismo é a única escola de pensamento marxista a ter uma denominação coletiva. O termo diz respeito ao esforço dos marxistas austríacos para encontrar um caminho socialista no âmbito do “capitalismo organizado” e refere-se à prática do movimento social-democrata pré-1914-18 no Império Austro-Húngaro e, mais tarde, na Áustria. O austromarxismo propõe três temas de reflexão: 1) a questão nacional (Otto Bauer); 2) a democracia operária (a autogestão); 3) o papel do marxismo nas ciências

sociais, na estética, até mesmo na física e na matemática. Max Adler, Rudolf Hilferding, Otto Bauer e Karl Renner são os principais líderes dessa corrente de pensamento.

[c] Próximo de Lênin e deputado na Duma, Roman Malinovski só foi desmascarado em 1917, na abertura dos arquivos da polícia secreta. Foi imediatamente executado, por ordem do governo soviético.

[d] Essas cartas foram interceptadas pelo comissariado de Ienissei (Coleção 558, inventário 1, dossiê 5.392). Serão então guardadas no arquivo secreto da KGB. N0 entanto, o neto de Tatiana Slavotinski, o escritor Iúri Trifonov, obterá cópias. Essa relação, acima de tudo amistosa, não deixará contudo de alimentar o rumor de um relacionamento amoroso e a hipótese de que Trifonov poderia ser neto de Stálin. Embora tudo isso pertença à esfera dos rumores, o destino da família de Tatiana foi cruel. Seu genro, o pai de Trifonov, foi fuzilado em 1938 e sua filha, deportada. Salvaram-se do expurgo apenas a avó e o neto, que foram expulsos da casa do Cais (pertencente ao governo), onde moravam, indo parar num alojamento comunitário – prova de que ter ajudado Stálin em seu exílio não era, durante o Terror, garantia de proteção. Mais tarde, o escritor Trifonov receberá o prêmio Stálin de literatura. As contradições dessa época são infindáveis. (Cf. Natalia Ivanova, “Dogoe prochanie”, *Moskovski Novosti*, 13-20 de agosto de 1995.)

[e] A aldeia de Monastyrskoie era geralmente onde a maioria dos principais dignitários bolcheviques cumpria sua pena de exílio. Em julho de 1915, da Suíça, onde se encontrava, Lênin organizou nesse vilarejo uma reunião de todos os líderes bolcheviques exilados em Turukhansk a fim de debaterem sua posição com relação à guerra e à conduta dos deputados bolcheviques na Duma. Stálin foi um dos participantes.

4. Na torrente da Revolução

O retorno do herói

Stálin dirigiu-se à casa dos Alliluyev assim que chegou a Petrogrado. O reencontro foi caloroso. Finalmente, o menino prodígio estava de volta, após um longo e rude exílio. Reuniram-se todos na casinha de subúrbio: Serguei, Olga e os filhos Fiódor, Anna e Nadejda. Somente Pável estava ausente. Stálin foi acossado por mil perguntas. Queriam saber tudo sobre sua experiência siberiana, os contatos que fizera por lá, como fora a viagem de volta. Iosif, felicíssimo de reencontrar a liberdade, com a Revolução em marcha e, talvez, quem sabe, a mulher amada, já usava de toda a sua habilidade para seduzir os amigos. Estava alegre, representava com talento cenas de sua vida de exilado e de seu recente encontro com as massas em polvorosa.

Passou a tarde e a noite na casa deles. Na manhã seguinte, saiu junto com Fiódor, Anna e Nadejda, que puseram-se à procura de um apartamento no centro da cidade para onde se mudar. Enquanto isso, ele iria à redação do *Pravda*. "Reserve um quarto para mim no novo apartamento. Não se esqueça", disse-lhes na hora de se despedir.[1] Já estaria apaixonado pela jovem Nadiucha, então com dezesseis anos? Corre na família que o namoro com Stálin teria começado quando ela tinha apenas catorze anos.[2] Para ela, de toda forma, era o retorno de um herói lendário. Sobretudo porque sempre lhe contaram que ele salvara sua vida quando, com apenas três anos de idade, ela quase se afogara ao cair de um embarcadouro – Sosso se atirara no rio para resgatá-la.

NADEJDA SERGUEIEVNA ALLILUYEVA nasceu em 22 de setembro de 1901, em Baku. Sua infância foi no Cáucaso, onde seus pais moravam. Tinha, assim como os irmãos e a irmã, feições meridionais. As origens familiares eram, contudo, bastante heterogêneas. As poucas gotas de sangue cigano, da avó de Serguei, marcavam o aspecto e o caráter de Nadia. Sua beleza exótica era acentuada por

um semblante altivo. Tinha um rosto bem-desenhado, levemente oblongo, seu perfil de camafeu marcado por sobrancelhas negras e densas, nariz aquilino, olhos castanhos sombreados por longos cílios e ressaltados por seus cabelos escuros, volumosos e lisos, usados em coque bem-puxado na nuca. A harmonia de seus traços evocava uma escultura de Brancusi. Desde a mais tenra infância foi doutrinada no bolchevismo, e a estatura de Koba, herói intrépido e indomável, que partira para tão longe e por tanto tempo, decerto inflamara sua imaginação. Estava acostumada a reencontrá-lo a cada fuga: o lar dos Alliluyev era o refúgio desse homem solitário, onde sentia-se em família. Lá, encontrava conforto junto aos velhos, sobretudo à matriarca. Apesar de jovem, Nadejda era mais fechada, mais determinada, e também mais séria que Fiódor, o intelectual sonhador, e a amável Anna, mais inclinada a fundar uma família. “Dos quatro filhos, todos cordiais e bondosos, mamãe era sem dúvida a mais equilibrada e obstinada. De personalidade forte, não recuava com facilidade em seus propósitos. Os outros eram mais cordatos”, recorda sua filha Svetlana.[3] Foi uma mulher forte, tal como exigia a época em que se tornou adulta. E não foi acaso ter se apaixonado, desde a mais tenra juventude, por um personagem do porte de Koba, de caráter tão enigmático e intenso, e também tão imprevisível.

Por outro lado, como as outras crianças Alliluyev, era vulnerável e propensa à esquizofrenia da família da avó materna. Teria sido apenas “um bote acoplado num imenso transatlântico”, como pensa Svetlana Alliluyeva?[4] Ou antes uma mulher de caráter complexo e irascível que, a despeito de tudo, soube resistir ao colosso que se tornara seu marido?

Por ora, em 1917, Stálin representava para a moça recém-saída da adolescência o modelo do intrépido revolucionário que sofreu, esteve várias vezes à beira da morte, mas sempre escapou. Era “o homem novo”, que a Revolução deveria engendrar, bem como o construtor dos Tempos Modernos.

Quando os Alliluyev mudaram-se para um grande apartamento, à rua Rojdestvenskaia 10, reservaram imediatamente um quarto para Stálin. Ali, era reconfortado pela presença das duas irmãs, que sempre o esperavam até tarde da noite para servir-lhe uma refeição. Noites inesquecíveis para essas duas moças, que já participavam da Revolução em marcha – na época, Anna trabalhava em Smolny. Stálin contava-lhes sua vida pregressa, suas atividades do dia, lia para elas – não sem um certo talento – Tchekhov, Górki, Púchkin.

Para esse homem, que já se aproximava dos quarenta e para quem até então a vida não passara de infortúnio diário, luta encarniçada e prisão contínua, os momentos junto aos Alliluyev eram uma bênção. Percebeu de imediato que a caçula, ainda na escola, estava perdidamente apaixonada por ele. Afeiçoou-se a

ela e terminou por se apaixonar também.

Ajudante de campo de Lênin

A primeira ação política de Stálin, recém-chegado à capital, foi sua entrada, junto com Kamenev e Muralov na redação do *Pravda*, dirigido então por Molotov. Durante as três semanas seguintes, na ausência de Lênin, foram Stálin e Kamenev que dirigiram o Partido em Petrogrado. Sua linha era centrista: considerando que a revolução socialista não era para amanhã, defendiam uma política flexível face ao governo provisório. Apesar da posição mais radical de Molotov, Stálin e Kamenev souberam impor seu ponto de vista, chegando para isso a criticar o próprio Lênin. Da Suíça, este, em suas "Cartas de longe", considerava o trabalho feito. Para ele, a revolução democrática já era página virada, cumprindo agora preparar a revolução socialista, e, para obter a paz – primeira exigência do povo –, era urgente derrubar o governo provisório. O *Pravda* publicou apenas uma das duas cartas e, mais uma vez, censurando boa parte dos ataques contra o governo provisório.[5]

Stálin continuava a preconizar uma política conciliadora, recusando-se a forçar os acontecimentos, não querendo perder a pequena burguesia. Daí o apoio ao governo provisório, defendido por Stálin e Kamenev por ocasião das jornadas de março. E, a fim de reunificar o Partido, foi mais uma vez Stálin quem propôs a abertura de negociações com os mencheviques. Em 3 de abril, o retorno de Lênin iria chacoalhar essa política moderadora. As "Teses de abril" puseram fim à política de apoio ao governo provisório. A intransigência revolucionária foi adotada como linha geral. "Sozinho contra 110", dizia Lênin, condenando as tentativas de aproximação dos mencheviques. A participação original de Stálin na Revolução Russa de fevereiro chegou então ao fim.

Nem por isso ele desistiu, num primeiro momento, junto com outros bolcheviques que conheciam bem a realidade do país, de opor-se à política pregada por Lênin. Em 6 de abril, no escritório russo do Comitê Central, Stálin e Kamenev mostram-se frontalmente contra as "Teses de abril". Lênin, que não obstante consegue impô-las, nem por isso é rigoroso com Stálin: concede-lhe, ao contrário, autonomia nas questões ligadas às minorias nacionais. Na conferência de abril, por exemplo, Stálin apresenta um relatório detalhado sobre a questão,[6] naquele momento uma das mais cruciais e delicadas. A desagregação do Império começara, e a ideia, cara a Lênin, do "direito das nações à autodeterminação" deveria ser aplicada. A Finlândia foi a primeira a querer deixar o Império. A

Polônia seguia seu exemplo. Movimentos separatistas expandiam-se rapidamente na Ucrânia, na Transcaucásia e em outras regiões. Nesse ponto, Stálin inscrevia-se na mesma linha política de Lênin. Considerava que apenas o partido do proletariado deveria decidir sobre o assunto, levando em conta o desenvolvimento social e a luta de classes em cada região. “Pessoalmente, eu me oporia, por exemplo, à secessão da Transcaucásia e da Rússia.”[7] “Sim, mas…” continuará sendo sua política face a essa questão. Com efeito, suas tendências centralizadoras podem ser lidas nas entrelinhas de suas análises.

Concordando com Lênin quanto à maneira de conceber a questão nacional, Stálin tornou-se naturalmente seu colaborador próximo. Lênin amparava-se cada vez mais nele, além de utilizar seus talentos e sua experiência de conspirador. Por ocasião dos acontecimentos de 3 e 4 de julho, os dirigentes bolcheviques decidiram na última hora juntar-se, a fim de enquadrá-la, à manifestação popular em Petrogrado – que exigia a renúncia do governo provisório e o fim do duplo poder do governo e dos sovietes. O governo provisório emitiu um mandado de prisão contra Lênin e outros chefes bolcheviques, acusados de fomentar distúrbios e atuar como agentes do Estado-maior alemão – e foi Stálin quem escondeu Lênin na casa dos Alliluyev, oferecendo-lhe seu quarto. Lênin permaneceu ali por alguns dias, o tempo de decidir se tomaria novamente o caminho do exílio ou se se renderia ao governo provisório. Stálin opôs-se à ideia de ceder a Kerenski,[a] convencido de que, em vez de ser preso, ele seria morto no momento em que se rendesse.

Para os Alliluyev, hospedar Lênin foi uma grande honra, e essa visita permaneceu gravada em suas memórias. “Um homem bastante modesto e cortês. Fazia perguntas e escutava as respostas com grande sinceridade”, recordará Anna Sergueievna.

Stálin ia visitar Lênin diariamente e pedia a Olga para alimentar seu hóspede com o que tivesse de melhor. Lênin demonstrava a mesma preocupação com seu discípulo. Perguntava a Olga: “O que Stálin gosta de comer? Por favor, Olga Evguenievna, fique de olho nele, a cara dele não anda boa.” Essas preocupações recíprocas divertiam Olga, que também guardará na memória a lembrança da simplicidade de Lênin quando ia conversar com ela na sala ou na cozinha.[8]

O perigo, contudo, estava cada vez mais presente. Serguei Alliluyev sugeriu a Lênin que deixasse a Rússia ou se refugiasse no golfo da Finlândia, na cidadezinha de Sestroretsk. Em 24 de julho, ele partiu e, para que não fosse reconhecido, Stálin serviu-lhe de barbeiro: raspou-lhe barba e bigode, deixando-o assim irreconhecível. Escoltado por Stálin e Alliluyev, Lênin alcançou a

estação Finlândia e o apartamento dos Alliluyev tornou-se rapidamente sua caixa postal: todas as cartas secretas eram encaminhadas para lá, sob o controle de Stálin, que se encarregava de repassá-las.

Após a partida de Lênin, Stálin instalou-se de vez na casa dos Alliluyev, não sem uma ponta de remorso diante da ideia de fazê-los correr riscos com sua presença no apartamento. Mas Olga insistiu; sua família estava acostumada a desafiar a clandestinidade. Queria que Stálin tivesse finalmente um lugar adequado onde pudesse comer e dormir em condições decentes. Stálin terminou aceitando, para grande alegria de Nadejda.[9]

Guardou em seu quarto seus poucos pertences – livros, manuscritos e algumas roupas. Olga começou a cerzir suas roupas e terminou comprando-lhe um terno novo. Em troca, ele abastecia a mesa de sua família adotiva. Passava a maior parte do tempo livre com as duas irmãs, encontrando naquela casa a amizade, a devoção, o amor e o calor que sempre lhe haviam faltado.

Com Lênin e Zinoviev refugiados novamente na clandestinidade e Trótski e Kamenev na prisão, Stálin voltou à linha de frente, como no mês de março. Agora já era visto como um dos colaboradores mais próximos de Lênin, o que lhe conferia imenso prestígio. Foi portanto um novo Stálin que emergiu: o Stálin de julho era um leninista que trabalhava para a queda do governo provisório e anunciava a aproximação de tempos violentos.

Durante esses meses difíceis e perigosos (julho-outubro de 1917), Stálin não era o tribuno inflamado que viria a chamar a atenção dos observadores e permanecer na memória dos cronistas. Está ausente do livro de John Reed, *Dez dias que abalaram o mundo*, e é pouco evocado no de Nikolai N. Suhanov, *A Revolução Russa de 1917*. Contudo, à sua maneira discreta, ele subia na hierarquia. Ao chegar ao centro das decisões, figurando entre os principais cabeças do Partido, começava a agir como um líder. Em outubro, foi anunciado como um dos homens mais importantes para Lênin, ao lado de Zunoviev, Kamenev, Trótski, Sokolnikov e Bubnov.[10] Por fim, tornou-se ministro de Lênin, em seu primeiro governo após a tomada do poder[b] – seu primeiro cargo no governo, que concretizou-se numa salinha de Smolny em cuja porta era possível ler, escrito a mão: “Comissariado do povo para as Nacionalidades”.

Em 29 de novembro de 1917, Lênin, Stálin, Trótski e Sverdlov tornaram-se os quatro governantes encarregados de resolver as questões urgentes do país. Mais uma vez, Stálin exerceu a função de homem de confiança de Lênin, cumprindo missões delicadas. A salinha que lhe servia de ministério não ficava longe do gabinete de Lênin. Os dois telefonavamse sempre, e Lênin frequentemente ia consultar Stálin a respeito de problemas do cotidiano.[11] Foi

nessa época que Stálin realizou seu primeiro ato histórico, viajando a Helsinki na função de porta-voz de Lênin para conceder à Finlândia o direito à autodeterminação. Em compensação, no que se refere ao restante do Império, tanto Lênin quanto Stálin fizeram de tudo para deter as forças centrífugas, trabalhando para que a autonomia "nacional-territorial" se tornasse um meio eficaz de sovietização geral.

Um amor surgido entre a revolução e a guerra civil

A despeito de seus estudos e suas aulas de música, Nadejda não conseguia conter seus sentimentos. À noite, esperava Stálin, que nem sempre voltava, ou chegava tarde. Desde a Revolução de Outubro, sua vida ficara completamente absorvida pelos acontecimentos. Entre o fim de 1917 e o início de 1918, Nadia pouco viu seu herói.

A guerra civil começou em 1918. Com a pressão dos acontecimentos, o poder transferiu-se, em março, de Petrogrado para Moscou. Stálin obteve um gabinete e um pequeno apartamento no Kremlin, onde antes ficavam os quartos dos criados. No momento em que essa mudança se preparava, em 10 de março, ele escreveu a S.S. Pestkovski, seu vice-comissário para as Nacionalidades, para incluir na lista de evacuação do comissariado, na rubrica "Stálin e os membros de sua família", as seguintes pessoas: Serguei Alliluyev e Olga Alliluyeva, sua mulher.[12]

Assim que chegou a Moscou, Stálin contratou Nadejda como secretária. Em 12 de abril de 1918, despachava um bilhete manuscrito: "Forneça uma credencial a Nadejda Alliluyeva, empregada no comissariado popular para as Nacionalidades".[13] Documentos de arquivos atestam sua estreita colaboração em 1918: ao lado da assinatura de Stálin, encontramos a de Alliluyeva, que assina pelo secretariado.[14] Deve ter sido nesse momento que seu amor desabrochou. Os feitos de Stálin nesses dias memoráveis o tornavam ainda mais fascinante aos olhos daquela filha de um velho bolchevique. Passou a morar com ele em seu quartinho do Kremlin.

Não houve casamento, nem festa. A época não era propícia às cerimônias, e os casais bolcheviques se constituíam sem passar pelo registro civil. Poucas pessoas de seu círculo estavam a par de sua vida privada, que, de resto, não interessava a ninguém. A verdadeira vida estava longe dali: nos combates, nas conquistas, na repressão em nome do aperfeiçoamento da Revolução. Em 29 de maio, Stálin foi enviado como responsável à frente Sul. Nadejda o acompanhou

até Tsaritsyn (que virou Stalingrado em 1924 e Volgograd em 1962). Stálin ia investido de poderes extraordinários para a região do Volga, encarregado de organizar o abastecimento de pão para todo o sul da Rússia, bem como para Moscou e Petrogrado. Partiu num trem blindado, com um destacamento do Exército Vermelho e chegou em 6 de junho. Lá, Kliment Vorochilov dirigia o 10º Exército, que aderira ao novo regime. Assim que chegou, Stálin tomou as rédeas da situação; reorganizou as tropas e promoveu um expurgo feroz. Toda pessoa culpada de conspirar contra os bolcheviques era fuzilada sob suas ordens.

Nadia apareceu então pela primeira vez como esposa de Stálin, e foi nesse status que viajou ao seu lado no trem. Da manhã à noite, e às vezes noites inteiras, datilografava, codificando e decodificando os telegramas da linha direta de Stálin. O regime passava então por um dos momentos mais precários de sua breve existência. A fome era devastadora, as cidades viviam isoladas das aldeias. O pão era questão de vida ou morte para todos. Para remediar a situação, foi instaurado o "comunismo de guerra", com o envio do exército para confiscar o trigo nos campos.

Ao clima insurrecional ligado à guerra civil e à intervenção estrangeira acrescentava-se, durante esse verão de 1918, o terrorismo individual desencadeado pelos socialistas-revolucionários de esquerda. Para manifestar a oposição dos camponeses com relação à política, Iakov Blumkin assassinou o conde Mirbach, embaixador da Alemanha; em 30 de agosto, Uritski, chefe da Tcheka de Petrogrado, foi morto e Fanya Kaplan atirou em Lênin. Diante dessas ações, o governo deflagrou o Terror vermelho. "Cumpre mostrar-se impiedoso para liquidar esses infelizes aventureiros", telegrafa Lênin a Stálin em 7 de julho, antes de tornar-se igualmente vítima. "Tudo será feito para prevenir eventuais surpresas. Esteja certo de que nossa mão não tremerá…", respondeu-lhe Stálin.[15]

Nessa missão, Stálin levara consigo Serguei e Anna. A família Alliluyev compunha o secretariado. Stálin morava em seu trem. Mostrava-se amplamente acessível. Não tinha guarda-costas e vivia à sua maneira austera. Vivia exclusivamente para a Revolução, sem piedade consigo mesmo ou com os que o cercavam. Nessa época, foi amado por alguns e detestado por outros. Seu prestígio advinha do fato de ser visto como braço-direito de Lênin, mas, para os militares profissionais, não passava de um político.

Durante esse verão, Stálin mudou sua maneira de se apresentar e se vestir. Até então usava roupas civis. A partir desse período de guerra, adotou o uniforme semimilitar e passou a usar botas. Conservou esse estilo praticamente até o fim da vida.[16] Tinha um aspecto ainda jovem e, a despeito da baixa estatura, era magro e mantinha uma postura ereta, o que lhe conferia certa imponência.

Suas primeiras desavenças com Trótski envolviam um tema político que na verdade só fazia cristalizar a antiga rivalidade decorrente de sua relação – que todos queriam privilegiada – com Lênin. Stálin opunha-se ao papel crescente que Trótski, comissário para a Guerra, atribuía aos especialistas militares oriundos do antigo Exército czarista. Escreveu a Lênin: “Você pode estar certo de que não pouparemos ninguém e entregaremos o trigo apesar de tudo. Se nossos ‘especialistas’ militares (incompetentes!) fizessem algo além de dormir e catar pulgas, a linha não teria sido cortada e, se a linha for restabelecida, não será graças aos militares, mas a despeito deles.”[17] A traição de alguns ex-oficiais do Exército czarista só fez confirmar a suspeita de Stálin.[18] E ele reivindicou poderes militares. De toda forma, recusava a autoridade de Trótski e tratava todas as questões de ordem militar diretamente com Lênin, passando por cima de Trótski, quando, de um ponto de vista hierárquico, deveria mantê-lo informado. “Se Trótski continuar a distribuir mandatos para todo lado sem pensar … podemos ter certeza de que daqui a um mês as coisas irão piorar para nós no Cáucaso do Norte, e perderemos definitivamente esse território … . Para levar as coisas a bom termo, necessito de poderes militares. (Caso contrário) eu mesmo demitirei, sem formalidades, os comandantes … que torpedeiam nossa obra …, e certamente não será a falta de um papel de Trótski que irá me deter.”[19] De tanto insistir, obteve efetivamente os poderes militares que reivindicava, e os conflitos com Trótski exacerbaram-se. O comissário para a Guerra telegrafou em 4 de outubro a Lênin: “Exijo categoricamente a demoção de Stálin.” Lênin cedeu e chamou Stálin de volta a Moscou. Em 9 de outubro, antes de partir, Stálin enviou um bilhete lapidar, aparentemente escrito às pressas, a Trótski: “Peço que deixe de me considerar membro do soviete revolucionário da frente Sul.”[20] Em consequência, toda a região militar do Cáucaso do Norte tornou-se o centro da oposição à política de Trótski. Stálin começou então a formar sua própria base política. Vorochilov, Ordjonikidze, Budienny e o núcleo do grupo de Tsaritsy foram seus primeiros adeptos.

Imediatamente após a chegada de Stálin a Moscou, Lênin nomeou-o membro do Conselho Revolucionário da Guerra e, em 30 de novembro, ele ingressou, junto com Lênin e Trótski, no Conselho para a Defesa.

Entre uma missão e outra no front, vivia com sua jovem esposa. Sinal da pobreza da época, em uma anotação rabiscada a mão, em 6 de março de 1919, pede que lhe forneçam um tapete para uma sala com dois metros de largura. Singelo privilégio, mas o tapete foi prontamente entregue.[21]

Em janeiro de 1919, partiu para a frente oriental para assistir *in loco* à queda de Perm.

Em maio foi enviado a Petrogrado, ameaçada pelas forças contrarrevolucionárias dirigidas pelo general Iudenitch. Lá permaneceu durante todo o mês de junho. A ordem aos exércitos que defendiam a cidade, assinada por ele junto com Zinoviev, nos dá uma ideia sobre a atmosfera dessa época: “A presente ordem declara: as famílias de todos aqueles que se juntarem aos brancos serão imediatamente presas onde quer se encontrem; as terras desses traidores serão imediatamente expropriadas para sempre; todos os bens dos traidores serão confiscados; não há retorno possível para os traidores para qualquer território da República, a ordem é fuzilá-los no próprio local; as famílias de todos os chefes militares que traírem a causa dos operários e camponeses serão tomadas como reféns. Apenas o retorno imediato para o lado dos operários e camponeses da Rússia soviética, com a deposição das armas, pode salvar os instáveis de uma pena sem compaixão. Quem estiver a favor da Rússia camponesa e operária, e contra os traidores da Rússia, deve integrar o Exército Vermelho e lutar contra os brancos até seu completo extermínio. Soldados do Exército Vermelho, é sua terra que vocês defendem, é o poder dos operários e camponeses, é sua querida Rússia camponesa e operária. Os brancos querem o retorno do czar, da escravidão. Os brancos estão vendidos aos burgueses ingleses, franceses, alemães e finlandeses. É imperioso matar até o último dos brancos, sem o que não alcançaremos a paz. Quem der um único passo na direção dos brancos merecerá a morte imediata. A presente ordem deve ser lida em todos os destacamentos.”[22]

Petrogrado foi salva, e os bolcheviques puderam parar de lutar nesse front, ao menos até o outono. Em 3 de julho, cumprida sua missão, Stálin retornou a Moscou. Por sua ação em Petrogrado, foi condecorado com a ordem da Estrela Vermelha. “No momento do perigo mortal, quando o poder soviético, cercado de maneira implacável pelos inimigos, respondia aos ataques do adversário, quando os opositores da revolução camponesa-operária aproximavam-se em julho de 1919 de Krasnaia Gorka, nesse momento Iosif Vissarionovitch Stálin…, com energia e dedicação, conseguiu reagrupar o Exército Vermelho. Achando-se pessoalmente na linha de frente e sob fogo, inspirava com seu exemplo pessoal todos aqueles que lutavam pela república soviética”, registra a ordem do Comitê Revolucionário Militar da República, no dia 31 de dezembro de 1919.[23]

Nadejda, secretária de Lênin

Nadejda não acompanhou Stálin a todas as frentes de batalha aonde a guerra civil o levava. De volta a Moscou após a aventura da frente Sul, ela filiara-se ao

Partido e empregara-se no secretariado do Conselho dos Comissários do Povo (Sovnarkom), onde trabalhava com Lydia Fotieva, coordenadora de todo o secretariado de Lênin. Atribuíram-lhe tarefas de caráter secreto. Perfeccionista, era cuidadosa e responsável no trabalho. Apreciando essas qualidades, Lênin pedia frequentemente que lhe atribuíssem tarefas mais delicadas.[24] Enquanto durou a guerra civil, Stálin não teve muito tempo para lhe dedicar, mas o casal parecia estabilizar-se. Ele encontrava em Nadejda uma pessoa de confiança com quem desabafar e, às vezes, se aconselhar. Paralelamente às atividades como secretária de Lênin, ela realizava diversas tarefas para ele. Ele lhe ditava seus artigos, ela recebia seus convidados – em suma, devia sempre, quando ele estava presente, mostrar-se à sua disposição. Certo dia, Nadejda chegou a seu gabinete de trabalho e avisou a Fotieva que Stálin queria que ela parasse de trabalhar para Lênin, pois não lhe estava dedicando tempo suficiente. Quando Lênin foi avisado, chamou Stálin de "*aziat*" e prometeu intervir se Nadejda não voltasse. Como ela compareceu no dia seguinte, tudo entrou nos eixos, e Lênin não foi obrigado a interferir nas relações conjugais de seu discípulo.[25]

NESSA ÉPOCA, o mais duro para Nadejda foi acostumar-se ao caráter difícil de Stálin, seu humor instável, seus caprichos e sua rudeza. Ela sofria diretamente com sua violência. Ele era particularmente severo com ela, ignorando seus focos de interesse[26] e não levando em conta sua juventude. Nadejda era uma mulher determinada, independente, e não podia ser a esposa submissa que Stálin conhecera no primeiro casamento. Desde o início, esses dois temperamentos fortes tiveram dificuldade para se adaptar um ao outro. O amor profundo que ela sentia por ele permitiu-lhe fundar uma família e forjar seu próprio caráter na sombra do marido – mas quanto tempo duraria a paixão romântica pelo companheiro? Difícil datar o momento em que surgiram as primeiras fissuras.

EM 1919, quando a guerra civil parecia ganha e os bolcheviques tiveram de começar a estabilizar a Revolução, o regime expropriou centenas de palacetes, mansões e casas de campo abandonadas pelos proprietários, que haviam fugido para o exterior ou perecido nos embates da guerra civil. A maioria desses prédios foi transformada em hospitais, asilos para crianças abandonadas, os famosos *besprizornkis*, casas de repouso. Houve também uma dezena de mansões, não distantes da estação de Ussovo, à beira do Moscova, que foram alugadas a certos dirigentes do Partido. Stálin, Vorochilov e Mikoian receberam datchas antes pertencentes a uma rica família de industriais do petróleo, os Zubalov. A mansão

de Stálin, conhecida como nº4, menor e mais afastada das outras, foi, durante cerca de dez anos, o palco de sua vida em família.[27] Nadejda tentou criar uma atmosfera calorosa, proporcionando a Stálin um porto seguro. No início, pareceu que conseguiria. Nessa época, todos os que os rodeavam eram pobres e partilhavam os costumes bolcheviques de austeridade. A vida do casal era modesta. Em março de 1921, nasceu Vassili. Nadia, no começo, fizera questão de exercer seus direitos de mãe, o que a levou a negligenciar o trabalho, coisa inadmissível para os costumes da época. Em consequência disso, foi expulsa do Partido "por atividade social insuficiente". Foi preciso a intervenção de Lênin para explicar à comissão a situação da jovem mãe e, principalmente, para lembrar quem eram os Alliluyev: "Acho indispensável levar em conta o fato de que conheço toda a família Alliluyev … desde a Revolução de Outubro. Durante o mês de julho em especial …, essa família nos abrigou e todos gozavam da confiança dos bolcheviques na época. Eles nos esconderam e nos prestaram inúmeros favores, sem os quais não teríamos escapado de Kerenski…"[28] Mesmo assim, Nadejda só foi reintegrada ao Partido em 1924.

Com o tempo, os dirigentes do Partido obtiveram facilidades para contratar empregados domésticos, governantas e educadores. A família deveria passar ao segundo plano, e as esposas dos dirigentes integrar-se à atividade política e social do Partido e do Estado.

Após o nascimento de Vassili, o lugar onde moravam tornou-se impraticável. Lênin interveio de novo: "Camarada Belenki", escreve em novembro de 1921 ao chefe de sua guarda, "não podemos encontrar nada de melhor para Stálin? Lênin." Escreveu também a Enukidze,[c] pedindo-lhe para acelerar a disponibilização de um apartamento mais confortável para Stálin. Terminarão por encontrar um, embora ainda longe do ideal.

Nadia continuou a trabalhar para Lênin, mesmo depois que ele sofreu uma síncope, em 1922, e continuou até ele morrer. Ela gozava da confiança do *Vojd*, além de conhecer segredos de que nem o Escritório Político estava a par. Soube manter silêncio diante do marido, ele próprio recebendo as informações através de Fotieva, que, desde essa época, passara para o seu lado.[29]

Em 1921, Iakov, o primogênito, foi morar com o pai em Moscou, onde ingressaria no liceu. Era um adolescente alto e bonito, porém tímido e indiferente. Stálin, que não tolerava seu temperamento meridional, logo entrou em choque com ele. Iakov, contudo, empenhava-se na escola e se esforçava para agradar àquele homem severo a quem amava, mas que o intimidava. Sentia saudades de sua Geórgia natal. Adaptava-se com dificuldade à nova vida e padecia para acompanhar as aulas, ministradas em russo. Adoecia com

frequência. Felizmente, tinha a amizade de Nadejda, que adotou prontamente o enteado, apenas seis meses mais moço. Em suas cartas à mãe de Stálin, a nora informa à velha Keke sobre a evolução do neto: “Iacha já vai à escola. Seus estudos não vão mal, embora ele tenha dificuldade para aprender sozinho. Mas Iosif proibiu contratar alguém.”, escreve em 8 de outubro de 1922. Sendo ela própria dura na queda, Nadia não podia abster-se de criticar o temperamento lento e dolente do enteado. Num mundo em que o trabalho tornava-se o valor essencial, o fato de ele não ser o primeiro da classe parecia um fracasso a Stálin, que se lembrava do garoto prodígio que ele mesmo fora. “Iakov é um bom rapaz, embora preguiçoso”, escrevia novamente Nadejda em 1º de maio de 1923. “É por isso que seus estudos vão mal. Ele está do tamanho de Iosif, só a fisionomia não é a mesma.”[30]

A família tentou reunir-se. Em 1922, Keke chegou de Gori. Foi uma visita breve: não gostava de morar no Kremlin e, devota, repugnava-lhe a visão das igrejas fechadas. Após um rápido retorno a Gori, instalou-se definitivamente em Tíflis, no palácio governamental, onde ocupou, até o fim de seus dias, um único quarto. Conservara sua rotina: ia à igreja e recusava os privilégios que lhe ofereciam. De longe, acompanhava a extraordinária carreira do filho, sem dela compreender muita coisa. Preocupava-se constantemente com sua saúde, enviando-lhe regularmente seus doces preferidos e tricotando meias para os duros invernos moscovitas. Era incessantemente convidada a retornar: “Nós a esperamos aqui em casa”, escrevia-lhe Nadejda em 1º de maio de 1923. “Mas a senhora não pôde vir. Em Moscou faz muito frio e, para a senhora, que está acostumada ao calor, isso seria nefasto. Mas no verão, quando é tão quente como em Tíflis, nós a esperamos aqui em casa … Incondicionalmente. A senhora irá com Vassia para a datcha. Tudo sairá a contento, e o essencial é que veja Iosif, a quem tanto ama.”[31] Mas ela não se atrevia mais à viagem, adiando indefinidamente a data de suas visitas. Volta e meia mostrava-se contrariada com a falta de contato por parte do filho. “Bom dia, mamãe”, escreve ele em 25 de janeiro de 1925. “Sei que está chateada, mas não há nada a fazer. Sou muito ocupado e não posso lhe escrever com maior frequência. Estou atarefado dia e noite, é por isso que não lhe proporciono alegria com minhas cartas. Viva mil anos. Seu Sosso.”[32] Alguns meses depois, cabia a Nadia tranquilizá-la: “Iosif está muito ocupado. Escreva aquilo de que precisa que enviaremos de Moscou. Não se preocupe com a saúde de Iosif, ele está comendo seu doce e se lembra de você. Obrigada por tudo.”

Com efeito, como poderia ser de outra forma? Como ela poderia acompanhar e compreender o que ele fazia na época?

A marcha para o poder

No outono de 1919, Stálin dirigiu-se novamente ao Sul para deter as investidas dos brancos em direção a Moscou após a tomada de Orel por Denikin. Em maio de 1920, foi nomeado comissário político para a frente Sudoeste. Concluiu sua missão, durante a guerra civil, no front de Lvov, por ocasião da guerra polaco-soviética de 1920.[d] Stálin – por uma vez concordando com Trótski – opunha-se à vontade de Lênin de tomar Varsóvia e exportar a Revolução pela ponta das baionetas do Exército Vermelho. Contudo, enquanto Trótski, Dzerjinski e Radek continuavam na contracorrente de Lênin, Stálin terminou por alinhar-se a seu ponto de vista. O ataque principal foi incumbido a um ex-oficial czarista convertido ao bolchevismo, Mikhail Tukhatchevski, que provara sua confiabilidade e competência durante a guerra civil. Stálin e o comandante da frente Sudoeste, Egorov, receberam ordens para recrutar um forte contingente e despachá-lo para o norte a fim de apoiar o avanço de Tukhatchevski rumo a Varsóvia. Stálin recusou-se a obedecer, dando prosseguimento a sua operação independente junto com o exército de cavalaria comandado por Budienny, que pretendia apoderar-se de Lvov. Quando os poloneses, apoiados pelos aliados ocidentais, lançaram o ataque contra Tukhatchevski em 16 de agosto, o Exército Vermelho foi vencido. Uma controvérsia que durou anos dividia os bolcheviques: quem fora o responsável por aquele fracasso? Datam daí os primeiros e ríspidos desentendimentos entre Stálin e Tukhatchevski – e não seriam os últimos.

Estabelecendo no exército um “regime de grão-duque”, segundo a fórmula de Trótski, isto é, recusando-se a obedecer aos oficiais superiores e assim correndo o risco de desestabilizar todos os níveis do comando, como os aristocratas na época czarista, Stálin desafiava a hierarquia e tinha uma confiança inquebrantável em seu próprio tino. Seus traços de caráter, o rancor, a rudeza e o autoritarismo estavam subordinados a uma característica constante nele: a fé incondicional nas virtudes da Revolução. Sua inteligência e força de trabalho impunham-se a despeito dos defeitos que os mais próximos já lhe apontavam: construíra a imagem de um chefe enérgico, capaz de captar uma situação complexa e a ela reagir de maneira eficaz.[33]

No seio do Partido, sua maneira de ser agradava e correspondia aos tempos difíceis do “comunismo de guerra”, e, quando a Comissão para Inspeção Operária e Camponesa (Rabkrin) foi criada em 1920, Lênin nomeou-o para presidi-la. Assim foi se instalando uma simbiose entre um “mundo” e o homem que encarnava seu “espírito”, segundo a concepção hegeliana da unidade

histórica. Esses tempos heroicos e trágicos haviam determinado o estilo e o espírito de Stálin, que saía dessas provas como o produto da história em marcha. Desse encontro decisivo nasceria um "mundo novo". Para a época que se anunciava e o sistema então instaurado, um chefe capaz, sensato e aparentemente de posições moderadas seduzia mais que as maneiras altivas e as teses radicais de Trótski – seu único verdadeiro rival. A imagem de Stálin lhe contrastava como a de um revolucionário severo, austero e popular.

Stálin vivia entre o indispensável trabalho de organização e a inclinação pela reflexão doutrinal focada numa ideia-mestra: como alcançar novas conquistas revolucionárias?

Em 3 de abril de 1922, por ocasião de uma plenária do CC, Stálin foi nomeado secretário-geral, posto recém-criado. Embora a nova função não fosse considerada fundamental, ele saberá dar-lhe peso no futuro.[e] Acumulava doravante três funções no Partido: membro do Politburo, do Escritório para Organização (Orgburo) e secretário-geral. No Estado, ocupava dois cargos de ministro: comissário do povo para as Nacionalidades e comissário do povo para a Inspeção Operária e Camponesa. Era também, entre outras coisas, membro do Conselho Militar Revolucionário da República, membro do Conselho do Trabalho e da Defesa…[34] Compreensível que tivesse pouco tempo para escrever cartas à mãe, ainda mais levando-se em conta a iminente sucessão de Lênin.

Em março de 1919, Sverdlov morrera de gripe espanhola; em maio de 1922, Lênin sofreu seu primeiro ataque. Trótski e Zinoviev almejavam a direção do Partido. Stálin queria tudo.

Desavenças com Lênin

A guerra civil fora vencida pelos bolcheviques, mas Lênin tinha consciência da situação catastrófica do país, que saíra arrasado de todas essas provações. Na primavera de 1921, ele deu por encerrada a fase do "comunismo de guerra" – aboliu o confisco de grãos e outros gêneros alimentícios, substituindo-o por impostos e liberdade para os camponeses venderem o excedente. Em seguida, a empresa privada – pequena e média – foi reintroduzida na indústria e no comércio, e o capital estrangeiro recuperou seu espaço. O Estado reservava-se a prioridade da grande indústria, do comércio exterior, dos transportes e o controle do conjunto da economia. Desenvolveu-se uma economia mista fervilhante, que ficará conhecida como NEP, Nova Política Econômica.

Stálin deu seu apoio incondicional a Lênin na implantação das medidas.

Ironicamente, era na solução da questão nacional no novo contexto soviético que os dois homens iriam se bater de frente – o mesmo problema que os havia aproximado inicialmente. Foi em torno do "caso georgiano" que suas primeiras discordâncias se manifestaram. Era preciso redefinir as relações entre a Federação da Rússia e as repúblicas da União – Ucrânia, Bielorrússia, Geórgia, Azerbaijão e Armênia. Em 1922, Stálin foi colocado à frente de uma comissão encarregada de encontrar as respostas adequadas. O projeto que ele próprio redigiu reproduzia o modelo da Federação da Rússia, visando à adesão, com um status de autonomia, das repúblicas a essa Federação.[35] Fazia igualmente questão de que as três repúblicas caucasianas integrassem a Federação da Rússia como uma entidade única: repúblicas transcaucasianas. Os comunistas georgianos opuseram-se imediatamente, buscando salvaguardar sua independência política e defendendo um vínculo autônomo da Geórgia com a Federação da Rússia. Lênin solidarizou-se com eles. Stálin cedeu, a contragosto, às exigências de Lênin, que propôs a criação de um novo Estado, uma União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, no âmbito da qual a Rússia teria direitos iguais aos das outras repúblicas. Em 30 de dezembro de 1922, um tratado sobre a formação da URSS estabeleceu as diretrizes da Constituição soviética de 1924.[36]

Porém, a despeito do caso georgiano, Stálin não se eximiu de manifestar reservas quanto à posição de Lênin. Criticou-o abertamente em privado e em sua correspondência com colegas, como Ordjonikidze ou Vorochilov. Considerava o "velho", tal como o chamava, ultrapassado e em idade de se aposentar. Referindo-se a ele como alguém que estava fora do jogo, o grupo de Stálin evoluía à margem do que pensava o *Vojd*.[37]

Em outubro de 1922, quando Lênin retomou as rédeas da situação, pouco tempo depois de sua síncope, não demonstrava mais a mesma capacidade de trabalho nem sua antiga tenacidade. Às vezes mostrava-se confuso e, não raro, deprimido. Sabia-se condenado. Quis então preparar sua sucessão. Estava com pressa e ditava incessantes memorandos, mensagens e cartas. Em 23 de dezembro, começou a ditar a M.A. Voloditcheva, uma das secretárias, sua "Carta ao Congresso", mais tarde conhecida como o "Testamento". Recomendava com insistência ao próximo congresso que executasse uma série de mudanças no sistema político soviético. Continuou a ditar a "Carta" diariamente até 26 de dezembro: "Penso que a presença no CC de membros como Stálin e Trótski é uma ameaça à estabilidade …. Ao ser nomeado secretário-geral, o camarada Stálin concentrou em suas mãos um poder imenso, e não estou certo de que saberá utilizá-lo sempre com suficiente prudência …. Por outro lado, o camarada Trótski … demonstra ao mesmo tempo excesso de segurança e entusiasmo para a administração das coisas." Em 4 de janeiro de 1923 ditou um "complemento" à

“Carta”: “Stálin é muito grosseiro …. Proponho aos camaradas … afastar Stálin desse posto.” E enunciou as qualidades necessárias para ocupá-lo, que Stálin não detinha: ser tolerante, leal, educado, afável com os camaradas, menos volúvel. Obcecado pelas possíveis cisões no Partido após sua morte, queria acima de tudo salvaguardar essa unidade.[f]

Lênin exigiu que esse documento permanecesse secreto: apenas Krupskaia, sua esposa, estaria autorizada a abri-lo após sua morte. Lydia Fotieva, contudo, informou seu teor a Stálin e outros membros do Politburo. Nadia também estava ciente. O que pensava ela de tudo isso? Que eco provocaram-lhe as considerações de Lênin sobre seu marido? Nunca saberemos.

A “Carta” será lida por ocasião do XIII Congresso do Partido, em maio de 1924. Embora seu impacto sobre os delegados tenha sido dramático, eles acrescentaram-lhe uma recomendação no sentido de Stálin ser mantido no posto de secretário-geral, com a condição de que corrigisse seus defeitos. Stálin chegou a sugerir a própria demissão. Todos, inclusive Trótski, Kamenev e Zinoviev, recusaram-na.

A ESSE PANO DE FUNDO somava-se um conflito de ordem privada. Em 22 de dezembro de 1922, Stálin – encarregado desde o dia 18 da vigilância do regime prescrito a Lênin por seus médicos – criticou asperamente Krupskaia por ter deixado que o marido escrevesse cartas e ameaçou levá-la perante o Comitê Central. No dia seguinte, ela contou o incidente a Kamenev, e só o relatou a Lênin em 5 de março de 1923. Nervoso, este escreveu imediatamente a Stálin: “Estimado camarada Stálin. Você cometeu a afronta de telefonar para minha mulher e ofendê-la. Embora aceitando esquecer o que foi dito, ela não deixou de comentar o assunto com Zinoviev e Kamenev …. Não tenho a intenção de esquecer o que foi feito contra mim, pois julgo desnecessário dizer que o que é feito contra minha mulher é feito contra mim. Devo então pedir-lhe para decidir se está ou não disposto a retirar suas palavras e desculpar-se ou se prefere romper qualquer tipo de relação entre nós. Meus respeitos, Lênin.” Stálin respondeu imediatamente numa carta manuscrita, que transmitiu por intermédio de Voloditcheva. “Camarada Lênin. Há cinco semanas tive uma conversa com a camarada Nadejda Konstantinovna, que considero não somente sua esposa, como também uma velha camarada de partido, e disse-lhe aproximadamente o seguinte (ao telefone): ‘Os médicos (nos) proibiram de dar a Ilitch informações políticas, pois eles estimam que é o meio mais eficaz de tratá-lo. Acontece, N.K., que você não respeita esse regime. Não podemos brincar com a vida de Ilitch…’ Penso não ter dito nada de brutal ou intolerável, ou dirigido contra você, pois

não tenho outro desejo senão seu pronto restabelecimento. Mais que isso, julgo meu dever zelar para que esse regime seja respeitado. Minha conversa com N.K. confirmou que minhas suspeitas eram infundadas; aliás, não podia ser de outra forma. Agora, se você acha que para preservar nossas ‘relações’ eu deveria retirar o que disse, retiro-o, embora me recuse a compreender onde está o problema, em que consiste meu erro e o que querem de mim. I. Stálin.”[38]

Após sua síncope de 10 de março de 1923, Lênin não era mais capaz de escrever notas e cartas, tampouco de escutar a leitura de sua correspondência. É pouco provável ter sido informado da resposta de Stálin.

Durante o verão e o outono de 1923, seu estado melhorou ligeiramente: conseguia caminhar lentamente em seu quarto, apoiando-se numa bengala, e exprimir-se por meio de gestos e sinais. Em 18 de outubro, fez uma visita-relâmpago ao Kremlin, a seu apartamento. No dia seguinte, foi ao seu gabinete do Sovnarkom e fez um passeio de despedida por Moscou. Esgotado, retornou a Górki. Nos últimos meses de vida, viu pouca gente. Recebeu o irmão, Dimitri. Recusou-se a ver Bukharin, e alguns membros do Politburo ou do governo não podiam vê-lo senão de longe. Stálin e Trótski não procuraram mais cansá-lo com sua presença.[39]

Morreu em 21 de janeiro de 1924.

MUITOS HISTORIADORES SUGEREM QUE, no fim da vida, Lênin teria se tornado inimigo de Stálin. Além do fato de Lênin, durante esse período de conflito, estar doente – logo, de certa forma, com o humor instável –, este não era seu primeiro incidente nem com Stálin nem com outros assessores próximos, como Zinoviev, Kamenev e, sobretudo, Trótski. Lênin nunca deixara de manifestar opiniões contrárias às de seus colaboradores. Quem sabe a cumplicidade que o ligava a Stálin teria sido mais forte que essa rusga de última hora? No meu entender, Lênin criticava em Stálin alguns traços de caráter, não suas insuficiências políticas. Quanto a Stálin, apesar das reservas e dessa querela final, a afeição que tinha pelo líder e a admiração que lhe dedicava eram profundas. Para ilustrar sua fidelidade, havia sempre um retrato de Lênin na parede de seu gabinete, acima do qual uma lâmpada permanecia acesa 24 horas por dia. Num outro recinto, reinava um busto de Lênin que Stálin levava consigo a cada vez que tirava férias.[40] Podemos igualmente pensar que consolidou seu poder mediante o culto a Lênin. Entretanto, creio que, com o tempo, Stálin era sincero com relação à memória daquele a quem devia grande parte de sua carreira política.

[a] Aleksandr Fiódorovitch Kerenski (1881-1970) foi um advogado trabalhista. Foi ministro da Justiça no governo provisório formado pelo príncipe Lvov após a abdicação de Nicolau II, em 2 de março de 1917, em favor de seu irmão, o grão-duque Miguel. Após a demissão deste (no dia seguinte), tornou-se ministro da Guerra em maio e primeiro-ministro e comandante em chefe dos exércitos em julho do mesmo ano. Em maio de 1918, embarcou em Murmansk para Londres, a fim de se radicar nos Estados Unidos.

[b] Na noite de 25 de outubro, o Comitê Revolucionário tomou de assalto o Palácio de Inverno, onde o governo provisório se encontrava entrincheirado. Às 14h35 teve início a sessão extraordinária do soviete dos deputados operários e soldados de Petrogrado. Na ocasião Trótski declarou que o governo provisório havia sido derrubado, que o Parlamento fora dissolvido e os prisioneiros, libertados. Cabogramas comunicando a extinção do antigo poder foram enviados ao exército no campo. Recebido com entusiasmo, Lênin, fora de cena desde julho, finalmente apareceu. “Camaradas! A revolução operária e camponesa, cuja necessidade os bolcheviques explicaram incansavelmente, está consumada!” (Cf. Dimitri Volkogonov, *Staline, triomphe et tragédie…*, Paris, Flammarion, 1991, p.39.) Após a adoção do novo calendário, que apresentava uma defasagem de treze dias, o 25 de outubro – data histórica – passou a ser comemorado em 7 de novembro.

[c] Abel Safronovitch Enukidze era membro do Presidium do Comitê Central executivo.

[d] Em 8 de maio de 1920, as tropas polonesas e ucranianas petliuristas, sob o comando de Pilsudski, entram em Kiev. Em julho, o Exército Vermelho investe contra Varsóvia. À sua frente, Tukhatchevski declara: “A revolução mundial passará sobre o cadáver da Polônia.” A batalha de Varsóvia (13-19 de agosto de 1920) é um golpe desferido contra a progressão da Revolução na Europa Oriental. Os grandes vencedores são Pilsudski e o general Weigand, delegado do alto-comando aliado. O grande perdedor é Lênin. (Cf. *La Guerre polono-soviétique de 1919-1920*, Paris, Institut d’Études Slaves, 1975.)

[e] Ele agrupa então à sua volta diversos homens de confiança, que logo associam as carreiras à sua: Molotov, Kaganovitch, Mikoian. Formou também seu próprio gabinete “secreto”, tendo Ivan Tovstukha como principal assessor. Havia também Boris Bajanov (que se refugiou no Ocidente em 1928), Lev Mekhlis, Gricha Kanner, Aleksandr Poskrebytchev.

[f] Em sua “Carta”, Lênin lembrava o passado não bolchevique de Trótski, bem como os erros cometidos em outubro de 1917 por Zinoviev e Kamenev, que, em sua opinião, não haviam sido acidentais.

5. Entre vitórias políticas e reveses familiares

Uma família como as demais

Após a morte de Lênin, Nadejda Alliluyeva deixou o secretariado do Conselho dos Comissários do Povo e trabalhou por um tempo na redação da revista *Revolução e Cultura*, que era um suplemento do *Pravda*. Ali permaneceu até 1929, data em que começou a cursar a recém-criada Academia Industrial, terminando por especializar-se em fibras artificiais. Embora não cuidasse diretamente dos filhos, tentava, bem ou mal, criar uma atmosfera de família para Stálin. Nem por isso deixava de se sentir dividida entre seu senso do dever familiar, a necessidade de trabalhar e a indispensável formação profissional que os novos tempos exigiam. “Lamento que a família me pese tanto”, escrevia ela a Maria Svanidze (ex-cunhada de Stálin, que se tornara sua grande amiga) em 11 de janeiro de 1926, quando estava grávida de Svetlana. “Em nossa época isso não é fácil, pois há uma penca de novos preconceitos. Se não trabalhamos, somos ‘preguiçosas’, ainda que julguemos o trabalho sem qualificação desprovido de interesse. Se eu me dedicasse agora à minha família, não poderia pensar na formação profissional …. Você não pode imaginar como é difícil executar qualquer tipo de trabalho tendo apenas o salário como objetivo. É imprescindível ter uma especialização para evitar virar uma faz-tudo, o que acontece muito no trabalho de uma secretária.”[1]

Em 28 de fevereiro, nasceu Svetlana. “Dei à luz uma bonita menina que chamamos Svetlana”, escreveu Nadia à sogra em 14 de abril de 1926, emendando: “Iosif está muito ocupado, cansado e doente.”

Com efeito, Stálin tinha problemas numa perna e reumatismo articular no braço. Foi esta, por sinal, a razão pela qual esteve frequentemente de licença durante essa segunda parte dos anos 20. Cuidava dos males contraídos nas prisões e locais de deportação, e de seu corpo fatigado pela guerra civil. Em julho de 1925, dirigira-se a Sotchi; como sempre, sua mulher o acompanhou

nessa viagem. “Estou curado”, ele escrevera a Molotov em 1º de agosto de 1925. “As águas de Matsesta, perto de Sotchi, são eficazes contra a esclerose, os nervos, a gota e o reumatismo.” Em maio e setembro de 1926, retornou a Sotchi. Em sua correspondência com Molotov, dedicada exclusivamente às questões políticas, aludia a seus problemas de saúde. “Melhorei um pouco, mas meu braço continua doendo.” Em julho de 1927, partiu novamente para se tratar. “Estou doente, acamado, por isso escrevo-lhe uma carta breve.”[2] Suas mazelas físicas não o impediam de trabalhar e, sobretudo, de lutar pela sucessão de Lênin. Em seguida, ele suspendeu essas estadas em Sotchi e passou a desfrutar de seu tempo de lazer em sua datcha de Zubalovo.

A alegria reinava nessa *villa* ensolarada e sempre cheia de convidados. O alvoroço causado pelas crianças era ininterrupto e na época Stálin levava a vida tradicional de um chefe de família. Mais tarde, após a morte de Nadejda, as crianças, os parentes próximos e os avós Alliluyev continuarão na casa. Em Zubalovo, os pais de Nadia continuaram tendo um quarto; Stálin respeitou-os até o fim de suas vidas, ainda que, após 1937, tenha evitado encontrá-los o máximo possível. Nos anos 20, contudo, a família inteira estava presente. Reunia-se para almoçar ao redor de uma mesa armada na floresta. Confraternizava nos aniversários. Uma família feliz, cercada de amigos: foi a imagem que o casal Stálin e Alliluyeva deixou de seus primeiros anos de vida comum.

Os mais próximos de Stálin, os que ele via constantemente na época, eram Abel Enukidze – amigo de juventude georgiano e padrinho de Nadia –, Molotov, Vorochilov, Ordjonikidze, Mikoian e as famílias Svanidze e Alliluyev. Com o passar do tempo, outros companheiros de Stálin se juntarão ao círculo de íntimos: Kaganovitch, Bukharin, Kirov e, às vezes, o lendário chefe da cavalaria vermelha, Semion Budienny, que aparecia aos domingos com seu acordeão. À mesa, à sua direita, Stálin colocava sempre seu sogro. Nadia convivia com as mulheres dos colaboradores de Stálin sem com isso considerá-las verdadeiras amigas: Paulina Semionovna Jemtchujina (mulher de Molotov, talvez sua preferida), Dora Moisseievna Khazan (mulher de Andreiev), Maria Markovna Kaganovitch, Esther Issaievna Gurvitch (segunda mulher de Bukharin). “Em Moscou, não vejo ninguém”, escreve ela a Maria Svanidze em 1926. “Às vezes, isso me parece estranho, após tantos anos. Não tenho amigos chegados; isso talvez dependa do caráter de cada um. Curioso, sinto-me melhor com as pessoas que não estão no Partido (mulheres, naturalmente). Isso talvez se explique pela simploriedade desse pessoal.”[3]

Na primeira parte dos anos 20, quando o casamento com Nadejda ainda parecia sólido, Stálin arranjava tempo e tinha prazer em fazer melhorias na

datcha de Zubalovo, a despeito de suas preocupações políticas – estabilizar o regime soviético e consolidar seu próprio poder. Mandou derrubar as árvores que a cercavam para que a casa ficasse mais iluminada. Transformou a velha moradia numa residência moderna e agradável. O primeiro andar era reservado a ele e à mulher; crianças, parentes e convidados instalavam-se no térreo. Bosques, bétulas, um terreiro, uma colmeia, pés de framboesa e morango davam ao lugar um charme campestre que o dono da propriedade cultivava regularmente e com esmero.[4] Um universo aparentemente protegido e sereno, onde as cenas pastorais ornamentavam o lazer: colheita de cogumelos e frutas, corte do feno, eliminação das ervas daninhas. Stálin dedicava-se com certo prazer a esses trabalhos de jardineiro diletante. Nadia, por sua vez, construía uma área de recreação para as crianças: um gramado com um balanço e uma pequena cabana. Stálin instalou também uma sala de bilhar, seu jogo preferido, no qual formava quase sempre dupla com seu cunhado Pável para assegurar a vitória.[5] Entretanto, na maior parte do tempo, mesmo em férias, dedicava-se à leitura e ao trabalho. E, reminiscência georgiana, gostava de demorar-se horas à mesa com seus convidados. Com o tempo, seria ali que decidiria o destino do país, julgando, dissertando, conspirando… o que também era trabalho. Na realidade, nunca tirava férias de fato, e a própria noção de descanso lhe era estranha.

Durante esses anos 20, todos se tratavam informalmente. Passavam todas as noites e fins de semana juntos, na casa de um ou de outro. Nenhuma hierarquia existia entre eles, muito menos bajulações e subserviência. Cada um dizia o que pensava, às vezes até com violência.

ANTES ATÉ DE COMEÇAR seus estudos, Nadejda já estava constantemente ocupada. Seu trabalho na revista, sua ação militante e sua vida conjugal deixavam-na quase invisível para os filhos. Também trabalhava para o marido, a quem ainda amava de todo o coração, datilografando seus artigos. Finalmente, era ela que administrava seu magro orçamento nos primeiros anos: nenhum supérfluo, muito menos artigos de luxo; o estafe administrativo veio mais tarde, na segunda parte dos anos 20.

Mesmo quando pôde dispor de mordomias, Nadia manteve um padrão de vida modesto, recusando o automóvel com chofer, usando sempre o transporte coletivo lotado, vestindo-se de maneira sóbria; poucos dos que conviviam com ela sabiam que era a mulher de Stálin. Sempre recusou o papel de primeira-dama do país. Nunca usou o nome de Stálin, preferindo manter o de solteira. Severa, reservada, retraída, agradava e intimidava às vezes. Na primeira parte dos anos 20, todos os depoimentos concordam quanto ao amor profundo, por vezes

ciumento, que Nadia dedicava ao marido. À sua maneira, Stálin amava-a também. Foi sempre monogâmico, ainda que não indiferente aos encantos de determinadas mulheres.[6]

O primeiro grupo

Nessa época, Stálin frequentava ao mesmo tempo os pais de sua primeira mulher, os Svanidze, e os de Nadejda, os Alliluyev. Nadia era muito ligada à primeira família do marido. Simpatizava com as irmãs de Ekaterina e com o irmão, Aleksandr Semionovitch, conhecido como Aliocha, seu nome de clandestinidade. Nadia era particularmente amiga da esposa deste, Maria Anissimovna, que as crianças também chamavam de Marussia. Vinda de uma rica família judia de origem espanhola, quando conheceu Aliocha cantava na ópera de Tíflis. Aliocha continuava acima de tudo o amigo de juventude de Stálin, seu colega no seminário de Tíflis e aquele que lhe apresentara Kato, sua irmã, a primeira esposa a quem ele tanto amara. Bolchevique de primeira hora, pertencia à velha guarda dos comunistas georgianos; conhecera os tormentos da clandestinidade e do exílio. Estudara na Alemanha, na Universidade de Iena, e era poliglota. Após a Revolução, trabalhara como auxiliar no comissariado popular das Relações Exteriores da URSS e, em 1921-22, tornara-se comissário popular para as Finanças da Geórgia e Transcaucásia. Durante os anos 20 e 30, ocupou diferentes postos nos ministérios das Relações Exteriores, Finanças ou Comércio Exterior. Morava e trabalhava com frequência no exterior. Londres, Genebra, Berlim. Era um marxista culto, de formação ocidental.[7] Ele e Maria formavam um belo casal, elegante, distinto e sedutor. Casaram-se em 1921 em Tíflis. Maria era viúva e tivera um filho do primeiro casamento, Anatoli, que toda a família chamava de Tolia. Mais tarde, terão outro filho – que batizariam de John Reed, em homenagem ao famoso jornalista americano. Tinham uma datcha em Zubalovo, como a família de Pável Alliluyev e a de Mikoian. Até o fim de 1937, Aliocha foi um dos íntimos de Stálin não só como membro de sua família, mas como político e especialista em questões financeiras. Stálin os apreciava e considerava íntimos. A opinião de Aliocha e Maria sobre a vida cotidiana russa tinha um certo peso para ele.[8]

As irmãs Svanidze também eram presentes: Mariko, secretária de Enukidze, e Sachiko, que, embora vivesse na Geórgia, fazia frequentes visitas a Moscou, hospedando-se tanto na casa do ex-cunhado como na dela.

Os Alliluyev formavam o outro ramo próximo da família. Além dos pais de

Nadia, havia os irmãos. Anna, mais velha, casada desde 1919 com Stanislav Redens, bolchevique de origem polonesa, que havia feito carreira na Tcheka e era um colaborador próximo de Dzerjinski, seu fundador. Desde o fim da guerra civil, ocupava cargos importantes na Tcheka, na Ucrânia. Nos anos 20, o casal morava em Carcóvia, onde nasceram seus filhos Leonid, em 1928, e Vladimir, em 1935.

Fiódor, irmão caçula de Nadia, enlouquecera após ter feito brilhantes estudos em matemática. Era a herança esquizofrênica da família de Olga, que também sofria de distúrbios psíquicos.[9] E Fiódor era mais propenso que as outras crianças. Em consequência de um choque recebido durante a guerra civil, mergulhou numa crise de nervos ainda muito jovem. Viverá, contudo, até os sessenta anos, sempre convivendo com enfermidades, embora devorando livros e escrevendo incessantemente artigos sobre assuntos de toda espécie. Recebia uma pensão. Stálin sentia compaixão por aquele homem problemático, mas evitava encontrá-lo.[10]

De toda a sua família, Nadejda preferia Pável, seu irmão mais velho, casado desde 1919 com Evguenia Aleksandrovna Zemlianitsina, uma bela jovem de Novgorod. Elegante, espirituosa e culta, essa loura alta de olhos azuis e maçãs do rosto salientes, atrevida, inteligente e cheia de vida, encantou Stálin, que não era indiferente a seu caráter aberto, sincero e corajoso. Em sua juventude, fizera teatro, com certo talento. Teve três filhos: Kyra, nascida em 1919, Serguei e Aleksandr, nascidos em Berlim em 1928 e 1931, respectivamente.

Nadejda identificava-se com o irmão, que efetivamente era muito parecido com ela, embora mais conciliador. Só desabafava com ele, seu grande confidente. Ele participara da guerra civil e trabalhava no Estado-maior da Academia Militar, com a patente de general. No fim dos anos 20, foi nomeado adido militar na embaixada soviética na Alemanha. Morou com a família em Berlim até meados dos anos 30. Segundo sua filha Kyra, Stálin, com ciúme dessa cumplicidade, afastou-o da irmã. Nessa época, porém, todos formavam uma grande família unida, gravitando em torno de Stálin, espécie de chefe de clã – que, apesar de russificado, ainda preservaria bem enraizados os costumes georgianos segundo os quais a família organizava-se em torno de um chefe, a quem ela devia fidelidade e devotamento total. Para todos, Stálin era um parente amado a quem podiam permitir-se dizer tudo e que podiam criticar, caso necessário. E, pelo menos até meados dos anos 30, ele os escutava.

Em 1926, imediatamente após o nascimento de Svetlana, Nadia pegou as crianças e deixou bruscamente o marido, indo refugiar-se na casa dos pais, em

Leningrado. O que acontecera? Tradicional depressão pós-parto? Excesso de solidão devido à união com um marido eternamente ocupado? Rompante de seu caráter irascível? Tratava-se acima de tudo de um drama humano resultante do choque entre dois temperamentos intransigentes. Qual dos dois era mais intransigente?, perguntavam-se Olga e Anna.[11] Esta foi a primeira fissura na vida do casal, embora, na véspera do nascimento de Vassili, Nadia já houvesse desaparecido por alguns dias sem deixar rastro. Stálin cedeu e telefonou para a mulher, pedindo-lhe insistentemente para voltar.[12] Dois meses depois da segunda evasão, pressionada pelos pais, solidários a Stálin, ela retornou. Tudo pareceu entrar nos eixos. Em 24 de dezembro, ela escrevia à mãe de Stálin como se nada houvesse acontecido: "Bom dia, querida Keke. Obrigada pelos presentes. Iosif ficou muito contente, pois adora seus doces. Estamos bem. Iosif adoeceu esses dias, teve uma gripe, com tosse. Agora tudo passou. Sente-se bem. Não pôde escrever a carta que a senhora tanto esperava. As crianças vão bem…"[13] Iacha continuava aprontando: encontramos nas cartas de Nadejda dirigidas à velha Ekaterina as mesmas recriminações contra ele: "preguiçoso", "não muito capaz", "um professor trabalha com ele diariamente para que ele consiga entrar na universidade" etc. Ela encampou as exigências de Stálin. Ele compreendera mal esse filho, que em seguida provará seu caráter e coragem. Por enquanto, Iakov continuava a enfrentar dificuldades na escola. "Perdi toda a esperança de que um dia ele venha a ser razoável. Ausência total de qualquer interesse e objetivo. Uma coisa verdadeiramente inexplicável. É muito triste e desagradável para Iosif (não conte para ele), que mostra-se bastante abalado com isso. Não há nada a fazer", escrevia ela a Maria Svanidze.[14]

Dessa época, entretanto, Iakov transmitia a impressão de um rapaz modesto, honesto, tímido, benevolente, que não tolerava a menor crítica a seu pai em sua presença.[15] Sempre em paz com todo mundo, gostava de jogar xadrez – e era excelente, ganhando todos os torneios quando estava na universidade.

STÁLIN E NADEJDA CONTINUAVAM a se amar, vigiando-se e sentindo ciúmes recíprocos: ela, abertamente; ele, em segredo. "Amando-se e temendo perderem-se, torturavam-se. Nessa luta constante, foi Nadia a primeira a sucumbir."[16]

Segundo os depoimentos da família, o amor devorador que ela sentia pelo marido ocupava todo o seu espaço afetivo, deixando-lhe pouco tempo para os filhos.[17]

O homem ponderado

No ardor das lutas cada vez mais numerosas, tanto pela sucessão de Lênin quanto com relação à linha política que seria adotada, Stálin – e esta foi uma das chaves de seu sucesso final – era visto pela maioria dos membros do Partido, certo ou errado, como um homem ponderado.[18] Soube encontrar as palavras necessárias para conciliar os extremos que se exprimiam aqui e ali. As respostas que dava ao clamor que o circundava eram impregnadas de bom senso. Nenhuma exacerbação: apenas equilíbrio. Mais tarde, no fim da década de 20, ele perdeu essa qualidade. A lógica do regime e a evolução real do país fizeram-no mais de uma vez abandonar o "centro da estrada" e derrapar para o terror. As revoluções nunca são feitas no centro. Stálin não fugiu à regra, ainda que, no início de sua carreira, houvesse optado por soluções consensuais. Passou bruscamente de um extremo a outro, "ora à direita da direita, ora à esquerda da esquerda". "Suas reviravoltas periódicas e repentinas são os esforços convulsivos de um homem de centro para manter o equilíbrio no âmago dos cataclismos de sua época. O que surpreende é a forma como ele soube manter esse equilíbrio, pois, a cada uma das guinadas que dava, qualquer chefe de qualquer setor teria soçobrado."[19]

Apenas um ano se passara desde a morte de Lênin e Stálin já conseguira, ajudado por Zinoviev e Kamenev, com quem formou um triunvirato, provocar a demissão de Trótski do cargo de comissário para a Guerra.[a] Contudo, também nesse caso, o homem de centro mostrou-se apaziguador. Zinoviev exigia represálias duríssimas contra Trótski, chegando a pedir sua prisão, mas Stálin discordou. Por ocasião do XIV Congresso do Partido, em dezembro de 1925, explicou sua posição: "Não concordávamos com os camaradas Zinoviev e Kamenev porque nos demos conta de que a política de cortar cabeças implicava maiores perigos para o Partido …. É um método sanguinário – e é sangue que eles pedem –, perigoso e contagioso; hoje fazemos cair uma cabeça, amanhã outra, depois uma terceira. Quem sobreviveria no Partido?"[20]

Além disso, Stálin sabia trabalhar a base do Partido, estruturar seu aparelho, formar seus quadros. Era mais acessível, para os responsáveis locais e militantes, que os demais dirigentes. Sabia escutar, detinha-se nos problemas das regiões e jurisdições. Era aberto e disposto a resolver tudo. Sempre isolado num canto da sala durante os congressos e conferências, fumava calmamente seu cachimbo, conversando com todos aqueles que desejassem expor-lhe seus problemas. Tornou-se o líder bolchevique mais confiável, deixando em todos os seus interlocutores uma profunda impressão de simplicidade e bom senso. Seus discursos eram otimistas e apaziguavam os temerosos.

Soube desde então criar uma organização sua, verdadeira máquina de poder

através da qual era mantido a par de tudo o que acontecia em todos os setores da economia, incluindo as relações exteriores. A densa rede dos secretários do Comitê Central e de seus colaboradores, escolhidos tanto pela fidelidade quanto pela competência, permitiu-lhe recrutar na província o seu pessoal, que em seguida ele trouxe para a metrópole.

Uma vez eliminado Trótski, Stálin pôs fim à associação com Zinoviev e Kamenev. Tornou-se, a partir de 1925, o senhor incontestável do partido, embora a direção permanecesse colegiada e a oposição ainda pudesse exprimir-se. Por ocasião da controvérsia sobre a oportunidade da "revolução permanente", no outono de 1924, ele lançara a tese do "socialismo num único país", que, a despeito de não excluir a perspectiva da revolução mundial, dava uma resposta imediata às incertezas do momento e aos temores da maioria dos comunistas. A Rússia, pensava Stálin, primeiro país a fazer uma revolução proletária na História, podia, mesmo sem ajuda externa e malgrado seu isolamento, realizar, ao custo de grandes sacrifícios, uma nova revolução, a da edificação de uma sociedade socialista. Essa revolução seria a sua.

Para a etapa seguinte, Stálin procurou o apoio de Bukharin, Rykov e Tomski – a ala direita do Partido, que aceitava sua tese do "socialismo num único país". Isso não significava que partilhasse suas posições. Eles eram a favor de um processo evolutivo e pretendiam estimular a empresa privada, sobretudo no campo, a fim de criar uma classe média rica, ao passo que Stálin continuava a favor de um processo de caráter revolucionário. Por outro lado, defendeu seu aliado momentâneo, Bukharin, nos mesmos termos com que defendera Trótski. Quando Zinoviev e Kamenev acusaram Bukharin de abandonar a herança de Lênin, Stálin respondeu: "Por que essas difamações injustificadas contra Bukharin continuam? Estão pedindo o sangue de Bukharin? Não lhes daremos esse sangue."[21]

Assim que o contexto político mudou, Stálin abandonou seus novos aliados por outros ainda mais contemporizadores e, sobretudo, mais devotados à sua pessoa: Molotov, Vorochilov e Kalinin. Com essas alianças, o que estava em jogo era a NEP, sua essência, seu futuro. A Nova Política Econômica, implantada por Lênin em 1921, começava a perder o fôlego. Deveriam continuar nesse caminho? Ir adiante ou, ao contrário, refrear o passo? A economia mista valorizada pela NEP, o desabrochar da empresa privada, do comércio e da pequena indústria em detrimento do setor socialista/estatal, levantava problemas ideológicos e econômicos. Enquanto Bukharin preconizava uma cooperação e uma evolução harmoniosa dos dois tipos de economia, Trótski, Zinoviev e Kamenev declaravam imperioso e urgente desenvolver a indústria pesada,

melhorar as condições de vida dos operários e dar um basta ao enriquecimento vertiginoso dos *kulaks*, os grandes agricultores. O país encontrava-se num beco sem saída. Stálin estava dividido entre sua ortodoxia bolchevique e a pertinência da politica pró-mujique de Bukharin. Tentou, num primeiro momento, encontrar uma posição intermediária, para em seguida passar bruscamente a uma política radical.

Após haver afastado Zinoviev da direção do Partido em Leningrado, em dezembro de 1925, e colocado em seu lugar o amigo Kirov, em outubro seguinte expulsou Trótski do Politburo e destituiu Zinoviev da presidência da Internacional comunista.

Em 7 de novembro de 1927, por ocasião dos festejos do 10º aniversário da Revolução de Outubro, Trótski e Zinoviev organizaram um cortejo à parte de seus partidários nas ruas de Moscou e Leningrado. Era demais: o Partido e seu secretário-geral não aceitaram que a oposição fosse tão longe. Trótski e Zinoviev foram expulsos do Partido e o XV Congresso, em dezembro, proibiu toda forma de oposição. Trótski, cuja facção se recusou a submeter-se às exigências do Comitê Central, foi deportado para Alma-Ata.[b]

Stálin vencera porque a maioria dos bolcheviques desejava então uma política monolítica, a fim de liquidar as múltiplas correntes que dividiam o Partido depois da morte de Lênin.

Sua associação com a direita – Bukharin, Rykov e Tomski – terminou com a derrota de seus adversários comuns. Seus sucessivos oponentes tentaram então, a fim de represar sua marcha inelutável para o poder total, ressuscitar o testamento de Lênin. Em 23 de outubro de 1927, durante o último confronto entre Stálin e Trótski, este último fez nova menção à "brutalidade" (*grubost*) de Stálin, que Lênin condenara. Ao responder, Stálin lembrou por sua vez as recomendações de Lênin concernentes a Trótski, descreveu a repercussão dos fatos de 1924 no Comitê Central e como as coisas de fato aconteceram: "Pedi … [ao] Comitê Central para me dispensar de minhas funções de secretário-geral. O próprio Congresso discutiu a questão … [todos] se juntaram para *intimar* Stálin a permanecer no cargo …. Nessas condições o que eu poderia fazer? Abandonar o cargo? Não é do meu caráter …. Um ano depois pedi novamente ao plenário para ser liberado, mas novamente me obrigaram a ficar. O que me restava fazer?"[22] Lênin criticava na época apenas as falhas de caráter de Stálin, não suas posições políticas – o que permitiu a Stálin acrescentar: "Ele fala apenas da brutalidade de Stálin. Ora, a brutalidade não é, nem pode ser, um vício na linha ou na posição política de Stálin."

Por ocasião da primeira plenária do CC, após o XV Congresso, Stálin

ofereceu mais uma vez sua demissão como secretário-geral a fim de cumprir o desejo de Lênin: “Penso que, até recentemente, determinadas circunstâncias levaram o Partido a necessitar de mim nesse posto, porque sou uma pessoa suficientemente brutal nas relações para constituir um antídoto à oposição… Agora, a oposição foi não apenas esmagada, como também expulsa do Partido. E temos sempre a recomendação de Lênin, que, a meu ver, deveria ser aplicada. Eis por que peço à plenária que me exonere de meu posto de secretário-geral. Asseguro-lhes, camaradas, que o Partido tem tudo a ganhar com isso.” Sincero ou não, manobra tática ou desejo real de uma retirada provisória, certo é que Stálin queria acabar de uma vez por todas com aquela história de “Testamento”. Sua proposta foi rejeitada por unanimidade, com uma abstenção. De qualquer maneira, ele triunfara: foi a última vez que uma instância do Partido abordou oficialmente esse documento de Lênin.

NO FIM DE 1927, as cidades da Rússia viam-se ameaçadas pela fome. Em janeiro de 1928, o Politburo decretou medidas de emergência: batidas nos campos para confiscar as colheitas escamoteadas e buscas a fim de obrigar os *kulaks* a ceder o trigo. Em junho, novas medidas de emergência foram anunciadas. No mês seguinte, Stálin pediu ao Partido que “fosse firme com os *kulaks*”,[23] e os funcionários que se opuseram foram exonerados. Os descontentes de todas as tendências tentaram unir-se contra o secretário-geral, que, conforme conseguia suas vitórias, deixava pelo caminho seus aliados de ontem, para em seguida marginalizá-los e, por fim, expulsá-los. “Ele nos estrangulará”, resmungava Bukharin para Kamenev, que ele tentava cooptar desde o dia seguinte ao seu rompimento com Stálin, em 11 de julho de 1928. “É um intrigante sem princípios que subordina tudo a seu apetite de poder…”[c] – e terminava comparando Stálin a Gêngis Khan. Tarde demais! Ninguém podia mais nada contra o secretário-geral.

Stálin controlara seus sucessivos oponentes, mas seu rival mais perigoso continuava sendo Trótski. Em 18 de janeiro de 1929, propôs ao Politburo expulsá-lo da URSS. A proposta foi aceita, apesar dos protestos de Bukharin. Quando Bukharin, Rykov e Tomski coligaram-se finalmente a Stálin antes do fim de 1929, este último tornou-se o soberano absoluto do Partido e do Estado.

Em dezembro desse mesmo ano, seu quinquagésimo aniversário, celebrado como uma festa nacional, consagrou sua vitória. Chegaram presentes de todos os cantos do país. A imprensa festejou o acontecimento com grandes manchetes e panegíricos. Uma biografia oficial foi publicada para a ocasião. Os muros das cidades estavam cobertos com seu retrato, as praças com seus bustos, ruas foram

batizadas com seu nome. “Stálin é o Lênin de hoje.” Ele ganhara. Agora era ele o *Vojd*.

Esse culto, que sequer existia meses antes, além da confirmação de uma vitória, serviu-lhe de para-raios contra as tempestades vindouras.[24] Tendo compreendido há muito tempo o lugar do czar no imaginário coletivo do povo, Stálin tentou, tão logo assenhoreou-se do poder total, substituí-lo. A coletivização forçada do campo e a industrialização intensa na cidade, que ele deflagrou em 1929, não podiam resultar senão em abalos cataclísmicos. Tais atitudes só podiam ser tomadas por um chefe amado, venerado e temido.

Um teórico contestado

Os clichês apresentando Stálin como teórico pífio e excelente administrador duraram pouco. A realidade era mais complexa: sem ser um intelectual, ele não deixava de ser um doutrinário. Em 1921, durante uma passagem por Naltchik, onde tratava seu reumatismo, Stálin debruçara-se sobre a estratégia e tática dos comunistas russos. Os rascunhos e anotações que fez na época resultaram em textos que viriam a se tornar fundamentais. Escreveu um ensaio, “O Partido antes e depois da tomada do poder”, publicado em 28 de agosto de 1921 no *Pravda*, depois outro, intitulado “A respeito da estratégia e da tática dos comunistas russos”, publicado no mesmo jornal em 14 de março de 1923. Por fim, sua obra mais importante, *As bases do leninismo*, foi extraída de uma série de conferências pronunciadas em 1924 na universidade do Partido, batizada de Sverdlov. Esse pequeno opúsculo transformou-o num dos principais ideólogos bolcheviques.

Sua sistematização do pensamento de Lênin por meio de um manual era um exemplo de seu método de interpretação e, além disso, do modo de difusão das próprias ideias. Esse texto foi “a contribuição mais importante de Stálin à torrente de documentos sobre Lênin e seu pensamento publicados pelo Partido após sua morte… Outros antes dele, como Bukharin e Zinoviev, haviam tentado apresentar a essência do leninismo como uma nova fase no desenvolvimento do pensamento marxista. Mas foi o livro de Stálin o mais bem-sucedido.”[25] “Era a obra um tanto pesada de um professor de leninismo com perfeito domínio de seu tema e com sólidas opiniões, que ele sabia defender como ninguém. Para melhor ou para pior, Lênin encontrara um homem capaz de extrair um sistema de sua obra teórica.”[26] A partir de então, Stálin teve apenas um objetivo: ser o discípulo de Lênin.

Mago da política, soubera, nesses anos 20 tumultuosos e semeados de emboscadas, dar aos bolcheviques o que a maioria deles esperava. Ele simbolizava as exigências do Partido a ponto de se confundir com ele.

Primeiras cisões

Enquanto Stálin avançava de forma inelutável para um poder cada vez mais absoluto – sem ser ainda, em 1928-29, o ditador que reinou mediante o terror entre 1936 e 1939 e no período que se seguiu –, sua vida privada deteriorava-se lentamente. Difícil datar o momento de ruptura e fazer a ponte entre sua parte de culpa – um homem cuja batalha pelo poder e credo revolucionário ocupavam a maior parte do tempo e da mente – e o que devia-se à sua mulher. Nas frequentes licenças que tirava para tratar seu reumatismo e seus pulmões frágeis, Nadia estava sempre com ele. Foi assim até 1929, quando ela ingressou na universidade, e mesmo depois. Apesar da falta de documentos reveladores, causas políticas[27] foram evocadas como raízes da crise do casal. Talvez ela tivesse cada vez mais dificuldade para acompanhar a carreira escarpada do marido, mas, para essa filha de velho bolchevique adaptada aos costumes de seu tempo, o contexto político não podia ser motivo para um rompimento. Nadia tinha ambições próprias, e Stálin respeitava suas escolhas. Ela estava a par de tudo, mas só interferia junto a ele para apontar a vida difícil de seus concidadãos, seu cotidiano penoso, ou uma injustiça menor da qual fora testemunha. As poucas cartas de que dispomos sugerem que, na época em que seu casamento se estilhaçava, cada um tentava de seu lado travar o processo de desgaste e mal-estar que, imperceptivelmente, começara a manifestar-se a partir da virada dos anos 30.

Além dos problemas conjugais, Stálin tinha discussões e preocupações com os filhos. Quando o casal saía de férias, ele deixava-os nas mãos das governantas e babás. Karolina Vassilievna Till, uma alemã da Letônia, cuidava do apartamento do Kremlin, administrava sua rotina, as refeições, o lar, as compras, e Natalia Konstantinovna servia de governanta para as crianças. Vassili também tinha um preceptor, Aleksandr Ivanovitch Muraviov. A mãe acompanhava de longe a evolução de sua prole com autoridade e intransigência. “Era uma mãe severa e exigente”, lembra-se Svetlana, “que não nos fazia nenhum carinho. Mamãe era impiedosa.” Lendo a correspondência Stálin/Alliluyeva, ele parece mais afeiçoado aos filhos que a mãe. Nessa época, era ele que intervinha para secar as lágrimas e consolar, sobretudo a filha, sua favorita. ‘Meu pai me tomava

sempre nos braços, não parava de me dizer que me adorava, me beijava, multiplicava os apelidos afetuosos: ‘meu pardalzinho’, ‘minha mosquinha’… Não aguentava escutar uma criança chorar e gritar. Mamãe censurava-o, dizendo que ele me estragava.”[28]

Um primeiro drama familiar, no entanto, eclodiu em abril de 1928. Iacha tentou o suicídio depois que o pai recusou-se a autorizar seu casamento com Zoia, uma moça que morava em Leningrado. Stálin considerava o filho jovem demais para fundar uma família e, não tendo concluído os estudos, carente de formação. Após uma briga com o pai, Iakov tentou matar-se com uma bala de revólver na cozinha de seu apartamento do Kremlin, saindo apenas ferido. Stálin fulminou: “Diga de minha parte a Iacha”, escreve à mulher em 9 de abril, “que ele agiu como um patife e um chantagista, com o qual não tenho e não posso ter nada em comum. Que ele more onde quiser e com quem quiser.”[29] E Iacha partiu para fazer o que queria – sinal de que não era tão fraco quanto pensava o pai. Mudou-se para Leningrado, casou-se e começou a trabalhar. Stálin pedira a Kirov para vigiá-lo discretamente.[30] Logo em seguida, Zoia deu à luz uma filha, Galina. O bebê não viveu nem um ano, e o primeiro casamento de Iacha desfez-se em virtude desse infortúnio. Retornou em seguida a Moscou e reconciliou-se com o pai. Dessa vez, com sua anuência, matriculou-se no Instituto dos Transportes. Almejando seguir uma carreira militar, também assistia a aulas noturnas, entrando mais tarde, no quarto ano, na faculdade da Academia de Artilharia do Exército Vermelho.[31]

NADIA SEGUIA SEU CAMINHO. Independente, continuou a encontrar-se com Bukharin, mesmo após seu rompimento político com Stálin. Em 1927, comparecera ao enterro de Joffé, eminente diplomata amigo de Trótski, que se suicidou quando a luta contra a oposição estava no auge. Isso não significava que era uma oponente, e sim que desejava distinguir-se do marido, mostrar sua autonomia, e Stálin não parece tê-la repreendido.

Desde que se matriculara na Academia Industrial, ela tinha mais trabalho e menos tempo para cuidar do marido e, sobretudo, dos filhos. Stálin, no entanto, não se opusera a tal iniciativa. Pelo contrário. De junho a agosto de 1929, haviam passado férias em Sotchi: além das doenças que o atormentavam havia anos, Stálin tratava nesse verão uma pneumonia e um estertor nos pulmões. Sua velha tosse voltara. No fim de agosto, Nadejda deixara-o sozinho e retornara a Moscou a fim de prestar os exames para a faculdade. O tom da carta que lhe enviou assim que chegou em Moscou é confiante e caloroso: “Como vai sua saúde, melhorou…? Viajei preocupada. Escreva sem falta. Segunda-feira, 2 de

setembro, tenho uma prova de matemática; dia 4, de geografia física e dia 6 de russo. Admito que estou bastante ansiosa… É por isso que não quero fazer nenhum plano. Quando souber de tudo, escreverei e você me aconselhará sobre a maneira de empregar o tempo…” No mesmo estilo, informa-o das condições climáticas em Moscou, diz que não vê ninguém mas que soube que Górki também irá a Sotchi. “Talvez ele vá visitá-lo, pena eu não poder estar aí. É um prazer escutá-lo.” E conclui num tom protetor, solícito e afetuoso: “Insisto para que se cuide. Beijo-o carinhosamente como você me beijou quando nos despedimos. Sua Nadia.” (Carta de 22 de agosto de 1929.) Essa não parece a carta de uma oponente política nem de uma mulher que se sente abandonada, menos ainda de uma esposa apaixonada por outro.

Stálin, na resposta, interessava-se por seus estudos, seus exames, seus resultados. “Tateka! Os negócios que vão para o diabo… Quando tiver seis-sete dias livres, venha diretamente para Sotchi. Como vão os exames? Beijo minha Tateka.” (Carta de 1º de setembro de 1929.) Não esqueçamos que se trata de um homem doente, no auge do poder, que está em vias de jogar seu país no sangue e no fogo, desencadeando a coletivização forçada da agricultura. Toda a sua correspondência é recheada de banalidades porque o relacionamento entre ambos é banal. Ela, esposa de um homem prestes a tornar-se o novo czar, conta-lhe com toda a simplicidade seus problemas de transporte, descreve as filas que se formam em Moscou para comprar leite e tenta timidamente interceder em favor de seu irmão Fiódor, do qual sente pena. Há alguma coisa de tocante nessas missivas triviais. Para ela, Stálin é um recurso, uma espécie de protetor a quem ela diz o que funciona e o que não funciona. “Em geral, não tenho sorte. Por exemplo, eu precisava estar na Academia Industrial às 9h da manhã. Saí às 8h30, o bonde enguiçou. Esperei o ônibus. Em seguida, para não me atrasar, peguei um táxi que, poucos metros adiante, enguiçou também. Tudo isso me fez cair na risada e, no fim de tudo, acabei esperando duas horas pelo início do exame.” (Carta de 2 de dezembro.) Por fim, pede-lhe dinheiro, a exemplo de todas as esposas: “Iosif, se puder, envie-me 50 rublos. Na Academia Industrial, só pagam dia 15 de setembro e estou sem um copeque.” (Carta de 16 de setembro.) Stálin escuta-a: promete-lhe interceder por um colega injustamente acusado pelo patrão e envia-lhe 12 rublos em vez dos 50 pedidos. Tudo parece correr bem na intimidade do casal. No dia 27, Nadejda escreve novamente: “Em suas últimas cartas você não escreve nada sobre sua saúde e a data de seu regresso. Entedio-me bastante sem você. Quando estiver curado, volte rápido. Escreva-me dizendo como se sente. Meus estudos vão bem, trabalho muito. Por enquanto ainda não estou cansada, mas deito-me às 11h.” A resposta é imediata: “Volto dentro de uma semana. Um beijo grande.” (Carta de 30 de setembro.)

Nadejda adaptara-se rapidamente à vida universitária, na qual convivia com outras mulheres de dirigentes, como Maria Kaganovitch ou Dora Khazan. Chegava ao trabalho sem guarda-costas e continuava a usar os transportes públicos desconfortáveis e defeituosos. A partir de 1930, com a guarda de Stálin reforçada, foi obrigada a andar com proteção e usar um carro particular. Porém, modesta, fiel à sua imagem, sempre deixava o carro a duas ou três ruas, percorrendo a pé os últimos cem metros a fim de não desembarcar de um automóvel oficial na frente dos colegas. Parecia feliz com essa vida nova; conhecia jovens de sua idade, entre os quais havia um moço rechonchudo e simpático chamado Nikita Kruchtchev. Ele não demorou a se aproximar dela e foi ela quem o apresentou a Stálin. Na época, ele era o chefe da organização do Partido na Academia. Em 1932, Kruchtchev assumiu a direção de uma jurisdição de Moscou, ao passo que Nadia era nomeada para a cúpula do Partido na cidade.[32]

Stálin, cuja vida política agora o mantinha cada vez mais distante da família, viajava muito sem a mulher, embora continuassem a se escrever com a mesma fidelidade e ternura. Tudo parecia tranquilo entre eles, apesar do contexto catastrófico do período. “Volte. Uma vez reunidos, tudo ficará bem.” (Carta de Nadia de 27 de setembro de 1929.) “Quem sabe, você não volta por esses dias? Pena que tenha muita coisa para fazer. Mas é normal. Envio-lhe o sobretudo, porque, depois de sua viagem ao sul, você poderia se resfriar. … Quando estiver de volta, conto tudo. … Volte rápido, mesmo eu querendo que você descanse.” (Carta de Nadia de 1º de outubro de 1929.) “Não se atrase, volte depressa!” (Carta de Stálin de 21 de junho de 1930.) “Escreva-me sobre tudo, minha Tototchka!” (Carta de 2 de setembro de 1930.) “Estamos à sua espera, mas não se apresse. Descanse bem.” (Carta de Nadia de 30 de setembro de 1930.) “Estou entediado. É preciso que Satanka me escreva e também Vaska.” (Carta de Stálin de 14 de setembro de 1931.)

Entretanto, às vezes precavidamente, noutras com sutileza, Nadia comunica a seu marido o que vai mal. “Sei que não gosta de minhas interferências, mas me parece que você deve intervir nesse episódio injusto.” (Carta de 16-22 de setembro de 1929.) “Não sei se devo descrever-lhe as mazelas da vida moscovita, infelizmente por demais numerosas.” (Carta de 6 de outubro de 1930.) “Os preços dispararam, as lojas estão cheias de mercadorias, mas ninguém compra. Não se aborreça se escrevo com tantos detalhes, mas eu gostaria que todas essas carências desaparecessem; todo mundo então se comportaria e trabalharia direito.” (Carta de 16 de setembro de 1931.) “Continue a me informar”, responde-lhe Stálin em 14 de setembro de 1931.

Evidentemente, a história desses anos não podia deixar inalterada sua vida íntima. Stálin empreendia então sua própria revolução e mergulhava o país numa segunda guerra civil. Estava mais absorvido do que nunca e seguramente a convivência com ele tornara-se muito difícil. Nadia não era o tipo de mulher que se sentisse abandonada face a um marido sobrecarregado. Viviam nessas condições desde o início, desde sempre. Nunca vira Stálin à toa. Chegava cada vez mais tarde da noite – às vezes inclusive dormia na datcha, acompanhado de seus colaboradores próximos. Ela acordava cedo para ir à aula, enquanto ele permanecia na cama até as 11h ou meio-dia. Seus ritmos de vida eram completamente diferentes.

Nadejda começou então a enfrentar problemas de saúde: fortes enxaquecas acompanhadas de um estado depressivo. De junho a agosto de 1930, partiu sozinha para o estrangeiro, em especial a fim de consultar um neurologista.[33] Permaneceu um tempo em Karlsbad, em seguida fez uma longa visita a seu irmão Pável, em Berlim. Stálin escreveu-lhe em 21 de junho: “Tateka! Escreva alguma coisa …. Como foi a viagem, o que você viu, se foi ao médico, o que ele pensa de sua saúde …. As coisas não vão mal. Entedio-me muito por aqui, Totochka. Estou sozinho em casa, como um animal. Não fui ao campo – os negócios. Terminei meu trabalho. Amanhã ou depois de amanhã, penso em ver as crianças. Até logo. Não se atrase. Volte depressa. Beijo. Seu Iosif.”

Em 26 de junho, teve início o XVI Congresso do Partido. Stálin redigiu o relatório político do CC e o discurso de encerramento, em 2 de julho. Mal terminou esse trabalho, escreveu à mulher: “Toteka! Recebi suas três cartas.[34] Não pude responder pois estive muito ocupado. Finalmente estou livre. O congresso terminará dia 10 ou 12. Estarei à sua espera; não se atrase. Se a sua saúde for um problema, fique mais tempo.” Preocupado com os filhos, a quem foi visitar, fala das dificuldades de Vassili em aprender alemão e de seu descontentamento com a professora, que lhe parece estranha. (Carta de 2 de julho de 1930.)

Nadia acabou voltando somente no fim de agosto e foi passar uns dias com Stálin em Sotchi. Aparentemente, esse breve reencontro após meses de separação não foi um sucesso. Stálin, não obstante, escreveu-lhe assim que ela chegou a Moscou: “Como foi de viagem? Como vai? Algo de novo? Escreva-me tudo, minha Totutchka. Estou me curando aos poucos. Beijo-a carinhosamente.” (Carta de 2 de setembro.)

Angustiada, preocupada, Nadia responde friamente. Pela primeira vez, exprime certo mal-estar diante da situação conjugal. Desde seu retorno da Alemanha, andava com um humor instável, ensimesmada, distante. “Nesse

verão, não percebi que o prolongamento de minha presença lhe seria agradável, ao contrário. E ficar de mau humor não fazia nenhum sentido… Abel (Enukidze) diz que você voltará no fim de outubro. É verdade que permanecerá aí tanto tempo assim? Responda se não ficar muito satisfeito com a minha carta, mas, pensando bem, como preferir.” (Carta de 19 de setembro.) Ela ainda precisava do esposo. Quanto a ele, gostaria que ela viesse passar as férias ao seu lado, ao passo que ela não acreditava muito nisso. E depois, ela devia começar seu trabalho. Enfim, ele não lhe dizia tudo, pensava: “Soube de tudo pela imprensa. Em geral, é muito desagradável.” Entretanto, não o criticava por sua política. Temia sobretudo por ele, naquela nova atmosfera criada pela coletivização das terras. (Carta de 19 de setembro de 1930.)

Com frequência cada vez maior, Stálin passava as férias em Sotchi, onde tinha agora sua própria mansão, construída para ele pelo arquiteto Merjanov, conhecida como “a datcha 9”. Por essa época Nadia ainda passava a impressão de uma mulher independente, sorridente, cuidada. Era cada vez mais ativa, a ponto de não encontrar mais tempo para os filhos: “Mamãe não estava quase nunca com a gente”, lembra-se Svetlana. Entretanto, imperceptivelmente, durante esses anos 1930-31, à medida que os meses passavam, sua exuberância dava lugar à tristeza, até mesmo à melancolia. Como se devorada por uma profunda aflição – doença psíquica, amor inconfessável ou angústia de uma esposa que não conseguia mais acompanhar o marido? Uma lenda de família assevera que ela viveu, durante esse lapso de tempo, um amor platônico com o intrépido Mikhail Tukhatchevski e que era esse segredo inconfessável, esse amor impossível, que a tornava tão enigmática. Discreta por natureza, não falava nada. Nenhuma confissão, nenhum segredo exposto. Começava, no entanto, a pensar em abandonar Stálin, avaliam alguns amigos. Mudar de cidade, viver de outra forma, e tais projetos teriam começado quando concluiu seus estudos.[35] Teria planejado instalar-se com os filhos em Carcóvia, onde sua irmã morava com o marido Redens. Uma fábrica de fibras artificiais estava em construção: poderia trabalhar lá, recomeçar do zero, longe dos privilégios e honrarias.[36] Disse-o a Stálin? A correspondência do casal interrompe-se em setembro de 1931. As últimas cartas alternam missivas calorosas e recriminatórias, como se receasse aborrecê-lo e perdê-lo. “Uma moça me disse”, escreve em 6 de outubro de 1930, “que o viu na casa de Kalinin no almoço. Você estava com uma aparência esplêndida; estava alegre e fez todo mundo rir; ficaram todos intimidados. Estou muito contente. Não se zangue com a minha carta estúpida …. Descanse bem em Sotchi.” (Carta de 6 de outubro de 1930.) A resposta consiste numa explicação conjugal, trocista acima de tudo. “Toteka! Recebi sua carta. Você anda me adulando muito nestes últimos tempos. O que significa isso? Será que sou bom

ou mau? … Você faz alusão às minhas viagens. Repito que não viajei para lugar nenhum e que não tenho intenção de fazê-lo.” (Carta de 8 de outubro de 1930.)[37]

Nessa época, Nadia volta e meia irritava-se pelos menores motivos. Em 1931, partiu novamente para a casa dos pais, com os filhos. Nova crise. É ela quem telefona para Stálin a fim de reconciliar-se com ele. Ao voltar, não ouviu uma palavra de crítica. Embora ele tenha se comportado como se nada houvesse acontecido, ela sentiu-se desestabilizada e seu amor-próprio, ferido. A vitória de Stálin era-lhe intolerável.[38]

Pediu então a Pável, seu irmão, que lhe trouxesse um revólver de Berlim, explicando-lhe que estava com medo. Na época, todas as personalidades importantes andavam armadas. Esse pedido, portanto, não parecia nem preocupante nem excepcional.[39] Pável presenteou-a então com um pequeno revólver, quase um brinquedo, com munição, que ela escondeu cuidadosamente. Já pensava no suicídio? Quando sentiu-se mal após ter bebido durante uma festa na Academia, Stálin ajudou a transportá-la para a cama. Enquanto a carregava e tentava acalmá-la, tiveram um breve momento de ternura. “Ah! Apesar de tudo, você continua me amando um pouquinho!” disse ela, em plena tormenta. Ainda teria necessidade dele? Nos últimos tempos, costumava fazer confidências nada veladas: “Estou cheia de tudo”, “Tudo me enoja”, “Nada mais me interessa”.[40] Para ela, os filhos não eram uma tábua de salvação, uma fonte de vida. Alguma coisa se esfacelara. Quando? Como? Por quê? Para alguns membros de sua família, ela estava doente; tinha nervos frágeis.[d]

Uma longa carta dirigida à mãe de Stálin, em 12 de março de 1931, revela um estado de espírito perturbado em comparação com o tom antes sereno de sua correspondência rotineira entre elas. “A senhora está zangada comigo porque não escrevo há muito tempo. Não escrevi porque não gosto de escrever cartas, e não porque estou zangada …. Meus amigos nunca recebem cartas minhas. Não porque eu não goste deles, mas porque não gosto de escrever.” Não obstante, escreve-lhe uma longa e desconcertante missiva, expressando sua admiração pelo marido e aludindo à perspectiva de uma vida comum e duradoura: “Vivemos aparentemente bem. Todo mundo com saúde. As crianças estão bem crescidas. Vassia está com dez anos; em 28 de fevereiro Svetlana fez cinco. O pai é seu grande amigo. É uma menina direita …. Iosif prometeu escrever pessoalmente à senhora.” A narração de uma vida trivial em família surpreende, ainda mais nesse período, quando sinais de crise entremeiam sua vida conjugal. “Todos esses anos, todos os verões, cogitamos ir até o Cáucaso para visitá-la. Mas sempre circunstâncias imprevistas impedem a viagem. Entretanto, o verão está próximo e talvez nos vejamos. Por que a senhora não vem nos visitar?

Ficamos constrangidos porque a senhora nos paparica com seus presentes, quando não somos muito solícitos. Conto, porém, com sua bondade e espero que não esteja aborrecida conosco. Envio-lhe uma saudação das crianças, que, infelizmente, ainda não conhecem sua querida avó. Em todo caso, poderíamos corrigir isso." (Carta de 12 de março de 1931.)

Último depoimento, ainda mais desorientador no que se refere a seus verdadeiros sentimentos por Stálin: em 7 de novembro de 1932, Kruchtchev achava-se sentado a seu lado em uma das tribunas especiais, construídas para os figurões do regime, a fim de ver passar o cortejo comemorativo do aniversário da Revolução de Outubro. A praça Vermelha era varrida por um vento poderoso; chovia a cântaros e o frio era glacial. Nadia observava com preocupação a tribuna superior, onde Stálin se encontrava: "Ele está com frio", disse ela ao amigo Nikita. "Falei para ele colocar uma roupa mais quente, mas como sempre ele resmungou alguma coisa e saiu."[41]

Um suicídio misterioso

Era uma recepção para celebrar o 15º aniversário da Revolução de Outubro. Os Vorochilov recebiam a nata do poder soviético. Stálin e Nadia estavam presentes, bem como Aliocha Svanidze, o cunhado querido. O banquete aconteceu na noite de 8 de novembro. Nadejda queria, para essa festa, enfeitar-se com uma rosa amarela. Não encontrara senão brancas, o que a deixara contrariada.[42] À mesa, Stálin conversava com uma senhora sentada a seu lado; à sua frente, Nadia falava também, voluptuosamente, sem parecer prestar-lhes atenção. De súbito, dirigiu-se ao marido em termos agressivos. Agastado, os olhos no prato, ele respondeu em voz alta: "Tola!" Ela se levantou de um pulo e saiu correndo na direção de seus aposentos. Stálin só foi embora no fim da festa. Não se dirigiu para casa, preferindo dormir na datcha e levando Aliocha com ele. Durante a noite, Nadia telefonou-lhe várias vezes. A primeira vez foi Stálin quem atendeu, mas desligou, recusando-se a falar com ela. Das outras vezes, pediu a Aliocha que atendesse.[e] Molotov deixou um depoimento parecido: "Havia muita gente na casa de Vorochilov, no dia seguinte ao 7 de novembro de 1932. Stálin fez uma bolinha de miolo de pão e, diante de todos, atirou-a na direção da mulher de Egorov. Notei aquilo, mas não prestei mais atenção. Isso parece ter sido de alguma importância. Na minha opinião, Alliluyeva estava um pouco alta nesse momento. Estava tão perturbada que não se controlava mais. Deixou a festa na companhia de minha mulher, Paulina Semionovna."[43]

O roteiro da altercação varia segundo os membros da família Alliluyev. À mesa, Stálin atira em sua mulher bolinhas de papel – papel da embalagem de chocolates – para chamar sua atenção, uma maneira como outra qualquer de se dirigir a ela. “Ei, você, tome um gole!”, disse-lhe. Irritada, de mau humor, ela respondeu: “Eu tenho nome. Que história é essa de ‘Ei, você’?” Para estupor geral, levantou-se e deixou a sala precipitadamente. Paulina Molotova foi atrás dela para acalmá-la.[44]

A primeira versão reforça a hipótese do ciúme de Nadejda, a segunda a de sua irascibilidade à flor da pele e, eventualmente, a de sua irritação com o marido, embora todos sejam unânimes em reconhecer principalmente seu ciúme visceral.

Um terceiro roteiro do incidente foi adotado pela oposição: Nadia teria criticado Stálin por sua política de supressão dos *kúlaks*; teria denunciado a fome que grassava e apontado-o como responsável pelo descontentamento reinante no país. Stálin, louco de raiva, teria despejado sobre a mulher uma torrente de palavrões. E esta teria sido a razão de sua partida brusca da casa dos Vorochilov.[f]

Paulina e Nadia deram várias voltas pelo Kremlin. Falaram da Academia e dos estudos, conta-nos sua filha Svetlana. Mas parece que Nadia também teria dito a Paulina que não podia mais viver com Stálin, que, em suma, não queria mais viver, porque nunca poderia escapar-lhe. “E as crianças?”, retrucou a amiga. “Precisa pensar nelas.” “Isso não é importante”, teria-lhe então respondido. E se encaminhou para seu destino, me contou Aleksandr Burdonski, seu neto, que ouvira essa versão de sua tia Anna, a irmã mais velha de Nadia. As recordações de Molotov são mais convincentes: “Elas passearam pelas dependências do Kremlin. Já era bem tarde. Nadia queixava-se de tudo. Falou da cabeleireira.[g] E por que ele flertara na festa? Estava morrendo de ciúme.”[45]

No dia seguinte, foi encontrada morta na cama, deitada de bruços, um travesseiro na cabeça e o pequeno revólver na mão. A porta estava trancada por dentro. Duas cartas escritas às pressas estariam à espera de Stálin em seu gabinete. Uma para ele, outra para os filhos. Carta política ou pessoal, na qual admoestações ao governante misturavam-se às que visavam simplesmente ao homem? A controvérsia ainda perdura. Para alguns, essa carta era acima de tudo um ajuste de contas com um marido que falhara. Para outros, uma crítica acerba à política de governo, cujo chefe supremo era seu marido. Raros foram os que a leram efetivamente, e estes não disseram quase nada. Mais tarde, a carta desapareceu.

Toda a família e os amigos mais chegados acorreram após a descoberta macabra. Olga, Pável, Evguenia, Anna, Ordjonikitze, Molotov e sua mulher.

Para Kyra, filha de Pável, a ideia de que uma crítica política de Nadia – ainda que póstuma – pudesse atingir Stálin só podia ser uma piada. Ora, Stálin sentira-se profundamente afetado, arrasado, com essa carta: terrível, dura, insustentável, que o atingia na essência de seu ser, o homem que ele fora para aquela mulher a quem amava. Só por alusões, sabemos o que ela escreveu, por perífrases escapadas das raras pessoas que estavam lá quando a governanta, Karolina Till, que acabava de servir o café da amanhã, encontrou o quarto fechado.[h] Pável e sua mulher, Evguenia, foram os primeiros a lê-la, mas mantiveram silêncio. “Ela era impiedosa, cruel”, afirma Kyra de maneira sibilina. Sua mãe nunca lhe dissera nada além disso. Segredo de família que todos carregaram consigo para o túmulo. Os Alliluyev jamais consideraram Stálin o responsável por esse suicídio, me garantiu ainda Kyra. Eles apontavam os problemas de saúde de Nadia e sua pesada herança psíquica.

Para Stálin, começou então um período negro. Pável e Evguenia fizeram-lhe companhia por três dias e três noites, de tanto que temiam que ele imitasse Nadejda. Outros membros da família revezaram-se a fim de não deixá-lo sozinho. Falavam com ele. Seu estado era deplorável. “Por quê? O que fiz? Fui grosseiro com ela? Não a amei? Não a respeitei? Eu fazia tudo que ela queria. Ela podia ir aonde quisesse. Comprar o que quisesse. O que lhe faltava?” Horas e horas de conversas com Aliocha, Pável, Olga e Serguei. Confessou a Evguenia, sua cunhada, que perdera toda a vontade de viver. Acessos de raiva sucediam-se aos estados de prostração.

Soube então que fora Pável quem trouxera o revólver de Berlim. “Você lhe deu um presente estranho”, ele lhe disse. A família esperava pelo pior: estava certa de que Stálin romperia com eles para sempre. Não aconteceu nada disso. Ao contrário. Em conformidade com os velhos costumes caucasianos, aproximou-se ainda mais dos pais de Nadia.[46] Visitava-os assiduamente, e a casa deles vivia aberta para ele. A solidão atormentava-o.

O SUICÍDIO DEIXOU STÁLIN apreensivo e ele decidiu manter em segredo as circunstâncias da morte. Viveu o episódio como uma vergonha, uma traição. No pânico geral, resolveu dizer aos filhos que ela morrera de uma crise de apendicite aguda, e o comunicado à imprensa falou em morte súbita na noite de 9 de novembro. Essa mentira só fez engendrar rumores sobre a morte de Alliluyeva. Várias versões circularam, uma mais fantasiosa que a outra: alguém da guarda pessoal de Stálin a teria matado a mando seu porque ela o teria flagrado com outra mulher…; os círculos estrangeiros, sionistas principalmente, que Stálin incomodava, estariam por trás do assassinato; ela teria se suicidado

porque amava um homem e não era correspondida; e até mesmo que teria tido um caso secreto com Iacha, filho mais velho de seu esposo, e Stálin, sabendo disso, a teria matado com as próprias mãos.[47] Esses rumores, que jamais vieram a receber qualquer tipo de prova e não merecem qualquer atenção, dão uma ideia da imaginação mórbida de um mundo desinformado. “Não podemos calar todas as bocas que lançam boatos”, teria dito Stálin a seus colaboradores, exasperados.

POR QUE NADEJDA ALLILUYEVA se suicidou? Como para todo ato trágico dessa dimensão, as causas abundam, para desembocar finalmente num beco sem saída. Dificuldades existenciais, depressão fruto de uma doença psíquica, crise conjugal, paixão oculta por outra pessoa ou, ao contrário, amor excessivo por um marido difícil de controlar, decepção com a evolução do regime diante das próprias aspirações revolucionárias, sentimento de culpa ante tantas tragédias engendradas pela coletivização forçada e cujo principal responsável ela sabia ser o marido. Circunstâncias que, reunidas, tinham tudo para desembocar no irreversível, no irreparável, materializado num momento banal de cólera.

A vida toda, Stálin interrogou-se sobre a causa desse suicídio e procurou o culpado.

A CERIMÔNIA DO FUNERAL aconteceu no Gum, grande loja de departamentos situada na praça Vermelha, em frente ao Kremlin e na época sede do Comitê Central Executivo. Na noite de 9 de novembro, os despojos haviam sido transferidos do Kremlin para o Gum, e o caixão fora exposto no salão. Além da família, colegas e amigos, estavam presentes todos os membros do Comitê Central e da Comissão de Controle, os dirigentes do Komintern e de outras organizações soviéticas e do Partido. Na guarda de honra: Molotov, Vorochilov, Kaganovitch e Mikoian. Stálin chegou no fim da cerimônia. Aproximou-se por um instante do caixão, debruçou-se a fim de dar o último beijo na testa da defunta e, subitamente, teve um gesto intempestivo: empurrou com as duas mãos o caixão, virou as costas acintosamente e foi embora.[i]

Em 10 de novembro, às 8h da manhã, uma multidão veio prestar-lhe as últimas homenagens. Milhares de operários e estudantes desfilaram diante do caixão. Às 14h30, o féretro foi carregado ao som da Internacional e colocado no carro fúnebre, sem a presença de Stálin, que teria dito a Abel Enukidze: “Foi você que assistiu a seu batismo, é você que vai enterrá-la.”[48] Abel Enukidze e Aliocha Svanitze[j] encabeçaram o cortejo fúnebre, que atravessou a cidade em direção ao histórico cemitério de Novodietichti. As ruas estavam tomadas pelo

povo. Kaganovitch fez o elogio fúnebre. “Sepultamos um dos melhores e mais fiéis membros do Partido. Nadejda Sergueievna, educada numa família de velhos bolcheviques proletários, fiel à causa operária após a Revolução, era ligada ao movimento operário, ao nosso Partido. Durante e após a guerra civil, Nadejda Sergueievna foi uma fiel combatente da classe operária …. Era modesta e muito exigente consigo mesma. Nadejda Sergueivna deixou em nossos corações as melhores lembranças, a de um trabalhador ativo do Partido, de uma camarada, da melhor amiga daquele que dirige a grande luta do proletariado pela vitória do socialismo. Nós, amigos e camaradas, compreendemos as obrigações que devemos ao camarada Stálin. No instante dessa perda, nós, bolcheviques, fortalecemos mais ainda nossa vontade de lutar. Lutemos com mais força pelos ideais pelos quais lutou Nadejda Sergueievna Alliluyeva.”[49] Bukharin também discursou na ocasião.

O *Pravda* de 10 de novembro publicou os pêsames de Górki, Krupskaia, da mãe de Stálin e das mulheres dos principais dirigentes do regime. Os professores e colegas da Academia Industrial exprimiram sua afeição àquela que se fora. Até embaixadores estrangeiros associaram-se a esse luto quase nacional.

Em 18 de novembro, Stálin publicou seus agradecimentos e expressou sua gratidão a todos os que haviam manifestado condolências pela “perda de minha íntima amiga e camarada Nadejda Sergueievna Alliluyeva Stálina”. Era a primeira vez que Nadia recebia oficialmente o sobrenome Stálin.

ELE ENCOMENDOU UM MONUMENTO. Soberbo! O rosto de Nadia esculpido no mármore parecia vivo. Atrás, na base do pedestal, uma última homenagem pessoal: uma rosa – a que ela usava em sua última noite. Contudo, segundo sua filha Svetlana, ele jamais foi visitar o túmulo.[k]

Também mandou ampliar uma foto de Nadia sentada à mesa, em Zubalovo, um xale nos ombros. Parece feliz, radiosa. Mandou pendurar esse retrato em todos os aposentos do Kremlin.[50] Mais tarde, perto do fim da vida, mandou ampliar outras duas fotografias de Nadia, colocando uma delas em seu gabinete no Kremlin e pendurando a outra em seu quarto da datcha de Kumtsevo.[51] O homem envelhecido ainda evocava, principalmente com a filha, o drama dessa morte. Conversou também em termos igualmente sombrios com Sergo Beria.

Durante a guerra, o filho de Beria, de volta do front, oferecera um troféu a Svetlana – um revólver. Quando Stálin soube disso, convocou-o imediatamente. Era a primeira vez que o jovem Beria era convocado pelo chefe em pessoa e em particular: “Foi você que presenteou Svetlana com um revólver? Não sabe o que aconteceu em nossa casa com uma arma? Não? A mãe de Svetlana, que estava

de mau humor, meteu uma bala na cabeça."

Sergo Beria ficou perplexo. Nunca em sua família ouvira dizer que a mãe de Svetlana havia se suicidado.

"Bom! Pode ir, embora numa situação como essa você normalmente merecesse ser punido."[52]

A segunda revolução

Foi durante esse período dramático de sua vida privada que Stálin empreendeu sua própria revolução. A guinada de 1928-29 abalou os fundamentos da velha Rússia. O que estava em jogo então era o destino da União Soviética. Tudo começou com os impasses da NEP, com os camponeses recusando-se cada vez mais a fornecer trigo às cidades.

A divisão dos grandes latifúndios em pequenas propriedades proporcionara aos bolcheviques, entre 1917 e 1919, o apoio do campesinato. Stálin, por muito tempo alcunhado o pai dos camponeses, opusera-se a Lênin em 1906, defendendo a distribuição das terras, não sua nacionalização. Porém, na esteira do comunismo de guerra e da instauração da NEP, a capacidade dos campos de alimentar a população urbana diminuiu. Os *kulaks* pediam preços exorbitantes por sua produção, considerando o poder de compra das pessoas da cidade. Stálin tomara consciência desse problema em 1926. Numa carta dirigida a Molotov, em 16 de setembro, vociferava contra os "aproveitadores da NEP"; propunha eliminar os que não respeitassem a política dos preços da colheita e exigia a promulgação de uma circular do Partido designando-os como "inimigos da classe operária" e determinando uma luta impiedosa contra eles. "Compreenda que, sem tais medidas, perderemos o campo para os elementos da NEP …. Sem essas medidas, não há salvação."[53] A situação dos campos ameaçava amotinar a classe operária urbana, que sustentava o regime. Face a tais dificuldades e infindáveis impasses delas resultantes, e sob a pressão dos acontecimentos, Stálin optou por métodos radicais. Ao seu estilo pragmático, enveredou na Segunda Revolução, que foi ainda mais abrangente e radical que a de 1917. Resultado: uma rápida industrialização da Rússia e uma coletivização geral da agricultura, que obrigou o mujique a trocar o carro de bois pelo trator e 10 milhões de analfabetos a tomar o caminho da escola.[54]

Stálin esperava a violência e a amplitude das tragédias deflagradas, ele que lutara em 1925 contra os que pretendiam atiçar "a luta de classes no campo"? Na época, ainda achava que, progressiva e moderadamente, era possível reorganizar

parte da agricultura segundo normas coletivas. Também achava que os camponeses iriam aderir à coletivização ao perceberem que podiam lucrar com ela. Viveriam melhor, logo não sentiriam falta de suas minúsculas fazendas.

Com o passar do tempo, o trigo começou a escassear, reduzindo as possibilidades de exportação e, por conseguinte, de divisas necessárias à industrialização. A fome ameaçava a todos. Stálin entrara num círculo vicioso: para desenvolver a agricultura coletiva, precisava de uma indústria forte; para ter uma indústria forte, precisava apoiar-se numa agricultura coletiva. Então, mediante a violência, rompeu esse círculo. Não via outro caminho, se quisesse salvaguardar o que chamava de "a causa", a transformação da utopia em realidade, e edificar um socialismo apto a superar, por seu desempenho, o capitalismo.

Stálin começou por um retorno ao comunismo de guerra. "Brigadas de operários" foram enviadas aos campos para empreender buscas nas fazendas e confiscar o que fora desviado. Assim "os métodos de 'coerção administrativa', pregados por Trótski em sua época, foram amplamente utilizados por Stálin".[55] Essa política deu resultados num primeiro momento: em janeiro de 1928, as compras de cereais foram melhores do que no ano anterior. Em 1929, a safra já foi pior. Para conquistar o apoio dos camponeses pobres, o governo deu garantias de que, em todas as aldeias, 15% dos cereais confiscados seriam distribuídos entre eles. Isso não foi suficiente para convencer a grande maioria do campesinato médio a cooperar com o regime. Diante da situação, em meados de 1929 Stálin deflagrou bruscamente a coletivização geral da agricultura, sob a palavra de ordem: "Devemos esmagar os *kulaks*, eliminá-los como classe." Era uma declaração de guerra! "Essa política das fazendas coletivas foi uma luta terrível", ele mesmo dirá a Churchill cerca de dez anos mais tarde. Estimará em 10 milhões o número de seus oponentes. "Foi horrível. E isso durou quatro anos. Se quiséssemos evitar as fomes periódicas, era absolutamente indispensável para a Rússia cultivar a terra com tratores…" Os camponeses, porém, não queriam isso, uma vez que para eles tal necessidade vinha acompanhada da perda das próprias terras. Logo, todos que se opunham a isso "foram exterminados por seus trabalhadores", explicará Stálin a um Churchill pasmo.[56]

A princípio, lançara-se tateante na aventura. "Em seguida, arrastado pela força de seus atos, avançou a passos de gigante, sem trégua e sem descanso. Atrás dele marchava uma multidão de russos cansados e maltratados, uma geração inteira em busca do socialismo num único país."[57]

Acreditava cada vez mais que a repressão sem piedade, a mão de ferro, a violência erigida em política de Estado conseguiriam por si só transformar a

Rússia e seu império. Trabalhava intensamente, cercado por estatísticas, gráficos e índices. Lia cada vez mais livros de economia, metalurgia, agricultura. Dava ordens e promulgava decretos. Achava que não existia "fortaleza inexpugnável para os bolcheviques", ao mesmo tempo em que era lúcido quanto ao gigantismo de sua iniciativa e a seu preço em termos de vidas humanas. Para os que viam em Stálin apenas um homem sedento de poder pessoal, essa política de 1928-29 provou o contrário: "Um homem cujo horizonte se visse limitado pela preocupação com o poder pessoal decerto não teria embarcado nessa terrível cruzada contra os camponeses."[58] Surpreendeu inclusive a própria mulher. Em março de 1931, ela escrevia à mãe de Stálin: "Fico admirada com sua força e energia. Só um homem saudável pode aguentar sua carga de trabalho." Ele desconcerta os historiadores: "Só um soberano absoluto, senhor de seus nervos e sentimentos, poderia ter persistido nessa empreitada, diante de tantos obstáculos."[59]

A fim de esmagar os camponeses que se recusavam a ceder seus cereais ou seu gado, para não falar nas terras, Stálin deflagrou uma guerra civil contra o campo. Amotinou camponeses pobres contra camponeses ricos, enquanto o campesinato médio, imprensado, continuava sem saber qual seria seu destino; a aldeia russa virou um pesadelo. Criou brigadas de "deskulakização", que colaboraram com os camponeses pobres e foram coordenadas por troicas.[l] A delação instalou-se: filhos denunciavam pais; mulheres, os maridos; vizinhos, os amigos. Aldeias inteiras foram metralhadas, e grupos armados entre os camponeses ricos organizaram a resistência. Os *kulaks* espalhavam boatos de que uma guerra era iminente, e as insurreições camponesas haviam alcançado todos os distritos vizinhos.[60] Dezenas de milhares de cartas chegavam a Moscou, dirigidas a Stálin: cartas angustiadas, pedindo socorro, manifestando medo e ódio, além de ameaças. Eram individuais, coletivas ou anônimas. Em sua grande maioria, denunciavam os abusos da coletivização.

No auge da fúria e do desespero, os camponeses matavam seu gado, destruíam as ferramentas agrícolas e queimavam as colheitas. Imensas terras cultiváveis foram então devastadas. A fome instalou-se nas cidades, sobretudo na estepe negra da Ucrânia.[m]

Vários milhões de camponeses foram vítimas da deskulakização. Mais de 2 milhões foram expulsos de suas fazendas. Mais de 1,8 milhão foram deportados. Criaram-se campos de trabalho forçado para a grande maioria desses camponeses deportados – eles escavavam canais, executavam os trabalhos pesados na construção das ferrovias, derrubavam florestas. A taxa de mortalidade era altíssima. Entre 300 e 400 mil camponeses foram classificados

como “contrarrevolucionários”, e boa parte deles fuzilada. O número exato é desconhecido até hoje.[61]

Essa operação desenrolou-se, “do início ao fim, na mais violenta das desordens, na anarquia dos ajustes de conta… Os deportados foram abandonados à própria sorte no meio da taiga, sem reservas de mantimentos ou utensílios. O frio e a fome faziam o resto. Na desordem reinante, contudo, os mais afortunados conseguem escapar e voltar para casa.”[62]

Tudo isso levou Stálin – por astúcia, por razões táticas ou devido a uma real tomada de consciência quanto ao desastre deflagrado – a publicar em 2 de março, no *Pravda*, um artigo que ficou célebre, intitulado “A vertigem do sucesso”, que denotava a vontade de uma espécie de pausa antes de disparar a etapa seguinte. Nele, atribuía os excessos e abusos aos funcionários zelosos. Admitiu que, em diversos casos, a força havia sido empregada, que numerosos *kolkhozes* (as cooperativas agrícolas) funcionavam mal, e dizia ainda que fora mal compreendido. Em suma, determinava o fim dos excessos. A coletivização, no entanto, continuou a avançar após uma pequena interrupção de poucos meses. Foi só depois da fome de 1932-33 – provocada pela seca e a desorganização do trabalho agrícola – que Stálin ordenou um relaxamento de sua política agrícola, mudando as regras do jogo no interior do *kolkhoze*. Enquanto, no início, o camponês era transformado em operário agrícola, agora ganha o direito de participar da distribuição dos lucros e vender produtos no mercado, após ter pagado a cota do Estado. Pode igualmente possuir um pequeno pedaço de terra e algumas cabeças de gado. A maioria dos *sovkhozes* (as fazendas estatais mecanizadas) foi suprimida.

Quanto mais essa coletivização assassina e devastadora avançava, mais o país sentia necessidade de uma industrialização poderosa capaz de fornecer ao campo arrasado as ferramentas indispensáveis para se soerguer. Fazia-se urgente a aquisição de volumes maciços de máquinas, bem como a abertura de poços de petróleo, a expansão da rede elétrica, a construção de novas estradas e de uma infraestrutura técnica capaz de gerir tudo isso. Esse processo resultou nos vastos canteiros de obra de Dnieprostroy (a grande central hidrelétrica no Dniepr), Magnitogorsk (berço da metalurgia soviética) e de Kuznetsk (fábrica de máquinas-ferramentas e produtos químicos no Ural); na fábrica de máquinas agrícolas de Rostov; nas indústrias de tratores de Tcheliabinsk, Stalingrado e Carcóvia; nas indústrias de automóveis de Moscou e Sormovo; na de máquinas pesadas de Kraniatov, e em tantos outros conglomerados gigantes. Estes deveriam criar um “mundo novo”, engendrar um “homem novo” capaz de lidar com a natureza e o atraso secular da Rússia.

Muitos jovens deixaram-se entusiasmar por essas tarefas prometeicas, pelo sonho de uma nova civilização, pela utopia em vias de realização. O setor industrial, construído a passos de gigante, punha fim ao desemprego que grassara durante o período da NEP. Toda uma categoria de operários beneficiava-se então com os novos canteiros de obras. Escolas técnicas inauguradas em toda parte davam-lhes a possibilidade de se reciclar e ter uma formação. Surgiu uma aristocracia operária. Uma nova inteligência brotou da lama e do sangue, exaltando o heroísmo e o entusiasmo dos pioneiros. Medíocre em seus valores e centros de interesse, ela priorizava a técnica. Eram os antecessores dos tecnocratas de hoje, os entusiastas de um socialismo primário, brutal e sumário.

Ao mesmo tempo, Stálin combatia as tendências à igualdade herdadas da Revolução de Outubro. Criou privilégios – ainda que os execrasse pessoalmente – e uma escala de recompensas materiais e morais para os melhores trabalhadores, a fim de incentivar o talento, a eficiência e o empenho.

Durante todo esse período, Stálin sentiu-se ameaçado; mostrava-se cauteloso e temia pela segurança de seus colaboradores. Os velhos reflexos do conspirador reapareciam, lembrando o homem do período pré-revolucionário. “Você fez bem em não partir”, escrevia-lhe sua mulher em 12 de setembro de 1930, visivelmente preocupada com ele. “De todos os pontos de vista, é arriscado.” Confirmando esse clima de apreensão em que vivia, Stálin respondeu-lhe em 24 de setembro de 1930. “Mandei espalhar por intermédio de Poskbreytchev [seu secretário] o rumor de que só estarei em Sotchi no fim de outubro. Eu o fiz para embaralhar as pistas. Abel [Enukidze] é o alvo desse boato. Eu preferia que você não comentasse isso com ninguém. Apenas Tateka, Molotov e talvez Sergo [Ordjonikidze] têm conhecimento de minha chegada.” Em 11 de setembro de 1931, Stálin responde a Kirov, que lhe pedira autorização para embarcar num avião a fim de encontrá-lo em Sotchi: “Não aconselho a ninguém viajar de avião. Peço-lhe, portanto, que venha de trem. Stálin.”

Começava então sua fobia de complôs: via-os em toda parte e acreditava piamente neles. É nesse estado de ânimos que se inscrevem os primeiros processos kafkianos liderados por Stálin.

Em 1928, os órgãos da GPU afirmam ter descoberto uma importante organização que visava a destruir a indústria carbonífera. Foi o processo dos “sabotadores”, acusados de “contrarrevolução econômica”. Cinquenta e três pessoas passaram pelo banco dos réus – apresentados sob a denominação comum de “o processo de Chakhti”. Supunha-se que esses réus mantinham laços estreitos com os antigos proprietários da mina, emigrados, que, por sua vez,

estariam em contato com os capitalistas ocidentais.

Em 1930, descobriu-se a existência de um partido integralmente formado por sabotadores, o Partido Industrial, cujos membros, que ocupavam altos cargos na indústria e no planejamento, pretendiam fazer fracassar o plano quinquenal. Agiam sob ordens de personalidades estrangeiras, entre as quais um ex-presidente da França, Raymond Poincaré. Stálin acreditou efetivamente na existência do complô e até mesmo na iminência de uma intervenção estrangeira. Uma longa carta manuscrita e sigilosa estampando a menção "para ser entregue em mãos", que enviou a Menjinski – que se tornara chefe da GPU após a morte de Dzerjinski em 1926 –, demonstra isso e expõe sua maneira bastante pessoal de dar um basta nas coisas: com violência, tortura e confissões arrancadas. "A questão da intervenção em geral e a data da intervenção em particular constituem um interesse primordial para nós. Eis as minhas propostas: A. Fazer da questão da intervenção e de seus prazos um dos pontos básicos das futuras confissões dos dirigentes do TKP 'Promparti' e, sobretudo, de Ramzin: 1) Por que a intervenção foi adiada de 1930 para 1932? Por que a Polônia não estava preparada? 3) Por que a Romênia não estava preparada? 4) Por que os países limítrofes ainda não entraram num acordo com a Polônia? 5) Por que a intervenção foi adiada para 1931? 6) Por que eles 'podem' adiá-la para 1932? 7) etc. B. Interrogue Laritchev e outros membros do CC do 'Promparti' da maneira mais severa a respeito da mesma questão e faça-os ler as informações fornecidas por Ramzin. C. Interrogue severamente Groman, que, pela confissão de Ramzin, declarou 'no centro unificado' que a intervenção foi postergada para 1932. D. Tire o couro dos soldados srs. Kondratiev, Yurovski, Tchialnov e outros que realizam manobras para não serem conectados à tendência intervencionista, mas que são (incontestavelmente!) intervencionistas, e interrogue-os duramente sobre as datas da intervenção. (Esses três devem ter informações, assim como Miliukov, à cuja casa eles foram para 'conversar'.) Se as informações fornecidas por Ramzin forem confirmadas e concretizadas nas confissões de outros acusados (Groman, Laritchev e companhia), será um sucesso importante para a GPU, pois os dados assim obtidos se tornarão patrimônio das seções do Komintern e dos operários de todos os países… Promoveremos uma vastíssima campanha contra os intervencionistas e deteremos as tentativas de intervenção por um ou dois anos. O que é muito importante para nós. Compreendido? Minhas saudações. I. Stálin."[63]

Essa carta de Stálin mostra o esquema geral dos processos e a mecânica das confissões durante todo o seu governo. Esse processo farsesco – uma vez que os catorze acusados foram condenados a uma pena de morte depois comutada em prisão perpétua, e alguns mais tarde libertados, como Ramzin – prefigura não

obstante a encenação sinistra dos processos vindouros. Durante seu desenrolar, manifestações de massa de operários exigiam o fuzilamento dos traidores, enquanto a imprensa repercutia os debates.

Por outro lado, havia uma oposição real dentro do próprio Partido. A plataforma de Riutin, que circulou em 1932 e que pedia o afastamento de Stálin, prova que seu poder, cada vez mais absoluto, tinha seus antagonistas…

CONTUDO, NÃO OBSTANTE os meios bárbaros, a URSS avançava. Os fatos primam pela ética, mas são inegáveis: em 1930, a produção industrial cresceu 80% em relação aos níveis de antes da guerra.[64] Stálin implantara, com brutalidade e crueldade, as bases de uma economia planificada mais racional, transformando um imenso país agrícola em país industrial, o que permitiu à Rússia suportar o tranco da invasão alemã em 1941 e, após a Segunda Guerra Mundial, tirar o melhor proveito político da vitória. Ao longo do tempo, os historiadores que se debruçaram sobre essa página da história mostraram-se ao mesmo tempo críticos e fascinados, comparando sucessivamente Stálin a Tamerlão, Cromwell ou Robespierre. No que se refere à história russa, foram sugeridos paralelos com Ivan o Terrível ou Pedro o Grande. Stálin, por sua vez, via-se simplesmente como o discípulo de Lênin.

[a] Trótski e seu grupo lutavam para liquidar a política da NEP a fim de promover o desenvolvimento da indústria pesada no país e instaurar um plano econômico centralizado.

[b] Ele foi retirado à força de seu apartamento no Kremlin pelos agentes da OGPU, levado em segredo para uma estação e embarcado no primeiro trem para Alma-Ata.

[c] Boris Suvatin, *Staline, aperçu historique du bolchevisme* (Paris, Plon, 1935, p.405-7). Kamenev registrou por escrito essa entrevista – que deveria permanecer secreta – a fim de divulgá-la para seus colegas. Em seguida, impressa clandestinamente pelos trotskistas, ela foi divulgada no estrangeiro. Stálin foi dos primeiros a lê-la, graças aos cuidados da GPU.

[d] Entrevista com Galina Djugachvili, Moscou, 7 de junho de 1995. Kyra e Vladimir Alliluyev pensam, por sua vez, que a doença minara os nervos de Nadejda.

[e] Essa versão, fornecida por Galina Djugachvili, reproduz a história que circulou na família Svanidze, de acordo com o depoimento de Aliocha. (Cf. *Ded, otets, ma i drugui*, Moscou, Olimp, 1993, p.59.) Svetlana Alliluyeva afirma, segundo o relato que sua ama de leite lhe fez alguns meses antes de morrer, em 1956, que Stálin dormira no apartamento na noite do drama. Essa versão parece pouco plausível, levando-se em conta que, segundo essa mesma ama de leite, quando Nadia foi encontrada morta, os serviçais alertaram Ordjonikidze, Molotov, Vorochilov e os demais membros da família, e que, somente quando todos estavam presentes no salão, Stálin, despertando por si só, soube da horrível notícia. Podemos nos perguntar por que ninguém cogitou ir contar-lhe pessoalmente o que se passara em sua própria casa antes de alertar os amigos. (Cf. Svetlana Alliluyeva, *Vingt lettres à un ami*, Paris, Seuil, 1967, p.122-6.) Todos os membros da família de Stálin que encontrei são categóricos nesse ponto: Stálin passou a noite na datcha, só retornando para casa após a partida de sua mulher do domicílio dos Vorochilov.

[f] Victor Serge, *Portrait de Staline* (Paris, Grasset, 1940, p.94-5). Ele também sugere que Stálin, após as

críticas de sua mulher, teria apresentado sua demissão. Diversos historiadores acreditaram nessa versão fantasiosa – sabemos que Stálin não apresentou demissão alguma após a morte de Nadejda. Mesmo um biógrafo tão honesto e lúcido como Deutscher inclinou-se pela versão da esposa oponente (*Staline* – edição definitiva, Paris, Gallimard, 1973, p.341). Num livro extravagante, espécie de romance popular que se apresenta como memórias apócrifas de um conselheiro próximo de Stálin, o autor reproduz a mesma versão. (Cf. Vladimir Uspenski, *Tainei Sovietnik Vodja*, t1, Moscou, "Prometei", 1993, p.186-90.)

[g] Trata-se da cabeleireira que fazia a barba de Stálin e cuja presença Nadejda não apreciava.

[h] Paulina Molotova estava entre os que leram essa carta, tendo declarado à amiga E.V. Bestrova, comissária adjunta no ministério da Indústria Leve, que esta não tinha nenhuma conotação política. (Cf. Aleksandr Kolesnik, *Mife i pravda o seme Stalina*, Carcóvia, Prostor, 1990, p.64.) Em suas recordações, Molotov nega até mesmo a existência de uma carta. (Cf. Félix Tchuev, *Conversations avec Molotov.* Paris, Albin Michel, 1995, p.213.) Vladimir Alliluyev, da mesma forma, pensa que, considerando o estado no qual se encontrava aquela noite, ela estaria incapacitada de escrever o que quer que fosse (*Khronika odnoi semi, Aliluev Stalin*, Moscou, Molodaia Gvardia, 1995, p.31).

[i] O depoimento de Molotov contradiz o apresentado por Svetlana Alliluyeva: "Eu nunca o tinha visto chorar. Mas ali, diante dos restos mortais de Alliluyeva, vi lágrimas correrem pelo seu rosto …. Stálin aproximou-se do caixão no momento das despedidas … e disse com muita tristeza: 'Eu não soube protegê-la.'" (Cf. Félix Tchuev, *Conversations avec Molotov*, Paris, Albin Michel, 1995, p.215.)

[j] De longe, alguns confundiram Aliocha com Stálin, daí o rumor de que Stálin teria comparecido ao enterro.

[k] Alexei T. Rybin afirma que chegou a acompanhar Stálin em eventuais visitas noturnas ao túmulo da mulher, onde ele permanecia horas a fio sentado em silêncio. Segundo Vladimir Alliluyev, Stálin fez apenas uma visita ao túmulo, em outubro de 1941, quando Moscou foi cercada pelos alemães (*Khronika odnoi semi, Aliluev Stalin*, Moscou, Molodaia Gvardia, 1995, p.30).

[l] A troica era composta pelo primeiro-secretário da organização do Partido, o presidente do comitê executivo do soviete e do chefe da OGPU (Diretório Político Unificado da Segurança de Estado).

[m] Segundo Aleksandr Iakovlev, a criação dos kolkhozes não engendrou uma violência generalizada. Nas regiões em que a terra não era fértil e de clima rigoroso – logo, cuja produção agrícola era pequena –, os camponeses pobres ingressaram sem problemas na coletivização, pois tinham tudo a ganhar. Nesses casos, os kolkhozes funcionaram a contento desde sua criação, e o padrão de vida melhorou nitidamente. Nas regiões férteis, porém, áreas de terras escuras, havia propriedades suntuosas, em geral no sul ou nas regiões do Volga. Lá a coletivização significava que as pessoas deviam abandonar suas riquezas. Não foi simples. (Cf. Aleksandr Iakolev, *Ce que nous voulons faire de l'Union Soviétique*, Paris, Seuil, 1991, p.55.)

6. O ditador

DURANTE OS ANOS TERRÍVEIS – quando colocou em jogo o futuro do país, a perenidade do regime e seu destino político – as poucas e lapidares cartas que Stálin enviou à mãe exprimem sofrimento e mostram que tinha consciência de que não cumpria suas obrigações como filho. Receava ter magoado a mãe, pedia notícias dela e preocupava-se em lhe oferecer melhores condições de vida: eis o *leitmotiv* de sua relação com Keke, cada vez mais perdida em sua Geórgia natal. "Há muito tempo não recebo carta sua. Será que está aborrecida comigo? Mas o que fazer? Sou muito ocupado. Envio-lhe 150 rublos, não posso mandar mais. Mas se precisar de dinheiro, fale comigo, enviarei o máximo que puder. Saudações aos amigos. Viva muitos anos. Seu Sosso." (Carta de 25 de abril de 1929.)

Em 22 de dezembro de 1931, quando a situação do país atingia um ponto crítico, Stálin escreveu novamente à mãe em seu estilo lacônico, deixando entrever a que ponto essa relação era importante para ele. "Claro que me sinto culpado por não lhe haver escrito. Mas o que fazer? Um imenso volume de trabalho desabou na minha cabeça e não tive tempo para uma carta. Cuide-se. Se precisar de alguma coisa, escreva. Nadia enviará os remédios. Seja forte e cuide da saúde. Viva mil anos. Seu Sosso." Patéticas e banais ao mesmo tempo, palavras apressadas, que, bem ou mal, revelam o desejo de manter um mínimo contato com essa pobre mãe, que ficara completamente para trás. É só em 24 de março de 1934 que encontramos, nessa correspondência espacejada, menção à morte de Nadejda. "Não se preocupe comigo. Aceitarei meu destino… Naturalmente, minha vida privada está difícil após a morte de Nadejda. Mas não é nada. Um homem corajoso deve permanecer corajoso."

Na realidade, para um homem da dimensão de Stálin, o que resta de espaço na vida privada após a morte da mulher e os horrores da coletivização?

Supostos amores e um caso verídico

Um rumor insistente, porém infundado, falava de uma relação quase matrimonial entre Stálin e uma certa Rosa Kaganovitch, irmã ou parenta de Kaganovitch, um de seus colaboradores mais próximos dos anos 30. O mito da terceira mulher de Stálin remonta a 1932, logo em seguida à morte de Nadejda. Dizia-se inclusive que se casara com Rosa. Essa Rosa intangível – já que a única irmã de Kaganovitch já morrera nessa época –, cuja existência é negada pela filha de Stálin mas confirmada pelo filho de Beria, constitui uma das páginas mais enigmáticas de sua vida privada. "Nada é mais inverossímil do que a história, que li mais de uma vez no Ocidente, da 'terceira mulher de Stálin', a imaginária 'Rosa Kaganovitch',[1] afirma Svetlana Alliluyeva. Ela se esquece de que esse rumor já circulava na URSS antes de chegar ao Ocidente. Sergo Beria, que evoca a relação entre Stálin e uma mulher com o nome Kaganovitch, chega a afirmar que teriam tido um filho. Segundo Sergo, essa mulher, bonita e inteligente, agradava muito a Stálin e foi esse amor a causa do suicídio de Nadia. "Eu conhecia bem o filho de Stálin criado por Kaganovitch. O menino chamava-se Iura. Uma vez, perguntei à filha de Kaganovitch se ele era seu irmão. A moça, constrangida, não sabia o que responder. O menino parecia muito com um georgiano. Sua mãe foi embora para algum canto e ele ficou na família de Kaganovitch. Desconheço seu paradeiro depois de 1953 e nunca mais ouvi falar da sobrinha de Kaganovitch."[2]

Os alemães apropriaram-se desse boato em 1941 para transformá-lo num elemento de propaganda antissemita. Desde os primeiros dias da guerra, nos panfletos que eles lançavam sobre as posições do Exército Vermelho, era possível ler: "O chefe do Estado-maior Stálin é um agente do sionismo internacional. Prova disso é que é casado com a filha de Kaganovitch."[3] Quando o filho mais velho de Stálin, Iakov, foi feito prisioneiro em 7 de julho de 1941, no interrogatório que os alemães lhe infligiram, figura este insólito diálogo:

– Sabe que a segunda mulher de seu pai é uma judia? Os Kaganovitch são judeus?

– De forma alguma. Sua segunda mulher era russa. Sim, Kaganovitch é judeu. São apenas boatos. Sua primeira mulher foi georgiana e a segunda, russa.

– Mas o sobrenome da segunda mulher não é Kaganovitch?

– Não! São boatos.

– Quem é a mulher de seu pai agora?

– Ora, a mulher dele morreu em 1932. Alliluyeva era russa, de Dombas. Que ideia! O homem tem 62 anos. Era casado, não é mais.[4]

Esse rumor, portanto, teve ramificações internacionais e, segundo o neto de Stálin, Aleksandr Burdonski, subsiste como uma "lenda palaciana". Para toda a

família de Stálin, essa intriga imaginosa, cujas origens remontam a uma época em que Kaganovitch convivia muito com Stálin, foi cultivada pelas omissões, mistérios e segredos da própria família de Kaganovitch. Maya, filha de Kaganovitch, afirma o contrário, evocando o medo que seu pai tinha só de pensar que tal rumor pudesse chegar aos ouvidos de Stálin.[5]

Os Kaganovitch, no entanto, foram íntimos da família de Stálin, a ponto de Anna Sergueievna cogitar, nos anos 30, casar Maya com Iacha, o filho de Stálin. Esse projeto foi abortado porque Iacha era demasiado independente para enquadrar-se.[6]

Outro caso amoroso, que logo assumiu ares de lenda, está associado ao nome da cantora estrela do Bolshoi, Vera Aleksandrovna Davidova, cujo talento, e talvez encantos, Stálin apreciava. Esse romance teria começado no dia seguinte à morte de Alliluyeva e durado um certo tempo. Num documentário para a tevê do início dos anos 90, Davidova conta que Stálin assediou-a e ela recusou, alegando que ele era casado. Num livro apócrifo, que se apresenta como as confissões da cantora, Leonid Guendlin[7] nos conta sobre os dezenove anos de relações íntimas que ela mantivera com Stálin. Hoje falecida, Davidova não pode mais restabelecer a verdade. Mas seus colegas do Bolshoi julgaram a história um escândalo e publicaram um comunicado na imprensa afirmando que nada do livro água com açúcar de Guendlin era verídico.[a]

Embora Svetlana Alliluyeva aceite a ideia de que Stálin cortejava a cantora,[8] e Aleksandr Burdonski pense que Stálin talvez se sentisse atraído por ela, nada permite confirmar esse relacionamento. Stálin frequentava assiduamente o Bolshoi, adorava a ópera, gostava de manter relações com os artistas e músicos e acompanhava atentamente a atividade dessa prestigiosa instituição, como atesta a rica correspondência que mantinha com ela. Teve aventuras amorosas ou casos passageiros com algumas estrelas? Por ora, nenhum arquivo ou confidência familiar permitem dar resposta definitiva a tal pergunta. “Stálin era um homem atraente”, diz Molotov. “Devia seduzir as mulheres. Fazia sucesso com a elas.”[9] de tudo, observava-os”, anotava em seu diário Maria Svanidze em 1º de outubro de 1934, sem se dar conta de que acabava de acertar no alvo. Sem exercer verdadeira influência sobre ele, Guenia ousava, contudo, dizer-lhe o que não ia bem no país, criticá-lo como governante e exprimir o que pensava, tão forte era o relacionamento.[10] Stálin precisava de alguém que não o adulasse, em quem pudesse confiar, de uma alma que o compreendesse e lhe fosse fiel. Acreditara nos sentimentos profundos de Nadejda e demonstrara-lhe as mesmas exigências. Sua morte, que continuava a obcecá-lo, e que ele considerava uma traição, o levava a transferir tais exigências

para Guenia. Bonita, inteligente, culta, elegante, ela ocupava o espaço vazio deixado por Nadia, sem com isso substituí-la. Era o amparo moral e humano de Stálin.[11] Uma amizade amorosa e cúmplice mais que uma paixão. Stálin contou-lhe sobre a vida na Sibéria, revelando que na época fundara uma família. Falou-lhe de sua mulher Maria, que lhe dera um filho para o qual ela escolhera o patronímico do finado marido.[12]

A VIDA PRIVADA DE STÁLIN durante o período que sucedeu à morte de sua mulher girou principalmente em torno dos filhos e das famílias de suas duas esposas, os Svanidze e os Alliluyev. Ora, é do seio da família Alliluyev que sai a mulher que viria a ocupar, durante quase uma década, grande parte do espaço afetivo de sua vida. Evguenia Aleksandrovna, mulher de Pável Alliluyev, irmão predileto de Nadejda, portanto cunhada de Stálin, tornou-se sua amante, seu porto seguro, sua confidente.[b] Relação profunda, amorosa, não prejudicada pelo poder cada vez mais imenso de Stálin. “Iosif brincava com Guenia: dizia-lhe que ela engordara muito. Era muito carinhoso com ela. Agora que eu sabia

Evguenia e Stálin encontravam-se com frequência e ela lhe perguntava, como Nadia fazia, como ele podia ter como colaborador próximo alguém como Beria. Recebia a mesma resposta: “O homem trabalha direito.”[13] Ela convivia muito com Stálin clandestinamente, e também com o restante da família. Em 1936, durante uma recepção oferecida por Stálin em homenagem à nova Constituição, Guenia chegou com alguns minutos de atraso. Stálin espreitava sua entrada. Assim que a viu, disse-lhe: “Só você para ousar atrasar-se.” No entanto, havia muita gente. “Como sabe disso?” espantou-se ela com a observação. “Meus olhos enxergam a dois quilômetros de distância.”[14]

Aproveitando aquele relacionamento deveras singular, Beria sugeriu a Stálin nomeá-la governanta de sua casa. Mas Evguenia recusou. Tinha medo de que, se acontecesse alguma coisa a Stálin, fosse considerada responsável. A atmosfera reinante, mesmo nas altas esferas, estava impregnada de medo e ameaças.

Para escapar dessa relação impossível, no ano seguinte à morte de Pável, em 1938, ela voltou a se casar. Casamento de fachada ou real porta de escape? De todo modo Stálin não apreciou tal iniciativa. Convidou Kyra, filha de Evguenia, para jantar em Sotchi a fim de extrair dela informações sobre aquela união. Teriam continuado o relacionamento? Em 1941, enquanto toda a Moscou política e cultural deixara a capital, Stálin, decidido a não se mexer, julgava ainda poder contar com Guenia: pediu-lhe para partir com Svetlana, Galina (a segunda filha de Iacha) e com os seus próprios filhos para Sotchi. “Sou casada,

agora tenho cinco filhos para cuidar. Vou para Svedlosk.” Stálin zangou-se, mas ainda manifestou seu pensamento sobre a situação do país: “A guerra será longa, rude, mas alcançaremos a vitória.”[15] E então, sob as bombas e o drama de uma Moscou cercada, a relação chegou ao fim.

Stálin começou então a desconfiar. Era realmente uma amiga? Não lhe escondia alguma coisa? Ou então, como sugere Svetlana numa carta que lhe escreveu em 1º de dezembro de 1945, não haveria alguém que o manipulava contra ela, como contra tantos outros? “No que se refere a Evguenia Aleksandrovna, parece-me que você suspeitou dela só porque ela se casou muito cedo. Ela me explicou pessoalmente porque as coisas se deram assim. De minha parte, não lhe fiz perguntas. Contarei tudo quando você vier. É muito desagradável ter essas dúvidas pairando à sua volta. Aliás, a questão não está ligada a Guenia e seu drama familiar. Lembre-se também do que falaram sobre mim. Mas quem? O diabo que o carregue.”

Em 1947, Guenia e, semanas depois, Kyra serão presas. Mas essa é outra história, à qual precisaremos voltar…

Chefe de clã

Triste, sentindo-se traído, abandonado, arrasado, Stálin continuava a viver como antes, embora tudo houvesse mudado drasticamente. Incapaz de permanecer no lugar onde Nadia pusera fim a seus dias, trocara de apartamento no Kremlin com Bukharin. Ia cada vez menos a Zubalovo, preferindo, a partir de 1934, a casa de campo mais próxima – a Blijniaia, em Kuntsevo –, onde passou grande parte dos últimos vinte anos de sua vida. Fora o mesmo arquiteto, Miron Merjanov, quem a construíra, e quem projetará várias outras para ele, como a Dalniaia (“a Longínqua”) e a Sokolovka.

A Blijniaia era uma casa moderna, com um pavimento superior, cercada por um jardim e um bosque.[16] Como na época de Nadia, Stálin ali recebia as famílias dos sogros. Cheio de atenções para com todos, alegrava-se tendo gente à sua volta e ouvindo o barulho das crianças. Eles, por sua vez, comoviam-se com seu infortúnio e tentavam demonstrar-lhe afeição e lealdade.

Stálin ocupava o térreo, alojando-se num único aposento. Mantinha o modo de vida austero e frugal de antes, apesar da decoração luxuosa dos ambientes. Dormia num divã. Sobre uma grande mesa deixava todos os seus dossiês, jornais e livros. Na hora das refeições, quando estava só, chegavam toda essa confusão para o lado a fim de liberar um espaço para servir os pratos. Um grande tapete

oriental e a lareira eram o que davam um pequeno toque de conforto ao aposento.[17]

Para os membros de sua família, vê-lo e conviver com ele era uma imensa alegria, uma grande felicidade e, para alguns, uma honra. As cunhadas Anna, Evguenia e Marussia eram as primeiras a chegar, ou às vezes iam visitá-lo sozinhas, sem os maridos. Chegavam sem se anunciar, sem ser convidadas e até mesmo sem saber se o encontrariam em casa. Embora as crianças morassem no apartamento do Kremlin, ele pernoitava sistematicamente na datcha. Quando as tias ou os avós Alliluyev chegavam de surpresa, demoravam-se nos quartos das crianças. Quando Stálin aparecia, era uma alegria para Svetlana e Vassili. Sempre cercado pelos colaboradores mais próximos, com um paletó de verão nos ombros quando o inverno já se instalava em Moscou (sempre se atrasara para adequar o vestuário à estação), os braços carregados de dossiês e jornais (não gostava de pastas, nunca as usava), chegava finalmente em casa. A mesa então era posta rapidamente, e Stálin juntava todo mundo para jantar, achando para cada um uma palavra amiga ou uma pergunta solícita. Às vezes abriam uma garrafa de champanhe, e era ele quem fazia os brindes. Svetlana era então o centro das atenções. À mesa, ele a colocava a seu lado, dava-lhe os melhores pedaços e acariciava-a e beijava-a o tempo todo.

Para que seus parentes tivessem acesso a ele sem passar pelo protocolo, mandara instalar uma linha direta para que, como anota Maria Svanidze em seu diário, em 4 de novembro de 1934, “aqueles que precisassem de seus conselhos pudessem contatá-lo pessoalmente. Ele é bom e cordial.”[18]

Como sempre, passava muito tempo em Sotchi ou em algum outro lugar no Sul. O verão, para ele, prolongava-se até o fim de outubro, e só então ele retornava finalmente a Moscou. Às vezes a família via-o em Zubalovo, agora domicílio dos filhos e avós. Stálin ia até lá a fim de reencontrar o cenário que o fazia lembrar Nadia. Os homens jogavam bilhar, as mulheres montavam espetáculos para as crianças. Stálin, calmo, porém não sem certo estoicismo, aguentava as cenas de Maria, que o criticava por haver mandado seu marido para a China, ou os queixumes de sua cunhada Sachiko. “Você gritou comigo e no dia seguinte desculpou-se por intermédio dos outros.” “Eu sentia vergonha”, escreve Maria em seu diário em 26 de novembro de 1934, “mas ao mesmo tempo estava satisfeita com nossas relações simples e amistosas.” Ou sua irritação aveludada diante de Sachiko: “Sei que ela me prestou favores, bem como a outros velhos bolcheviques. Decidi agradecer, e ela sempre descontente. Ela escreve cartas por qualquer coisa e exige que eu lhe dedique tempo. Não tenho tempo para mim, e não tinha nem para minha mulher; aliás, ela sempre se zangava com isso. E a ela

eu devo atenção?”[19]

Como chefe de clã, às vezes deslocava-se rodeado por esse mundinho, ora para ir ao teatro, ora para passear. Apesar de toda essa animação, era solitário, e essa solidão intrínseca não escapava aos que o cercavam. O assassinato de Kirov, em 1º de dezembro de 1934, só fez aumentar seu isolamento e sua desconfiança inata.

O assassinato de Kirov

“A meu amigo e irmão bem-amado, da parte do autor”, escrevia Stálin a Kirov, em 23 de maio de 1924, como dedicatória de seu livro *Sobre Lênin e o leninismo*.[20] Stálin encontrara Kirov pela primeira vez em outubro de 1917, em Petrogrado. Desde 1909, Kirov vivia no Cáucaso do Norte, coincidência que os aproximou rapidamente. Reencontraram-se durante a guerra civil, e sua amizade datava dessa época. De todos os colaboradores próximos de Stálin, Kirov era o mais amado, aquele em quem ele depositava mais confiança. Stálin queria vê-lo sempre que possível, embora ele morasse em Leningrado, onde seu trabalho o absorvia. Gostava de frequentar os banhos russos com ele e, nesse ambiente, conversar sobre tudo: da alta política ao preço do pão. Foi Stálin quem pôs Kirov à frente da poderosa organização do Partido de Leningrado, dirigida até então por Zinoviev. Para Stálin, ele foi um amigo fiel e um colaborador eficiente. Nenhuma controvérsia de ordem política abalou a relação privilegiada entre os dois. Em 1931, Kirov passou as férias com Stálin, em Sotchi. Após a morte da mulher, Stálin passou a apreciar mais ainda sua companhia. Quando ia a Moscou, hospedava-se em sua casa.

Ora, dois anos após o suicídio de Nadejda, o tiro que bruscamente matou Kirov desferiu um golpe fatal num Stálin já ressabiado e desconfiado.

Em 1º de dezembro de 1934, às 16h30, na sede do soviete de Leningrado, no antigo Smolny – prédio famoso onde Lênin planejara a Revolução de Outubro –, Kirov foi assassinado por um homem chamado Leonid Nikolaiev, jovem comunista dissidente, deprimido e desempregado. Morreu na hora. O assassino foi preso no próprio local do crime. O assassinato foi considerado um fato hediondo e iníquo. A guerra civil estava longe, e o campo mais ou menos pacificado. Stálin julgou o atentado um complô tramado contra ele.

Na mesma noite, partiu para Leningrado em trem especial do governo, acompanhado de Vorochilov, Molotov, Jdanov e Iagoda. Chegaram na madrugada do dia seguinte. Stálin e seu grupo encaminharam-se diretamente

para o hospital Sverdlov, onde repousava o corpo de Kirov, depois dirigiram-se à casa da viúva e, finalmente, ao local do crime, em Smolny. Stálin adentrou o saguão no meio daqueles que o cercavam para protegê-lo, precedido por Iagoda, que, empunhando um revólver, gritava: “Todo mundo de costas para a parede, com as mãos para cima!”[21]

Stálin de imediato colocou-se à frente do inquérito. Esteve com Nikolaiev, cuja vida prometeu salvar se denunciasse seus cúmplices. Mas não havia cúmplices. “Matei Kirov sozinho!” Isso não convencia Stálin. Queria a todo custo saber quem e por quê. Nikolaiev respondia às suas perguntas com gritos histéricos: “Foi por vingança! Perdoe-me!”[22]

Stálin e seus colaboradores partiram de Leningrado na madrugada de 3 de dezembro, deixando o interrogatório prosseguir sem a sua presença. A princípio, a NKVD pensara que Nikolaiev estava ligado a um grupo de guardas brancos terroristas. Eis a razão pela qual, nas horas que se seguiram ao atentado, desencadeou-se um novo terror vermelho na cidade. Em seguida, procuraram os conspiradores junto à velha oposição. Para Stálin, um ataque terrorista individual era coisa impensável. Acostumado desde sempre às lutas de facções e à guerra civil, não concebia efetivamente aquele drama senão como resultado de uma conspiração.

Em 2 de dezembro, quando os jornais noticiaram o assassinato, já se havia lido, no comunicado do governo, que Kirov fora morto por um assassino enviado pelos “inimigos da classe operária”. Agora faltava arrancar a confissão do assassino a fim de que ele denunciasse os verdadeiros culpados. Esta era a lógica do clima da época. Em 7 de dezembro, aconteceram as primeiras prisões daqueles que Nikolaiev, sob tortura, apontara. Tratava-se de seus antigos camaradas do comitê de bairro do Komsomol de Vyborg.[23]

O inquérito e essas prisões criaram uma atmosfera pesada de suspeitas, medo e ódio que se exprimiam em comícios, na imprensa e no rádio. Milhares de cartas enviadas ao Partido de Leningrado exigiam a punição suprema para os assassinos. O tiro de 1º de dezembro de 1934 desencadeara uma verdadeira caça às bruxas. Os treze “cúmplices” apontados por Nikolaiev foram associados às pressas e sem muito discernimento ao assassinato. No mês de dezembro, devido a esse assassinato e a esse único assassino, fuzilaram-se 103 guardas brancos que nada tinham a ver com o episódio, depois mais treze inocentes cujo único crime era conhecer Nikolaiev e terem sido, uma dezena de anos antes, oposicionistas; e isso a despeito de Nikolaiev continuar a clamar sua verdade no tribunal, a saber, que agira sozinho. Em duas ocasiões, o presidente do tribunal, Ulrich, que, face à falta de provas e negação dos acusados, começava a duvidar, telefonou para

Stálin. Nada o convenceu: “Fuzile-os todos!” teria então respondido.[24]

A maneira como o inquérito foi conduzido suscitou todo tipo de rumores, que envolviam até mesmo Stálin. Enquanto no princípio os investigadores ignoraram tudo o que podia explicar aquele ato solitário – razões pessoais, ressentimentos, inveja –, o terror[c] desencadeado por Stálin por causa desse assassinato levou seus oponentes, e em seguida Kruchtchev, a partir do XX Congresso, a designá-lo como o mandante do crime. Todos se enganavam, desprezando uma verdade demasiado simples e banal demais para lhes parecer digna de crédito.

STÁLIN CONTINUOU ANOS A FIO a procurar o culpado. A princípio atribuiu o crime a Zinoviev, ex-governante de Leningrado. Quem dizia Zinoviev dizia igualmente Kamenev e, em última instância, Trótski.

Em 23 de dezembro, os chefes da antiga oposição de esquerda, Zinoviev e Kamenev à frente, foram presos. Em 27 de dezembro, a justiça “revelou” que um “centro leningradense” de terrorismo acaba de ser descoberto. Composto, além de Nikolaiev, por vários ex-dirigentes do Komsomol da época de Zinoviev, esse centro planejava – tudo isso ainda de acordo com a Justiça – matar Stálin. Uma soma teria sido enviada por Trótski para esse fim.

EM JANEIRO DE 1935, Zinoviev, Kamenev e vários de seus ex-aliados políticos foram julgados por cumplicidade moral e condenados a dez anos de trabalhos forçados.

Mais tarde, por ocasião do primeiro julgamento de Moscou, em agosto de 1936, um acusado confessou ter tido a ideia de assassinar Kirov. Por ocasião do terceiro julgamento de Moscou, em março de 1938, “a oposição de direita”, liderada por Bukharin, foi responsabilizada pelo assassinato. Iagoda, ex-chefe da NKVD, corréu nesse processo, declarou que Enukidze dera-lhe ordens para facilitar o assassinato de Kirov.

A DESPEITO DE TODOS OS arquivos de que Kruchtchev dispunha, era impossível para ele, em 1961, apresentar uma versão mais convincente que a sugerida, entre 1934 e 1938, pela justiça stalinista. Inúmeros historiadores ocidentais, inclusive Roy Medvedev,[25] compraram a explicação que Kruchtchev apresentou na época: Stálin fora o mandante do assassinato, executado pelas mãos de Iagoda. A motivação? Stálin estaria com ciúmes da popularidade de Kirov e necessitava de

um pretexto para desencadear uma repressão sangrenta contra os antigos figurões do Partido.

ESSE PRETENSO CIÚME a respeito de Kirov – que inúmeros historiadores julgavam democrata demais ou pouco radical para Stálin – se justificaria pelo fato de que Stálin teria ficado em minoria por ocasião do XVII Congresso do Partido, dito "Congresso dos Vencedores", em janeiro de 1934, perdendo a maioria para Kirov. Foi, com efeito, um congresso apoteótico para o socialismo em marcha no qual toda uma geração acreditava, mas Kirov "não era e não podia ser rival de Stálin".[26]

Mesmo não caindo na adulação e, em certos aspectos, sendo mais moderado que ele, Kirov aprovava integralmente a política de Stálin e admirava-o sinceramente. No fim do XVII Congresso, Kirov fora eleito para o CC e depois, durante a plenária do CC, tornara-se membro do Politburo, enquanto ainda conservava suas funções em Leningrado. Porém, diversos depoimentos e arquivos sugerem que ele foi cogitado para o lugar de Stálin. "Durante o congresso, ninguém sugeriu a eleição de Kirov para o posto de secretário-geral e, aliás, isso teria sido impensável", afirma um delegado. "Lembro-me perfeitamente de não ter ouvido nenhuma conversa sobre a eleição de Kirov para o posto de secretário-geral", lembra outro delegado. "Essa lenda provavelmente nasceu durante a campanha de propaganda que sucedeu a morte de Kirov… Várias recordações foram redigidas por aqueles que padeceram os sofrimentos dos campos após terem acreditado em Stálin e o divinizado. Daí sua rejeição à divindade derrubada de seu pedestal e a aspiração a substituí-lo por outro ídolo, assassinado justamente pelo que caíra…"[27]

A fraude nos resultados da eleição promovida por Kaganovitch, com a anuência de Stálin – porque mais de trezentos delegados teriam riscado seu nome das cédulas –, continua uma lenda. Testemunhas da época desmentem categoricamente tal alegação. "Lembro-me de nossa indignação ao ver as cédulas de votação com o nome de Stálin riscado. Quantas foram? Não me lembro exatamente, mas mais de três, parece"; "Duas ou quatro vozes, lembro-me mais exatamente, voltaram-se contra Stálin."[28] Molotov é igualmente inflexível neste ponto: "Suponho que Stálin, por sua vez, recebeu duas ou três bolas pretas, assim como eu… Tenho certeza de que ele teve sempre um ou dois votos contra si. Em todas as épocas. Ele sempre teve adversários."[29]

No início de novembro de 1960, uma comissão de historiadores sob ordens de Nikolai Chvernik, presidente da Comissão de Controle, abriu os documentos lacrados da Comissão de verificação dos votos do XVII Congresso. Segundo

esse documento, que fornece a lista dos membros do CC candidatos ao conjunto das delegações e o número exato dos votos recebidos por cada um deles, Stálin foi eleito com apenas três votos contra e Kirov com quatro votos contra. Os únicos a ser eleitos por unanimidade foram Kalinin e Kodatski.[30]

Em suas *Recordações*, Kruchtchev evoca seis delegados que teriam sido contrários a Stálin e lembra que ele mesmo, eleito então pela primeira vez para o CC, também recebera seis votos contra.[31]

Independentemente das quimeras sobre um Kirov rival de Stálin, e do fato de Kirov ser um stalinista inquestionável, convém dizer igualmente que ele não tinha estatura para substituir Stálin. Como sugere Molotov, basta ler as atas dos congressos para constatar, sem qualquer sombra de dúvida, quem tinha mais autoridade, Stálin ou Kirov.[32]

Sinal suplementar de que Kirov nunca entrara no círculo infernal das suspeições stalinistas: as famílias de Kirov e a de sua mulher, Maria Lvovna Markus, nunca foram vítimas da repressão. Sua mulher, que morreu em 1945, era pensionista do Estado.

Foi Kruchtchev, com efeito, quem pôs Stálin na berlinda por ocasião do assassinato de Kirov. Entretanto, nessa época, 1961, uma comissão encarregada de revelar a verdade estipulava em seu relatório conclusivo: “Nikolaiev agiu sozinho, e Stálin utilizou o assassinato de Kirov para isolar e liquidar os dirigentes da oposição zinovievista e seus partidários.” Outra comissão, criada em 1963 e que funcionou até 1967, concluiu também que o autor do assassinato de Kirov fora de fato apenas Nikolaiev.

Em 1990, Aleksandr Iakovlev, que presidia a Comissão de Reabilitação das Vítimas do Stalinismo, afirmava que, “segundo os documentos existentes, nada prova que Stálin tenha sido o mandante do crime”.[33]

O segundo luto

Voltemos a esses primeiros dias de dezembro de 1934 e acompanhemos Stálin em seu sofrimento pela perda de um amigo querido, pouco após a morte de sua mulher.

Embarcados em trem especial de Leningrado para Moscou, os restos mortais de Kirov foram expostos segundo os costumes soviéticos na sala das Colunas da Casa dos Sindicatos, no dia 5 de dezembro. Após a última homenagem do povo moscovita, as portas foram fechadas ao público às 22h, e apenas os convidados ilustres tiveram acesso à cerimônia de adeus. Além da

família de Kirov e da de Lênin – representada por sua mulher Krupskaia, seu irmão Dimitri e sua irmã Maria –, a família de Stálin também compareceu: Anna e Redens, Aliocha e Maria, Pável e Evguenia. Às 23h chegaram os principais dirigentes: Stálin cercado por Vorochilov, Molotov, Ordjonikidze, Kaganovitch, Jdanov, Mikoian e muitos outros. Num tablado, a orquestra do Bolshoi tocava a marcha fúnebre de Chopin. Stálin aproximou-se do caixão, debruçou-se e depositou um beijo na testa do cadáver, murmurando: “Dorme tranquilo, querido amigo, nós o vingaremos.”[34] Lágrimas corriam pelo seu rosto. Todo mundo chorava. Os chefes estavam lívidos, e Sergo Ordjonikidze soluçava ruidosamente.

Essa pequena comunidade, a elite do poder vermelho, sentia-se ameaçada. “Ninguém queria ficar sozinho, os pensamentos eram sombrios. Todo mundo falava de Kirov”, anota Maria Svanidze em seu diário. A família de Stálin reuniu-se em seu apartamento no Kremlin. Nos dias seguintes, seus parentes procuraram fazer-lhe mais companhia. Em 9 de dezembro, Maria e Evguenia levaram presentes para Svetlana, igualmente pesarosa com a morte de Kirov. Encontraram Stálin almoçando, curvado, pálido, o olhar esgazeado: “Dava pena olhar para ele. Sofria muito”, declara Maria Svanidze. “Como é horrível ser testemunha da brusca fraqueza de tão grande homem…” Mais uma vez, Pável Alliluyev estava presente para acompanhá-lo durante esses primeiros dias. Foi passar um tempo com ele na datcha. “Fiquei completamente órfão”, lhe teria dito Stálin, que contou também que Kirov cuidava dele como um filho. Consciente de sua solidão, ainda profunda, a família estava dividida entre o desejo de ajudá-lo e o constrangimento de vê-lo naquele estado de desespero. “Gosto tanto de Iosif”, escreve ainda Maria em seu diário a respeito desse luto, “sinto-me ainda mais afeiçoada a ele, sobretudo depois da morte de Nadia. Vendo sua solidão, eu teria ido à sua casa com mais frequência, mas Aliocha está desconfiado: tem ciúme e medo de importunar. Aliocha disse que Iosif não gosta que as mulheres vão visitá-lo, mas não sou uma mulher com quem seja preciso respeitar as regras do protocolo. Sou amiga íntima de sua finada mulher, sou amiga de sua família, gosto de seus filhos e sou afeiçoada a ele, sem falar do respeito e da estima que sinto por esse grande homem do qual tive a sorte de ser muito próxima.” Esse libelo é ainda mais comovente quando pensamos no trágico destino que esperava Maria. Mas não antecipemos.

Em 21 de dezembro, Stálin comemorou seu aniversário. Estavam todos presentes: além das famílias Svanidze, Alliluyev e Redens, apareceram os colaboradores mais próximos: Ordjonidkize, Andreiev, Molotov, Vorochilov, Tchubar, Manuilski, Enukidze, Mikoian, Beria, Lakoba, Poskrebytchev, Kalinin… Os filhos de Stálin também estavam na festa: Iakov, Vassili e

Svetlana, bem como outras crianças da família. A noite foi alegre e calorosa. Stálin irradiava satisfação porque tinha à sua volta todos os seus seguidores.[35]

Todos, segundo o costume russo tornado soviético, fizeram brindes. Em seguida, Stálin abriu a vitrola e, sem consultar os convidados, colocou seus discos preferidos. Ninguém se chocou com isso e os convidados puseram-se a dançar com entusiasmo. Ainda apegado aos costumes caucasianos, ele incitava os homens a erguerem as mulheres e as rodopiarem no ar. Em seguida, os caucasianos entoaram canções tristes, e Stálin misturou-se a eles com sua voz de tenor. Estava realmente tão bem-humorado assim? Maria, relatando essa festa inesquecível para ela, diz ter percebido nele sombras dissimuladas por uma alegria de fachada, e uma atitude mais branda e humana: “Antes da morte de Nadia, ele era inexpugnável, um herói de mármore. E agora surpreende com atos que parecem banais, porém mais humanos.”

Sergo Ordjonikidze recitou versos que compusera em memória de Kirov, e todos ficaram com os olhos marejados. Após um silêncio, os brindes recomeçaram. Nesse momento, Stálin ergueu seu copo para evocar a mulher falecida: “Permitam-me beber um copo por Nadia.” Novo minuto de silêncio e recolhimento. Todo mundo se levantou e se aproximou de Stálin. Anna e Maria beijaram-no com afeição. Estava emocionado. Seu segundo brinde foi para Sachiko, sua cunhada georgiana, que criara Iacha. Indo em sua direção, disse: “Vocês não a conhecem, mas eu a conheço bem. Quando estávamos na clandestinidade, Sachiko nos ajudava por amor à irmã.”[36]

Com efeito, Stálin conservou certa gratidão por Sachiko e, ainda que às vezes sua presença intrusiva o irritasse, ela sempre se hospedava no apartamento dele quando ia a Moscou. Sachiko morreu algum tempo mais tarde de câncer, enquanto sua irmã, Mariko, terá um destino trágico.

Os parentes

Após a morte da mulher, Stálin ficara sozinho para cuidar dos filhos. Como fazer quando se é Stálin e se é obrigado a conciliar pedaços de história com pedaços de vida privada? Ao estafe educativo já existente, ele acrescentou, para vigiar os filhos, agentes da NKVD. Introduzia assim, num domínio de vida tão privado, um processo que não conseguirá mais deter: uma simbiose entre ele e a polícia secreta. Estava consciente dos múltiplos problemas que os filhos tinham para superar: a perda da mãe, a convivência com um pai que virara um monumento e de quem sentiam cada vez mais medo de se aproximar de maneira natural e

calorosa. As crianças passaram a viver, sem se dar conta disso, na mira da polícia, malgrado desfrutassem de uma vigilância dourada – disse Pauker, agente da NKVD, a Vlassik, chefe de sua guarda pessoal, ou mais tarde Beria. “Convém matricular Svetlana na escola, senão ela ficará ainda mais selvagem… Zelar atentamente para que Vassia não cometa tolices”, escrevia Stálin a Efimovo, intendente da datcha de Zubalovo.

As crianças moravam no apartamento do Kremlin e Stálin, sempre que possível, ia vê-las na hora do almoço ou do jantar, antes de voltar para pernoitar na datcha. É desse período que data sua relação privilegiada com a filha. Quando estava em Sotchi para suas temporadas, agora rotineiras, escrevia-lhe regularmente, e suas cartas exprimiam uma profunda afeição: “Bom dia, meu pardalzinho. Não fique zangada comigo porque não lhe respondi imediatamente. Estava muito atarefado. Estou vivo, bem de saúde e vou bem. Um beijo muito grande no meu pardal.”[37] Ou ainda: “Querida Svetlana. Recebi sua carta de 25 de setembro. Obrigado por não esquecer seu papaizinho querido. Não vou mal, estou bem de saúde, mas me aborreço sem você. Recebeu as romãs e ameixas? Mandarei mais se me ordenar. Diga a Vassia para me escrever também. Até logo. Um beijo grande. Seu papaizinho.” Em pós-escrito, acrescenta: “Parabéns pelo seu primeiro concerto. É ótimo espalhar alegria.”[38]

Uma espécie de jogo instaurou-se entre eles: ela era a “patroa”, e ele, seu “secretário” a quem ela dava “ordens”. Stálin escreve-lhe, ainda de Sotchi: “Obrigado por sua carta, minha Setanotchka. Estou despachando cinquenta ameixas para você, cinquenta pra Vassia. Se quiser mais ameixas ou outras frutas, escreva que providencio. Beijo.” A filhinha desempenhou plenamente seu papel de “chefe”: “Ao camarada Stálin, secretário n.1, ordem n.4: ‘Ordeno que me leve com você. Setanka, a Chefe.” E o pai responde: “Obedeço. Iosif S.” (Carta de 21 de outubro de 1934).[39]

Fora essa correspondência pessoal, grande parte das informações de que Stálin dispunha sobre a evolução dos filhos provinha dos relatórios do intendente para o chefe da guarda e, mais tarde, para o chefe da polícia secreta. “Svetlana e Vassili estão bem de saúde. Os estudos de Svetlana vão bem. Vassia não estuda, é muito preguiçoso; o diretor da escola chamou três vezes… Todo fim de semana, eles vão a Zubalovo…”[40] Numa carta destinada a Svetlana em 8 de outubro de 1935, Stálin repercute esse relatório, sinal de que se mantinha regularmente a par do que os filhos faziam. “Chefinha! Recebi sua carta e seu cartão. Estou contente porque você não esqueceu seu papai. Envio-lhe algumas maçãs vermelhas. Dentro de poucos dias, mandarei tangerinas. Coma, divirta-se… Não mando nada para Vassia porque ele não estudou direito. Aqui, o tempo

está lindo. Só estou um pouco triste por não estar com você. Até breve, chefinha…”

OUTRA RESPONSABILIDADE FAMILIAR recaía sobre Stálin: sua mãe, quase esquecida na remota Geórgia. Nesse caso também, era a Beria e sua mulher Ninoi que incumbia a tarefa de zelar para que nada faltasse à solitária anciã, para que os melhores médicos fossem vê-la. Ela recebia regularmente os dirigentes da região ou altos dignitários do regime de Moscou: a visita à casa da mãe de Stálin tornara-se um ritual local. Teve também como hóspedes a mãe e a irmã de Dimitrov – encontro imortalizado em uma fotografia. Entretanto, apesar das atenções de que era objeto, não entendia direito o que seu filho fazia nem o que isso representava para ela. O fato de sequer conhecer os netos – exceto Iacha, a quem não via fazia tempos – confirmava-lhe o gosto amargo do abandono e de um triste fim de vida, após uma existência dura e precária. As cartas lacônicas que Stálin lhe enviava de quando em quando exprimiam de certa maneira esse descaso: “Bom dia, mamãe. Como vai indo a minha mãe? Recebi sua carta. Que bom que não me esqueceu. Vou bem de saúde. Se precisar de alguma coisa, escreva. Viva mil anos. Beijo. Seu filho Sosso.” (Carta de 6 de outubro de 1934.)

Alguns meses mais tarde, escreve-lhe novamente para agradecer pelos envios regulares de compota de nozes, que ela nunca deixou de preparar para ele. “Bom dia, mamãe. Continua doente ou melhorou? Não recebo cartas suas faz algum tempo. Está zangada comigo, mamãe? No momento, sinto-me bem; não se preocupe comigo.” (Carta de 19 de abril de 1935.).

Por essa época, o estado de saúde de Keke deteriorava-se lentamente: saía cada vez menos do quarto e só para ir à igreja. Stálin percebeu que devia despachar as crianças para lá e, finalmente, viajar para visitá-la. Em 11 de junho de 1935, escreve-lhe: “Sei que você não anda bem. Não deve temer a doença. Coragem, tudo passará. Envio-lhe meus filhos. Acolha-os e beije-os. São crianças adoráveis. Se puder, irei visitá-la também.”

Dessa forma, em junho de 1935, Iakov, Vassili e Svetlana partiram para visitar a avó. Hospedaram-se na casa dos Beria. Passaram uma semana em Tíflis, mas só viram a avó uma vez. O contato com ela era difícil. Em primeiro lugar, Keke não falava uma palavra de russo. Seu quartinho escuro, que dava para um pátio interno, contrastava intensamente com a suntuosidade do velho palácio do governo. Os aposentos eram de grande simplicidade. As crianças, sobretudo Svetlana, admiraram-se com a modéstia do local, com a atmosfera vetusta das pessoas que a cercavam, com as mulheres vestidas de preto que se azafamavam em torno de sua avó deitada ou recostada em seu leito. Para ela, o momento era

solene. Lágrimas nos olhos, apertou uma a uma em seus braços descarnados aquelas crianças perplexas com o cenário insólito. Murmurou palavras carinhosas, mas incompreensíveis para eles. Iacha compreendia o que ela dizia e serviu de intérprete. Comovida, sem conter as lágrimas, deu-lhes balas de cevada. Svetlana e Vassili, embaraçados e sem falar georgiano, não sabiam como preencher o vazio. Ao partir, Svetlana, embora tivesse apenas nove anos, espantou-se ao ver a mãe de seu pai viver tão humildemente.[41]

Era tarde demais para estabelecer relações verdadeiras com aquela anciã que sempre se recusara a compreender e acompanhar o filho, a instalar-se ao seu lado em Moscou e, sobretudo, a abandonar o que para ela era essencial: sua vida austera e devota.

O reencontro com Stálin, alguns meses depois, não foi menos superficial e desconcertante para ela. Em 17 de outubro do mesmo ano, ele irrompeu de maneira inesperada na casa dela. “A porta se abriu e eu o vi”, contou ela alguns dias mais tarde aos jornalistas do *Pravda*, que foram entrevistá-la após essa visita amplamente coberta pela imprensa. “Passamos um dia agradável. Iosif Vissarionovitch ria e brincava muito. O encontro foi alegre. Desejo a todo mundo um filho assim”, afirmou.[42]

Stálin passou o dia inteiro à cabeceira da mãe e só retornou a Moscou tarde da noite. A alegria de Keke misturava-se às lágrimas. Fazia tanto tempo que não via o filho! Por um momento esqueceu a velhice, a fraqueza e as doenças. Evocaram seu passado pobre naquele buraco perdido do mundo que era Gori e a vida difícil de Iosif em Tíflis. Ele lhe pediu notícias de seus colegas e amigos de antigamente. Stálin nunca ligou para sua família mais distante – tios, tias, primos, primas. Apesar de numerosos, eram como se nunca tivessem existido para ele.[d]

Com o bom humor dos grandes dias e fazendo de tudo para diverti-la, Stálin conseguiu, enquanto durou a visita, fazê-la feliz. Durante esse breve momento de intimidade renovada, a velha mãe aproveitou para esclarecer um ponto que a atormentava: o que fazia efetivamente seu filho, como seria seu futuro, motivo de suas constantes preocupações. Claro, sabia que ele se tornara um grande líder, mas não compreendia direito quais eram suas responsabilidades ou a extensão efetiva de seu poder. Deu-se então um diálogo estranho, que ficará na história:

– Iosif, o que você é agora?

– Secretário do CC do PC.

Isso não a ajudava muito: o que aquilo poderia querer dizer? Ele explicou então de outra forma, com palavras ao seu alcance.

– Mamãe, lembra-se do nosso czar?

– Claro.

– Pois bem! De certa forma, sou o novo czar.[43]

E, quando ela finalmente compreendeu o que aquilo implicava, concluiu, com tristeza:

– Pondo tudo na balança, você teria feito melhor virando padre.

Stálin, divertido, contará esse episódio a vida inteira.

Em meio ao povo

No início dos anos 30, Stálin ainda cultivava o costume de passear sozinho ou na companhia de um amigo pelas ruas de Moscou. Naturalmente eram seguidos por guarda-costas, mas seus concidadãos podiam vê-lo de perto. A visita surpresa que fez ao metrô de Moscou, por ocasião da inauguração de suas primeiras linhas, mostra bem o clima desse período. Na noite de 22 de abril de 1935, a família e alguns assessores mais próximos de Stálin encontravam-se, como tantas outras vezes, em seu apartamento do Kremlin. Comemoravam o aniversário da babá de Svetlana. Aparentemente de bom humor, Stálin entretinha-se com sua filha quando, intempestivamente, ela quis visitar o metrô. Ideia encampada na hora por Maria Svanidze e Evguenia Alliluyeva, que se ofereceram para acompanhar a menina e a babá. Kaganovitch, chefe da construção do metrô, providenciou credenciais e encarregou um agente de vigiá-las. No momento em que se preparavam para sair, Stálin colocou na cabeça que ia acompanhá-las. Kaganovitch exprimiu seu receio diante daquela visita de improviso, para a qual não podia tomar todas as medidas de segurança necessárias. Ia se sentir responsável se acontecesse alguma coisa a Stálin. Tentou dissuadi-lo, propondo-lhe esperar até meia-noite, quando o metrô estaria fechado ao público. Nada feito, Iosif queria ir imediatamente. A aventura começou. Acomodaram-se todos em três automóveis, que se dirigiram à praça da Crimeia, e desembarcaram nas imediações do metrô. Na multidão que esperava na plataforma, alguns reconheceram, sem acreditar muito naquilo, Stálin, anônimo, sem guarda e sem protocolo. O trem chegou e, quando um carro foi liberado às pressas para ele e seus acompanhantes, as pessoas começaram a aclamá-lo. O trem esperou dez minutos antes de partir. O pequeno grupo desceu na estação de Ohotnei para visitar as instalações e as escadas rolantes. Ali, Stálin não teve como escapar dos populares, e sua presença provocou uma agitação indescritível. As pessoas atiravam-se sobre ele, todos queriam tocá-lo, cumprimentá-lo, falar com ele. As damas do grupo, espremidas a ponto de

sufocar, começaram a entrar em pânico. A guarda chegou a tempo. Mas a multidão enlouquecida comprimia-se cada vez mais a seu redor. Stálin estava feliz, alegre. Conversou com os mestres de obras do metrô e puxou conversa com as pessoas que tentavam tocá-lo. Embarcaram novamente e, na estação seguinte, Stálin, como todo mundo, dirigiu-se à escada rolante. O atropelo à sua volta era tão grande que a multidão derrubou um imenso lustre de vidro.

A VIAGEM CONTINUOU até Sokolniki. Terminaram o périplo na estação Smolenski. Nenhum carro os esperava lá; haviam sido despachados para Sokolniki. Stálin, que tomara o pulso de sua popularidade, agora estava convencido de que o povo precisava de um czar – com o qual decidiu definitivamente se identificar –, e quis prolongar o prazer. Apesar da garoa e das poças, que davam um caráter espontâneo, natural, à incursão, atravessaram a Arbat a pé. Finalmente, após dez minutos de passeio, os carros oficiais chegaram. Stálin continuava relutando em retornar. Mandou as mulheres e crianças para casa e continuou por um momento o programa sozinho. Finalmente entrou no carro e voltou diretamente para a datcha. No apartamento do Kremlin, mulheres e crianças estavam quase histéricas. Svetlana e Vassili choravam e as damas tiveram de tomar chá de valeriana.[44]

A obsessão do suicídio

Quando Stálin reunia-se com a família de Nadeja, evocava com frequência seu suicídio e infortúnio: “Ela acabou comigo!” dizia-lhes, perguntando-se ao mesmo tempo por que ela agira daquela forma. “Como Nadia, que desaprovou a tentativa de suicídio de Iacha, pôde suicidar-se?” Pergunta lancinante que deixava os presentes constrangidos. Como ela pudera deixar duas crianças sem mãe? – indagavam-se os mais velhos da família. “Não falemos das crianças, pois elas a esqueceram poucos dias depois. Mas a mim, ela deixou doente pelo resto da vida. Bebamos por ela!”[45] dizia-lhes Stálin. Evguenia tentava consolá-lo e fazê-lo compreender que Nadia estava doente: tivera uma menopausa precoce; sofria de acessos de calor e dores de cabeça. “Eu não sabia que ela tomava cafeína para se estimular”, lamentava-se ele, repisando o drama incansavelmente. Todos compreendiam sua situação, à qual se somavam problemas ligados aos filhos, que, cada um à sua maneira, irritavam-no. Repreendia-os pela indiferença demonstrada diante da mãe, sua frieza e, no caso

de Vassia, seus infindáveis problemas escolares.

Em novembro de 1935, Iacha voltou a se casar, dessa vez com uma jovem de origem judaica de Odessa, Iulia Isaacovna Meltzer. Quando a conhecera, por intermédio de Anna Alliluyeva, ela ainda era casada com um dirigente da Tcheka, colaborador de Redens, Nicolai Bessarabe. Após um relacionamento clandestino, ela o trocara por Iacha. Stálin não interferiu dessa vez,[46] mantendo-se neutro. Recebeu com cortesia sua nova nora em Zubalovo, gracejou com ela e chegou a fazer um brinde em sua homenagem. Ofereceu-lhes um apartamento de dois cômodos fora das muralhas do Kremlin, não longe de Sadova Koltzov. Em 1938, quando ela ficou grávida de Galina, o casal mudou-se mudou para um quatro quartos, na rua Granovski.[e]

A loucura assassina

Em 1935, encontrava eco em diversos lares a célebre frase de Stálin: “A vida agora é melhor, camarada. A vida ficou mais alegre. E quando se tem alegria de viver, o trabalho rende”.[47] As condições de vida haviam melhorado; o racionamento fora abolido e os preços caíram. Os stakhanovistas superaram a meta e aumentaram a produtividade. A base popular do regime era sólida, e a aura de Stálin estava em seu auge. Continuava, entretanto, a governar mediante o terror, convencido de que só com uma dose de medo e fascínio, de repressão e heroísmo, de bem-estar (ainda que um tanto relativo) e incerteza, ganharia sua aposta política e econômica. Stálin, a exemplo de um grande número de velhos bolcheviques, como os que virão a ser suas vítimas, ficará marcado por toda a vida pelo período pré-revolucionário, pela conspiração, pela guerra civil prolongada, bem como pela outra guerra civil que fora a coletivização. Todos tinham dificuldade para sair da guerra e governar em tempos de paz. Acrescentava-se outro perigo: a ascensão de Hitler ao poder na Alemanha e a guerra civil na Espanha, que pairava como uma sombra, prelúdio de uma guerra futura contra o fascismo.[48] O espectro da Quinta Coluna assombrava a todos.

Sem que a família se desse conta – sobretudo em função da atitude benevolente de Stálin a seu respeito –, o país, o Partido e, por conseguinte, os colaboradores e o núcleo do poder rumavam inelutavelmente para um terror capaz de atingi-los. O assassinato de Kirov deixara feridas abertas. Para Stálin, era a confirmação da realidade de suas suspeitas. A oposição à sua pessoa continuava a existir, sem ganhar formas concretamente organizadas. Zinoviev, Kamenev, Bukharin e todos os que se haviam oposto a ele nos anos 20

permaneciam-lhe hostis, a despeito de um alinhamento de fachada e, no caso de alguns, de uma reintegração no Partido. “Esses homens provavelmente não eram espiões”, esclarece retrospectivamente Molotov, em 1970, mas “no momento crucial, não podíamos contar com eles.”[49] Stálin também sabia que Trótski continuava a manchar publicamente sua reputação. Após ter sido deportado para a Turquia, em 1929, Lev Davidovitch começara seu périplo de exilado: França, Noruega, finalmente o México, onde se radicou em 1936, foram sucessivamente suas terras de acolhida. Não parara de escrever e de arquitetar uma oposição a Stálin e a seu regime, que ele considerava o Termidor russo e uma degenerescência comparado ao período de Lênin. Criara em 1933 a IV Internacional, que se pretendia uma organização leninista liderada por ele. Publicava o *Boletim da Oposição*, que Stálin lia com raiva, porém regularmente, como tudo que escrevia o exilado.[f] A ação de Trótski exacerbava-lhe a obsessão do complô e o temor do inimigo onipresente.[g] Ele temia os esforços de Trótski no sentido de dividir o movimento comunista internacional. “Durante os anos 30, a maneira como ele desafiava Stálin suscitava uma agitação permanente no movimento comunista, além do enfraquecimento de nossa posição na Europa ocidental e na Alemanha”, recorda-se Pável Sudoplatov.[50] Em 1939, Stálin decidiu planejar o assassinato de Trótski. “A eliminação de Trótski se traduzirá na derrocada total do movimento, e não precisaremos mais gastar dinheiro para combater os trotskistas e impedi-los de destruir o Komintern ou nos destruir”, explicava a Sudoplatov, principal coordenador desse assassinato.[51] O conflito com Trótski superava amplamente considerações de ordem pessoal. “Stálin não podia de forma alguma tratar Trótski como um simples autor de obras filosóficas no exílio; era um inimigo atuante e determinado que cumpria abater”, reiterou recentemente Sudoplatov.[52]

Se a decisão de suprimir Trótski foi tomada em 1939, na cabeça de Stálin ela remontava ao menos a 1931, como atesta um documento de arquivo inédito datando desse período. Numa carta enviada pelo correio ao Politburo, Trótski aconselhara aos dirigentes soviéticos que não interferissem nos assuntos internos dos comunistas espanhóis ou, segundo suas próprias palavras, “não impusessem cisões do exterior”. Furioso com o fato de Trótski ainda ousar dizer-lhe o que ele deveria ou não fazer, Stálin escreveu à mão, no cabeçalho dessa carta: “Penso que o sr. Trótski, esse presunçoso charlatão menchevique, merece ser abatido. Que ele conheça seu lugar. I. Stálin.” Ao lado dessas linhas, Molotov acrescentara: “Sugiro não responder. Se Trótski falar, responderemos no espírito da proposição do camarada Stálin.” Esse documento foi encaminhado à leitura de todos os membros do Politburo.[53] Trótski tornou-se em seguida o pivô central dos processos de Moscou. Todos os roteiros de traição giravam em torno de um

principal acusado – sempre ausente. E a obsessão de uma conivência com ele – real, potencial ou fantasiosa – deu lugar a um terror a princípio restrito aos círculos dirigentes, depois estendido por todo o país. Todos os processos políticos cujo principal promotor era Stálin baseavam-se em falsidades e confissões antecipadamente ditadas aos "culpados". Por outro lado, calcavam-se num temor real, o de uma oposição que poderia, sem o terror ou o contexto de guerra, voltar-se contra Stálin – que, na época, para a maioria, personificava os ideais de Outubro, o advento do socialismo na URSS e o desenvolvimento do comunismo no mundo. Continuava temendo, e muito, Trótski: o homem mantinha contatos com alguns diplomatas, altos funcionários, líderes próximos da antiga oposição. A abertura dos arquivos prova que, nos anos 30, Stálin enfrentava efetivamente uma oposição.[54] Esta, naturalmente, não podia alcançar as mesmas proporções que nos anos 20, mas antigos e novos oponentes interrogavam-se entre si sobre a maneira de se livrar dele. Outros criticavam severamente pontos específicos de sua política, e tais opiniões negativas iam surgindo por toda parte. Apesar da sutileza desse tipo de intervenção, Stálin terminava sempre, cedo ou tarde, por tomar conhecimento. Nunca esquecia nada. Não se precipitava para reparar a ofensa. Esperava o momento certo…

As diatribes de que Stálin era objeto na primeira metade dos anos 30 exacerbaram sua obsessão do complô – não raro inventado, às vezes possível. "O inimigo do povo" foi caçado em toda parte e terminou por ser encontrado no seio de cada família. Descobriu-se assim uma profusão de "renegados", "corruptos", "degenerados", em última instância, "traidores". A resistência – real ou imaginária – terminou por engendrar um universo de pesadelo, povoado por "oponentes". Detectou-se "toda uma série de grupos antipartido e contrarrevolucionários"; membros do Partido foram identificados como agentes duplos, "formações nacionalistas", desmascaradas, o teor de reuniões familiares ou conversas privadas, revelado, rumores e anedotas julgadas antissoviéticas, denunciados; os trotskistas, fustigados; e a vigilância face às "ramificações" oriundas da "plataforma" de Riutin, redobrada. Em suma, constantemente em pé de guerra, a OGPU-NKVD promovia uma caça aos grupos dissidentes, resíduos das antigas oposições trotskistas e "oportunistas de direita". "Em reuniões na casa de uns e outros e encontros ocasionais", estipula um relatório da Inspeção Operária e Camponesa datado de fevereiro de 1933, "eles exaltavam Trótski, denegrindo a linha do Partido e seus dirigentes, afirmando que o Comitê Central estava desviando-se do 'caminho leninista', que o padrão de vida das massas trabalhadoras caíra… Dezessete membros desse grupo foram desmascarados. Seis deles foram expulsos do Partido. Seu dossiê foi transmitido à OGPU…"[55] As "organizações" ou "partidos" que eram liquidados procuravam

invariavelmente “derrubar o poder soviético”, “suprimir os kolkhozes” e introduzir o fascismo na Rússia. “Esse grupo promovia uma propaganda antissemita, exigindo a introdução na Rússia soviética de métodos fascistas de luta contra os judeus (pogroms).”[56] O país vivia numa atmosfera de espionagem e delação contínua. Todos eram intimados a permanecer em alerta.

Quando, em 1936, começou a série dos sinistros processos públicos contra homens que haviam participado da Revolução de Outubro, as confissões arrancadas foram tão inverossímeis que é difícil imaginar que o próprio Stálin tenha acreditado nelas. O essencial para ele e sua equipe era aniquilar toda veleidade de independência e oposição. Uma vez na engrenagem da dúvida, da suspeita, do ostracismo e da detenção, a confissão era praxe: verdade ou mentira, isso não tinha mais qualquer importância. Todos os meios eram válidos para humilhar os acusados e fazê-los admitir os piores crimes.[h]

A máquina judiciária moía constantemente vidas humanas, destinos eram destruídos, famílias, dizimadas. Do terror larvado passou-se ao terror puro e simples, para desembocar no Grande Terror – *Ejovschina*, a partir do nome de Ejov, que assumiu o comando da polícia secreta após a saída de Iagoda. Uma sociedade em delírio denunciava; alguns por credo político, outros por inveja ou interesse. Daí a responsabilidade de parte do povo: mais da metade das pessoas presas ou fuziladas era vítima de delações. Os setenta casos de “grupos”, “blocos”, “casos”, “complôs” considerados “organizados” fizeram no total 2 ou 3 mil vítimas. Muitas outras foram presas e quase sempre fuziladas, vítimas por sua vez dos espiões, do excesso de zelo dos poderes locais e dos carreiristas de toda estirpe.[57] O terror vindo “de cima” encontrava um eco “embaixo”, nas profundezas da sociedade.

O Grande Terror foi um dos momentos mais alucinantes da história soviética. Stálin deu oficialmente o sinal dos expurgos em escala nacional por meio de uma resolução do Politburo, em 2 de julho de 1937. As troicas proliferavam. A partir dos relatórios que lhe comunicavam os responsáveis em nível local, regional e das repúblicas, Ejov estipulava cotas de prisioneiros para cada cidade ou aldeia, dividindo-os em duas categorias: a primeira destinava-se ao paredão de fuzilamento, a segunda às prisões ou campos de trabalho. Em Leningrado, o grande coordenador do expurgo foi Jdanov, em Moscou foi Kruchtchev. Por excesso de zelo, este último pediu para fazer parte da troica, o que lhe foi negado.[58] O contágio sanguinário era tão forte que alguns dirigentes regionais, uma vez alcançados seus objetivos, pediam ao Centro autorização para ultrapassar as cotas, desencadeando assim uma nova onda de prisões e execuções.[59]

A loucura assassina ganhou tal amplitude que Stálin resolveu desvencilhar-se de Ejov, criando uma comissão especial encarregada de investigar a NKVD.[i] O resultado foi um relatório que serviu de base para a redação de uma resolução secreta, “Sobre as prisões, o ministério público e a condução do processo”, aprovada pelo Sovnarkom e o CC em 17 de novembro de 1938. Foi como por ocasião da coletivização das terras, quando Stálin escrevera seu artigo sobre “A vertigem do sucesso”, a fim de refrear um movimento que ele mesmo deflagrara: agora, tentava conter o processo, mas de maneira menos pessoal. Esse relatório consistia num grande libelo contra as formas delirantes assumidas pelos expurgos, as prisões em massa e as grosseiras violações da lei… Em 23 de novembro, Ejov demitiu-se e foi substituído por Beria. Muito tempo depois, em 1973, Molotov ainda achava que Ejov estabelecera sozinho as cotas de prisões por região e distritos e que foi esta a razão de ter sido fuzilado.[60]

“Stálin evidentemente não pode ser considerado responsável por todas as decisões individuais que foram tomadas.”[61] Ainda assim, se por um lado ele não é o único responsável pela histeria coletiva que arrastou milhares e milhares de vidas humanas,[j] por outro não deixa de ser, face à História, o principal mentor da repressão. Foi ele quem criou a atmosfera e as estruturas que degeneraram na carnificina. O caráter paroxístico de seu sistema de governo atingiu seu ponto culminante quando uma parte de sua própria família viu-se igualmente arrastada pelo turbilhão.

A família dizimada

Os mais próximos de Stálin, os que o admiravam, amavam e visitavam, mergulharam, imperceptivelmente – depois dolorosamente – no pavor.

Com o passar do tempo, membros do Politburo, comissários do povo, às vezes inclusive hóspedes estrangeiros, haviam se misturado à família, formando um grande grupo: o círculo dos íntimos de Stálin. Os grandes processos de 1936-38[62] e o expurgo dos generais de 1937 foram acontecimentos atrozes para os Alliluyev e os Svanidze, que começaram a ter dificuldade para compreendê-los e mais ainda para acompanhá-los. Encontramos ecos dessas reações não raro incrédulas, às vezes perplexas, no diário de Maria Svanidze. “Tudo isso vai além do que eu poderia imaginar para a desonestidade e vileza humanas”, anota ela em 20 de novembro de 1936, quando a imprensa coloca na berlinda Piatakov e Radek – principais acusados do segundo processo de Moscou. Ela acredita piamente nas acusações: “Esses doentes morais mereceram sua sorte. Às vezes

perco meus pontos de referência, acho que estou enlouquecendo, de tão terrível e sem sentido que é tudo isto… Como pudemos aceitar tais atos, como pudemos ser tão cegos e confiar nesse bando de patifes? Inacreditável. Suas raízes estenderam-se até as instituições mas importantes, eles tinham protetores nos altos escalões. Não me admira Piakov estar entre eles, assim como tantos outros.” Nesta narrativa podemos entrever como ela foi também atingida pela loucura – que era tamanha que ela própria julga ver em toda parte traidores que gostaria de desmascarar.

Todos continuavam a jantar na casa de Iosif, a festejar seu aniversário e a preparar o *réveillon* ao seu lado. O tempo ordenava-se segundo um mesmo calendário: o seu.

A primeira pessoa próxima de Stálin a tombar foi Abel Enukidze, velho amigo georgiano e, acima de tudo, padrinho de Nadejda. Caído em desgraça em junho de 1935, foi preso e fuzilado em 1937. Em seguida foi postumamente considerado culpado pelo assassinato de Kirov e apontado no julgamento de Bukharin em 1938 como aquele que teria dado ordens a Iagoda para planejar o crime. Stálin certamente não acreditava naquele gênero de especulação, mas suas desavenças com Abel não eram recentes. O que o havia tornado vulnerável e imperdoável aos olhos de Stálin era o fato de ele, seu “filho adotivo”, ser trotskista: após descobrir que um diplomata soviético lotado na embaixada de Oslo mantinha contatos regulares com Trótski, Stálin ficou sabendo que Enukidze sabia disso há muito tempo e não lhe comunicara nada.[63]

Mariko, cunhada de Stálin, havia sido secretária de Enukidze entre 1927 e 1934. Foi presa em 1937 e condenada a dez anos de campo. Segundo uma fonte oficial, teria sido executada em 3 de março de 1942,[64] enquanto, para a família, ela morreu no local do exílio.

Mas foi a morte de Ordjonikidze que constituiu o luto mais sofrido para a família. Maria Svanidze registrou como a notícia foi recebida pelo grupo mais próximo de Stálin. Convencida da veracidade das acusações feitas durante o segundo processo de Moscou (janeiro de 1937), ela anota em 5 de março: “A execução deles não me satisfaz. Eu gostaria de torturá-los, queimá-los por todas as suas patifarias. Vendedores da pátria, lama no corpo da pátria. E quantos são ainda? Eles mataram Kirov, mataram Sergo.”

Com efeito, Ordjonikidze, o amigo querido, morrera em 18 de fevereiro desse apocalíptico ano de 1937. Para Maria, isso devia-se às “baixezas de Piatakov e de seu bando”. “Sofremos muito com a partida de Sergo.” O mesmo cerimonial dispensado a Kirov foi adotado: a sala das colunas, a música fúnebre, a guarda de honra, as lágrimas. Sergo, porém, suicidara-se…

Por quê?

STÁLIN AJUDARA E DEFENDERA Sergo muitas vezes durante suas carreiras comuns: primeiro em 1921, por ocasião do X Congresso do Partido, quando alguns delegados do Cáucaso do Norte haviam recusado sua candidatura alegando que ele era demasiado violento. Fora graças a Stálin e Lênin que ele pudera então conservar seu lugar no CC. Uma grande conivência também unira Stálin a Sergo em 1922, no episódio da Federação Transcaucasiana e do conflito com os comunistas georgianos quanto às condições de sua entrada na União. Stálin, que contava com a gratidão de Ordjonikidze, ficara perplexo ao saber alguns meses mais tarde que ele estava metido em conspirações cujo objetivo era limitar o poder do secretário-geral. Durante o verão de 1923, numa carta dirigida a Kamenev, Zinoviev fez-se eco da oposição de Sergo ao grande poderio de Stálin.[65] Stálin, entretanto, não o manteve por muito tempo no ostracismo por essa deslealdade, sobretudo porque em seguida Sergo apoiou-o em sua luta contra Trótski. Foi-lhe igualmente fiel quando Stálin defendeu-se contra Zinoviev e Kamenev. Stálin, portanto, se manteve atento à suscetibilidade inata de Ordjonikidze, como atesta uma carta a Molotov em 4 de setembro de 1926. "Vi Sergo. Ele está furioso contra o decreto do CC referente à sua advertência. Considera esse decreto uma punição imerecida. Interpreta a proposta de nomear Sergo em Rostov no lugar de Mikoian como a confirmação de que este último é visto como seu superior …. Julgo conveniente satisfazê-lo, uma vez que ele está zangado em virtude do erro de formulação. Poderíamos corrigir assim: 'satisfazer o pedido do camarada Ordjonikidze de ser liberado de suas responsabilidades de primeiro-secretário do comitê regional da Transcaucásia'."[66]

Stálin tampouco pareceu rigoroso com Ordjonikidze quando seu nome foi evocado por Bukharin por ocasião de suas conversas com Kamenev em 1928: "Sergo nada tem de um homem corajoso. Ia à minha casa, vituperava Stálin da maneira mais ofensiva e, no instante decisivo, traiu."[67]

Os verdadeiros conflitos, antes de mais nada de ordem econômica, entre Stálin e Ordjonikidze aconteceram após o assassinato de Kirov, quando o poder decidiu opor os stakhanovistas aos sabotadores a fim de criar um clima de vigilância e luta contra o inimigo. Sergo, então ministro da Indústria Pesada, repudiou essa política, julgando possível opor-se aos stakhanovistas sem com isso ser sabotador. Stálin entendeu-se mais uma vez com seu impetuoso amigo, uma vez que o *Pravda* de 7 de junho de 1936 aponta o enfraquecimento do apoio político ao movimento stakhanovista. Porém, durante os meses seguintes, Ordjonikidze perdeu terreno: a evolução geral dos acontecimentos lhe escapava,

ele não tinha mais nenhuma influência sobre as decisões do Politburo e, para coroar tudo, seu assessor Piatakov fora preso.

O Politburo – segundo um velho costume leninista – aproveitou uma doença de Sergo para mandá-lo de férias, de 5 de setembro a 5 de novembro de 1936, em Kislovotsk. É ali que, em outubro, ele toma conhecimento da prisão de seu irmão mais velho, Papulia, na Geórgia. Chamou Stálin em seu socorro. Sem resultado. Foi essa prisão que terminou por gerar o confronto entre os dois.

Stálin transformara as prisões dos parentes próximos de seus colaboradores num método de verificação do grau da fidelidade deles a sua pessoa e sua política. Todos passaram pela provação. Sergo recusou-se a jogar o jogo. Defendeu a inocência do irmão junto a Stálin[k] – e essa temeridade teve consequências nefastas sobre sua saúde. Em 9 de novembro, sofreu uma crise cardíaca, acompanhada de um breve desmaio.

Em 17 de fevereiro de 1938, o conflito exacerbou-se definitivamente. Por ocasião de um encontro privado, Ordjonikidze talvez tenha manifestado claramente sua oposição às prisões sem fim, tanto no setor da indústria pesada como em muitos outros. Essa conversa parece ter-se desenrolado serenamente. Em seguida, ele participou da reunião do Politburo. Já de madrugada, de seu apartamento do Kremlin, Ordjonikidze ainda conversou com Stálin por telefone. Desta vez com violência, pois, pouco antes de seu retorno, os agentes da NKVD haviam realizado buscas em sua casa.

“Por que o nervosismo, Sergo? Esse organismo pode fazer buscas em minha casa a qualquer momento”, teria-lhe dito Stálin.

Aparentemente irritado, Ordjonikidze deixou precipitadamente seu apartamento para ir à casa de Stálin. Mais de uma hora e meia de intermináveis conversas. Nenhum documento que pudesse nos esclarecer sobre o que falaram foi conservado. Em 18 de fevereiro, Sergo não saiu de seu quarto e recusou-se a ver quem quer que fosse. No crepúsculo, disparou uma bala na cabeça. Assim que soube da notícia, Stálin, acompanhado de outros membros do Politburo, irrompeu em seu apartamento, declarando que o motivo oficial daquela morte seria um infarto.[l]

Ordjonikidze morreu provavelmente porque não conseguira convencer Stálin a desistir do terror. Na época, seu suicídio foi visto, por aqueles que se opunham à política de Stálin, como um ato desesperado e uma recusa a avalizar a repressão. Entre os colaboradores de Stálin – os poucos que tomaram conhecimento do suicídio –, seu gesto foi interpretado como um ato dirigido contra ele. “Ele colocou Stálin numa posição difícil”, dirá, já nos anos 80, Molotov. No entanto, era um stalinista devotado que sempre tomara o partido do

líder. “… era um ato dirigido contra Stálin, isso é evidente. E contra a linha, sem dúvida, contra a linha.”[68] Molotov exprime assim o que Stálin também pensou até o fim da vida.

O TERROR, PORÉM, não dava trégua. Maria Svanidze como tantos outros, persistia em ver “inimigos” em toda parte: “Sumiços de pessoas célebres que ocupavam elevadas posições, que gozavam da confiança, que haviam sido condecoradas diversas vezes, provou-se que todas elas eram inimigos de nossos regime, traidores de seu povo, vendidos a nossos inimigos. Tenho necessidade de exprimir meu descontentamento e minha confusão. Como pudemos permitir tudo isso? Como é possível que os inimigos tenham proliferado a esse ponto? Frequentemente, na rua, olho os rostos, estudos seus traços… Como se dissimularam esses milhares de pessoas… que não queriam aceitar o regime soviético?” escreve Maria em 7 de agosto de 1937. Essa profissão de fé exprime claramente o grau de cegueira coletiva. Em dezembro, ela e o marido foram presos e acabaram passando uma noite no campo destinado aos “inimigos do regime soviético”, aos “traidores do povo”, que Maria denunciava com tanto vigor apenas alguns meses antes.

Voltavam de uma recepção na casa de Pável e Guenia. Trajavam-se com elegância: ela de longo, ele de smoking. À sua porta, os agentes da NKVD estavam à espera. Não lhes deram tempo sequer de trocar de roupa. Na casa dos Alliluyev, estavam arrumando as coisas; Kyra ainda se lembra que enxugava a louça quando Tolia, filho de Maria, em lágrimas, veio às 4h da manhã anunciar-lhes a terrível notícia.[69]

Por quê? “Não fazemos ideia!” A memória dessa prisão continua dolorosa para a família. Talvez porque… Aliocha era orgulhoso, não querendo parecer parente de um grande homem. Talvez houvesse dito a Stálin coisas que este não queria mais ouvir, críticas ao terror, às prisões em massa. Eram todos georgianos. Para Stálin, com seu senso de clã caucasiano, a família deveria permanecer unida, apoiando-o incondicionalmente. Haviam falado demais? “Maria às vezes criticava Stálin quando conversava com minha mãe”, lembra-se ainda Kyra. Nesse terrível ano de 1937, Aliocha e Pável costumavam visitar Stálin. Tinham cada vez mais dificuldade de aproximar-se dele. Demoravam-se, contudo, em seu apartamento, permanecendo horas a esperá-lo nos quartos das crianças. Estariam tentando chamá-lo à razão? “Inclusive acabaram discutindo”, conta Svetlana,[70] explicando os mecanismos psicológicos de Stálin face a seus opositores: “Meu pai não tolerava que alguém contradissesse os julgamentos que ele fazia sobre os homens. Se houvesse repudiado alguém que conhecia há muito

tempo, se já o houvesse classificado no fundo de seu coração na categoria dos inimigos, era impossível conversar com ele sobre o personagem maldito. Mudar de opinião, convencer-se de que não era um verdadeiro inimigo, era um procedimento de que ele era incapaz, e os que tentavam forçá-lo a isso não suscitavam senão sua fúria."

No entanto, houve uma época em que Stálin respeitava Aliocha e levava sua opinião em conta. Em 1926, Nadia escreveu a Maria: "Iosif me pede para transmitir suas saudações. Ele a estima muito." Essa confiança prolongara-se até esse fatídico ano de 1937.

Svetlana considera Beria o instigador do expurgo do qual a família de Stálin foi vítima.[71] Ele não aceitava que outros georgianos – que por sinal não gostavam dele – tivessem acesso à confiança do líder. É possível que tenha insinuado que Aliocha e sua mulher estavam contra Stálin, que falavam mal dele. Talvez houvesse forjado documentos fornecendo a prova escrita de suas defecções. Quando Stálin deixou-se convencer – ainda que no início houvesse duvidado –, nem o passado, nem o grau de parentesco, nem os anos de amizade o fizeram mudar de opinião. Impossível reconsiderar. Ele sofria e, mais uma vez, sentia-se traído. Só restava ao acusado o reconhecimento dos erros, crimes e outros delitos. Era imperioso "confessar"!

Aliocha não confessou nada. Tinha algo a confessar? Foi condenado a uma pena inicial de dez anos, e Maria, a oito. Ele por conivência com potências estrangeiras, ela porque ocultara a atividade antissoviética do marido, participara de conversas antissoviéticas, desaprovava o terror e tinha intenções terroristas contra a direção do Partido e do governo. Seria possível que Stálin acreditasse nesses disparates? As razões, suas razões, deviam ser outras. Aliocha foi enviado para as imediações de Ukhta, Maria para Dolinsk, no Cazaquistão. No auge do desespero, ela escreveu a Stálin e pediu a Guenia que fizesse a carta chegar a suas mãos. Stálin zangou-se como sempre quando intercediam por alguém. Pediu enfaticamente à amiga que nunca mais repetisse aquele gesto. Maria foi então transferida para um campo mais severo.[72] O que estaria pensando agora daquele homem a quem tanto amara e admirara? Aquele Iosif sobre o qual apenas dois anos antes ela escrevera: "Que inteligência analítica, que psicologia excepcional" (17 de novembro de 1935)? Aquele querido parente próximo a quem enviara votos de aniversário asseverando-lhe que lhe faltavam palavras para exprimir todas as coisas boas que lhe desejava (26 de dezembro de 1935)? O que podia pensar Aliocha, amigo de juventude, graças a quem Stálin conhecera a primeira esposa, o cúmplice dos anos na Geórgia?

Quando, em 1941, uma onda de terror varreu os campos – a aproximação

da guerra e, em seguida, o avanço dos exércitos alemães sobre o território soviético haviam exacerbado o medo da Quinta Coluna –, os condenados a penas longas foram fuzilados. Em 23 de janeiro de 1941, a Corte Suprema da URSS substituiu inúmeras privações de liberdade pela pena de morte. Essa nova condenação atingiu Aliocha em 20 de agosto de 1941; nesse mesmo dia, foi executado por ordens expressas de Beria, que interviera pessoalmente junto a Stálin. Ele se recusou a pedir perdão a Stálin como este exigira: "De que devo pedir perdão? Não cometi nenhum crime." Quando soube destas últimas palavras, Stálin teve ainda mais certeza de sua traição. "Aliocha Svanidze era um grande liberal", explica Molotov. "Um europeu. Alimentava-se de Ocidente. Stálin tinha consciência disso e, quando surgiu a oportunidade – Aliocha falara demais –, tomou uma decisão rude. E Beria jogou lenha na fogueira…"[73]

"Falara demais", esse *leitmotiv* ainda hoje é evocado pela própria família na tentativa de compreender a desgraça que recaiu sobre vários dos seus.

Em 3 de março de 1942, a mesma sentença atingiu Maria, mulher de Aliocha, e Mariko Svanidze, irmã da primeira mulher de Stálin, e elas foram igualmente executadas no mesmo dia. Esse fim, entretanto, é controverso: a maioria das testemunhas fala de mortes devido a doenças nos campos, ainda que um arquivo registre as execuções.[74]

EM 2 DE NOVEMBRO DE 1938, um novo luto mergulhou a família no desespero. Pável, irmão favorito de Nadejda, morreu subitamente de um infarto. Voltava de férias e dirigira-se imediatamente ao trabalho, no prédio da direção dos Blindados. Ali, não encontrou nenhum de seus colaboradores próximos. Todos haviam sido presos. Ele telefonou na mesma hora para Stálin. Imediatamente depois, desabou em seu gabinete, bem no meio do aposento. Todos acreditaram naquele infarto, julgando que seu coração cansado falhara face à descoberta do terror em seu próprio local de trabalho.[75] Porém, sua mulher e seus filhos sustentam outra versão: ele teria morrido envenenado!

Ao chegar de férias, Pável estava bem de saúde, descansado, bronzeado. Por volta das duas da tarde, alguém telefonou para sua casa e perguntou à mulher o que ele comera de manhã. Disseram que ele se sentira mal e fora levado para o hospital. Ela não teve mais notícias. Quando telefonou para seu gabinete, responderam-lhe que estava tudo bem. Quando se dirigiu ao hospital, ele já estava morto. "Por que não veio mais cedo? Ele quis lhe dizer alguma coisa na hora da morte" disseram-lhe assim que chegou. Morte bem misteriosa.

Em seu gabinete, Pável teria bebido água de uma garrafa. Quem o teria envenenado, se foi esse o caso? Talvez Stálin, talvez Beria, pensa ainda hoje

Kyra. E conclui, categórica: “Beria separou Stálin de todos os seus parentes.”[76]

Com a morte de Pável, a situação de Guenia torna-se insustentável. Seu marido nada soubera de seu relacionamento com Stálin. Nenhum ciúme poderia existir entre eles. Beria então propõe a Stálin nomeá-la governanta em sua casa. Mas Guenia tinha medo de que envenenassem Stálin também, de tal forma estava longe de associá-lo à morte do marido. Em 1947, quando ela mesma for presa, a polícia secreta lhe imputará, entre muitos outros crimes, o envenenamento de Pável. Note-se que esse rumor também havia circulado em 1938.

EM 20 DE NOVEMBRO DE 1938, foi a vez de outro membro da família cair. Stanislav Redens, marido de Anna, chefe da NKVD no Cazaquistão no momento de sua prisão, viu-se igualmente vítima de Beria. Após ocupar um posto importante na Tcheka, na Ucrânia, Redens tornara-se comissário do povo no Ministério do Interior da Transcaucásia. Na época, era superior hierárquico de Beria, com quem rapidamente se desentendera. Em seguida foi transferido para Moscou, sempre na Tcheka. Quando Beria foi nomeado para Moscou, em agosto de 1938, despacharam Redens para o Cazaquistão. Percebendo a chegada da tempestade, ele tocou no assunto com Stálin. Teriam discutido?

Mal chegou à direção da NKVD, em novembro, Beria livrou-se de todos que o haviam incomodado anteriormente, promovendo uma caça às bruxas para eliminar os homens de confiança de Ejov.[m] Anna, velha amiga de Stálin, irmã mais velha de Nadia, procurou-o desesperada e lhe suplicou que a ajudasse a libertar o marido. “De acordo”, teria respondido Stálin. “Vou convidar Molotov e você virá com Serguei. Chamarei Redens aqui e examinaremos o caso.” O encontro foi marcado, porém, para estupor geral, o velho Alliluyev desistiu no último minuto. Anna foi à casa de Stálin acompanhada pela mãe, Olga. A ausência de Serguei irritou Stálin e tudo terminou em briga. O “exame do caso” não aconteceu; o destino de Redens estava selado. A atitude de Serguei Alliluyev permaneceu um mistério para todos.[77]

Redens foi acusado de ligação com o Estado-maior polonês, de espionagem para a Polônia, de haver trabalhado para a polícia secreta do czar, escondido seu passado menchevique e protegido inimigos do povo.[78] “Se Pável estivesse vivo, Beria nunca teria ousado prender Redens”, pensou Anna, que terminou por conseguir um encontro com o marido. No momento das despedidas, ele sussurrou-lhe: “Case-se!” Ela compreendeu então que tudo estava perdido. Ainda assim, passou a vida inteira a procurá-lo. Ele foi fuzilado em 12 de fevereiro de 1940 (e reabilitado em 1961).

O TERROR VARRERA ASSIM os principais membros da família de Stálin, que tinham sido igualmente seus melhores amigos. O sistema que ele construíra e pusera em marcha dizimara os seus e, de certa maneira, aniquilara-o como ser humano. Não lhe restava senão afundar mais ainda na incompreensão e na indiferença.

CONFORME RADICALIZAVA O TERROR, perdia qualquer noção de apego ou afeição, ou mesmo de piedade, e as relações com a mãe, já bastante tênues, esgarçaram-se. Após a visita-relâmpago que lhe fizera em 1935, sua correspondência tornou-se cada vez mais rara, e ela também, resignada, deixou de lhe dar sinal de vida. Stálin, contudo, ciente de seu estado de saúde, retomou em 1937 a correspondência lacônica com ela. “Como vai vivendo, minha mãe?” escreveu-lhe em 10 de março. “Dizem que você está ótima: é verdade? Se for, fico muito contente.” Não se preocupava mais com o silêncio dela, não se desculpava pelo seu. Em 13 de maio, quando ela estava realmente muito doente – contraíra uma pneumonia –, enviou-lhe um xale, um casaco, remédios e um telegrama desejando-lhe, à maneira caucasiana, mil anos de vida. Ela morreu em 4 de junho.

Stálin não compareceu ao enterro. Quando sabemos o que fez durante esse ano de 1937, não admira não ter podido ou desejado prestar a última homenagem à mãe. Mandou entregar uma coroa na qual era possível ler em russo e georgiano: “A minha mãe querida e amada. Da parte de seu filho Iosif Djugachvili (Stálin).” Não enviou sequer os filhos à cerimônia, como se o terror o houvesse feito esquecer qualquer senso de dever filial. Por ordens suas, a imprensa não noticiou o acontecimento e ele recusou todo tipo de pêsames, de onde quer que viessem. Na Geórgia, em contrapartida, foi decretado luto nacional, e a imprensa cobriu a morte. Apesar de sua fé profunda, a velha mãe de Stálin foi enterrada segundo os ritos soviéticos, ao som dos acordes da “Internacional”. O Stálin de 1937 não podia mais, como o Stálin de 1908 fizera com a esposa, oferecer um serviço religioso à mãe. Com Keke, Stálin enterrou a essência de sua vida humana.

[a] B. Zlatogorova, O. Lepechinskaia e N. Chpiler, “V intimnoi blizosti so Stalinem ne sostoiali” (*Argumenty i facty*, 41, 1994). O filho de Piotr Grigorevitch Solovev, que nos anos 30 foi o engenheiro-chefe responsável pela construção das datchas de Estado no Cáucaso, também atesta, baseando-se nas memórias de seu pai, que Stálin não manteve relações com Davidova e que, após a morte da mulher, passava férias sozinho ou acompanhado dos filhos. (Cf. V.P. Solovev, “Stalin v lifte ne ezdil”, *Argumenty i facty*, 8, 1995.)

[b] Os netos de Stálin que entrevistei são unânimes em confirmar essa relação amorosa fundamental após a morte de Alliluyeva.

[c] Antes de deixar Moscou e dirigir-se para Leningrado, na noite de 1º de dezembro, Stálin, louco de raiva, redigiu, com Kaganovitch, um decreto implacável: todas as investigações a respeito de atos terroristas deveriam ser solucionadas com agilidade. As condenações à morte seriam imediatamente executadas e os julgados não teriam direito a recorrer.

[d] A parentela do lado da mãe de Stálin incluía engenheiros, vinicultores, maestros, professores… Todos moravam na Geórgia e nunca pediram nada a Stálin, tentando sobretudo passar desapercebidos. Uma única prima de segundo grau, a velha Evfimia, desembarcou uma vez em Moscou especialmente para ver Iosif. Ele a recebeu, embora nunca a tivesse visto antes. (Cf. Svetlana Alliluyeva, "Kniga dlia vnutchek", *Oktiabre*, 6, 1991.)

[e] Galina Djugachvili, *Ded, otets, ma i drugui* (Moscou, Olimp, 1993, p.24). Na mesma época, Iakov teve um caso com uma certa Olga Golicheva, que deu à luz um filho, Evgueni, nascido em 10 de fevereiro de 1936 e hoje coronel no Exército russo. Embora Iakov lhe dê o sobrenome, nunca o receberá em seu lar oficial.

[f] Os principais livros em que ele critica Stálin são *História da revolução russa*, *Minha vida*, *A escola stalinista da fraude*, *A revolução traída* e, por fim, sua biografia sobre Stálin, que não terá tempo de terminar.

[g] Segundo Aleksandr Burdonski, neto de Stálin, foi Trótski quem suscitou nele essa espécie de paranoia que o levará a ver inimigos em toda parte. Entrevista com Aleksandr Burdonski, Moscou, 6 de junho de 1995.

[h] Em suas conversas com Félix Tchuev, Molotov dá uma explicação mirabolante para essas confissões: "O que surpreende nesses processos públicos é que homens como Bukharin, Rykov etc. tivessem confessado coisas que pareciam sem pé nem cabeça… Penso que era um meio de travar a luta contra o Partido num processo público, assumindo tantos crimes que a acusação perdia toda a credibilidade… Faziam isso para sugerir que todas as outras imputações eram forjadas." (*Conversations avec Molotov*, Paris, Albin Michel, 1995, p.305).

[i] A comissão era formada por Malenkov, Molotov, Vychinski e Beria.

[j] Para o período que vai de 1934 a 1956, contabilizam-se ao menos 2 milhões de mortos, dos quais meio milhão teria sido executado durante os dois anos mais terríveis da repressão: 1937 e 1938. (Cf. Nicolas Werth, "Goulag: les vrais chiffres", *L'Histoire*, setembro de 1993.)

[k] Papulia Ordjonikidze será fuzilado em novembro de 1937.

[l] O.V. Khlevniuk, *Stalin I Ordjonikidze, Konflikt v Politburo v 30-e gode* (Moscou, Rossia Molodaia, 1993, p.111-7). Nos últimos tempos, Ordjonikidze andava de fato doente. Passara por uma cirurgia e perdera um rim, sofrera uma crise cardíaca e frequentemente tirava licenças no trabalho.

[m] Beria mandou fuzilar a maioria dos quadros intermediários e superiores do aparelho montado por Ejov e os substituiu por homens de sua facção georgiana. (Amy Knight, *Beria*, Paris, Aubier, 1994, p.141.)

7. Líder em tempos de guerra

APÓS DESTRUIR BOA PARTE da família, Stálin viu-se, no resquício de vida privada que subsistira ao terror, face a uma existência das mais penosas. Além disso, seu poder desmesurado logo viria a deparar com a prova da guerra.

Em 1938 mudou-se novamente, passando a habitar uma elegante ala do século XVIII nas dependências do Kremlin. Os aposentos ocupavam todo o primeiro andar: salão, sala de visitas, sala de jantar, quartos, biblioteca, gabinete de trabalho. No andar de cima, ficavam seus escritórios, que pertenciam ao Comitê Central. Bastava portanto descer um andar para estar em seus aposentos. Após o jantar, que perdurava até meia-noite, retirava-se para sua datcha, a Blijniaia, só retornando lá pelas duas ou três da tarde do dia seguinte. Manteve essa rotina até a guerra, não vendo os filhos senão na hora do jantar.

Mergulhava cada vez mais no trabalho, nos "negócios", como ele mesmo dizia, sua paixão. Trabalhava cada vez mais, ignorando a idade e as múltiplas doenças que lhe provocavam dores diárias. Continuava a levar, apesar do cenário suntuoso que o cercava, uma existência austera. A peliça justa e forrada que ele usava desde a guerra civil acompanhava-o todos os invernos. Usou-a a vida inteira. Para cada estação, tinha um único terno, puído. O restante do guarda-roupa resumia-se à japona de frente de batalha e ao uniforme de marechal. Quando morreu, conta Molotov, "não havia com que vesti-lo apropriadamente. Sua túnica estava rota nos punhos, foi preciso cerzir, limpar…"[1]

Fumando e trabalhando freneticamente, até mesmo nas férias acompanhava os "negócios" sem jamais relaxar de verdade. Controlava tudo, apesar da amplitude descomunal de suas tarefas. Trabalhava à noite, às vezes até de madrugada, tinha uma excepcional capacidade de concentração e conhecia perfeitamente cada assunto.

Em seus momentos de lazer, assistia a um filme em casa depois da meia-noite, ou ia a espetáculos de teatro ou ópera. Sozinho com Svetlana, só entrava no camarote que lhe era reservado quando as luzes estavam apagadas. Geralmente instalava-se num canto recuado. Após o fim do espetáculo,

sobretudo estreias, ia falar com os artistas. Também escutava muita música, sem no entanto saber tocar nenhum instrumento. Gostava particularmente das canções populares russas e georgianas, como atesta sua ampla discoteca. Como na mocidade, lia vorazmente.

A biblioteca de Stálin[2] oferece ao pesquisador um imenso campo de investigação sobre o homem, sua psicologia e seus interesses, que merece ser explorado no futuro.

Começou a formá-la a partir de 1920, gradativamente, em seu apartamento do Kremlin. Constituía-se em grande parte de edições impressas antes da Revolução: obras de Marx, Engels, Plekhanov, Lafargue, Rosa Luxemburgo, Lênin, dos utopistas franceses, dos grandes escritores russos – principalmente Tolstói, Tchekhov e Górki. Ao longo do tempo, acrescentou tudo que a literatura soviética produzia, até o mais modesto escritor. Havia também livros de economia, tecnologia, ciências exatas. Por fim, possuía todos os trabalhos do Partido, do Komintern, das organizações estatais. Stálin anotava seus livros à mão. A leitura dessas notas escritas à margem de cada página é uma fonte valiosa para apreendermos seu pensamento no calor da hora.

Eram raros aqueles que ele ainda podia convidar para seus aniversários, ou por ocasião dos feriados nacionais ou de fim do ano: só lhe restavam na equipe os membros do Politburo e os comissários do povo. Os velhos Alliluyev visitavam-no cada vez menos, embora Olga, separada do marido há alguns anos, ainda morasse no Kremlin, num pequeno apartamento, cercada de badulaques e velhas fotografias. Ela continuava a abordá-lo como antes, com simplicidade e sem cerimônia, sendo a única que podia lhe falar de tudo sem arriscar-se a qualquer rompante.

Às vezes Serguei aparecia e ficava horas esperando-o para jantar. À mesa, sentava-se, como antes, ao lado de Stálin, mas não lhe dizia mais nada. Permanecia prostrado como uma sombra, testemunha muda dessa família devorada pelo terror. Nunca pedira a Stálin para salvar os seus, nem mesmo Redens, cuja prisão e execução destruíram a vida de sua filha. Só interferiu uma vez em favor de um membro da família, mas preferiu dirigir-se a Beria. Ivan Pavlovitch Alliluyev, vulgo Altaiski, era seu sobrinho. Preso em 1938, havia sido condenado a cinco anos de exílio. Foi indultado em 1940 graças à sua intercessão.[3]

Com o tempo, as visitas de Serguei ao genro foram escasseando, apenas uma ou duas vezes por ano. Se houvesse muita gente em torno de Iosif, sussurrava-lhe antes de sumir: “Bem, vou para casa. Passo em outra oportunidade.”[4]

Stálin, com sua falta de sensibilidade e compaixão, aparentemente não sentia nem remorso nem constrangimento diante dos sogros ou dos próprios filhos, que se mostravam perplexos com o desaparecimento dos principais membros de suas famílias. “Mas onde eles se meteram? Por que nossa casa está tão desabitada?”, perguntava-se Svetlana em 1938-39. “Eu sentia à minha volta, e cada vez mais, apenas o vazio, a ausência, o deserto de um mundo onde só me restavam a escola e a babá.”[5]

Durante esse mesmo período, começou também o expurgo da equipe doméstica (a velha cozinheira, a criada, a intendente etc.), tanto no Kremlin como nas duas datchas principais, Blijniaia e Zubalovo. As novas contratadas, chamadas agora “encarregadas de serviço”, cada vez mais numerosas, eram selecionadas pela polícia secreta; uma vez escolhidas, tornavam-se automaticamente suas colaboradoras. Como se não bastasse, a NKVD fez menção de lançar-se contra a babá de Svetlana. Diante das lágrimas da filha, Stálin interveio e a babá permaneceu na casa deles até sua morte, em 1956.[6]

A partir de 1937 os filhos de Stálin também passaram a andar com guarda-costas. Cursavam “escolas-modelo”, restritas aos figurões do regime, e em seguida Vassili partiu para a Crimeia a fim de concluir sua formação. Se o desempenho escolar de Svetlana não criava problemas para Stálin, o de Vassili, em contrapartida, dava-lhe aborrecimentos sem fim. “Vassili é um jovem mimado, de capacidades medianas, um pouco selvagem, um pouco mentiroso”, escrevia ele a V.V. Martechin, professor do filho, em 8 de junho de 1938. Stálin era severo também com sua prole, sem nenhuma complacência. Acrescentou: “Ele gosta de subjugar os adultos que percebe fracos, é um pouco vaidoso. Foi estragado por aqueles que não o viam senão como filho de Stálin. Estou satisfeito que o senhor seja o único professor que age com Vassica como faz com os outros, exigindo que ele se curve às regras da escola… Infelizmente, não tenho a possibilidade de cuidar pessoalmente de Vassia.” Imaginamos a perplexidade do professor que recebia em 1938 esse gênero de missiva da parte de um Stálin que, em outros casos, não se constrangia em demitir os professores que julgava demasiado condescendentes com o filho. Quase em estado de êxtase, o professor respondeu: “Sua resposta, que me deixou uma impressão indelével, é a expressão da simplicidade e espontaneidade características dos gênios.”[7]

Vassia estava atrasado nos estudos; não fazia os deveres, acordava tarde e passava a maior parte do tempo na hípica. Gostava de cavalos e queria ser cavaleiro. Como se destacava em todos os esportes, decidiu ser piloto militar. Era instável, caprichoso, impulsivo. Sua vida familiar, ou melhor, sua falta de vida familiar prejudicara-o mais que aos outros filhos de Stálin. Amava

sinceramente o pai e sofria com sua falta de confiança e com a severidade de sua opinião. Era uma criança atormentada. Um irmão que tentara o suicídio e uma mãe que o consumara, depois o desparecimento da família – não faltavam motivos para desestabilizá-lo. Passava a maior parte do tempo com os guarda-costas e empregados; convivia pouco com o pai. Começou a beber muito jovem.

Durante as férias, retornava da Crimeia a Moscou para ver o pai. Frequentava o rinque de patinação, moda na época, e lá conheceu aquela que viria a ser sua esposa, Galina Burdonskaia, aluna no Instituto Poligráfico. Impressionou a moça sobrevoando em seu pequeno avião a estação de metrô Kirovskaia. Casaram-se no fim de 1940 e partiram juntos para Lipetsk, onde Vassili servia.

Vigília de armas

Em março de 1939 realizou-se o XVIII Congresso do Partido. A população alimentou as esperanças de uma distensão, um pouco de calma, ainda que precária, especialmente já que alguns indivíduos haviam sido reabilitados. Por ordem expressa de Stálin, um número significativo de militares, vítimas do expurgo do exército em 1937,[a] deixou a prisão ou retornou do exílio. Consciente da chegada iminente da guerra e da fraqueza de um Exército solapado pela repressão que golpeara sua alta hierarquia, Stálin tentava salvar o que ainda pudesse. Libertava os que haviam escapado à pena capital ou às doenças contraídas durante sua deportação. Por exemplo, para citar apenas os mais conhecidos, Rokossovski, Meretskov, Gorbatov, Tupolev, Landau e muitos outros foram soltos.[8]

Essa situação extravagante, em que se libertavam pessoas ontem acusadas dos piores crimes e hoje inocentadas exclusivamente por vontade do governante e em virtude das necessidades do momento, não parecia perturbá-lo. O marechal Rokossovski teve direito, após seus feitos na frente de batalha da Segunda Guerra Mundial, a esta conversa surrealista:

– Bateram no senhor? – perguntou Stálin.

– Sim, camarada Stálin – respondeu Rokossovski.

– Há muita gente entre nós ainda disposta às piores coisas para agradar a seus superiores.

– Tenho muito medo que o ano de 1937 se repita para mim.

– Não haverá mais ano 1937 – concluiu Stálin.[9]

Em 1939, Stálin sabia que a guerra com a Alemanha era inevitável. Quatro

anos antes procurara aliados para conter Hitler. Com o passar do tempo, foi obrigado a render-se à evidência: as democracias ocidentais lhe recusavam qualquer pacto antifascista. Após o Acordo de Munique, toda esperança de aliança com elas havia evaporado. A expansão alemã para o leste não preocupava especialmente as chancelarias europeias. O pacto germano-soviético teve origem nessas recusas, sendo o único meio que a URSS tinha de ganhar tempo. Ele destinava-se a instaurar uma trégua antes do ataque final. Preparado no maior sigilo, o pacto de "não agressão" foi assinado em 23 de agosto de 1939 por Molotov – então comissário do povo no ministério das Relações Exteriores – e por Ribbentrop, ministro das Relações Exteriores do III Reich. Em 28 de setembro, complementaram-no com um tratado de "amizade e boa vizinhança".

Paralelamente, foram firmados protocolos secretos, descobertos em 1946 por ocasião do julgamento de Nuremberg mas que, do lado soviético, permanecerão tão bem-escondidos que os originais só serão encontrados após a desagregação da URSS, em dezembro de 1991. Eles fazem parte dos grandes segredos de Stálin, herança vergonhosa que, de secretário-geral em secretário-geral, foi transmitida sob a condição de que nada fosse revelado. Os soviéticos e até mesmo a maioria de seus governantes ignoraram sua existência. Eles registravam a partilha da Polônia entre a Alemanha e a URSS, bem como a divisão de parte da Europa em "esferas de influência", a URSS herdando as regiões orientais da Polônia, a Lituânia, a Letônia, a Estônia, a Bessarábia e a Bucovina.

EM 1º DE SETEMBRO DE 1939, a Alemanha nazista atacou a Polônia, dando início à Segunda Guerra Mundial. Em 17 de setembro, por sua vez, as tropas soviéticas atravessaram a fronteira entre a URSS e a Polônia, avançando aproximadamente atá a linha Curzon – fronteira russo-polonesa reconhecida em 1918. Ao penetrar por cerca de duzentos a trezentos quilômetros a oeste, a URSS recuperava os territórios perdidos por ocasião do tratado de Riga em 1920, em sua maioria ocupados por bielorrussos e ucranianos. Com essa operação, adiantava as linhas estratégicas a partir das quais a Wehrmacht podia lançar seu ataque contra os centros vitais da União Soviética.

Em 23 de dezembro de 1989, Aleksandr Iakolev – presidente de uma comissão encarregada de estudar, a partir dos arquivos, a lógica do pacto – concluiu tratar-se de um mal necessário.

Com efeito, ao assinar um pacto com Hitler – obra-prima da *Realpolitik*, mas também de cinismo –, Stálin esperava adiar por um ano e meio, ou mesmo dois, um eventual confronto. De fato, a URSS estava nitidamente menos

preparada para enfrentar uma guerra em 1939 do que em 1941. Stálin estava informado de que Hitler pretendia garantir "um espaço vital" e planejava apoderar-se da Ucrânia, primeira etapa de sua marcha para o leste. O tratado de 28 de setembro de 1939 deteve-o nessa ambição. Esse pacto também ajudou Stálin a evitar uma agressão japonesa. Os japoneses foram obrigados a modificar seus planos e a adiar *sine die* sua intervenção na União Soviética. Para a hierarquia militar alemã, aliás, esse pacto foi visto como uma traição de Hitler aos interesses do Reich.[10]

"Operação Barba Ruiva"

Na noite de 22 de junho de 1941, no entanto, o "plano Barba Ruiva" foi finalmente executado: os exércitos do III Reich irromperam na URSS sem declaração de guerra. O *Drang nach Osten* ["avanço para o leste"] dos militaristas alemães estava prestes a se concretizar. A guerra-relâmpago de Hitler contra a Rússia soviética deveria concluir-se, segundo ele, com uma vitória antes mesmo do fim da guerra contra a Inglaterra.

O governo soviético não esperava a invasão naquele momento. "Eu sabia que a guerra ia estourar, mas contava ainda ganhar alguns meses", confidenciou Stálin a Churchill em agosto de 1942, quando este último censurou-o por não ter levado em conta sua advertência de abril de 1941 sobre a iminência do ataque.

Com efeito, visando adiar o evento, Stálin recusara-se a se mexer, para não levar Hitler a antecipar sua entrada na guerra. Até o último minuto, recusara-se a soar o alarme a fim de evitar as "provocações". Quando finalmente assinou a ordem de ataque, esta chegou às tropas das fronteiras quando a ofensiva alemã já começara.[11]

O PANDEMÔNIO DOS PRIMEIROS meses de guerra alimentou duas lendas: a de um Stálin ingênuo que acreditava em Hitler e a de um Stálin deprimido durante os dias que se seguiram a invasão. Com a segurança de um protagonista da História, Molotov varreu tais interpretações: "Stálin teria confiado em Hitler? Quando não confiava em nenhum dos seus? Longe disso! E tinha suas razões. Hitler teria enganado Stálin? Mas o resultado desse logro é que ele foi obrigado a tomar veneno, enquanto Stálin viu-se à frente de metade do mundo."[12]

Com vistas a essa guerra, que ele aguardava mas que esperava postergar o máximo possível, Stálin tornara-se, em 6 de maio de 1941, presidente do

Sovnarkom. Era sua primeira função pública oficial. A noite em que a guerra estourou surpreendeu a todos os dirigentes políticos e militares soviéticos. Inclusive Stálin. Longe de se lamentar, ele tomou as rédeas da situação com determinação. Às 2h, todo o Politburo encontrava-se em seus aposentos, no Kremlin. Até as 3h, quando Schulenburg foi comunicar a Molotov que a guerra estourara, Stálin e Molotov redigiram imediatamente a mensagem ao povo que este último leria no rádio no dia 23 de junho ao meio-dia. Stálin, por sua vez, só veio a manifestar-se na mesma rádio em 3 de julho. Precisava de um recuo de alguns dias para captar a situação em toda a sua complexidade e encontrar as palavras necessárias para a mobilização geral. O discurso que fez na ocasião marcou a passagem do revolucionário para o estadista.

Logo no primeiro dia da guerra, recebeu em seu gabinete um fluxo ininterrupto de visitas, sinal de que não estava nem inconsolável nem paralisado pelo pânico. Somente no dia 22 de junho, de 5h45 da manhã até meia-noite, trabalhou sucessivamente com Molotov, Beria, Timochenko, Mekhlis, Jukov, Malenkov, Mikoian, Kaganovitch, Vorochilov, Vichnevski, Kuznetsov, Dimitrov, Manuilski, Kuznetsov, Mikoian, Molotov, Vorochilov, Beria, Malenkov.[13]

No dia seguinte à invasão alemã, 23 de junho, Stálin criou o Stavka – Estado-maior geral –, articulando sob suas ordens os principais chefes militares e alguns membros do Politburo. Em 30 de junho foi instaurada uma comissão de Estado para a Defesa. O Stavka tinha sua sede no Kremlin. Um sistema de comunicação permitia a Stálin dirigir-se a toda a hierarquia militar, até ao mais humilde comandante. Em 19 de julho, tornou-se igualmente comissário do povo para a Defesa, assumindo assim inteira responsabilidade pela condução da guerra. Trabalhando dezoito horas seguidas, dormindo frequentemente no sofá de seu gabinete, de uniforme, como um soldado, manipulava todos os cordões do front – era o próprio front…

A captura de Iakov

“Vá! Entre na guerra!” teria dito Stálin a seu filho mais velho no início das hostilidades.

Iakov obedeceu e foi capturado como prisioneiro em 16 de julho de 1941, em Lesno, perto de Vitebsk. A unidade que ele chefiava foi cercada e ele caiu nas mãos dos alemães. Stálin soube da notícia pela rádio alemã e por meio de panfletos distribuídos em Moscou, que diziam: “Camaradas soldados, não acreditem na mentira segundo a qual os alemães torturam e matam os

prisioneiros. Isso é um embuste. Os soldados alemães tratam bem os prisioneiros. O povo está sendo enganado e atemorizado. Evitem o derramamento de sangue e passem para o lado dos alemães." Ao mesmo tempo eram divulgadas fotografias de dois oficiais alemães escoltando Iakov, assim legendadas: "O filho de Stálin, o tenente-major do 14º Regimento de Artilharia da 14ª Divisão de Tanques, rendeu-se e entregou-se espontaneamente aos alemães. Se um oficial soviético tão conhecido rendeu-se dessa forma, isso mostra claramente que toda resistência ao Exército alemão é inútil. Parem a guerra, passem para o nosso lado." O panfleto trazia no verso a cópia de um texto manuscrito: "Querido pai, fui tomado como prisioneiro, mas estou bem de saúde. Logo serei transferido para um campo para oficiais na Alemanha. Estou sendo bem-tratado. Espero que esteja passando bem. Saudações a todos. Iakov."[14] Os alemães divulgaram igualmente uma fotografia de Iakov vestindo a jaqueta de couro que usava antes da guerra. Isso foi suficiente para despertar as suspeitas de Stálin. Como haviam obtido aquela foto? Quem era o traidor? No outono de 1941, prenderam a mulher de Iakov, Iulia, que a princípio foi isolada na Lubianka, sede da polícia secreta, depois na cidade de Engels. Permaneceu ali até a primavera de 1943. Sua filha Galina, com três anos de idade, ficou com Svetlana, que cuidou dela como se fosse sua. Quando Iulia deixou a prisão, Stálin deu-lhes um apartamento modesto, onde elas passaram a morar juntas, e passou a enviar-lhes dinheiro e mantimentos. Galina continua a morar no mesmo lugar.[15]

No entanto, no início da guerra, após a partida de Iakov, Iulia e sua filha achavam-se instaladas no Kremlin. Em seguida, refugiaram-se em Sotchi, junto com o que restava da família de Stálin. Mais uma vez, Stálin não hesitou em mandar prender um de seus parentes.

Mal soube da detenção de Iakov, ele passou a fazer de tudo para libertar o filho. Vários destacamentos foram organizados, formados, entre outros, por voluntários espanhóis.[b]

Em 12 de março de 1945, Stálin recebeu um depoimento sobre o cativeiro do filho de abril a junho de 1942. Estava num campo situado ao sul da Baviera, junto com 27 generais soviéticos e outras personalidades do alto-comando. Durante esse período, Iakov mostrara-se corajoso, tenaz, inabalável. Os alemães utilizavam-no em trabalhos de construção. Era constantemente molestado: diariamente, fotógrafos, jornalistas fascistas e agentes da Gestapo o visitavam para arrancar informações. Ele, contudo, respondia invariavelmente: "Amo minha pátria, jamais falarei mal de meu país."[16] Os alemães haviam tentado, em vão, alistá-lo no exército de Vlassov – o general russo que passou para o lado

dos alemães, formou uma divisão recrutada sobretudo entre prisioneiros soviéticos, ucranianos e bálticos e lutou até o fim da guerra contra os Aliados. Em julho de 1942, Iakov foi transferido para o campo “H-S”, em Lübeck. Teve então como companheiro de cativeiro o filho de Léon Blum, Robert, com quem dividiu a cela por um tempo. Nesse campo, havia 1.200 prisioneiros: franceses, belgas, iugoslavos, poloneses e um único oficial soviético: Iakov Djugachvili. Era vigiado ininterruptamente. Digno, recusava qualquer ajuda material oferecida pelos colegas. Negava-se a ficar de pé diante dos oficiais alemães, o que lhe valeu a masmorra. Enquanto a imprensa alemã afirmava que Iakov fazia declarações contra seu país, ele não cessava de bradar: “É mentira o que os jornais alemães falam sobre mim!” Continuava otimista quanto ao desfecho da guerra: “Não duvido um instante da derrota da Alemanha e do triunfo definitivo do Exército Vermelho.” Em setembro de 1942, oficiais iugoslavos prepararam sua fuga escavando um túnel que dava na cela de Djugachvili, a mais próxima da saída do campo. Quando o comandante soube da existência desse túnel, Iakov foi colocado na masmorra e transferido alguns dias mais tarde, de avião, para um destino desconhecido.[c]

Após a batalha de Stalingrado, Hitler sugeriu a Stálin trocar seu filho pelo marechal Paulus. Stálin recusou. Explicou mais tarde à filha que não negociava com os nazistas, enquanto um rumor atribuía-lhe esta réplica: “Não troco um soldado por um marechal.”

Durante seu cativeiro, Iakov deu provas de coragem e dignidade, como atestam os autos de seu interrogatório, datados de 18 de julho de 1941.

– Sinto vergonha perante meu pai de continuar vivo!, disse a seus carcereiros.

– O senhor se oporia a que declarássemos no rádio que é nosso prisioneiro? Ou pensa que isso é indiferente para seu pai?

– Não, não convém dizer isso no rádio…

– Por quê? Porque seu pai ocupa o posto mais importante ou porque acha que ele o renegará?

– Não escondo: isso é uma vergonha![17]

Não é difícil imaginar sua reação ao ouvir no rádio a declaração de Stálin segundo a qual não existiam prisioneiros militares, e sim traidores da pátria.

Iakov tentou escapar com um grupo de oficiais poloneses. Tentativa abortada. Foi transferido para um campo mais severo, o Sachsenhausen. Cada vez mais deprimido, negava-se a comer. Na noite de 14 de abril de 1943, recusando-se a entrar em seu pavilhão, dirigiu-se para a zona proibida. A sentinela atirou e ele morreu na hora. Em seguida, seus restos mortais foram

lançados contra os arames farpados de alta tensão e o relatório do chefe de campo concluiu que fora uma tentativa de fuga. Foi incinerado no local, no crematório.

Em 1946, outro depoimento chegou aos ouvidos de Stálin, relatando em detalhes a morte de Iacha. Às 7h da noite, ele deambulava em frente a seu pavilhão. O soldado alemão que o vigiava ordenou que ele entrasse. Iacha recusou e pediu para ver o comandante do campo. Responderam-lhe que iriam chamá-lo ao telefone. Mas Iacha continuou a caminhar em direção aos arames farpados, ultrapassando assim a zona neutra. A sentinela advertiu-o diversas vezes. Ameaçou abrir fogo. Iacha rasgou então a camisa e respondeu: “Atire!” O soldado atirou, atingindo-o na cabeça. Iakov permaneceu 24 horas estirado no lugar, morto, até que o diretor do campo recebesse ordens de Himmler para retirar o cadáver. A testemunha não sabia efetivamente se Iacha fora morto pela corrente de alta tensão dos arames farpados ou pelo disparo de fuzil. Após a cremação, suas cinzas foram guardadas numa urna e despachadas para Berlim.[18]

Stálin já sabia da morte do filho. Entre os que o haviam informado sobre o destino de Iakov estava o rei Leopoldo da Bélgica, que deu a notícia a Svetlana no verão de 1945. “Os alemães fuzilaram Iacha. Recebi uma carta de pêsames de um oficial belga, um príncipe, creio… Ele foi testemunha da execução… Os americanos libertaram os outros.” “Ele ficou sem ar”, lembra-se Svetlana, “como se golpeado pela notícia, mas não queria falar nada.”[19]

Se Stálin admitira precipitadamente que o filho estava perdido – dizia com amargura que os bárbaros o fariam sofrer até a morte –, a mulher de Iacha, seguindo uma velha tradição russa segundo a qual enquanto não se vê o cadáver do desaparecido é possível esperar sua volta, acreditou até o fim de seus dias que o marido preferira não voltar e fora reconstruir sua vida. Após a guerra, muita gente alimentou essa lenda, contando-lhe todo tipo de histórias sobre Iacha vivo, a ponto de a família crer nisso até hoje.[20]

Moscou sitiada

Em outubro de 1941, Hitler lançou um ataque direto contra Moscou. Os alemães cercaram a capital e o ministério foi evacuado para Kuibytchev. Stálin não se mexeu. Essa imagem de Stálin, sozinho no Kremlin, com os alemães às portas de Moscou, permanece na História como o melhor exemplo da força que um mito pode exercer no moral de um povo.

Moscou começara a esvaziar-se durante o verão. Crianças, idosos, altos

funcionários, ministros, intelectuais, todos fugiam. No outono, num dia de meados de outubro, um pânico indescritível e súbito tomou conta da cidade. As lojas de alimentação foram invadidas, algumas inclusive saqueadas. Uma massa compacta de pessoas dirigia-se para a estação de Kazan. A polícia começara a instalar barreiras a fim de represar a multidão incontrolável, que nada parecia capaz de conter. Essa febre durou um dia inteiro. Então, ao pôr do sol, baixou bruscamente. As pessoas começaram a voltar para casa sem que a polícia as coagisse. O rumor, como um grito anestésico, atravessara a cidade e chegara aos ouvidos de todos: "Stálin continua em Moscou!"

Sozinho, num velho Packard conversível, atrás de seu motorista, Stálin percorria as ruas da cidade, fazendo o trajeto que levava à estação de Kazan. Afundado dentro do carro, muito pálido, saudava com a mão os moscovitas que o olhavam, pasmos e resserenados ao mesmo tempo. Se ele continuava em Moscou, por que ir embora? Fizeram meia-volta; haviam compreendido a mensagem. "Formidável! O mito triunfou novamente!" conta-nos Giulio Ceretti, dirigente comunista italiano. "À noite, eu ficara sabendo por um secretário russo que nem tudo se desenrolara pacificamente no Kremlin, com a direção da polícia sugerindo o uso da violência. Segundo os boatos, Stálin repelira, com um gesto de nojo, a triste sugestão e pedira que baixassem a capota do carro… O resultado estava ali, eu o tinha diante dos olhos, pois assistira a essa conversa muda entre Stálin e a multidão moscovita, primeiro na rua Gorki, mais tarde perto da estação de Kazan."[21]

Em todo caso, os colaboradores de Stálin tentaram convencê-lo a partir, colocando à sua disposição um trem especial e, no aeroporto, quatro aeronaves, entre as quais seu avião pessoal. Sem que ninguém ousasse lhe falar abertamente, alguns sondavam suas intenções:

– Camarada Stálin, quando devo evacuar de Moscou o regimento de segurança?

– Se necessário – respondia Stálin –, eu mesmo conduzirei esse regimento ao ataque.[22]

Beria, Malenkov e Kaganovitch finalmente atreveram-se a sugerir que ele partisse para Kuibytchev. Então, para deixar as coisas bem claras, na noite de 16 de outubro Stálin reuniu seus agentes, guarda-costas e motorista: "Nada de evacuação. Permaneceremos aqui até a vitória. Todos vocês ficam comigo."[23]

Em 7 de novembro de 1941, do alto do mausoléu de Lênin, diante das tropas do Exercito Vermelho que partiam diretamente da praça Vermelha para a frente de batalha situada a apenas poucos quilômetros, Stálin pronunciou um de seus discursos mais célebres, misturando, numa simbiose espantosa, as páginas

gloriosas da história russa e os símbolos da Revolução de Outubro: “Camaradas soldados e marinheiros vermelhos, comandantes e trabalhadores políticos, partidários e partidárias! O mundo inteiro considera-os uma força capaz de aniquilar as hordas de bandidos alemães. Os povos escravizados da Europa, sob o jugo dos invasores alemães, veem-nos como libertadores. Uma grande missão libertadora lhes é atribuída. Sejam dignos dessa missão. A guerra que vocês travam é uma guerra libertadora, uma guerra justa. Para essa guerra, inspirem-se no glorioso exemplo de nossos grandes ancestrais: Aleksandr Nevski, Dimitri Donskoi, Kuzma Minin, Dimitri Pojarski, Aleksandr Suvorov, Mikhail Kutuzov! Que a bandeira vitoriosa do Grande Lênin os una sob seu pendão.”[24]

Numa Moscou bombardeada pela força aérea alemã, Stálin continuou a trabalhar no Kremlin, embora passasse a maior parte do tempo em sua datcha, a Blijnaia. Às vezes, durante os bombardeios, acompanhado por um de seus colaboradores, subia ao terraço, de onde observava as respostas da artilharia soviética. Em 1941 e 1942, a zona onde se situava a datcha de Stálin foi bombardeada. A NKVD recebeu a informação secreta de que uma bomba caíra nas imediações de sua casa, sem no entanto explodir. Falava-se também de uma espécie de “máquina infernal” que havia sido instalada sob as fundações da casa. As informações foram transmitidas a Stálin. “Então vamos procurá-la!” E, com um aparelho detector, Stálin e seus guardas puseram-se a explorar o local; não encontraram bomba, mas todo tipo de objetos metálicos.[25]

Ele manteve, durante toda a guerra, o mesmo ritmo de trabalho: noite e dia, dia e noite. Dormia geralmente pela manhã, por volta das 6 horas. Seus guarda-costas o encontravam num sofá, atrás da escada, ou no terraço, sentado numa cadeira, o gorro sobre o rosto para protegê-lo do sol. Continuava a sofrer de reumatismo e sentia dores constantes nas pernas – razão de seus vaivéns ininterruptos durante as reuniões de trabalho em seu gabinete. Também padecia de uma angina de peito e era hipertenso. Apesar de tudo, não se cuidava. Nada podia detê-lo em sua determinação de dirigir a guerra, de acompanhar o máximo possível das operações e da diplomacia. Saiu dessa provação, aos 67 anos, fisicamente mirrado, envelhecido, ainda mais franzino, os cabelos grisalhos e ralos.

O front

Stálin esteve no front? Tema controverso, após Kruchtchev declarar, em seu relatório secreto, que Stálin coordenou as operações de guerra a partir de um

mapa-múndi. Naturalmente, os principais líderes políticos evitavam o teatro de guerra. Molotov confessa: “Estive em Leningrado em 1941. Em seguida, fui substituir Koniev e fustigar um pouco Jukov. Era, creio, em 1942 ou 1943. Foram estas minhas visitas ao front.”[26] Stálin também efetuou algumas viagens, porém mantidas em completo sigilo, inclusive para sua equipe. A imprensa nunca chegou a noticiá-las. Durante a defesa de Moscou, deslocou-se duas vezes. Em outra ocasião, visitou a região de Volokolamsk: quando se decidiu pela visita, bruscamente, convocou Jukov e Beria para lhes comunicar sua intenção de partir naquele mesmo dia. Também esteve uma vez em Leningrado, no momento em que o Exército Vermelho preparava uma grande ofensiva. Misterioso por natureza, mostrava-se ainda mais enigmático durante esse período de guerra. Jamais informava antecipadamente a quem quer que fosse o que pretendia fazer. Sua chegada inesperada era um acontecimento. Em geral acompanhado da guarda pessoal, deslocava-se também com dois destacamentos da NKVD, um à sua frente, outro à sua volta. Passava um tempo nos postos de comando, de onde examinava a linha de ataque dos alemães.[27]

Após a conferência de Teerã, Stálin visitou uma Stalingrado em ruínas. Passeou pelas ruas e esteve no Estado-maior do marechal Paulus. Durante um trajeto, seu carro bateu em outro, dirigido por uma mulher. Stálin ordenou a seu motorista que parasse e desceu. Reconhecendo-o, a pobre da moça sentiu-se tão intimidada que caiu no choro. Repetia, soluçando: “Sou eu a culpada!” Stálin tranquilizou-a: “Não chore. A guerra é a culpada, não a senhora. Nosso carro é blindado e não foi danificado e a senhora, ora, a senhora consertará o seu.”[28]

Um amor impossível

No período em que Iakov encontrava-se prisioneiro e Vassili no front, Svetlana partiu, a princípio para Sotchi, depois para Kuibytchev.

Num primeiro momento, o que restava de família a Stálin – os avós Alliluyev, Anna Sergueievna e os dois filhos, Iulia e Galina, a babá de Svetlana – foi com ele para Sotchi. Em setembro, voltaram todos para Moscou. Iulia foi presa, Galina permaneceu um tempo com os Alliluyev, e em seguida juntou-se a Svetlana em Kuibytchev.

Svetlana morava numa residência particular com Olga, a pequena Galina e Galia – mulher de Vassili, que deu à luz ali mesmo, em outubro, seu filho Aleksandr. Serguei Alliluyev, por sua vez, preferira ir para Tíflis.

“Querido pai”, escreveu Svetlana a Stálin em 19 de setembro de 1941.

“Sempre me aborreço sem você quando viajo para algum lugar, mas agora faço questão absoluta de vê-lo. Se concordar, irei de avião, para dois ou três dias… Querido papai, você não imagina como tenho vontade de ir, nem que seja por um dia, a Moscou… Durma bem, sei que você dorme pouco, isso é inadmissível, caro camarada secretário. Mil beijos, minha alegria, meu querido papai.”[29]

Em 28 de outubro, Svetlana chegou efetivamente a Moscou para visitar o pai. Encontrou-o rodeado de mapas, despachos, telefones e visitas. Ele mal teve tempo de lhe perguntar: “Como vão as coisas em Kuibytchev?” Viram-se novamente em janeiro de 1942, e foram dois dias na companhia de um homem esmagado pelo trabalho e constantemente em alerta.

Em junho daquele ano, a família de Stálin retornou a Moscou, onde permaneceria até o fim da guerra. Uma má notícia os esperava ali: haviam explodido Zubalovo, temendo a chegada dos alemães. Outra casa havia sido reconstruída não longe dali, mas não era a mesma coisa. Espremeram-se na nova residência. Mas daí em diante formavam um mundo heterogêneo, que perdera a coesão. O que haveria de comum entre Anna, desesperada pela perda do marido, Galina, sozinha no mundo com um pai prisioneiro dos alemães e uma mãe presa pelos próprios compatriotas, e Vassili, que levava uma vida opulenta, cercada por sua corte – atletas, atores, aviadores –, invadindo a casa e promovendo bebedeiras sem fim? Na volta do ano letivo, Svetlana e a pequena Galina retornaram para o Kremlin, para o apartamento de Stálin.[30]

Em plena guerra, durante o inverno de 1942-43, Svetlana teve seu primeiro caso amoroso e sua primeira desavença séria com o pai. Jovem estudante, iniciou um flerte platônico com um homem de quarenta anos, Alexis Kapler, que ela conhecera no grupo de Vassili. Começaram indo ao cinema e fazendo programas nas cercanias da datcha, depois, por ocasião de um banquete, igualmente promovido por Vassili, dançaram o foxtrote. A adolescente sentiu-se lisonjeada e seduzida por aquele homem de teatro que lhe dava atenção. Ele ia esperá-la na saída do colégio, levava-a à galeria Tretiakov e acompanhava-a ao teatro. Tendo a guerra por pano de fundo, um amor impossível nasceu sob o olhar vigilante do guarda-costas de Svetlana. Ignorando toda prudência, Kapler publicou no *Pravda*, no fim de novembro de 1942, um artigo sob forma de carta dirigida à bem-amada, no qual, relatando a batalha de Stalingrado, insinuava evocações líricas relativas a seus passeios moscovitas na companhia da moça. Como podemos imaginar, Stálin era informado a cada dia a respeito desse namoro precoce. Num primeiro momento, tentou chamá-la à razão por meio de alusões; uma pessoa de sua guarda pessoal tentou assustar o namorado. Em vão: Svetlana passava a maior parte de seu tempo livre com Kapler, entre as salas de cinema, o

teatro e os passeios noturnos. Em 28 de fevereiro, em seu aniversário de dezessete anos, levou o namorado a um apartamento vazio que pegou emprestado graças ao irmão. Momento de emoção, beijos trocados em silêncio e tristes despedidas – pois Kapler, consciente do perigo, dera um jeito de ser despachado para Tachkent, onde devia realizar um filme. Dois dias mais tarde, porém, foi preso. Na Lubianka, viu-se às voltas com o próprio Vlassik, chefe da guarda de Stálin, que desejava certificar-se de que tudo voltara efetivamente à ordem. Oficialmente, foi acusado de manter relações com estrangeiros: cinco anos de privação de liberdade. Contudo, quando foi solto, em 1948, cometeu o erro de voltar à capital, onde estava proibido de pisar. Foi novamente preso e condenado a cinco anos suplementares. Para Svetlana, a coisa terminou com duas bofetadas que a marcaram. Stálin bateu-lhe pela primeira vez na vida: “Nós em meio a uma guerra dessas, e eis com o que ela se preocupa…”, disse à babá, petrificada num canto do quarto.[31] A partir desse 3 de março de 1943, as relações entre Stálin e a filha querida mudaram sob muitos aspectos.

Vassili, contudo, dava mais dores de cabeça. Stálin não tolerava sua vida dissoluta e suas bebedeiras; em certa ocasião, providenciou para que passasse dez dias numa solitária. Vassia, no entanto, esteve na guerra e lutou com coragem. Efetuou 27 missões de combate, derrubou um aparelho inimigo e foi ferido por estilhaços de obus em 4 de abril de 1943. De toda forma, considerando seus feitos de guerra, suas condecorações foram exageradas: duas ordens da Bandeira Vermelha, a ordem de Aleksandr Nievski e a ordem Suvorov de segunda classe. Tendo começado na guerra como coronel, foi promovido a brigadeiro em 1946 e, um ano depois, a tenente-general.[32] Apesar de irascível e dissimulado, era um bom piloto. Mas seu caráter, a queda pela bebida e as más companhias levaram-no frequentemente à beira do abismo. De todos os filhos de Stálin, foi o que melhor proveito tirou de sua posição. Embora o pai não estivesse realmente satisfeito com a fulgurante carreira de Vassili, seu nome bastava para que fizessem o máximo por ele. Ninguém sabia que ele não gozava de grande estima junto ao pai. Foi um playboy *avant la lettre*, mecenas dos esportes equestres e promotor de cerimônias aéreas militares. Suas estripulias matrimoniais também irritavam Stálin. Quando sua mulher engravidou pela segunda vez – de sua filha Nadejda, nascida em 1942 –, ele cultivou todo tipo de aventuras galantes. Stálin deu então a Galina um belo apartamento, recursos para viver e julgou a nora bem tola quando esta se reconciliou com o marido infiel.[33]

Os Aliados

Durante os quatro anos da guerra, com uma Aliança que apostava na união e na vitória final, apesar dos obstáculos de todo tipo, a estatura de Stálin se impôs.

Desde o início dos anos 30, quando começara a receber visitas de estrangeiros, ele sabia seduzir, tranquilizar, transmitir segurança. Ninguém percebia a impostura. Todos sucumbiam – do político ao escritor, do diplomata ao militante. Era com uma imagem de franqueza e simplicidade que Stálin se apresentava a seus principais interlocutores ocidentais. Só o fato de encontrá-lo constituía um acontecimento para eles. Sua aparência de homem "ponderado", o ambiente em que vivia, desprovido de todos os símbolos ostentosos do poder, e sua silhueta franzina e frágil, contrastando com o cenário grandioso do Kremlin, deixavam estupefatos seus convidados.

Sua tendência ao segredo, o véu que se estendia sobre sua vida privada, seu isolamento manifesto, sua pseudodiscrição teriam como objetivo único esconder o horror que subjazia ao regime? O enigma Stálin nasceu graças a uma mística da clausura, do obscurecimento, do mistério calculadamente dosado. Mas também pelo aspecto plural do personagem, do homem de múltiplas facetas, dotado de uma força de sedução extrema e um domínio da conversa sigilosa, personalizada de acordo com o interlocutor. A maioria dos que o visitavam registrou em suas recordações, diários íntimos, correspondência e conversas o encontro com Stálin.[34] O choque era ainda maior na medida em que se esperava ver um ogro, uma personalidade brusca e rude, distante e altiva. Ora, era o contrário que descobriam. Essa falta de brilho embaralhava as cartas: julgavam-no desinteressado, indiferente à glória e aos prazeres, pouco afeito ao poder. Claro, a obstinação e a desconfiança eram visíveis, e seus motivos essenciais, compreensíveis: governar de maneira determinada – a que ele concebia – e sozinho. Lastimavam sua solidão; julgavam-no sincero, honesto e justo; sua capacidade de escuta era apreciada – sabia deixar o outro à vontade –, sua franqueza era sem artifício. Nunca era questionado sobre o que todos sabiam – expurgos, julgamentos, execuções –, e todos se inclinavam perante o revolucionário, ignorando deliberadamente o tirano.

A entrada na guerra permitiu que Stálin tivesse acesso aos grandes políticos do mundo ocidental, e seu charme encantou-os como encantara os visitantes dos anos 30, em sua maioria os mais brilhantes escritores do século. No fim de julho de 1941, recebeu Harry Hopkins, confidente íntimo do presidente Roosevelt; em setembro, Harriman e Beaverbrook; em agosto de 1942, Churchill. Finalmente, entre 28 de novembro e 2 de dezembro de 1943, Stálin encontrou Churchill e Roosevelt em Teerã. A correspondência de guerra[35] dos chefes da Grande Aliança ilustra esse entendimento, que hoje tenderíamos a considerar mítico, mas que foi,

malgrado as dificuldades políticas, real. Entre a admiração e a desconfiança, entre o fascínio e a suspeita, entre a cumplicidade e a reserva, essa Aliança se forjou e atravessou os tempos de guerra. Para além da *Realpolitik*, uma espécie de fascínio difuso pairava sobre a complexidade da relação. A estatura do czar vermelho era imponente e sedutora. Churchill gostaria de poder encontrar-se com Stálin uma vez por semana; Roosevelt esperava revê-lo.[36]

Datam desses anos de guerra as descrições mais cativantes de Stálin feitas por seus aliados. "Nenhuma palavra vã, nenhum gesto inútil, nenhuma afetação… uma máquina perfeitamente ajustada, uma máquina inteligente", anota Harry Hopkins em seus papéis.[37] "Grande chefe revolucionário, estrategista e estadista profundo", pensava Churchill, que por três anos manteve com ele "relações estreitas, difíceis, mas sempre de um interesse palpitante e até mesmo cordiais em determinados momentos".[38] O general De Gaulle esboça um retrato perspicaz: "Comunista habilidoso como marechal, ditador dissimulado e astuto, conquistador com ar bonachão, de tudo fazia para iludir. Mas sua paixão era tão rude que não raro aflorava, não sem uma espécie de feitiço tenebroso."[39]

O episódio de Katyn

Em 13 de abril de 1943, os serviços de propaganda do III Reich divulgaram que valas comuns haviam sido descobertas na floresta de Katyn (região de Smolensk). Achavam-se lá enterrados cerca de 10 mil militares poloneses, assassinados em março-abril de 1940 por ordens de Stálin. Na realidade, em Katyn mesmo foram encontrados apenas 4.143 cadáveres. Contudo, outros ossuários foram descobertos em seguida, chegando-se a cifras controversas, mas de toda forma pavorosas: 15 mil, segundo os poloneses, 22 mil segundo os últimos números fornecidos pelos russos nos dias de hoje. Começou então um dos episódios mais macabros da Segunda Guerra Mundial. O governo polonês no exílio, em Londres, apropriou-se do litígio, encampando as acusações alemãs. Em 25 de abril, enviou um memorando às nações aliadas e exigiu, como os alemães, um inquérito *in loco* feito pela Cruz Vermelha internacional. Em 26 de abril, o governo soviético rompeu relações diplomáticas com o governo polonês de Londres. Foi o início de um conflito que iria erodir a Grande Aliança, que foi se ramificando e permaneceu, até a derrocada da URSS, uma causa capital do contencioso polonês-russo.

Hoje sabemos que a decisão de destruir a elite militar polonesa sediada em solo soviético foi tomada no Politburo e que todos os seus membros assinaram o

decreto. Esse documento infame veio a constituir, como os protocolos que haviam acompanhado o pacto germano-soviético, uma pesada herança, que os sucessores de Stálin, alçados à hierarquia do Partido, foram obrigados a carregar sob o maior sigilo.

A maneira como Stálin negou os fatos perante seus aliados é ainda hoje um modelo do gênero: a mentira erigida em razão de Estado. Em 21 de abril, enviou uma dupla mensagem confidencial a Churchill e a Roosevelt. Sua versão – que permaneceu sendo a de toda a historiografia soviética até Gorbatchev – era a seguinte: o crime fora obra dos alemães. "As autoridades hitleristas, após haverem consumado um crime monstruoso contra os oficiais poloneses, representam uma comédia judiciária; para essa encenação, utilizaram alguns elementos poloneses com tendências fascistas." Para Stálin, "essa campanha hostil foi organizada após um contato e um acordo prévio entre Hitler, o inimigo dos Aliados, e o governo de Sikorski".[40] Churchill acreditou em Stálin, porém, ao mesmo tempo, tentava aparar as arestas com os poloneses. "A propaganda alemã lançou essa história precisamente para criar uma brecha nas fileiras das Nações Unidas…",[41] respondeu a Stálin. E foi essa versão que se impôs, ainda que tenha sido desmentida no julgamento de Nuremberg, com o tribunal recusando-se a acusar o III Reich nesse episódio.

A ação de Stálin, além de tratar-se de um crime inominável, e a despeito do segredo que ele soube impor a seus herdeiros durante mais de meio século,[d] denotava sua vontade de mudar de uma vez por todas as relações da Rússia com a Polônia. Mais uma vez, foi o general De Gaulle quem melhor compreendeu seus motivos profundos: "Ao ouvi-lo, rosnando, mordendo, eloquente, percebia-se que o caso polonês era o objeto principal de sua paixão e o centro de sua política. Ele declarou que a Rússia empreendera uma 'grande guinada' com respeito a essa nação que fora sua inimiga há séculos e na qual agora queria ver uma amiga."[42] Persuadidos ou não, os Aliados compreenderam que, no que se referia à Polônia, Stálin não negociaria.[e]

A luta antifascista, em cujo âmbito Stálin aparecia como um aliado incontornável, e a derrota do III Reich pelo Exército Vermelho, que na batalha de Stalingrado soube imprimir à guerra uma virada decisiva, deram ao mito Stálin uma dimensão internacional, projetando sobre sua pessoa a força vitoriosa da História. Era aos gritos de "Por Stálin!" e "Viva Stálin!" que muitos iam combater e morrer.

Excelente empresário de seu próprio personagem – a ponto de a ele sucumbir, rompendo sem perceber os laços com a realidade –, Stálin vive, alimenta-se e sonha com abstrações. A morte era outra abstração? A inocência

das pessoas que ele matava ou enviava para o desterro não o perturbava. O número das vítimas sacrificadas à realização do sonho não passava de uma questão estatística. Não foi ele quem declarou um dia que “uma morte é uma tragédia; 1 milhão, apenas uma estatística”? “O senhor é inimitável”, disse-lhe o general De Gaulle quando o encontrou em dezembro de 1944, em Moscou.

O caso Morozov

Durante a guerra, a vida privada de Stálin tornara-se inexistente. Não jantava mais em seu apartamento do Kremlin, voltando direto para Kuntsevo na companhia de seus colaboradores, que agora eram seu único convívio estável.

No outono de 1944, Svetlana casou-se com Grigori Morozov, um colega de colégio de Vassili e seu instrutor no Movimento dos Pioneiros, quando ela mesma era pioneira. Viu-o pela primeira vez numa festa de aniversário de Vassili. Ela tinha seis anos e ele onze.

Grigori Iosipovitch Morozov, russo de origem judaica, foi acima de tudo um amigo de Vassili. Parceiro de jogo e das farras do filho de Stálin, dividiam a carteira na sala de aula. Seu amor por Svetlana esboçou-se quando ela era estudante de história e ele terminava seus estudos em direito internacional. Estava alistado no Exército Vermelho, no 76º Regimento, onda cumpria seu serviço militar desde outubro de 1939, quando a guerra estourou. Partiu para o front em 26 de junho de 1941 e, em fevereiro de 1942, foi ferido e em seguida declarado inválido.

Quando Svetlana comunicou ao pai a decisão de casar com Morozov, obteve sua concordância sem grandes problemas. Em 18 de maio de 1944, feliz por ter obtido a bênção, o casal foi à casa da irmã de Grigori, Vera, para comemorar o acontecimento com ela e o marido, abrindo duas garrafas de champanhe. No dia seguinte, sozinhos, dirigiram-se à prefeitura, onde a carteira de identidade de Svetlana deixou apavorado o funcionário de serviço. Verificação feita, foram unidos perante a lei.

Os cônjuges instalaram-se no Kremlin. Ali, Morozov conheceu não só Stálin, como a nata do poder. Tinha acesso à biblioteca do sogro, praticava tiro com Beria, encontrava os filhos dos membros do Politburo.[f] Uma vida confortável, agradável, estudiosa – uma vez que os dois continuavam seus cursos na universidade. Em maio de 1945, nasceu-lhes um filho (o filho da vitória), a quem chamaram Iosif e que foi entregue aos cuidados de duas amas de leite, a de Svetlana e a de Galina (filha de Iakov). Iosif se tornaria, ao lado desta última, o

neto preferido do avô.

O casal separou-se em fevereiro de 1948, sem qualquer intromissão de Stálin. “Ele nunca exigiu que nos separássemos”, assevera Svetlana, que alega razões pessoais para explicar o divórcio. Não obstante, às 9h da noite do dia 8 de fevereiro, quando Morozov deixou seu apartamento do Kremlin para dirigir-se ao de seus pais, o pesado portão que bateu atrás dele selou definitivamente um período de sua vida.

Fora da moldura oficial da família de Stálin, nada mais podia protegê-lo. Poucas horas mais tarde, às 4h30 da manhã, os agentes da NKVD prenderam seu pai alegando que este mantinha relações com a família Alliluiyev. A brutalidade dos homens da polícia secreta não tinha limites: reviraram o apartamento dos velhos Morozov a fim de apagar todo vestígio de suas relações com Svetlana – fotografias, cartões-postais, cartas, diários íntimos: tudo que encontraram foi confiscado. O pai de Grigori foi encarcerado e isolado numa cela, só retornando em 1954, após a morte de Stálin. Quanto a Grigori, passou três anos desempregado, tendo além disso que sustentar a mãe. Pagou muito caro por ter sido casado com a filha de Stálin por quatro anos.[43]

Stálin deixou em Grigori Morozov a recordação de um homem fora do comum, porém severo, cruel, às vezes beirando o sadismo e sem qualquer sentimento de piedade.

Valentina Vassilievna Istomina

Em 1937-38, após o grande expurgo dos empregados domésticos de Stálin, caras novas surgiram em sua vida privada, entre elas a de uma moça de nariz arrebitado e bom humor inalterável. Trabalhou os primeiros três anos em Zubalovo, depois foi transferida para a Blijniaia, onde permaneceu até a morte de Stálin, tendo se tornado mais tarde governanta de sua datcha.

O relacionamento de ambos talvez tenha começado durante os difíceis anos da guerra, ou por ocasião dos felizes momentos da vitória. Valentina acompanhava Stálin em todas as suas viagens, oficialmente como sua intendente, mas secretamente como sua companheira. “E, ainda que ela fosse sua mulher, isso não diria respeito a ninguém…”, afirma Molotov em 1977, como se confirmasse o já sabido.[44] O velho cansado voltava às inclinações da juventude, quando se casara, no início do século, com uma modesta costureira, submissa, conscienciosa e boa dona de casa, que o amava como a um deus sem nada pedir em troca. Valetchka soube ganhar a confiança do *Vojd* numa época em que sua

desconfiança beirava a paranoia. Ela administrava toda a intendência. Amável, simpática, modesta, apagada, fiel, dedicava a Stálin um amor incondicional. Com ela, ele não corria o risco de nenhum contratempo, de natureza alguma. Ela preocupava-se com sua saúde, zelando para que ele se cuidasse minimamente, embora jamais tenha conseguido lhe impor uma rotina mais saudável ou ao menos um check-up sério. Submissa, fazia o que era preciso dentro dos limites demarcados. A bondade e o amor dessa mulher do povo eram tudo que lhe restava de vida privada, com a garantia de que nunca seria traído. “Era o tipo de mulher que não criava problema, e era do que ele precisava na época”, me explicou, para justificar a natureza desse relacionamento no mínimo espantoso, seu neto, Aleksandr Burdonski. Como conciliar uma vida íntima junto a tal mulher – não obstante seu devotamento e eficiência – com a imagem do vencedor a cujos pés, em 24 de junho de 1945, os regimentos de infantaria, cavalaria e tanques lançaram as bandeiras do III Reich? Como imaginar esse homem, cuja aura tinha agora alcance mundial, dividindo sua solidão com a governanta? Esse homem que simbolizava o triunfo para a história, em cujo nome milhares de partidários, soldados, resistentes, através de toda a Europa, estavam dispostos a morrer, esse emblema de uma revolução constantemente vitoriosa, vivendo no maior segredo, em suas múltiplas datchas, com uma camponesa?

Cada vez mais recluso, afastava-se dos familiares, convivendo cada vez menos com os filhos e raramente com alguns dos netos.

OS MOMENTOS DA VITÓRIA, viveu-os à altura de sua lenda, tentando fazer contato com os velhos amigos ou pura e simplesmente com os cidadãos, ao sabor dos reencontros.

Um dia, em maio de 1944, quando finalmente pôde desfrutar de alguns instantes de trégua, Stálin constatou, por acaso, que possuía muito dinheiro num cofre cujas chaves eram guardadas por seu principal secretário, Poskrebytchev. Perplexo com o nível em que chegara a perda de contato com as coisas mais elementares da vida, perguntou de onde vinha aquele dinheiro. O secretário explicou-lhe que aquela soma mirabolante representava seus salários de deputado acumulados, já que sua única despesa consistira em pagar as cotas ao Partido. Stálin refletiu: pela primeira vez estava de posse de um montante daquele porte. O que fazer com ele? Suas despesas pessoais – seu padrão de vida, suas datchas, seu pessoal, tudo era pago pelo Estado. Onde então empregaria aquela soma? Alguns dias maias tarde, ordenou que enviassem vultosas ordens de pagamento a seus velhos amigos de Gori: “Ao meu amigo

Petia, 40.000 rublos; 30.000 rublos para Gricha; 30.00o rublos para Dzeradze; 20.000 rublos para Glurdjidze, da parte de Sosso, em 9 de maio de 1944.” Todas eram acompanhados de um bilhete em georgiano: “Gricha, aceite um presentinho de minha parte. Seu Sosso, em 9 de maio de 1944”; “Bom dia, Iosif. Enviei-lhe um presentinho, Petia lhe entregará. Viva mil anos. Sosso, em 9 de maio de 1944.”[45]

Sentiu então necessidade de aproximar-se das pessoas simples, de compreender suas vidas, num país ensanguentado durante quatro anos por uma guerra total. É nesse âmbito que se situa sua viagem ao sul, durante o verão de 1946. Tirava finalmente férias de verdade, e pela primeira vez desde 1937 fazia uma pausa.

Uma imensa comitiva pôs-se em marcha para esse périplo quase principesco. Stálin parava nas cidades, saía do carro para falar com os transeuntes. Hospedava-se na casa dos funcionários do Partido. Valetchka participava da procissão. Essa mulher enérgica, embora quase analfabeta, percebeu claramente a hipocrisia dos cortesãos, as mentiras e as adulações, a maneira como escondiam de Stálin a verdadeira situação do país. Enquanto a fome grassava na Ucrânia e a escassez reinava em toda parte, os chefes locais apresentavam relatórios entusiastas, cobrindo Stálin de presentes: frutas e legumes selecionados e feixes de trigo que simbolizavam uma riqueza inexistente. Mas os motoristas desses *apparatchiks* contavam a verdade aos criados, não escondendo a pobreza em que todos viviam. “Como é possível que não se envergonhem de enganá-lo!” lamentava ela ainda anos mais tarde. “E agora jogam tudo em cima dele.”[46] Na realidade, Stálin estava informado de que a fome era grave na Ucrânia e conhecia o padrão de vida miserável da maioria.

Embora com uma vida privada em farrapos e uma saúde deteriorada, Stálin saiu da guerra como um dos grandes vencedores da História; o culto que lhe prestavam ultrapassava as fronteiras do comunismo mundial: “Pois a vida e os homens elegeram Stálin/ Para representar na terra suas esperanças sem limites”, escrevia Paul Éluard em dezembro de 1949. Ele simbolizava todos aqueles que o fascismo havia esmagado. “Barbison está chegando!” regozijavam-se os italianos, comparando-o a uma espécie de justiceiro inflexível que levaria ao coração da Europa o comunismo para alguns, a justiça e a liberdade para outros. O sonho, o mito, as quimeras fizeram o resto. No âmbito reservado de sua família, palavras simples bastavam para exprimir o essencial:

– Parabéns pela vitória – disse-lhe sua filha ao telefone em 9 de maio de 1945, comovida.

– Sim, a vitória! Obrigado. Parabenizo-a igualmente. Como vai você?[47]

[a] O expurgo do Exército atingira a elite, a nata do corpo dos oficiais, que fizera a guerra civil e criara o Exército Vermelho. Esse golpe desfechado contra as forças armadas foi uma catástrofe nacional.

[b] Entrevista com Santiago Carrillo, Málaga, 23 de abril de 1983. A propósito, Dolores Ibarruri também escreve em suas memórias que haviam formado na URSS, em setembro de 1942, um destacamento especial para libertar Iakov. Esse grupo foi aniquilado pelos alemães. Citado por Dimitri Volkogonov, *Staline, triomphe et tragédie…* (Paris, Flammarion, 1991, p.105). Documentos de arquivo comprovam a extrema perturbação de Stálin face ao destino do filho. (Cf. *Moskovski Novosti*, 2-9 de abril de 1995.)

[c] Em 5 de março de 1945 chegou à casa de Stálin o depoimento do general iugoslavo Stepanovitch, que narrava seu tempo de cativeiro ao lado de Iakov… Cf. Dimitri Volkogonov, op.cit., p.438-9, e *Moskovski Novosti*, 2-9 de abril de 1995.

[d] Molotov também guardará esse segredo e sua mentira subjacente. À pergunta que lhe é feita em 1974 sobre o destino dos oficiais poloneses prisioneiros na URSS, que se acreditava fuzilados pelos soviéticos, ele respondeu: “Eles são capazes de dizer isso. Existe uma declaração do governo soviético a esse respeito. Atenho-me a ela. Mais tarde, formou-se uma comissão…” E, para concluir, acrescentou: “Todos os nacionalistas – sejam poloneses, russos, ucranianos ou romenos – estão dispostos a tudo; são doidos varridos.” (Cf. Félix Tchuev, *Conversations avec Molotov*, Paris, Albin Michel, 1995, p.86.)

[e] Em abril de 1987, o general Jaruzelski levantou a questão do massacre diante de Gorbatchev. Criou-se então uma comissão formada por historiadores soviéticos e poloneses e pesquisas foram empreendidas na URSS para se descobrir a verdade. Cf. o *Pravda* de 22 de abril de 1987. Mas Gorbachev também guardou o segredo de Stálin até o fim de seu governo.

[f] Existem contradições entre o que dizia Svetlana Alliluyeva em seus livros sobre o casamento com Morozov e o que ele mesmo conta. Intrigado com algumas dessas inverdades (ela declarava que o pai criticava o marido por não ter estado no front; apontava a recusa do pai a vê-lo; nunca escrevera que haviam morado juntos no Kremlin etc.) e tendo lhe comunicado isso, ela se explicou asseverando que, considerando a época, queria proteger a ele e ao filho, a fim de que figurassem antes como vítimas de Stálin. Respostas de Grigori Morozov às perguntas de Lilly Marcou, Moscou, 11 de outubro de 1995.

8. O recluso

A DESAGREGAÇÃO DA GRANDE ALIANÇA e o começo da Guerra Fria lançaram um véu sobre a imagem de Stálin. Continuava a fascinar, a tranquilizar, mas desnorteava. O que ele pretendia?, começavam a se perguntar seus ex-aliados.

A política de contenção

Finda a guerra, Stálin demonstrava grande lucidez: "A Grande Aliança nasceu exclusivamente em virtude da existência de um inimigo comum, Adolf Hitler, que deflagrou a guerra para impor sua hegemonia sobre a Europa. Esse laço não existe mais, e teremos de estabelecer nossas relações sobre novas bases. O que não será fácil."[1] À suspeita, que se tornara uma certeza para Stálin, de que os amigos de ontem eram os inimigos de hoje, respondia, no campo adversário, a certeza, que logo se tornaria obsessiva, quanto aos desígnios expansionistas do Kremlin. Eis a origem da política de contenção preconizada e aplicada pelos americanos a partir de 1947.

A atmosfera da Guerra Fria, pela qual Stálin tinha grande parte de culpa, reforçou o mito e isolou ainda mais o homem. As visitas rarearam e ele mesmo aceitava receber cada vez menos. Não tinha mais o que retocar em sua imagem: deixava à História a tarefa de fazer seu julgamento. "O que deseja a União Soviética e até onde a Rússia pretende chegar?" perguntou-lhe, em 1947, o embaixador dos Estados Unidos em Moscou, Walter Bedell Smith. Para ele, como para tantos outros anteriormente, tratava-se mais uma vez de desvendar aquela imagem lisa, calma, impenetrável do homem mais misterioso do planeta. "A ordenação e o caráter detalhado de suas observações me fizeram pensar que ele tinha uma memória notável e um grande poder de concentração", espantava-se o embaixador, enquanto esperava a resposta decisiva:

"Não iremos muito mais longe", respondeu Stálin, fitando seu interlocutor nos olhos.[2] Isso significava conservar as fronteiras de 1939-40 e manter sobre a

Europa do Leste a influência que ele julgava ter adquirido na conferência de Ialta.

Esse Stálin da Guerra Fria, esse recluso cada vez mais fechado em si mesmo, era senhor absoluto ou líder de uma tendência minoritária no Politburo? Tal interrogação deve-se à defasagem entre suas promessas oficiais e a política aplicada. Os visitantes também impressionavam-se com seu envelhecimento brusco, consecutivo aos esforços da guerra; foi vítima de um ataque cardíaco no fim de 1945 e de um segundo em 1947. As opiniões sobre ele não eram mais unânimes, suas aparições públicas rareavam e o segredo absoluto que pairava sobre sua vida privada tornava-o ainda mais enigmático. O homem da rua, os diplomatas sediados em Moscou, as visitas interrogavam-se sobre aquele homem acerca de quem, afora sua imagem pública, ignorava-se tudo. Para todos, sua vida privada se encerrara em 1932, por ocasião da morte de sua segunda mulher. “Ele estava tão isolado de todos e idealizado”, conta sua filha, “que o vazio se instalara à sua volta e não havia ninguém a quem dizer qualquer palavra.”[3]

Deixando de vê-lo com assiduidade, as pessoas esqueciam que o tempo também passava para ele e que ele envelhecia como todo mundo. Ainda se apresentava de pé no mausoléu de Lênin para assistir às paradas de 10 de maio e 7 de novembro, mas era difícil distinguir seus traços hirtos. Comparecia igualmente uma vez por ano ao Festival dos Esportes, no imenso estádio do Dínamo. Às vezes, percebia-se sua silhueta ao fundo de seu camarote do Bolshoi.

Longe dos olhos, perto do coração. Seus retratos eram afixados até nas mais remotas cabanas das aldeias mais distantes. O tirano tornara-se o pai da nação, um pai punitivo mas vitorioso, que a maioria adotara e via como imutável. Quando, depois de anos, trocaram o retrato oficial, as pessoas espantaram-se ao ver que Stálin também tinha cabelos grisalhos.

Autorretrato

A biografia oficial, costume soviético, foi vigiada de muito perto por Stálin, desde o início de sua trajetória. A primeira “biografia autorizada” data de 1925, quando seu secretário pessoal, Ivan Tovstukha, fez de tudo para esboçar um perfil de seu chefe. Esse texto sumário reúne todos os ingredientes em que se basearam as sucessivas biografias oficiais de Stálin, organizando-se em torno de dois paradoxos: bolchevique desde o início de sua ação revolucionária e seguidor incondicional de Lênin.[4]

É em 1947 que aparece a versão definitiva da biografia oficial. Publicada sob os auspícios do Instituto Marx-Engels-Lênin, trata-se de uma obra coletiva de historiadores e ideólogos, sob a direção pessoal de Stálin.[5] Para milhares e milhares de comunistas pelo mundo, “o livrinho vermelho” dos anos da Guerra Fria. Embora a cronologia dos fatos seja bastante próxima da realidade e alguns episódios relativamente exatos, a perspectiva é inteiramente focalizada em Stálin, espécie de *deus ex machina*. Escrito no estilo repetitivo característico de Stálin, num tom monocórdio e sóbrio, o livro é atravessado por um fio condutor: a continuidade entre Lênin e Stálin. Recheado de esquecimentos e omissões – os nomes dos oposicionistas e das vítimas do terror são desprezados ou denegridos –, busca forjar uma história da Revolução de Outubro e do Estado soviético como obra exclusiva de dois homens: Lênin e Stálin, impregnados de noções abstratas como “o Partido”, “o povo”, “as massas”, “os bolcheviques”. O mesmo procedimento é aplicado ao período da Segunda Guerra Mundial, quando o par Stálin/povo aparece sozinho e sutilmente para relatar, num tom grandiloquente, os fatos e os feitos. É a imagem edulcorada da guerra, em que o papel de Stálin, como em tantas obras artísticas e literárias da época, vê-se sacralizado.

Sem qualquer referência a sua vida privada, a qualquer dimensão humana, o personagem do *Vojd* atravessa a narrativa como um produto do pensamento marxista, como o estandarte das lutas operárias e nacionalistas dos povos subjugados. É essa imagem que ele quer legar à posteridade. Não é difícil, portanto, imaginar sua fúria quando, aproximadamente na mesma época, Anna Sergueievna, sua cunhada, publicou um livro de recordações no qual Stálin não é tratado em abstrato, mas como cunhado.

O segundo expurgo na família

A solidão e o descontentamento que Stálin continuava a sentir face à evolução dos filhos, nenhum dos quais lhe parecendo digno das expectativas que criara, levavam-no a remoer o passado com mais frequência. Principalmente no que se refere à segunda mulher, Nadejda, e seu suicídio, que ele nunca aceitara nem compreendera. O luto ainda não parecia consumado: ele continuava a procurar um culpado. Quanto mais envelhecia, mais pensava na mulher. Teria sido a sensação dessa vida privada frustrada, opressiva, aflitiva que o levou a atacar o último bastião da família?

No contexto de uma nova onda de prisões, Guenia e sua filha Kyra foram detidas no fim de 1947, e Anna em janeiro de 1948. Sem exceção, essas

mulheres próximas de Stálin por diferentes razões não escaparam às suas suspeitas e à sua necessidade de fazer calar toda testemunha de sua vida privada, num momento em que ele se transformava num verdadeiro monumento. Anna e Guenia sem dúvida eram falastronas, maledicentes, e ignoravam o básico: que, em suas conversas de salão, toda referência a Stálin, pessoal ou humana ou mesmo banal, era um sacrilégio. O Stálin do pós-guerra era ainda mais irracional que o dos anos 30.

Simultaneamente a Guenia, prenderam seu marido, Nicolai Molotchinikov, que tinha origens judaicas. Anna, já viúva e com filhos ainda pequenos, foi sozinha para a prisão. Nesse mesmo ano, outras figuras importantes, como Paulina, mulher de Molotov, e Lozovski – membro do Comitê Central, ex-comissário adjunto para as Relações Exteriores –, ou a acadêmica Lina Stern, conheceram o mesmo destino. Foram igualmente detidos os principais nomes da cultura de língua iídiche, operação precedida do assassinato de Mikhoels – famoso por sua arte, mas também por suas atividades durante a guerra à frente do Comitê Antifascista Judaico. Essa coincidência, ou essa lógica, de um novo expurgo escapa a toda com preensão. Stálin confinou os últimos membros de sua família ao mesmo tempo em que empreendia uma campanha antissemita sem precedentes na URSS. Como interpretar essa interseção?[a]

Convém mergulhar na atmosfera da época para tentar compreender esse amálgama baseado em relações mais ou menos mundanas ou de amizade. Guenia, por intermédio do marido, frequentava Mikhoels e outras personalidades de origem judaica ligadas ao Comitê Antifascista Judaico. Ela e sua família foram presas quase ao mesmo tempo em que dois membros do comitê, Goldstein e Grinberg, os quais, após terem sido cruelmente espancados, acusaram os principais membros do grupo de promover atividades antissoviéticas. Seus depoimentos serviram de pretexto para a supressão, um ano mais tarde, do mencionado comitê e a prisão de seus líderes.[6] Ora, Goldstein e Grinberg eram amigos de Guenia e seu marido. As mesmas acusações também foram dirigidas contra o velho Morozov, suspeito das mesmas cumplicidades com meios potencialmente sionistas. A conspiração assim montada sugeria que a comunidade judaica dos Estados Unidos teria manifestado grande interesse pelo casamento de Svetlana com Morozov. E tudo convergia para o projeto de criação de uma república judaica na Crimeia. Dessa forma, o que sobrava da própria família de Stálin viu-se envolvida num episódio que afetou a todos os judeus até o fim dos anos 40 e início dos 50.

Em janeiro de 1948, quando foi presa, Anna só teve tempo de murmurar: “Que maldição é essa que atinge os Alliluyev?” Foi acusada a partir das

denúncias, obtidas sob coação, dos interrogatórios tristemente célebres de Guenia, seu marido e Kyra: “Participação ativa em reuniões antissoviéticas, divulgação de boatos sobre Stálin, calúnias a ele dirigidas – porque o acusara de haver acabado com sua vida particular…. Todo o seu grupo exprimia abertamente opiniões negativas sobre o poder soviético e seus dirigentes.” Foi condenada a cinco anos de prisão[7] e, tal como Guenia e tantos outros, só veio a ser solta em abril de 1954. Não se beneficiaram nem da anistia de 27 de março de 1953, nem da prisão de Beria em junho do mesmo ano. Isso significaria que Kruchtchev tinha interesse em manter na prisão o máximo de tempo possível vítimas da campanha antissemita dos últimos anos stalinistas, como sugere o filho de Anna, Vladimir?[8]

“POR QUE PRENDERAM MINHAS TIAS?” indaga Svetlana, perplexa, ao pai. “Elas falaram demais. Sabiam coisas demais. Isso era usado pelo inimigo”, respondeu-lhe Stálin, ainda acreditando firmemente em sua lógica e na realidade de suas suspeitas.[9]

Era o caso de Kyra, sua sobrinha, a quem Stálin gostava de dizer: “Kirka, você é uma cabeça de vento, não lhe direi nada”, e a quem convidava para jantar, durante o verão de 1939, em Sotchi. O que ela fizera? Apenas aludira várias vezes, a seus amigos, à morte da tia, assunto tabu, cometendo o extremo sacrilégio de haver divulgado seu suicídio, ao passo que a versão oficial era outra. Após seis meses na prisão de Lefortovo, foi exilada em Ivanov, onde podia continuar a fazer teatro. Só foi libertada em 1953, após a morte do ilustre tio.[10]

Quando saíram da prisão, Anna e Guenia estavam acabadas, aniquiladas. Para Anna, a vida terminara. Com tendências esquizoides, nunca se recuperou desses longos e solitários anos de cela. Sonhando retomar atividades profissionais e sociais, acabou internada num hospício, onde morreu em agosto de 1964, porque uma noite, apesar de seus protestos, trancaram a porta de seu quarto. Conservara, de seus longos anos de isolamento, uma fobia de portas fechadas. Antes de sua morte, desgastada e sem forças, Anna ainda defendia seu cunhado, rejeitando as críticas de Kruchtchev: “É um exagero, todo mundo exagera por aqui! Agora jogam tudo em cima de Stálin. Mas Stálin também tinha dificuldades, nós sabemos, sua vida era complicada, nem tudo era simples … . Quantos anos ele mesmo não passou no desterro? Não podemos esquecer isso! Não podemos esquecer seus méritos!”[11] Estava sendo sincera.

Para Evguenia, as coisas eram ainda mais dolorosas. Stálin era o homem que ela amava, e amou até o fim. Quando seus filhos vieram buscá-la na porta da

prisão, suas primeiras palavras foram:

– Viram? Stálin não deixou de me ajudar.

– Mas ele morreu há mais de um ano!

Foi um drama. Evguenia quis ir imediatamente a Kuntsevo, onde ele morrera, a fim de reencontrar suas lembranças, recolher-se no lugar onde ele passara os últimos momentos. Essa visita aconteceu. Vagando pela casa vazia, despersonalizada, Evguenia procurava Stálin. Não retomou sua vida comum com o marido, passando a dedicar-se aos filhos e netos. Ainda pensava no homem que a marcara para sempre. Em sua casa havia um retrato de Stálin, do qual nunca mais se separou. O relatório de Kruchtchev escandalizou-a, assim como à sua cunhada Anna: “Eles são todos culpados, todas essas pessoas – Kruchtchev e os outros –, e seu pai é o bode expiatório deles”, dizia a Svetlana.[12]

Em sua família, ninguém pensava que Stálin pudesse ser o responsável por sua prisão: a ordem emanava certamente de outra pessoa! Era-lhes impossível criticar diretamente Stálin por seus infortúnios.[13]

Evguenia morreu em 1974 ainda acreditando nisso. Quanto a Kyra, confessou-me que, apesar de seus sofrimentos, apesar da maldade e da astúcia de que sabia que o tio era capaz, ainda o amava.[14]

Os únicos membros da família a nunca terem sido incomodados foram os velhos Alliluyev. Serguei morreu em junho de 1945 de um câncer no estômago e Olga, em 1951, de um infarto fulminante.[15] Quanto a Fiódor, irmão de Nadejda, faleceu pouco depois de Stálin, em 1955.

Os “casos”

Assim que a guerra terminou, Stálin voltou à política de repressão: as nuvens anunciadoras de uma nova onda de terror despontaram imediatamente após a vitória de Stalingrado. Ainda que não houvesse assumido proporções comparáveis ao terror de massa de 1937, estava claro que a breve liberalização do início da guerra não vigorava mais. Stálin só sabia governar pela força, visivelmente convencido de que apenas a tensão e o medo eram eficazes. O Partido devia retomar as rédeas do país para captar as energias necessárias à reconstrução, assim como fora obrigado a recorrer às forças da nação para o esforço de guerra. Stálin conhecia a extensão do desastre, o estado calamitoso do país, o perigo do despertar dos nacionalismos mais heterogêneos. Recusando o plano Marshall, que implicava um direito de inspeção dentro da URSS, e acirrando as consequências da Guerra Fria, que se iniciara com a política de

contenção preconizada pelos americanos, preferiu retrair-se e isolar ainda mais o país. Seria esta a razão dos “casos” que começaram oportunamente por distrair a opinião pública? Ou, degradado física e psicologicamente não sendo mais, portanto, o único a dar as cartas, tornara-se mais vulnerável a manipulações, no momento em que tinham início as lutas por sua sucessão? Seja como for, a questão se colocava: Stálin continuava a ser o único maestro dessa nova onda de terror, acantonado no topo do poder, mas deixando a culpa recair no aparelho do Partido? Seu cansaço, suas doenças, as longas férias que tirava à beira do mar Negro, de fim de agosto ao início de dezembro, atestavam uma erosão de seu poder absoluto? Desistindo de cuidar diretamente de sua sucessão, é possível que tenha sido vítima de tramas de bastidores, intrigas palacianas que ele nem sempre controlava. Porém, mesmo manipulado, permanecia o único capaz de dar sinal verde à deflagração de um novo expurgo.

Mais irracional que os outros, o “caso de Leningrado” serviu para liquidar tecnocratas herdeiros de Jdanov – o qual, após a guerra, pavoneava-se como delfim presumido. Foi resultado das maquinações de Beria e Malenkov para se vingar de um rival perigoso, embora já morto.[b]

Jdanov era o responsável pela *jdanovchtchina*, lançada em 1946 para controlar os intelectuais e coibir a influência ocidental na literatura e na arte. Stálin decerto estava por trás dele, confirmando assim sua nova imagem de líder nacional em osmose com a história ancestral da Rússia e seus temores perante o Ocidente. Beria, que alimentava ambições desmedidas, não aceitava a expansão do poder de Jdanov: ninguém, afora Stálin, deveria fazer-lhe sombra.[16]

Jdanov morreu de um infarto fulminante em agosto de 1948, legando a Beria o lugar de vice. Este último, por sua vez, fragilizou-se, ao mesmo tempo devido à campanha antijudaica promovida, entre outros, contra ele, e pelo “caso dos Mengrell”, que o implicava diretamente.[c] Foi assim que Kruchtchev apareceu, em 1950, como um expressivo rival para Beria e seu comparsa da época, Malenkov.

Quem se escondia por trás do “caso” mais complexo dos últimos anos de Stálin, o “caso da Crimeia”, cujo alvo eram os judeus de forma geral? Essa campanha antissionista, tingida de antissemitismo, não dissimulava outra, que visava à liquidação dos camaradas mais próximos de Stálin, supostamente para dar lugar a uma nova geração de dirigentes mais jovens? Uma vez que as elites não eram renovadas mediante eleições e Stálin não sabia aposentar aqueles de quem desejava se livrar, urdia complôs que resultavam em julgamentos e condenações. Tudo isso, decerto, não passa de suposições, pois o hipotético expurgo final, que tem suas origens nos acontecimentos de 1948-49, não

aconteceu em virtude da morte de Stálin. Tentemos desemaranhar esse novelo, no qual fatos reais misturam-se a rumores e calúnias, a fim de eventualmente sugerir alguns elementos de resposta.

Como todos os ditadores, Stálin aprazia-se em instigar rivalidades entre seus colaboradores. Embora tenha conservado uma amizade póstuma por Jdanov (apreciou quando Svetlana casou-se em segundas núpcias, em 1949, com seu filho Iúri), ainda assim Stálin aceitou que liquidassem seus sucessores. Continuou a se dar com Beria até o fim de seus dias, apesar de estar – já há um certo tempo – louco para se livrar dele. A partir de 1949, relegou ao limbo Molotov, Mikoian e, parcialmente, Vorochilov – o mais fiel dentre os fiéis –, que não pediam nada e não interferiam muito nas lutas pelo poder. Chamou Kruchtchev, que estava na Ucrânia, e nomeou-o secretário da organização do partido de Moscou, como um contrapeso ao duo Beria-Malenkov.[17] Além disso, conseguiu isolar, em 1945-46, os grandes chefes militares vencedores da guerra,[d] passíveis de lhe fazer sombra. Embora ainda parecesse deter as rédeas do poder e escolher seus colaboradores, além de conspirar e forjar "casos" de ponta a ponta, chafurdava, contudo, entre um Beria que ele não conseguia liquidar nem afastar e um Molotov, de quem desejava desvencilhar-se sem sujar as mãos. Daí a dificuldade de fazer a ponte entre as ações concretas e os desígnios ocultos.

Molotov

Cada vez mais desconfiado e paranoico, Stálin via complôs em toda parte, ao passo que, por suas costas, Beria tecia sua teia de aranha, aproveitando ao máximo as fraquezas do chefe. No fim dos anos 40, portanto, Stálin começou a suspeitar que Molotov, bem como Mikoian e Vorochilov, eram agentes a serviço dos governos ocidentais. Se Molotov era suspeito desde 1949, se perdeu seu posto de ministro das Relações Exteriores e sua mulher foi presa, nem por isso deixou de ser convidado para as recepções de Stálin até o fim de 1952. Vorochilov, por sua vez, perdeu o ministério da Defesa, mas sua esposa, judia, não foi presa. Contradições de um ditador em declínio que não confiava mais em ninguém, sequer o suficiente nas próprias suspeitas para levar a cabo suas excomunhões. Reunia cada vez menos o Politburo, limitando-se a governar o país de seus jantares na Blijniaia, para os quais só convidava os favoritos do momento. O afastamento de Molotov, Mikoian e Vorochilov permanece misterioso, cabendo indagar qual teria sido o papel desempenhado por Beria e Malenkov nessa perda de influência.

Molotov permaneceu fiel a Stálin até morrer, em 1986: não parecia guardar rancor por seu ostracismo, as suspeitas de que fora vítima e os perigos que correra entre o fim de 1952 e início de 1953, quando ainda ocupava o cargo honorífico de primeiro vice-presidente do Conselho dos Ministros da URSS e lidava diretamente com Stálin. Os sentimentos que continuou a cultivar por Stálin, desafiando ventos e marés, são um raro exemplo de lealdade. “Simples. Um homem muito bom e sociável. Bom camarada”, dizia ele em 1972. “Eu o conhecia bem”; “Stálin tinha muito talento e espírito de iniciativa. Não havia pessoa melhor. Não passávamos de caipiras”, pensava ainda em 1975; “de minha parte, a despeito dos erros de Stálin, considero-o um grande homem, um homem insubstituível! Não havia ninguém igual na época”, reiterava em 1981. Para concluir, de forma definitiva: “Até agora, Stálin não foi substituído por ninguém.”[18] Como explica seu afastamento, a deportação de sua mulher, sua desgraça, que poderia ter resultado em processo, ou pior? Depoimentos colhidos aqui e ali sugerem que Molotov não deixou de captar sua significação, porém, no balanço geral da História, permaneceu um stalinista convicto. “Ele era adulado, todos queriam agradá-lo. Daí sua confiança em Kruchtchev e sua desconfiança com relação a mim”; “Eu não figurava mais entre os primeiros assessores, ou apenas pró-forma”.[19] Molotov atribui a própria queda ao declínio físico e psíquico de Stálin: “Com a idade, todo mundo pode ser acometido de esclerose em diferentes níveis. Mas em Stálin isso era mais que visível; além disso, ele foi ficando muito suscetível e desconfiava de todo mundo. Seu último período, a meu ver, foi muito perigoso. Ele resvalava para certos excessos.”[20]

Após o XIX Congresso, em outubro de 1952, Molotov foi ceifado do Politburo. Tornou-se então membro do Praesidium, criado na época e formado por 25 pessoas, mas que não detinha poder algum e raramente se reunia. O conselho do Praesidium tinha dez membros e nem Molotov nem Mikoian faziam parte dele.[e] Nos últimos meses de vida, Stálin não convidava mais seus velhos companheiros para reuniões políticas, para um jantar ou uma sessão de cinema. “Observem que nos últimos anos Stálin não gostava mais de mim. Acho que ele estava errado. Teríamos que aprofundar essa questão.”[21]

E, não obstante, Molotov curvou-se a tudo que o chefe lhe pedia. A ele, que amava sua mulher, Stálin disse em outono de 1948: “Divorcie-se!” Paulina curvou-se igualmente: “Se for bom para o Partido, devemos fazê-lo”, resignou-se. Divorciaram-se prontamente. E, tempos depois, em fevereiro, de 1949, ela ainda assim foi presa, acusada de preparar um atentado contra Stálin.[22] O fato de ter sido presa concomitantemente a outras personalidades de origem judaica fez com que a campanha antissemita fosse interpretada como um sinal precursor ou um pretexto para deflagrar o expurgo dos velhos companheiros de Stálin,

Molotov à frente. Os fios do complô que a polícia secreta tramava passavam dessa vez pelo sionismo internacional – bode expiatório desse fim de reinado. Em 5 de janeiro de 1953, Paulina foi convocada a Moscou de seu local de exílio, Kustanai, no Cazaquistão. Enfrentou imediatamente os interrogatórios resultantes das denúncias (igualmente forjadas, claro) de certos médicos presos, que a acusavam de ser uma "judia nacionalista". Stálin esperava assim atingir Molotov, acusando-o de conluio com os serviços secretos norte-americanos? Sua mulher foi obrigada a sofrer durante dois meses o inferno das perguntas e acusações. E tudo se interrompeu bruscamente em 2 de março, após uma última conversa privada com seu Cérbero. Em seguida, foi o silêncio angustiante e a espera pelo pior. No mesmo momento, era interrogado Ivan Maiski, ex-embaixador em Londres e vice-ministro das Relações Exteriores no momento em que Molotov estava à frente do ministério.[23] Tudo isso parece confirmar a vontade de Stálin de incriminar aquele que fora seu brilhante braço-direito por conluio com o sionismo internacional.

Em todo caso, isso corresponde perfeitamente ao que o próprio Molotov sabia: em sessão do Politburo, Stálin mostrou-lhe o processo que acusava sua mulher de manter contato com uma organização sionista, com Golda Meir (então embaixatriz de Israel em Moscou e velha amiga de Paulina), com Mikhoels, bem como de cumplicidade no projeto de criação de uma república autônoma judaica na Crimeia.

Paulina passou mais de um ano na prisão e outros três exilada no Cazaquistão. Molotov não tinha mais notícias da mulher. Sabia apenas que continuava viva, graças aos murmúrios de Beria em sessão do Politburo. Foi libertada por ordens deste último no dia seguinte ao enterro de Stálin. Quando Molotov foi pegá-la na porta da prisão, sua primeira pergunta foi sobre Stálin: como ia ele? Nunca mudou de opinião a respeito do líder.[24]

Depois que Stálin apontara-o abertamente como direitista, Molotov compreendera que todas as acusações dirigidas contra sua mulher não eram senão pretextos para sua própria desgraça. "Procuravam me atingir, queriam fazê-la confessar que estava envolvida num complô, precisavam envolvê-la para me sujar, como se diz. Convocaram-na insistentemente para interrogá-la, para fazê-la dizer que no fundo eu não concordava com a linha geral do Partido. Era esta a situação."[25]

Desconfiado, irascível, extravagante, Stálin parecia perdido, estendendo a desconfiança a seus servidores mais próximos: o secretário pessoal Poskrebytchev e o chefe dos guarda-costas, Vlassik. Nesse caso, é possível que o papel de Beria tenha sido determinante: afinal, os dois homens, a serviço de

Stálin há longos anos, tinham acesso direto a ele. Beria, que queria controlar tudo, desejava exclusividade. O tenente-geral Vlassik, que trabalhava para Stálin desde 1928, foi preso em 16 de dezembro por Beria, que o interrogou pessoalmente. Acusado de ter dado provas de indulgência com relação aos médicos envenenadores, terminou exilado. O secretário pessoal de Stálin, que também tinha mais de vinte anos de serviço, e que estava a par de todos os segredos do *Vojd*, foi afastado por pressão de Beria em novembro de 1952. Muito antes de sua própria destituição, haviam detido sua mulher, que, após três anos de reclusão, foi fuzilada sem que Stálin levantasse um dedo para ajudar seu colaborador mais próximo, apesar de seu pedido de socorro. Poskrebytchev, por sua vez, foi acusado de passar documentos secretos, mas nem por isso foi preso. Entocado em seu apartamento, esperava o que viria em seguida…

Quando lhe apetecia, contudo, Stálin salvava algumas personalidades das garras de Beria. Quando este último quis atacar Jukov, ele lhe disse: “Não lhe darei Jukov. Conheço-o; não é um traidor.” Defendeu da mesma forma o físico Kapitsa, que se negara a trabalhar na bomba atômica sob a direção de Beria. Finalmente, opôs-se a que tocassem no marechal Voronov, que ele mesmo arrancou das masmorras da polícia secreta.[26]

Resta examinar de perto o cometa que foi a campanha antissemita e seu desfecho, o “caso dos Jalecos Brancos”: com tudo o que sabemos atualmente, é possível associá-lo ao que deveria ter sido o expurgo no alto escalão, cujos alvos principais seriam Molotov e Beria.

A “questão antissemita”

Stálin era antissemita?

“Stálin não era antissemita, como às vezes se afirma”, diz Molotov. “Reconhecia no povo judeu numerosas qualidades: a capacidade de trabalho, a coesão, o dinamismo político.”[27] “Stálin não era antissemita. O que ele fez pertencia à esfera do jogo político”, pensa também Sergo Beria. “Todos os dirigentes antes e depois de Stálin usaram a carta judaica como uma espécie de trunfo… Entre os amigos de Stálin, bem como em seu secretariado, havia muitos judeus. Isso nunca o incomodou.”[28] “Stálin não era um antissemita primário como procuram pintá-lo hoje”, confidenciou-me alguém que o conheceu de perto e faz questão de manter o anonimato. “O início de sua campanha contra os judeus correspondeu a uma época em que ele se identificava cada vez mais com um líder nacional que assumia toda a herança da velha Rússia, incluindo o

antissemitismo.” Em sua própria família havia muitos judeus: seu filho Iacha casou-se com uma judia; sua filha Svetlana fez o mesmo e parentes próximos como Aliocha Svanidze eram casados com judias. Seus netos preferidos, Galina Djugachvili e Iosif Alliluyev, eram parcialmente judeus.

Seja como for, quaisquer que fossem seus sentimentos íntimos a esse respeito, o que conta face ao julgamento da História é sua responsabilidade na campanha movida em 1948, que ressuscitou de forma duradoura o velho antissemitismo popular. Ditada por considerações internas – luta contra os cosmopolitas e nacionalistas de todas as cores a fim de mobilizar o povo em torno de temas patrióticos necessários ao esforço de reconstrução –, pelo contexto da Guerra Fria, na qual a URSS sentia-se ameaçada e obrigada a fechar-se, ou pretexto para um expurgo vindouro no escalão mais alto do poder, fato é que as consequências revelaram-se desastrosas para os judeus da URSS.[f] Os paradoxos de Stálin face a essa complexa questão foram objeto de diversos estudos; fornecerei apenas suas linhas-mestras a fim de ressaltar as novas interpretações surgidas com a abertura parcial dos arquivos.

O regime soviético reprimiu toda e qualquer manifestação antissemita até o fim dos anos 40. Pelos termos da lei, isso permaneceu válido até a dissolução da URSS. Na época de Stálin, até o fim dos anos 30, os judeus eram como os demais: na oposição, nos campos ou alinhados com o poder – no governo, na diplomacia, na polícia secreta, no Exército Vermelho. Em 1931, em resposta à pergunta de uma agência de notícias judaico-americana, Stálin fez uma declaração importante a esse respeito, na qual tratava o antissemitismo como uma forma extrema de chauvinismo radical, “o resquício mais perigoso do canibalismo”. “O antissemitismo é perigoso para os trabalhadores; é um caminho equivocado, que os desvia do caminho verdadeiro e os extravia na selva. Eis por que os comunistas, seguindo nesse aspecto o espírito da Internacional, não podem ser senão inimigos jurados e implacáveis do antissemitismo. Na URSS, o antissemitismo é perseguido da maneira mais severa, como fenômeno profundamente hostil ao regime soviético. Atividades antissemitas incorrem, segundo as leis da URSS, na pena de morte.”[29] Essa citação, diversas vezes evocada a fim de apontar sua boa-fé ou sua hipocrisia, era frequentemente comparada a outra, mais ambígua, cujos fatos remontam a 1907, quando Stálin apresentou, no jornal *Bakinskii proletarii* (O Proletário de Baku), o relatório do V Congresso do Partido, realizado em Londres. Citava então a piada de um delegado bolchevique, G.A. Alexinski, deputado na II Duma de Estado, que definira os mencheviques como uma “facção judaica” e os bolcheviques como uma “facção puramente russa” do congresso, e que sugeriu que os bolcheviques deviam “organizar um pogrom no Partido”.[30] Naturalmente

a leviandade com a qual ele escreveu sobre o assunto pode suscitar interpretações sobre um antissemitismo precoce, interpretações de que não compartilho.

Veio a guerra. Os nazistas distribuíam panfletos antissemitas por toda parte: “Queremos apenas matar os judeus!”; “Esta guerra é uma conspiração judaica! É no interesse dos judeus que vocês estão lutando!” O invasor repisava diariamente sua propaganda. Num primeiro momento, muitos ucranianos, e não apenas eles, aderiram ao movimento. Stálin, conhecendo a intensidade do antissemitismo popular, intimida-se. Em vez de combater a propaganda nazista, transforma o assunto num tabu. Daí essa ambiguidade, difícil de compreender em suas razões profundas; o silêncio total, opaco na URSS sobre o Holocausto. O extermínio dos judeus mal foi mencionado na imprensa. Não obstante, foi por ordens de Stálin que os judeus foram evacuados dos territórios invadidos pelos alemães e despachados para o Cazaquistão, o Uzbequistão e outras Repúblicas da Ásia Central, escapando assim da morte certa.[31]

Dentre os 20 milhões de soviéticos mortos durante a Segunda Guerra Mundial, 2,5 milhões eram judeus. Não se falou disso depois da guerra. Um recatado véu de silêncio ou esquecimento cobre o martírio judaico na rica literatura e cinema soviéticos dedicados à Grande Guerra Patriótica.

No entanto, os judeus ajudaram a URSS em guerra, e Stálin soube utilizar seu patriotismo e a solidariedade da diáspora. Em 1942, a fim de fazer a ligação com as organizações judaicas e sionistas espalhadas pelo mundo, foi criado o Comitê Antifascista Judaico. Esse comitê, formado por judeus com funções elevadas ou intelectuais de renome, foi colocado sob a autoridade de Salomon Lozovski, e seu presidente era Salomon Mikhoels, o maior ator do teatro iídiche. Paulina Jemtchujina, esposa de Molotov, também era membro. Por intermédio desse comitê, somas importantes entravam no erário público. Os judeus americanos ajudavam a URSS em guerra.

Em 15 de fevereiro de 1944, Mikhoels, Fefer e Hofstein, com a anuência de Lozovski, teriam enviado a Stálin uma carta propondo-lhe a criação de uma república judaica na Crimeia. Embora esse documento conste efetivamente dos arquivos, nunca saberemos se a ideia de criar essa república vinha dos que assinaram a carta ou se foi forjada com o objetivo de desacreditar o Comitê Antifascista. Em todo caso, se não foi a causa das perseguições e prisões que se seguiram, foi certamente seu pretexto – daí a fórmula “caso da Crimeia”, que significou a supressão do dito comitê em 20 de novembro de 1948, anunciando a prisão de seus principais dirigentes.

Antes dessa data, Stálin apoiou a criação do Estado de Israel. Em 14 de

maio de 1947, na tribuna da ONU, Andrei Gromyko evocou com ardor “os sofrimentos extraordinários que o povo judeu padeceu durante a última guerra… Nos territórios sobre os quais estendeu-se a dominação hitlerista, os judeus foram quase inteiramente exterminados.”[32] A URSS era então a única grande potência a sustentar sem reservas a causa judaica. Esse apoio foi reiterado em 1948, quando a Tchecoslováquia forneceu armas ao Haganá. No mesmo momento, começou na URSS a caça às bruxas contra o nacionalismo judaico. Não era a primeira contradição de Stálin nesse terreno.

O desaparecimento de Salomon Mikhoels em 13 de janeiro de 1948 foi o estopim da tragédia. Oficialmente morto num acidente de carro, na realidade havia sido ignobilmente assassinado por ordens de Stálin.[33] Este foi o sinal precursor da destruição sistemática de toda a cultura de língua iídiche e o início da primeira perseguição oficial contra os judeus na história da URSS. Além de uma campanha virulenta na imprensa contra os “cosmopolitas” e os “vagabundos sem passaporte”, contra os “renegados” e os que russificavam seu nome, ele baniu os judeus das altas esferas do Exército, da diplomacia, dos ministérios, do mundo do espetáculo e da mídia.

Com o mesmo cinismo anteriormente empregado para refrear por um momento o processo de coletivização (1930), ou, mais tarde, do terror (1938), Stálin declarou em março de 1949: “Camaradas, é inadmissível divulgar os verdadeiros nomes de escritores que assumiram pseudônimo, isso cheira a antissemitismo.” Graças a essa intervenção, os ataques na imprensa cessaram por um breve período. Nas prisões, contudo, os que haviam sido detidos continuavam a sofrer um interrogatório brutal e terminavam por reconhecer terem praticado atividades de espionagem e fomentado ações antissoviéticas. Os dirigentes mais implacáveis durante esse expurgo foram Malenkov, Suslov e Chkiriatov.

O “caso da Crimeia”, envolvendo o Comitê Antifascista Judaico e iniciado em 1948, conheceu seu desfecho trágico em agosto de 1952: após um julgamento a portas fechadas e no maior sigilo, o resultado foram treze condenações à morte. Lembremos que a pena de morte fora abolida em 1947 e restabelecida em 1950. Todos os detentos eram acusados de espionagem em prol das potências estrangeiras e de participação numa conjuração urdida pelo Comitê com vistas a separar da União Soviética a quase ilha da Crimeia. Apenas Lina Stern foi condenada ao exílio; os outros – os mais conhecidos sendo Salomon Lozovski, Peretz Markish, David Bergelson, Lev Kvitko, Veniamin Zuskin, David Hofstein, Itzik Fefer e Boris Chimeliovitch – foram fuzilados.

Com o passar do tempo, o clima foi ficando mais pesado, prenhe de

imprevistos e propício a rumores apocalípticos. As lutas no topo do poder exacerbavam-se, Stálin manobrava ou era manipulado, e na base o antissemitismo se espalhava, contribuindo para criar um ambiente deletério. Em 13 de janeiro de 1953, o *Pravda* anunciou na última página a prisão de um "grupo de médicos sabotadores"; eram catorze, judeus em sua grande maioria. Acusados da morte de Jdanov e de Chtcherbakov, e também de haverem planejado os assassinatos dos marechais Vassilievski, Koiev e de outras personalidades militares, admitiram igualmente trabalhar para "a organização burguesa-nacionalista judaica internacional Joint". A abertura dos arquivos com a correspondência mantida pelo secretariado do Comitê Central após a denúncia do complô dos médicos permitiu constatar o interesse peculiar que Kruchtchev dispensava a esse "caso". Com efeito, parece ter sido ele quem incitou Stálin a investir naquele novo "complô".[g]

Teria sido esse "caso" o último sinal de um esforço do poder para desacreditar os judeus como um todo, o primeiro ato do expurgo, no alto escalão, dos últimos companheiros de Stálin, ou apenas fruto de intrigas palacianas, por instigação de Kruchtchev na circunstância? Difícil resolver. O "caso dos Jalecos Brancos", entretanto, mobilizou as classes populares. Como na Idade Média, viam-se envenenadores em toda parte – nos hospitais, nas farmácias –, e todo médico, sobretudo judeu, era visto como potencial assassino. O efeito do "complô" foi fulgurante; uma psicose coletiva instalou-se. O antissemitismo popular, até então recalcado, ressuscitara. Entre os múltiplos boatos que correram na época, um dava conta da iminente deportação dos judeus para a Sibéria ou o Birobidjão. Ele foi alimentado por uma carta que circulava oficiosamente em Moscou, entre a intelligentsia de origem judaica, e que muitos assinaram, na qual suplicava-se a Stálin que protegesse os judeus evacuando as grandes cidades. Essa missiva estava ligada a outro rumor, segundo o qual o julgamento dos médicos terminaria com execuções públicas capazes de atiçar a fúria popular.[34]

Esse projeto de deportação, alimentado pela campanha antissemita – prisões, banimentos, julgamentos, execuções –, parece não ter passado de um rumor. Sudoplatov afirma que nunca se cogitou executar o plano.[35] Guennadi Kostyrtchenko, que trabalhou a partir dos arquivos inéditos desse período do reinado de um Stálin envelhecido, concorda que nada demonstra a existência de um plano de deportação e que tal rumor "refletia as angústias e a mentalidade da comunidade judaica europeia do pós-guerra, que vivera uma imensa tragédia e esperava, como que por força de inércia, uma nova catástrofe nacional."[36]

Esses medos advinham de fatos concretos que podiam resultar em tal

“solução”; mas também refletem os traumas de uma sociedade desinformada que chafurdava em todo tipo de psicoses, obsessões e pavores.

DIANTE DESSA QUESTÃO, assim como de tantas outras, Stálin permanece enigmático, paradoxal, dúbio, para não dizer múltiplo. Os documentos de arquivos e depoimentos confirmam suas contradições, sua faceta imprevisível, desnorteante, que ainda nos causa perplexidade. Teria ele mesmo consciência do caminho que tomava, nesse terrível inverno de 1952-53? Embora, após 1949, tenham entrado na linha de mira, o expurgo de Molotov, Mikoian, Vorochilov não aconteceu. Teria acontecido se Stálin houvesse sobrevivido? Quem sabe?

Fim de reinado

Embora Stálin houvesse isolado seu país do resto do mundo, “uma notável recuperação econômica foi observada nos cinco anos que se seguiram à guerra”.[37] Isolados, pobres e esgotados, os soviéticos espalharam canteiros de obras, montaram fábricas, reconstruíram represas e recuperaram minas inundadas, deixando-as em condições de serem exploradas. Graças a esse esforço sobre-humano, a produtividade aumentou e as metas do plano quinquenal foram ultrapassadas em todas as indústrias de base. Entre 1947 e 1952, os salários dos trabalhadores aumentaram. Em 1º de março de 1949, Stálin começou a baixar os preços dos artigos de grande consumo: 10% menos para o pão, farinha, manteiga, carne, embutidos e conservas e artigos de lã; 28% menos para a vodca; 20% menos para os perfumes e as bicicletas; 30% para os relógios. Isso repercutiu igualmente nos preços praticados nos restaurantes, cantinas, cafés e outros pontos de alimentação coletiva.[38] Nos anos seguintes, os preços continuaram a cair.

Durante os últimos anos do reinado de Stálin, o nível cultural dos soviéticos melhorou e, mais importante, os programas sociais ganharam impulso; sobretudo as aposentadorias, férias remuneradas, pensões às famílias vítimas da guerra e mães de famílias numerosas.[39] Nesse período foram implantadas as bases das conquistas sociais do regime soviético, que se perpetuarão até o fim da URSS e as quais os sucessores de Stálin só farão herdar.

A face oculta do iceberg stalinista foram sem dúvida alguma os campos de confinamento: foi nesse mesmo período que seu número aumentou, bem como o de exilados e deportados (prisioneiros de guerra soviéticos, “elementos

estrangeiros” das regiões recém-incorporadas, colaboradores, membros de grupos nacionalistas deportados em massa). “O sistema concentracionário certamente conheceu seu apogeu durante os anos do pós-guerra”,[40] sobretudo no período 1948-52.

POR OCASIÃO DO SEPTUAGÉSIMO aniversário de Stálin, em 21 de dezembro de 1949, sua popularidade estava no auge. Chegavam presentes de todas as partes do globo e os dirigentes do comunismo mundial foram a Moscou para celebrar o acontecimento. Da profusão de objetos valiosos que recebeu, não guardou nada para si, julgando que os presentes não lhe pertenciam enquanto pessoa, e sim como símbolo. Doou tudo a um museu – o Museu dos Presentes de Stálin.

Aparentemente enjoado das honrarias, pediu aos colaboradores que não lhe discernissem condecorações ou outras “estrelas”. Queria evitar que o colocassem novamente perante um fato consumado, como em 1945, quando lhe atribuíram o título de Herói da União Soviética, o de “generalíssimo” e a ordem da Vitória sem consultá-lo. Furioso, convocara então sua equipe e fizera uma cena. Foi só em 1950, para os festejos do 1º de maio, que aceitou as condecorações de 1945. A reboque, recebeu igualmente uma ordem de Lênin pelo septuagésimo aniversário.

“Vocês estão paparicando o velho… Mas isso não lhe devolve a saúde”, teria dito, cansado de tantos louros.[41]

Estava no auge da glória e à beira do abismo ao mesmo tempo. Em 1952-53, mergulhou numa solidão absoluta. Viajava cada vez menos, não saía mais de Moscou e passava a maior parte do tempo em Kuntsevo. Haviam construído, ao lado de sua velha datcha, uma casinha de madeira, mais fresca, que comportava um grande aposento central com uma lareira. Passava ali os dias, praticamente sem ver a família – a filha, o filho, os netos. Nas horas de descanso, só lhe restavam como companhia os agentes de sua guarda pessoal e Valentina. Reunia-os e contava histórias de sua vida. Às vezes, pedia-lhes conselhos relativos a assuntos corriqueiros.[42]

Dentre seus últimos contatos com as pessoas simples, há essa história espantosa, datando de 17 de julho de 1949. Num dia chuvoso, quando se dirigia para sua datcha de Semenovskoe, seu carro passou por um ponto de ônibus onde se aglomeravam várias pessoas. Stálin ordenou ao motorista que parasse. “Essas pessoas estão molhadas, vamos levá-las para suas casas. Convide-as para entrar no carro”, disse a seu guarda-costas. Este saiu, aproximou-se dos populares e convidou-os, da parte de Stálin, a juntarem-se a ele. Ninguém se mexeu, todos o olhavam como se fosse um lunático. Ele voltou para prestar contas a Stálin. “É

porque você não sabe falar com o povo", respondeu, descendo do carro. Aproximou-se do ponto de ônibus e puxou conversa. Como não havia espaço, foram necessárias duas viagens para levar todo mundo. Acanhados, os passageiros a princípio mantiveram silêncio; em seguida, graças à habilidade de Stálin, a conversa se animou. Num dado momento, visivelmente à vontade, Stálin contou-lhes sobre a morte de seu filho Iakov durante a guerra. Então, uma adolescente atreveu-se igualmente a contar seu drama: seu pai morrera no front. Passado um tempo, ela recebeu da parte de Stálin um uniforme escolar e uma pasta.[43]

Se por um lado apreciava os encontros casuais, por outro detestava as ovações da massa. Sofria também com os trens especiais, que o isolavam ainda mais, os trens vazios, as plataformas vazias, em terreno descoberto. Não podia mais nada contra um sistema que ele mesmo forjara e que o isolava cada vez mais de todo contato humano. E, às vezes, quando o assédio era exagerado, ele não conseguia mais suportar.

No verão de 1951, passou suas últimas férias na Geórgia, retorno nostálgico a um país não obstante esquecido. Informados de sua chegada, os georgianos quiseram vê-lo. Na estação de Kutaisi, portanto, onde seu trem parou, ele teve direito a uma acolhida delirante: as pessoas subiram no trem em movimento, quase se jogando sob as rodas, escalando os vagões, berrando, atirando flores, agitando os filhos. Essa multidão enlouquecida era sincera e exprimia um sentimento profundo. Stálin, porém, acostumado a trajetos solitários, ficou irritadíssimo com aquelas efusões.[44] Aonde quer que fosse, as pessoas o seguiam, saindo de suas casas para saudá-lo, colocando tapetes à sua passagem e obrigando-o a sair do carro para sentar à mesa com elas. Prisioneiro de um amor popular que lhe era indiferente, foi obrigado a desistir do que teria sido uma visita de adeus a Gori e Tíflis.

SVETLANA SEPAROU-SE do segundo marido, Iúri Jdanov, com quem teve uma filha, Katia. Deu a notícia ao pai em 10 de fevereiro de 1952, uma vez consumado o divórcio. "Eu gostaria de pedir seu conselho, pois não tenho mais ninguém a quem recorrer (é desagradável contar com a generosidade de Iúri Jdanov…). Quero muito encontrá-lo. Por favor, não se zangue comigo por informá-lo *post factum*. Sua filha inoportuna."[45] Seu pai ajudou-a em sua nova vida de jovem mãe divorciada com dois filhos, alugando para ela um apartamento na famosa "casa do Cais", que pertencia ao governo e onde ela morou até sua partida da URSS, em dezembro de 1966. Ele estava satisfeito por ela se instalar fora das muralhas do Kremlin. Nunca omitira aos filhos que as datchas, apartamentos,

carros oficiais, todo aquele padrão de vida não lhes pertencia, não era propriedade deles. Em todo caso, só voltou a ver a filha no outono, e isso porque ela insistiu para que ele a visitasse. Em 28 de outubro, escreveu-lhe: “Estou louca de vontade de estar com você. Simplesmente, sem nenhum ‘motivo’. Se permitir, e não for incomodá-lo, passarei dois dias em sua casa para as festas de 8 e 9 de novembro. Se for possível, levarei meus filhos. Para nós, seria uma verdadeira festa. Estou bem, instalei-me na cidade e sou grata pela ajuda que me deu.” As alegrias de ser avô foram uma descoberta tardia e fugaz para Stálin. Momento de relaxamento para o homem ensimesmado, frio e taciturno que se tornara durante esses anos 50, a presença dos netos o distraiu, e ele enchia Iosif e Katia de presentes.[46]

Svetlana esteve mais uma vez com o pai em 21 de dezembro, por ocasião de seu aniversário. Encontrou-o ainda mais ressequido, embora houvesse parado de fumar. Estava doente, mas seu médico pessoal, o professor Vinogradov, fora preso. Stálin só confiava nele. Beria também conseguira convencê-lo de que o respeitável acadêmico “era suspeito”. Ao tomar conhecimento de sua prisão, ficara furioso, recusara-se a consultar outros médicos sugeridos pelo próprio Beria, mas nada fizera para libertar aquele de quem realmente precisava. Então, automedicava-se com remédios caseiros: gotas de iodo, comprimidos indicados por Poskrebytchev (farmacêutico por formação), sem se cuidar muito, fazendo sauna – o que não era recomendado para sua hipertensão – e ingerindo, como sempre fizera, pequenos goles de vinho georgiano à mesa.

Nunca esquecia, nas raras visitas da filha, de enfiar em sua bolsa montes de dinheiro – que retirava de seus salários intactos de deputado. Não fazia a mínima noção do que representava o dinheiro, não colocava os pés numa loja há muitos anos. Adotara aquele hábito de ajudá-la desde o seu primeiro divórcio, e sempre lembrava de acrescentar uma soma “para a filha de Iacha”.[47]

Essa visita de dezembro de 1952 foi a última que Svetlana fez ao pai. Só voltaria a revê-lo já agonizante. Nesse ínterim, porém, manteve uma conversa estranha com ele ao telefone, que esclarece o clima pesado que se instaurara então na cúpula do poder. Foi em janeiro ou fevereiro de 1953. Stálin deu-lhe um rápido telefonema:

– Foi você que me enviou a carta de Nadirachvili?

Ela não enviara nada – sobretudo porque, de acordo com uma regra não escrita, a família, Svetlana no caso, estava proibida de servir de pombo-correio para o pai.

– Você o conhece? – perguntou Stálin.

– Não, papai, não conheço.

Ele desligou.

Aparentemente, Nadirachvili, como o nome indica, era um georgiano que se debatia para escapar das garras de Beria, que há anos o perseguia, prendera-o e que, em suas palavras, queria matá-lo. Ele conseguira fugir. Em seguida, escrevera a Stálin, em cujas mãos a missiva chegara por canais desconhecidos, fazendo este último pensar na filha como possível intermediária. Tudo sugere que Nadirachvili informava Stálin coisas graves a respeito de Beria, sobre quem reunira diversos documentos comprometedores. Stálin teria comentado a carta com Beria? Manifestamente, o temor era generalizado. Como Stálin morreu pouco tempo depois dessa conversa telefônica, Svetlana deparou-se, no dia seguinte ao enterro de seu pai, com aquele georgiano à sua porta. Ele chorava por Stálin, chorava por seu destino, gritando que seu pedido chegara tarde demais. Mal aquele homem acuado partiu, ela recebeu um telefonema de Beria, visivelmente a par da visita, procurando rastros. Como Nadirachvili dissera a Svetlana que queria ver Vorochilov ou Jukov, ela, perplexa quanto ao mistério que cercava aquele homem, foi ter com Vorochilov, que também se mostrou temeroso. Lívido, quase chegou a admoestá-la, explicando-lhe que Stálin delegara a Beria todos os assuntos relativos à Geórgia. Svetlana ficou igualmente alarmada. Só em 1991 ousaria evocar essa história banal e, ao mesmo tempo, simbólica da atmosfera que reinava nas altas esferas do poder.[48]

SERÁ QUE, ao observar o fogo na lareira de seu bangalô de madeira ou contemplar o crepúsculo de seu terraço de Kuntsevo, Stálin sentia, no limiar da velhice, algum remorso face a todas aquelas vítimas pelas quais era incontestavelmente o principal responsável? A pergunta não faz muito sentido, uma vez que ele sempre teve a convicção de que o fim justificava os meios. Tinha fé em sua causa, certeza de havê-la servido o melhor possível e da correção de sua política, ainda que às vezes, aqui e ali, reconhecesse determinados “erros”. “Sei”, dissera a Molotov durante a guerra, “que depois que eu morrer lançarão um monte de infâmias sobre meu túmulo. Mas o vento da História as varrerá inexoravelmente.”[49]

Após ter feito o balanço dos crimes e erros de Stálin, Kruchtchev concluíra em seu relatório secreto: “Agindo como agiu, Stálin estava convencido de ter atuado no interesse da classe trabalhadora, no interesse do povo, pela vitória do socialismo e do comunismo. Não podemos dizer que seus atos eram os de um déspota tomado pela vertigem do poder. Ele estava convencido de que aquilo era necessário para os interesses do Partido, das massas trabalhadores, para defender as conquistas da Revolução. É nisso que reside a tragédia.”[50]

[a] Lydia A. Chatunovskaia, mulher culta, amiga de Mikhoels e de Guenia, igualmente vítima da repressão, escreverá mais tarde um livro nos Estados Unidos, *A vida no Kremlin*, no qual faz uma associação entre esses dois expurgos, que ela concebe como um "caso" Mikhoels-Alliluyev, montado por Stálin "como uma ação antissemita de grande alcance" e como o prelúdio de um processo em vias de preparação e que devia dar o sinal "de uma solução final para a questão judaica" à maneira stalinista. (Cf. Guennadi Kostyrtchenko, *V plenu u krasnovo pharaona*, Moscou, Mejdurnarodnye Otnochenia, 1994, p.95-6 – um livro fundamental sobre as perseguições a judeus no fim do governo de Stálin.)

[b] Esse expurgo, perpetrado em 1949-50, atingiu diversos funcionários do Partido e do Estado, todos ligados a Andrei Jdanov, morto em agosto de 1948. Os líderes dos "leningradenses" condenados foram Nicolai Voznessenski, Alexei Kuznetsov e Mikhail Rodionov. Todo seu passado atesta sua fidelidade e adesão absolutas a Stálin; nunca estiveram envolvidos em nenhuma polêmica com quem quer que fosse no âmbito do Partido. Haviam sido – porque mais jovens – cogitados para substituir veteranos com Molotov, Mikoian e Vorochilov. Ainda assim, terminaram todos os três fuzilados, junto com diversos colaboradores, em setembro de 1950. Em dezembro de 1954, Victor Abakumov (que fora ministro da Segurança do Estado de 1946 a 1951) e vários de seus assessores serão acusados de haver montado de ponta a ponta esse "caso" de Leningrado, sendo por sua vez condenados à morte.

[c] Os Mengrell são uma etnia georgiana, da qual Beria foi o representante mais ilustre. Esse "caso" estourou em dezembro de 1952, quando se apontaram supostas conspirações descobertas na Geórgia em 1951-52. A limpeza subsequente atingiu alguns protegidos de Beria; e, se aparentemente sua posição não se viu afetada por essas depurações, estava claro, para os iniciados, que ele se tornara vulnerável. Stálin conhecia sua sede de poder, sabia-o mais perigoso que os demais e queria transformá-lo no bode expiatório de todos os "casos" que estouraram depois da guerra.

[d] Em 1945 Jukov gozava de uma popularidade praticamente igual à de Stálin. Os principais chefes militares foram então afastados da vida pública. Por exemplo, Jukov foi nomeado comandante da região militar de Odessa, depois do Ural. (Cf. Nicolas Werth, *Histoire de l'Union Soviétique*, Paris, PUF, 1990, p.384-5.)

[e] Esse escritório, oficioso, era formado por Stálin, Beria, Malenkov, Kruchtchev, Vorochilov, Kaganovitch, Saburov, Pervukhin e Bulganin.

[f] "Faltava apenas designar um novo inimigo, e este, por ora, assumira o rosto do sionismo internacional." (Cf. Aleksandr Iakovlev, *Ce que nous voulons faire de l'Union soviétique*, Paris, Seuil, 1991, p.144.) "Os sentimentos a respeito dos judeus que Stálin começa a perseguir em 1948 eram absolutamente idênticos ao que inspirara anteriormente o expurgo dos *kulaks*, dos trotskistas ou dos quadros do Exército. Stálin era tanto antissemita quanto anticamponês, tanto antivelhos bolcheviques quanto antimilitar." (Cf. Adam Ulam, *Staline, l'homme et son temps*, t.II, Paris, Calmann-Lévy/Gallimard, 1977, p.296.)

[g] Cf. Amy Knight, *Beria* (Paris, Aubier, 1994, p.257-62). A autora aponta, de maneira convincente, tal hipótese. Além do fato de Kruchtchev ser profundamente antissemita, desenha-se na época uma conivência entre ele e o marechal Koniev, um dos delatores, que escreveu a Stálin uma longa carta afirmando estar sendo envenenado por seus médicos. Guennadi Kostyrtchenko confirma essa hipótese.

Epílogo

EM 27 DE FEVEREIRO DE 1953, às 8h da noite, Stálin acomodou-se no camarote geralmente reservado para ele no Bolshoi, a fim de rever pela enésima vez *O lago dos cisnes*, de Tchaikovsky. Depois do espetáculo, pediu ao diretor do teatro para agradecer aos artistas de sua parte. Em seguida, voltou para casa, na Blijniaia, onde continuou a trabalhar em seu gabinete, como de costume, até as 3h da manhã. Em 28 de fevereiro, após assistir a um filme em seu apartamento do Kremlin, na companhia de Beria, Malenkov, Kruchtchev e Bulganin, partiu com eles para Kuntsevo para um daqueles jantares tardios que ele apreciava e aos quais seus colaboradores não tinham como fugir. Foi somente às 4h da manhã que seus convidados retornaram a suas casas. Após a partida dos convidados, Stálin chamou seus guardas, disse que ia se deitar e que eles também podiam descansar. O auxiliar do comandante da datcha, P. Lozgatchev, estranhou aquilo: nunca antes Stálin lhes havia dito coisas daquele tipo. Em 1º de março, o ritmo de vida e de trabalho de todos que cuidavam de Stálin – guarda-costas, secretários, domésticos – foi o mesmo de sempre. Stálin acordava tarde, dormindo geralmente por volta das 5h ou 6h da manhã. No entanto, em torno de meio-dia, o guarda-costas espantou-se com a ausência de qualquer barulho em seu gabinete e seu quarto. Ninguém entrava em seus aposentos sem se anunciar, ou ousava apresentar-se sem que ele chamasse. À medida que o tempo passava, a preocupação aumentou e todos puseram-se a espreitar qualquer movimento proveniente do quarto. Mas nada se ouvia. Perguntavam-se como agir. Para grande alívio de todos, a luz se acendeu no gabinete de Stálin por volta das 18h30. Todos se sentiram melhor e passaram a esperar que ele os chamasse. Mas nada aconteceu. Silêncio! Nenhum sinal de atividade. Nada nesse momento, nada mais tarde, nem às 20 horas, nem às 22 horas… Os guardas estavam perplexos. Tudo bem que era domingo, mas, para Stálin, nunca havia repouso, e os domingos ou feriados desenrolavam-se tal qual o resto da semana. Às 22h30, angustiado, o sr. Starostin pediu a seu auxiliar Lozgatchev para verificar o que estava acontecendo. Estavam com tanto medo que nada fizeram, como se Stálin

ainda pudesse estar dormindo ou ter passado o dia inteiro sem pedir nada. Este é o exemplo típico de um modo de vida estranho, em que o devotamento e o medo misturados resultavam numa ineficiência que beirava o absurdo. “Você é o chefe, vá na frente”, respondeu Lozgatchev a Starostin. Estavam ambos divididos entre duas angústias contraditórias. Por fim, Lozgatchev decidiu-se a colocar a correspondência do dia debaixo do braço e dirigir-se ao gabinete de Stálin. Eram entre 22h30 e 23 horas. Sabendo que Stálin detestava que entrassem em seus aposentos na ponta dos pés, procurava caminhar num passo firme, sem aparentar subserviência (o que Stálin sempre lhes proibira) ou ansiedade. Atravessou assim três salas desertas. Foi somente quando entrou totalmente por acaso no pequeno refeitório que um quadro aterrador ofereceu-se à sua vista. Stálin estava no chão, perto da mesa, quase deitado, desesperadamente apoiado nos cotovelos. Não perdera a consciência, mas não conseguia mais falar. Quanto tempo ficara naquela posição desconfortável? Fora vítima do ambiente deletério que reinava a sua volta e pelo qual era o único responsável. Lozgatchev tremia como uma folha e só conseguiu perguntar estupidamente: “O que houve, camarada Stálin?” Este não podia articular mais uma palavra, e respondeu com um balbucio. Observando em volta, Lozgatchev percebeu, ao lado de Stálin, sobre o tapete, o *Pravda* e seu relógio de bolso. Na mesa, um copo e uma garrafa de água mineral. Stálin quisera beber e pegar o jornal, enquanto consultava o relógio, quando se sentira mal? Pelo telefone interno, o agente chamou seus colegas Starostin e Tukov para socorrê-lo, bem como a criada Matriona Butussova. Outra pergunta tola: “Camarada Stálin, quer se instalar no sofá?” Com um débil movimento da cabeça, ele indicou que sim. Com muito esforço, instalaram-no num sofá que se achava naquele pequeno refeitório e deram-se finalmente conta de que tinham de chamar um médico com toda a urgência, ainda mais que Stálin devia estar há horas naquela posição. Ele lhes indicou que estava com frio.[1]

Como constata Svetlana Alliluyeva (ela própria só teve coragem de narrar os últimos momentos da vida do pai em 1991), se colaboradores próximos como Vlassik ou Poskrebytchev estivessem lá, teriam sabido como agir e, graças à sua posição, teriam assumido a responsabilidade de chamar imediatamente um médico. Mas Beria também conseguira criar um vazio em torno de Stálin, deixando-o ainda mais solitário e, portanto, vulnerável.[2]

Starostin, chefe da guarda pessoal, ligou para a MVD (que se tornaria a KGB após a morte de Stálin) e falou com Ignatiev,[a] que, embora dirigisse o ministério da Segurança de Estado, não se mexeu e aconselhou aos desafortunados e desamparados guardas que ligassem para Beria. Com o *Vojd* inválido, Beria aparentemente era o único em condições de tomar decisões, e todos receavam fazer qualquer coisa sem ele, mesmo com a vida de Stálin em

risco. Ainda desamparados, os guardas transferiram mais uma vez Stálin do pequeno refeitório para um cômodo ao lado, onde ele geralmente dormia. Grave erro, deslocar a vítima de um ataque: mas como poderiam saber disso sem a presença de um profissional? Como o doente tremia de frio, tentaram cobri-lo com um xale. Tudo se fazia de maneira improvisada, às pressas e em pânico. Matriona Butussova tentou com dificuldade abaixar as mangas arregaçadas da camisa de Stálin e deixou Lozgatchev a sós com ele. O chefe dos guardas ligou para Malenkov a fim de alertá-lo para o estado desesperador de Stálin. Malenkov tampouco se mexeu; meia hora mais tarde, ligou de volta para o guarda para dizer que não conseguia encontrar Beria e que ele mesmo fosse procurá-lo. Passaram-se mais quarenta minutos: Beria estava inacessível. Por fim, ele mesmo telefonou e ordenou: “Não falem nada e não liguem para mais ninguém.” Confinaram Stálin em sua doença, prisioneiro de si mesmo, sem ninguém competente ou responsável para tomar as rédeas da situação. Starostin alarmou-se, fez barulho, bradou que de toda forma cumpria chamar um médico, mas foi o mesmo que pregar no deserto. Valentina estava lá, impotente, num estado de desespero completo. Para todos, foi uma noite terrível e sem fim.

Às 3h, ouviram-se os pneus de um automóvel e todos imaginaram ser o médico, mas foram Beria e Malenkov que entraram. Sem se aproximarem muito do doente, observaram-no de longe e Beria concluiu com segurança que Stálin não tinha nada: dormia profundamente. Foi o seu diagnóstico face aos estertores do doente. “Não entrem em pânico”, disse. “Não se preocupem mais e sobretudo não perturbem o camarada Stálin.” Em vão, os guardas tentaram protestar que o estado de Stálin era grave, argumentando que ele necessitava de cuidados urgentes. Nem Beria nem Malenkov lhes deram ouvidos e, girando nos calcanhares, saíram da sala. Visivelmente contrariado por Starostin haver alertado tanta gente, Beria chegou a questioná-lo sobre a pessoa que o nomeara para aquele posto: “O senhor é um imbecil e não é digno de trabalhar na casa de Stálin. Cuidarei do senhor mais tarde.” A ameaça era clara; se quisesse salvar a cabeça, tinha de parar de procurar socorrer o chefe.

Lozgatchev mantinha-se à cabeceira de Stálin. Nunca se esquecerá dessa noite. Ninguém tirava os olhos do relógio de parede, que avançava impassivelmente; 4h, 5h, 6h, 7h horas da manhã. E sempre a mesma imobilidade, ninguém chegava, nenhum médico aparecia. Os sinais de traição estavam claros para todos: os principais dirigentes, Beria à frente, esperavam a morte de Stálin.

Às 7h30, Kruchtchev apareceu para comunicar que os médicos estavam para chegar. Um pouco antes, Tukov telefonara para pedir ajuda a Molotov e

informá-lo do estado desesperador de Stálin, mesmo sabendo que ele já estava marcado e, portanto, com menos poder que os demais. Verdadeiramente preocupado, este respondera: “Estou chegando!”, e lhe aconselhou que avisasse a todos os membros do Politburo.

Por fim, em 2 de março, entre 8h30 e 9h da manhã, uma equipe de dez médicos do Kremlin, todos professores ou acadêmicos, fez sua entrada. De toda forma, haviam perdido entre doze e catorze horas de primeiros socorros! Um conselho médico foi instalado numa pequena sala. Demonstrando grande preocupação e temendo a amplitude do desastre, os médicos, com dificuldades para tirar a camisa de Stálin a fim de auscultá-lo, viram-se obrigados a cortá-la com uma tesoura. O diagnóstico era inapelável: hemorragia cerebral. Socorrido tarde demais, não havia muita coisa a ser feita. Aplicaram-lhe sanguessugas, injeções de cânfora, ajudaram-no a respirar com balões de oxigênio. Foram efetuados eletrocardiogramas antes das radiografias dos pulmões. Convinha tentar uma intervenção cirúrgica? Tarde demais! Nenhum cirurgião teria corrido esse risco, sobretudo porque, para assustá-los, Beria não parava de repetir: “Os senhores têm certeza de poder garantir a vida do camarada Stálin?”

Todos esses médicos eram sumidades, mas nenhum deles jamais examinara Stálin anteriormente; procuraram seu histórico médico para tomar conhecimento das últimas observações feitas pelo acadêmico Vinogradov – o médico preso que era o único a conhecer o estado de saúde do doente. Nada encontraram. Mais tarde, quando já era inútil, o histórico foi descoberto no hospital do Kremlin.

Svetlana conhecia a verdade sobre a morte do pai desde 1966, quando uma das empregadas, que se manteve à cabeceira de Stálin até o fim, veio contar-lhe tudo que sabia, e que correspondia à versão fornecida pelos guarda-costas.[3]

OS FILHOS DE STÁLIN só foram alertados no dia 2 de março. Malenkov ligou para Svetlana, depois Kruchtchev e Bulganin a receberam na datcha, onde ela permaneceu até o fim. Melhor que qualquer um, ela pôde descrever mais tarde o ambiente delirante que reinava no local. Todos, sinceramente ou não, pareciam arrasados; apenas Beria, extremamente excitado, procurava “não parecer nem muito nem pouco esperto”. Sentada próximo ao pai, Svetlana segurava-lhe a mão, beijava-a, apertava-a: será que ele a reconhecia?[4] A agonia foi longa e terrível.

Quando Vassili chegou, estava bêbado. Como os empregados lhe haviam sussurrado que seu pai permanecera sem socorro durante pelo menos doze horas, ele pôs-se a berrar: “Canalhas! Vocês mataram meu pai. Estão matando meu pai!” Como em seguida ele continuou a espalhar aos quatro ventos que haviam

envenenado Stálin, foi preso em 28 de abril de 1953 e condenado a oito anos de prisão.[b]

A notícia da doença de Stálin começou a vazar. O telefone tocava ininterruptamente. Vários médicos e professores telefonavam para se oferecer como voluntários. Alguns insistiam, julgando possível salvá-lo. Até países vizinhos telefonaram para a datcha. Porém, à medida que o tempo passava, o estado de Stálin piorava. Os membros do Politburo revezavam-se à sua cabeceira. Molotov e Mikoian também haviam sido convidados, embora não fossem membros da direção. De tempos em tempos, Stálin abria os olhos, fazia um esforço para mexer os lábios, mas ninguém entendia direito o que ele queria dizer. Assim que manifestava qualquer sinal de recuperação da consciência, Beria acorria e beijava-lhe a mão.

Em 5 de março, o pulso do doente começou a baixar. Num dado momento, Beria aproximou-se do leito e dirigiu-se a ele: "Camarada Stálin, fale-nos alguma coisa. Todos os membros do Politburo estão aqui." Vorochilov puxou-o pela manga e sussurrou: "Seria preferível que os amigos da casa falassem: ele deveria reconhecê-los mais facilmente." Valentina aproximou-se então de Stálin, mas ele então vivia seus últimos segundos. Ela pousou a cabeça sobre seu peito e começou a pranteá-lo dolorosamente, como fazem as mulheres do povo face à morte.[5]

JÁ FAZIA TEMPO que doenças crônicas vinham comprometendo a saúde de Stálin: além de dores nas pernas, sua hipertensão agravava-se e a angina de peito fazia-o sofrer constantemente. Apesar disso, continuava sem se cuidar. Podia almoçar ou jantar às horas mais inverossímeis: às 15, 17, 20 ou 22 horas. A hemorragia cerebral fora consequência desse ritmo de vida e da falta de cuidados diários. Contudo, a maneira como "cuidaram" dele após seu ataque sugere fortemente uma espécie de assassinato por omissão de socorro.[6] Os médicos foram chamados apenas quando seu estado verificou-se efetivamente desesperador.

Molotov sempre achou, durante sua longa vida, que o papel desempenhado por Beria na morte de Stálin era obscuro. Paralelamente, interrogava-se quanto à troica Beria-Malenkov-Kruchtchev, que tinha grande interesse na morte de Stálin, e quanto a Bulganin, que poderia ter tido certa participação.[7]

A versão do envenenamento tampouco parece impossível a Molotov. Beria teria envenenado Stálin na véspera do dia em que ele sofreu o ataque?[c] Vlassik também estava persuadido de que Stálin fora assassinado. Previra isso quando fora preso: "Os dias de Stálin estão contados. Resta-lhe pouco tempo de vida." O próprio Beria gabou-se disso, alardeando por ocasião dos festejos do 1º de maio

de 1953 a Molotov: “Fui eu que o eliminei… Salvei vocês todos!”[8] Essa declaração tinha como principal objetivo conquistar adeptos na luta pelo poder, ao passo que a situação de Molotov claudicava desde janeiro-fevereiro de 1953.

Assim que o cadáver de Stálin foi levado, Beria ordenou a evacuação da datcha. Todos os empregados e guarda-costas foram dispensados com uma única palavra de ordem: bico calado. Nada do que se passara entre 1º e 5 de março na Blijniaia deveria vazar. A casa foi trancada, fechada a cadeado.[d] Eis a razão pela qual o comunicado oficial, que informou ao povo e ao mundo inteiro a morte de Stálin, apontou seu apartamento do Kremlin como local da morte. Todas as testemunhas se calaram. Algumas até 1966, outras até 1973, a própria filha até 1991.

Às 4 horas da manhã do dia 6 de março, a voz grave de Leviatan, o mais famoso locutor moscovita, anunciou: “Atenção…! Atenção…! Moscou no ar…” Num ritmo lento, separando cuidadosamente as sílabas, leu o texto do comunicado que anunciava a morte de Stálin, ocorrida no dia 5 de março às 21h50. Em 9 de março, foi realizado o funeral. A exemplo de Lênin, Korov, Ordjonikidze, e tantos outros ilustres do bolchevismo, os restos mortais de Stálin ficaram expostos na histórica Sala das Colunas da Casa dos Sindicatos. A dor misturada ao medo deu lugar a cenas de pânico: mais de quatrocentas pessoas morreram pisoteadas na confusão. Como se prevendo os riscos da reação popular, o comunicado conclamava a vigilância e a disciplina dos comunistas. Moscou transformou-se numa cidade enlutada e, em todos os recantos do imenso país, os trens eram tomados de assalto, as pessoas escalavam os tetos dos vagões. Todos queriam chegar o mais rápido possível a Moscou a fim de prestar a última homenagem ao pai da nação, espelho da Revolução e da Rússia.

Os herdeiros de Stálin intimidaram-se diante daquela multidão enlouquecida, desamparada, cega, insuflada por sentimentos complexos porém intensos, que ameaçavam varrer tudo a sua passagem. Assim como a morte de Stálin refletira seu reinado, seu enterro refletia seus paroxismos.

[a] Semion Ignatiev substituíra Abakumov, em julho de 1951, à frente do ministério da Segurança do Estado, posto que ocupou até a morte de Stálin. Foi sob seu mandato que ocorreram a condenação à morte dos dirigentes do Comitê Antifascista Judeu e o “caso dos Jalecos Brancos”. Quando os médicos forem reabilitados, ele será exonerado, mas, como protegido de Kruchtchev, permanecerá no Comitê Central até aposentar-se, em 1961.

[b] Cada vez mais debilitado pela bebida e na impossibilidade de construir um verdadeiro lar, Vassili – que teve quatro esposas, quatro filhos legítimos e três adotados – passou grande parte de sua vida na prisão após a morte do pai. Em seguida a um encontro particular com Kruchtchev, em março de 1955, foi transferido da prisão de Vladimir, em Moscou, para o hospital do ministério do Interior, em função de uma úlcera no estômago. Pediram-lhe para mudar de sobrenome e chamar-se Vassiliev, como o codinome

de seu pai durante a guerra. Ele recusou categoricamente. Um mês depois de voltar para casa, causou um acidente, ao dirigir embriagado. Retornou a Vladimir, ficando preso até janeiro de 1960. Em abril do mesmo ano, foi novamente condenado à prisão, onde ficou até o outono de 1961. Em seguida, foi exilado em Kazan por cinco anos, com uma pensão de general reformado. Morreu em 19 de março de 1962 e, em seu túmulo, consta o sobrenome Djugachvili. Oficialmente, morreu em consequência do alcoolismo; alguns dirão que foi durante uma briga num bar. Porém, para seus filhos, Aleksandr e Nadejda, tratou-se de um assassinato. Svetlana, sua irmã, acha que o "ajudaram a morrer". Ele não dissera sempre a sua mulher, Galina, que não sobreviveria ao pai por muito tempo? Embora o governo tenha feito de tudo para que o enterro passasse despercebido, toda Kazan o acompanhou, e os veteranos de guerra debruçaram-se sobre o caixão abrindo seus casacos forrados de condecorações. Homenagem tácita ao pai através do filho. Entrevista com Aleksandr Burdonski e Nadejda Stálina, os únicos filhos presentes em seu funeral. Para mais detalhes sobre a carreira e a vida de Vassili Stálin, cf. Aleksandr Kolesnik, *Khronika jizni semi Stalina* (Moscou, SP Ikpa, 1990, p.74-114).

[c] Para a neta de Stálin, Nadejda, é o que sugere a marca de uma injeção que teria sido observada pelos guardas no momento em que o recolheram no chão. Conversa com Nadejda Stálina, Moscou, 17 de junho de 1995.

[d] Quando se inventariou os bens pessoais de Stálin, quase nada foi encontrado. Ele não possuía nenhum objeto de valor. Móveis baratos, poltronas revestidas com capas. Nenhum objeto antigo. Na parede, reproduções em papel com molduras de madeira. No chão, dois tapetes. Stálin dormia com um cobertor do Exército. (Cf. Dimitri Volkogonov, *Staline, triomphe et tragédie.*…, Paris, Flammarion, 1991, p.99.)

Notas

Prólogo

1 Cf. a esse respeito o excelente ensaio de Aleksandr Zinoviev, *Le héros de notre jeunesse*, Paris, Julliard/ Âge d'Homme, 1984.

1. Sosso

1. Centro Russo de Conservação e Estudo dos Documentos em História Contemporânea. Acervo Stálin: coleção 558, inventário 4, dossiê 2. Num formulário da polícia preenchido por Stálin quando é preso em 1908, consta 1881 como data de nascimento. Coleção 558, inventário 4, dossiê 91.
2. G. Elisabegachvili, "Minhas recordações sobre o camarada Stálin". Coleção 558, inventário 4, dossiê 665.
3. Texto datilografado de Serguei Alliluyev: "No fogo da Revolução". Coleção 558, inventário 4, dossiê 668.
4. Piotr Kapanatze: "Stálin em Gori e Tíflis". Coleção 558, inventário 4, dossiê 665.
5. Iosif Iremachvili, *Stalin und die Tragödie Georgiens*, Berlim, Volksblatt-Druckerei, 1932, p.5-6.
6. Svetlana Alliluyeva, *En une seule année*, Paris, R. Laffont, 1970, p.319.
7. Registro da direção do seminário, 1894. Cf. coleção 558, inventário 4, dossiê 10.
8. Observações sobre o aluno Iosif Djugachvili durante o ano letivo 1894-95. Coleção 558, inventário 4, dossiê 13.
9. Coleção 558, inventário 4, dossiê 23.
10. Robert C. Tucker, *Staline révolutionnaire, 1879-1929, essai historique et psychologique*, Paris, Fayard, 1975, p.70.
11. Serguei Alliluyev, texto datilografado citado. Coleção 558, inventário 4, dossiê 668. E Piotr Kapanatze, texto datilografado citado. Coleção 558, inventário 4, dossiê 665.
12. Registro das punições, 1896-97. Coleção 558, inventário 4, dossiê 32.
13. Robert C. Tucker, op.cit., p.71.
14. "A rosa desabrochou", publicado em 14 de junho de 1895; "A lua clara no céu", publicado em 22 de setembro de 1895; "À lua crescente", publicado em 11 de outubro de 1895; "A Raphael Eristavi", publicado em 24 de outubro de 1895; "Sobre a terra, ele deambulava qual uma sombra de uma porta a outra", publicado em 25 de dezembro de 1896 e, por fim, "Velho Ninika", publicado em 28 de julho de 1896. Cf. todos esses poemas em sua tradução russa. Coleção 558, inventário 4, dossiê 600.
15. Coleção 558, inventário 4, dossiê 53.
16. Idem.
17. Coleção 558, inventário 4, dossiê 67.
18. Isaac Deutscher, *Staline* – edição definitiva, Paris, Gallimard, 1973, p.58.

19. Relatório do comissariado de Tíflis. Coleção 558, inventário 4, dossiê 72.
20. Relatório sobre a atividade do círculo social-democrata. Coleção 558, inventário 4, dossiê 72.
21. Entrevista a Emil Ludwig, dezembro de 1931. Publicada na versão oficial das *Obras* de Stálin, essa entrevista foi traduzida em diversas línguas e é citada por todos os seus biógrafos.
22. Adam. B. Ulam, *Staline, l'homme et son temps*, t.I, "La montée", Paris, Calmann-Lévy/Gallimard, 1977, p.44.
23. "Nota da redação", n.1, setembro de 1901, "Le Parti social-démocrate de Russie et ses tâches immediates", n.2-3, novembro-dezembro de 1901, in Stálin, *Œuvres*, t.I, 1901-7, Paris, Nouveau Bureau d'Édition, 1975, p.19-56.
24. Robert C. Tucker, op.cit., p.79.
25. Dossiê do gabinete do prefeito de Baku. Coleção 558, inventário 4, dossiê 74.
26. Coleção 558, inventário 4, dossiê 537.
27. Coleção 558, inventário 4, dossiê 74.
28. Coleção 558, inventário 4, dossiê 649.
29. Coleção 558, inventário 4, dossiê 75.
30. "Stalin i Khachim", *Batumskaia demonstratsia 1902 goda*, Moscou, Partizdat, 1937, citado por Isaac Deutscher, *Staline* – edição definitiva, Paris, Gallimard, 1973, p.68-9.
31. Informação sobre o início da instrução, 22 de maio-23 de agosto de 1902. Coleção 558, inventário 4, dossiê 79.
32. Idem.
33. Idem.
34. Idem.
35. Isaac Deutscher, op.cit., p.78-9.

2. Koba

1. Svetlana Alliluyeva, *Vingt lettres à un ami*, Paris, Seuil, 1967, p.55-7.
2. Robert C. Tucker, *Staline révolutionnaire, 1879-1929, essai historique et psychologique*, Paris, Fayard, 1975, p.84.
3. Coleção 558, inventário 4, dossiê 84.
4. Coleção 558, inventário 4, dossiê 537.
5. Stálin, *Œuvres*, t.I, 1901-7, Paris, Nouveau Bureau d'Édition, 1975, p.154-62.
6. Robert C. Tucker, op.cit., p.87.
7. Stálin, *O Lenine*, Moscou, Gospolitzdat, 1951, p.22-3.
8. Dimitri Volkogonov, *Staline, triomphe et tragédie…*, Paris, Flammarion, 1991, p.27.
9. Serguei Alliluyev, texto datilografado citado. Coleção, 558, inventário 4, dossiê 668.
10. Roy Medvedv, *Semia tirana…*, Nijni Novgorod, Leta, 1993, p.29.
11. Cf. comunicado da morte da primeira mulher de Stálin in Coleção 558, inventário 4, dossiê 97.
12. In *Proletariatis Brdzola* (A Luta do Proletariado), n.7, 10 de setembro de 1904. Cf. Stálin, *Œuvres*, t.I, op.cit.
13. Robert C. Tucker, op.cit., p.98.
14. S. Veretchtchak, "Stalin v tiurme (Vospominania polititcheskogo zakliutchennogo)", *Dni*, 22 de janeiro de 1928, citado por Robert C. Tucker, op.cit., p.99.
15. Coleção 558, inventário 4, dossiê 84.
16. Recordações das personalidades políticas, militares e outras da União Soviética e outros países que se referem a encontros com Stálin, sua vida e suas atividades. Coleção 558, inventário 4, dossiê 649.

17. Cf. o registro do hospital onde ele foi tratado de tifo. Coleção 558, inventário 4, dossiê 103.
18. Coleção 558, inventário 4, dossiê 107.
19. Coleção 558, inventário 4, dossiê 111.
20. Relatório do comissariado de Baku de 21 de fevereiro de 1911 ao departamento da polícia de São Petersburgo. Coleção 558, inventário 4, dossiê 126.
21. Coleção 558, inventário 1, dossiê 29. Para a reação de Lênin face à posição de Stálin nessa querela doutrinal, cf. Robert Tucker, op.cit., p.127-8.
22. Stálin, *Œuvres*, t.II, 1907-13. Paris, Éditions Sociales, 1954, p.334.
23. Carta ao governador de Vologodsk, datada de 27 de outubro de 1911. Coleção 558, inventário 4, dossiê 70.
24. Questionário referente a Iosif Djugachvili, na ocasião sob a vigilância oficial da polícia, 1911. Coleção 558, inventário 1, dossiê 4.353.
25. Essa missiva foi enviada para a cidade de Totma, na região de Vologda. Coleção 558, inventário 2, dossiê 75.
26. Coleção 558, inventário 1, dossiê 5.389.
27. Telegrama enviado ao diretor do comissariado de São Petersburgo, Moscou, em 29 de outubro de 1912. Coleção 558, inventário 4, dossiê 192.
28. Coleção 558, inventário 4, dossiê 157.

3. Stálin

1. Anna Alliluyeva, *Iz vospominania*, Moscou, Sovetsky Pisatel, 1946, p.185-7.
2. Isaac Deutscher, *Staline* – edição definitiva, Paris, Gallimard, 1973, p.139-40.
3. Intitulado “A questão nacional e a social-democracia”, esse estudo foi publicado na revista teórica do Partido, *Prosvechtchenie* (A Instrução), n.3-5, março-maio de 1913, assinado K. Stálin – era a primeira vez que assinava com esse pseudônimo. Em 1914, foi reproduzido em livro com o título *A questão nacional e o marxismo*, pelas Edições Priboi, em São Petersburgo. Em 1920, foi reeditado pelo comissariado do povo para as Minorias Nacionais na *Antologia de artigos de Stálin sobre a questão nacional*, Tula, editora estatal.
4. Lênin, “O programa nacional do POSDR”, *Social-democrata*, n.32, 28 de dezembro de 1913.
5. Isaac Deutscher, Boris Suvarin e Bertrand Wolf endossavam o ponto de vista de Trótski; Robert Tucker, Richard Pipes, Robert McNeal, Adam Ulam e Alan Bullock demonstraram que Stálin fora de fato o autor desse estudo.
6. Robert C. Tucker, *Staline révolutionnaire, 1879-1929, essai historique et psychologique*, Paris, Fayard, 1975, p.132-3.
7. Coleção 558, inventário 4, dossiê 219.
8. Coleção 558, inventário 1, dossiê 48.
9. Adam Ulam, *Staline, l’homme et son temps*, t.I, “La montée”, Paris, Calmann-Lévy/Gallimard, 1977, p.143-4.
10. Anna S. Alliluyeva, op.cit., p.118.
11. Coleção 558, inventário 1, dossiê 54.
12. Coleção 558, inventário 1, dossiê 5.393.
13. Coleção 558, inventário 1, dossiê 49.
14. Coleção 558, inventário 2, dossiês 74 e 89.
15. Citado por Robert. C. Tucker, op.cit., p.134.
16. Ibid., p.135.

17. Adam B. Ulam, op.cit., p.145.
18. Cartas, artigos e memórias sobre o exílio em Turukhansk. Coleção 558, inventário 4, dossiê 667.
19. Coleção 558, inventário 1, dossiê 5.168.
20. Coleção 558, inventário 1, dossiê 51.
21. Robert C. Tucker, op.cit., p.181. Fonte: depoimento de Lev Kamenev.
22. Coleção 558, inventário 1, dossiê 5.169.
23. Coleção 558, inventário 1, dossiê 5.391.
24. Coleção 558, inventário 1, dossiê 53.
25. Coleção 558, inventário 1, dossiê 55.
26. Coleção 558, inventário 1, dossiê 57.
27. Depoimento de A. Baikalov citado por Robert C. Tucker, *Staline révolutionnaire, 1879-1929, essai historique et psychologique*, Paris, Fayard, 1975, p.137
28. Dimitri Volkogonov, *Staline, triomphe et tragédie…*, Paris, Flammarion, 1991, p.32.

4. Na torrente da Revolução

1. Anna Alliluyeva, *Iz vospominania*, Moscou, Sovetsky Pisatel, 1946, p.165-8.
2. Entrevista com Nadejda Stálina, Moscou, 17 de junho de 1995.
3. Svetlana Alliluyeva, *Vingt lettres à un ami*, Paris, Seuil, 1967, p.58.
4. Ibid., p.109.
5. Robert C. Tucker, *Staline révolutionnaire, 1879-1929, essai historique et psychologique*, Paris, Fayard, 1975, p.140.
6. Cf. a íntegra do relatório de Stálin sobre a questão nacional apresentado na conferência do RSDRP de 24 de abril de 1917, in Coleção 558, inventário 1, dossiê 59.
7. A respeito da política de Lênin e Stálin sobre a questão nacional, cf. a análise de Hélène Carrère d'Encausse, *L'Empire éclaté*, Paris, Flammarion, 1978, p.11-34.
8. Anna Alliluyeva, op.cit., p.175.
9. Ibid., p.180.
10. Robert C. Tucker, op.cit., p.152.
11. Ibid., p.157.
12. Coleção 558, inventário 1, dossiê 5.298.
13. Coleção 558, inventário 1, dossiê 3.662.
14. Coleção 558, inventário 1, dossiê 4.388.
15. Stálin, "Carta a Lênin" de 7 de julho de 1918, p.110 in *Œuvres*, t.4, novembro 1917-dezembro 1920, Paris, Éditions Sociales, 1955.
16. Serguei Alliluyev, *Memórias*, 1913-1917, texto datilografado. Coleção 558, inventário 1, dossiê 663.
17. Stálin, op.cit.
18. Dimitri Vokogonov, *Staline, triomphe et tragédie…*, Paris, Flammarion, 1991, p.44-5.
19. Carta de 10 de julho, p.112, op.cit.
20. Coleção 558, inventário 1, dossiê 432.
21. Coleção 558, inventário 1, dossiê 4.745.
22. Coleção 558, inventário 1, dossiê 3.278.
23. Coleção 558, inventário 1, dossiê 293.
24. Aleksandr Kolesnik, *Khronika jizni semi Stalina*, Moscou, SP Ikpa, 1990, p.28.
25. Ibid., p.17-8.

26. Galina Djugachvili, *Ded, otets, ma i drugui*, Moscou, Olimp, 1993, p.57.
27. Svetlana Alliluyeva, *Vingt lettres à un ami*, Paris, Seuil, 1967, p.40-1.
28. Aleksandr Kolesnik, op.cit., p.18.
29. Roy Medvedev, *Semia tirana.*..., Nijni Novgorod, Leta, 1993, p.36.
30. *Iosif Stalin v obiatiakh semi*, Iz lichtnovo arkhiva, Moscou, Editora Q, 1993, p.6 e 8.
31. Idem.
32. Ibid., p.10.
33. Robert C. Tucker, op.cit., p.176.
34. Dimitri Volkogonov, op.cit., p.56.
35. Hélène Carrère d'Encausse, *L'Empire éclaté*, Paris, Flammarion, 1978, p.17.
36. Ibid., p.17-20.
37. Reproduzo aqui pesquisas de Nicolas Werth sobre a coleção Lênin e a coleção Ordjonikidze, arquivos que se encontram no Centro Russo de Conservação e Estudo dos Documentos de História Contemporânea.
38. Citado por Dimitri Volkogonov, *Le Vrai Lénine*, Paris, Robert Laffont, 1994, p.381-2.
39. Ibid., p.389-90.
40. Alexei T. Rybin, *Riadom s I.V. Stalinem*. Coleção 558, inventário 4, dossiê 672.

5. Entre vitórias políticas e reveses familiares

1. *Iosif Stalin v obiatiakh semi*, Iz lichtnovo arkhiva, Moscou, Editora Q, 1993, p.154-5.
2. *Pisma I.V. Stalina V.M. Molotovu 1925-1936*, Sbornik Documentov, Moscou, Rossia Molodaia, 1995, p.37-9 e 107.
3. Carta a Maria Svanidze de 11 de janeiro de 1926.
4. Svetlana Alliluyeva, *Vingt lettres à un ami*, Paris, Seuil, 1967, p.40-5.
5. Entrevista com Kyra Alliluyeva, Moscou, 16 de junho de 1995.
6. Entrevista com Nadejda Stálina, Moscou, 17 de junho de 1995.
7. Svetlana Alliluyeva, op.cit., p.50.
8. Ibid., p.90.
9. Aleksandr Kolesnik, *Mife i pravda o seme Stalina*, Carcóvia, Prostor, 1990, p.64.
10. Svetlana Alliluyeva, op.cit., p.79.
11. Vladimir Alliluyev, *Khronika odnoi semi, Aliluev Stalin*, Moscou, Molodaia Gvardia, 1995, p.26.
12. Galina Djugachvili, *Ded, otets, ma i drugui*, Moscou, Olimp, 1993, p.57.
13. *Iosif Stalin v obiatiakh semi*, op.cit., p.12.
14. Carta já citada.
15. Entrevista com Galina Djugachvili, Moscou, 7 de junho de 1995.
16. Idem.
17. Vladimir Alliluyev, op.cit., p.28.
18. A formulação é de Isaac Deutscher, *Staline* – edição definitiva, Paris, Gallimard, 1973, p.305.
19. Ibid., p.306.
20. Cf. o XIV Congresso do Partido Comunista pan-unionista (b). Relatório estenografado, Moscou, 1926, p.502. Citado por Adam B. Ulam, *Staline, l'homme et son temps*, t.I, "La montée", Paris, Calmann-Lévy/Gallimard, 1977, p.287.
21. Idem.
22. *Pravda*, 2 de novembro de 1927, citado por Robert C. Tucker, *Staline révolutionnaire, 1879-1929, essai*

historique et psychologique, Paris, Fayard, 1975, p.310.

23. Isaac Deutscher, op.cit., p.322.

24. Antes de mim, sovietólogos renomados sugeriram esta ideia, em especial Moshe Lewin e Robert Tucker.

25. Robert C. Tucker, op.cit., p.268. Durante o ano de 1924, com o mesmo fim competitivo: quem seria o melhor exegeta de Lênin? Trótski publicou *O novo curso*, Bukharin fez um longo relatório, "Lênin marxista" e Zinoviev uma conferência, "V.I. Lênin, gênio, mestre, chefe e homem".

26. Ibid., p.270.

27. Roy Medvedev, *Semia tirana…*, Nijni Novgorod, Leta, 1993.

28. Svetlana Alliluyeva, op.cit., p.111.

29. *Iosif Stalin v obiatiakh semi*, op.cit., p.22.

30. Galina Djugachvili, op.cit., 1993.

31. Dimitri Volkogonov, *Staline, triomphe et tragédie…*, Paris, Flammarion, 1991, p.103.

32. Roy Medvedev, *Semia tirana…*, Nijni Novgorod, Leta, 1993, p.43.

33. Entrevista com Kyra Alliluyeva, Moscou, 12 de junho de 1995. Cf. também Vladimir Alliluyev, op.cit., p.29.

34. As cartas de Alliluyeva enviadas da Alemanha não são conhecidas e não se encontram nos arquivos pessoais de Stálin. Cf. *Iosif Stalin v obiatiakh semi*, Iz lichtnovo arkhiva, Moscou, Editora Q, 1993, p.29.

35. Entrevista com Aleksandr Burdonski, Moscou, 6 de junho de 1995.

36. Idem.

37. Cf. a correspondência de Stálin com sua mulher em *Iosif Stalin v obiatiakh semi*, op.cit., p.22-42.

38. Galina Djugachvili, op.cit., p.58.

39. Entrevista com Kyra Alliluyeva, Moscou, 12 de junho de 1995.

40. Svetlana Alliluyeva, op.cit., p.122-3.

41. Depoimento citado por Roy Medvedv, op.cit., p.43.

42. Entrevista com Aleksandr Burdonski, Moscou, 6 de junho de 1995.

43. Félix Tchuev, *Conversations avec Molotov. 140 Entretiens avec le bras droit de Staline*, Paris, Albin Michel, 1995, p.213.

44. Svetlana Alliluyeva, op.cit., p.124; entrevista com Aleksandr Burdonski e Kyra Alliluyeva. Ver também Vladimir Alliluyev, op.cit.

45. Félix Tchuev, op.cit., p.213.

46. Entrevista com Kyra Alliluyeva, Moscou, 12 de junho de 1995.

47. Aleksandr Kolesnik, op.cit., p.6-9. Boris Suvarin tampouco se constrangia ao evocar o "assassinato de Nadejda Alliluyeva" em 1967. Cf. *Contrat social*, vol.XI, n.3, 1967.

48. Vladimir Alliluyev, op.cit., p.29.

49. Aleksandr Kolesnik, *Khronika jizni semi Stalina*, Moscou, SP Ikpa, 1990, p.30-1.

50. Svetlana Alliluyeva, op.cit., p.118.

51. Aleksandr Kolesnik, *Khronika jizni semi Stalina*, op.cit., 1990,

52. Sergo Beria, *Moi otets Lavrenti Beria*, Moscou, Sovremenik, 1994, p.48.

53. *Pisma I.V. Stalina V.M. Molotovu 1925-1936*, op.cit., p.88-90.

54. Isaac Deutscher, op.cit., p.304-5.

55. Dimitri Volkogonov, *Staline, triomphe et tragédie…*, Paris, Flammarion, 1991, p.121.

56. Sir Winston Churchill, *Mémoires sur la Deuxième Guerre Mondiale*, vol.IV, Paris, Plon, 1951, p.93.

57. Isaac Deutscher, op.cit., p.305.

58. Adam Ulam, op.cit., p.361.

59. Isaac Deutscher, op.cit., p.340.

60. Relatório de informação da OGPU sobre o desenrolar da campanha de coletas 1928-1929 in Nicolas

Werth e Gaël Moullec, *Rapports secrets soviétiques, 1921-1991*, Paris, Gallimard, 1994, p.112-3.

61. Os dados acima são os mais confiáveis. Cf. Nicolas Werth e Gaël Moullec, *Rapports secrets soviétiques, 1921-1991*, Paris, Gallimard, 1994, p.90.

62. Idem.

63. Coleção 558, inventário 1, dossiê 5.276.

64. Dimitri Volkogonov, *Staline, triomphe et tragédie…*, Paris, Flammarion, 1991, p.138.

6. O ditador

1. Svetlana Alliluyeva, *En une seule année*, Paris, R. Laffont, 1970, p.339.

2. Sergo Beria, *Moi otets Lavrenti Beria*, Moscou, Sovremenik, 1994, p.72.

3. Aleksandr Kolesnik, *Mife i pravda o seme Stalina*, Carcóvia, Prostor, 1990, p.4.

4. Autos do interrogatório do prisioneiro militar, o tenente Iakov Djugachvili. Foi em 31 de janeiro de 1946 que Merkulov enviou a Stálin o texto original do interrogatório de Iakov, realizado em 18 de julho de 1941 e encontrado nos arquivos do ministério alemão da Aviação. Cf. *Iosif Stalin v obiatiakh semi*, Iz lichtnovo arkhiva, Moscou, Editora Q, 1993.

5. Cf. Félix Tchuev, *Conversations avec Molotov. 140 Entretiens avec le bras droit de Staline*, Paris, Albin Michel, 1995, p.216. Tentei esclarecer pessoalmente esse episódio com Maya Kaganovitch, que, num primeiro momento, aceitou uma espécie de entrevista. Mas quando compreendeu que em minha lista de perguntas havia esse enigmático caso amoroso entre Stálin e um membro da família Kaganovitch, desmarcou o encontro, alegando não ter nada a me dizer e declarando respeitar a posição do pai, que nunca se pronunciara sobre o assunto.

6. Entrevista com Galina Djugachvili, Moscou, 7 de junho de 1995.

7. Leonid Gendlin, *Isnovede liuovnitse Stalina*, Minsk, Krok Unerad, 1994, 399p.

8. Svetlana Alliluyeva, op.cit., Paris, R. Laffont, 1970, p.339.

9. Félix Tchuev, op.cit., p.215.

10. Entrevista com Aleksandr Burdonski, Moscou, 6 de junho de 1995.

11. Entrevista com Nadejda Stálina, 17 de junho de 1995.

12. Entrevista com Kyra Alliluyeva, Moscou, 12 de junho de 1995.

13. Idem.

14. Idem.

15. Idem.

16. Svetlana Alliluyeva, *Vingt lettres à un ami*, Paris, Seuil, 1967, p.32-4.

17. Idem.

18. Maria Svanidze, “Dnevnik”, in *Iosif Stalin v obiatiakh semi*, op.cit.

19. Idem.

20. Coleção 558, inventário 1, dossiê 4.554.

21. Depoimento citado por Alla Kirilina, *L’Assassinat de Kirov, destin d’un stalinien*, 1888-1934, Paris, Seuil, 1995, p.96.

22. Ibid., p.149.

23. Ibid., p.152.

24. Ibid., p.181-2.

25. Roy Medvedev, *Le stalinisme. Origines, histoire, conséquences*, Paris, Seuil, 1972.

26. Alla Kirilina, op.cit., p.192. Esse livro, baseado em arquivos e escrito por uma pesquisadora imparcial, desfaz duas mentiras: 1) Stálin encomendou o assassinato de Kirov; 2) Stálin havia sido minoria no XVII Congresso e era Kirov que pretendiam colocar em seu lugar.

27. Depoimentos citados por Alla Kirilina, op.cit., p.195-6.
28. Ibid., p.197.
29. Félix Tchuev, op.cit., p.255.
30. Alla Kirilina, op.cit., p.199.
31. Ibid., p.200.
32. Félix Tchuev, op.cit., p.255.
33. Aleksandr Iakovlev, *Ce que nous voulons faire de l'Union Soviétique*, Paris, Seuil, 1991, p.44.
34. Depoimento citado por Alla Kirilina, op.cit., p.240.
35. Svetlana Alliluyeva, *Vingt lettres à un ami*, op.cit., p.33.
36. Grande parte do relato dessa noite de 21 de dezembro de 1934 foi extraída do diário de Maria Svanidze, "Dnevnik", op.cit., p.169-71.
37. Coleção 558, inventário 1, dossiê 5.123.
38. Coleção 558, inventário 1, dossiê 5.124.
39. Para grande parte dessa correspondência, ver Svetlana Alliluyeva, *Vingt lettres à un ami*, op.cit., p.112-3 e p.164-9.
40. Relatório de Efimov a Vlassik de 22 de setembro de 1935, ver *Iosif Stalin v obiatiakh semi*, op.cit., p.53-4.
41. Svetlana Alliluyeva, *Vingt lettres à un ami*, op.cit., p.213-4.
42. *Pravda*, 23 de outubro de 1935, citado in *Iosif Stalin v obiatiakh semi*, op.cit.
43. Diálogo contado por L.S. Spirin em *Nezavisima Gazetta*, de 13 de abril de 1992, citado por Roy Medvedev, op.cit., p.21-2.
44. Cf. Maria Svanidze, "Dnevnik", op.cit., p.173-6.
45. Ibid., p.176-8.
46. Entrevista com Galina Djugachvili, Moscou, 14 de junho de 1995.
47. Stálin fez essa declaração por ocasião da I Conferência dos Stakhanovistas, reunidos no Kremlin entre 14 e 17 de novembro de 1935. Cf. Stálin, *Œuvres*, t.XIV, 1934-40, Paris, NBE, 1977, p.62.
48. Alan Bullock, *Hitler et Saline, vies parallèles*, Paris, Albin Michel/Robert Laffont, 1991, t.I, p.522.
49. Félix Tchuev, op.cit., p.298.
50. Pável Sudoplatov et al., *Missions spéciales…*, Paris, Seuil, 1994, p.101.
51. Ibid., p.109.
52. Ibid., p.115.
53. Coleção 558, inventário 2, dossiê 67.
54. Entrevista com Mikhail Panteleiev, historiador russo que estudou a repressão dos anos 30. Moscou, 13 de junho de 1995.
55. Nicolas Werth, Gaël Moullec, *Rapports secrets soviétiques, 1921-1991*, Paris, Gallimard, 1994, p.494.
56. Ibid., p.494-5.
57. Aleksandr Iakovlev, op.cit., p.48.
58. Amy Knight, *Beria*, Paris, Aubier, 1994, p.126.
59. Idem.
60. Félix Tchuev, op.cit., p.303.
61. Alan Bullock, *Hitler et Staline, vies parallèles*, Paris, Albin Michel/Robert Laffont, 1991, t.I, p.536.
62. Nicolas Werth, *Les Procès de Moscou*, Bruxelas, Complexe, 1987.
63. Exponho aqui os resultados das pesquisas realizadas por Mikhail Panteleiev, que teve a gentileza de comunicá-los a mim.
64. *Iosif Stalin v obiatiakh semi*, op.cit. p.194.
65. O.V. Khlevniuk, *Stalin i Ordjonikidze…*, Moscou, Rossia Molodaia, 1993, p.13. Esse livro constitui a pesquisa mais atualizada a respeito das relações entre os dois homens.

66. *Pisma I.V. Stalina V.M. Molotovu 1925-1936*, Sbornik Documentov, Moscou, Rossia Molodaia, 1995, p.82-4.
67. Boris Suvarin, op.cit., p.406.
68. Félix Tchuev, op.cit., p.259.
69. Entrevista com Kyra Alliluyeva, Moscou, 12 de junho de 1995.
70. Svetlana Alliluyeva, *Vingt lettres à un ami*, Paris, Seuil, 1967, p.72.
71. Ibid., p.91. Cf. também Vladimir Alliluyev, que defende o mesmo ponto de vista, *Khronika odnoi semi, Aliluev Stalin*, Moscou, Molodaia Gvardia, 1995.
72. Entrevista com Kyra Alliluyeva, Moscou, 12 de junho de 1995.
73. Félix Tchuev, op.cit., p.214-5.
74. *Iosif Stalin…*, p.193.
75. Svetlana Alliluyeva, *Vingt lettres à un ami*, op.cit., p.68, e Aleksandr Kolesnik, op.cit., p.63.
76. Entrevista com Kyra Alliluyeva, Moscou, 12 de junho de 1995.
77. Vladimir Alliluyev, *Khronika odnoi semi, Aliluev Stalin*, Moscou, Molodaia Gvardia, 1995, p.89-90.
78. Ibid., p.78.

7. Líder em tempos de guerra

1. Félix Tchuev, *Conversations avec Molotov. 140 Entretiens avec le bras droit de Staline*, Paris, Albin Michel, 1995, p.246.
2. Coleção 558, inventário 3.
3. Dimitri Volkogonov, *Staline, triomphe et tragédie…*, Paris, Flammarion, 1991, p.251.
4. Svetlana Alliluyeva, *Vingt lettres à un ami*, Paris, Seuil, 1967, p.62.
5. Ibid., p.72.
6. Ibid., p.139.
7. *Iosif Stalin v obiatiakh semi*, Iz lichtnovo arkhiva, Moscou, Editora Q, 1993, p.54-5 e 57-8.
8. Dimitri Volkogonov, op.cit., p.244.
9. Félix Tchuev, op.cit., p.87.
10. Aleksandr Iakovlev, *Ce que nous voulons faire de l'Union Soviétique*, Paris, Seuil, 1991, p.128.
11. Paul-Marie de la Gorce, *39-45, une guerre incongrue*, Paris, Flammarion, 1995, p.267.
12. Félix Tchuev, op.cit., p.42.
13. *Istoritcheskii Archiv*, 6, 1990, e excertos em Pável Sudoplatov et al., *Missions spéciales…*, Paris, Seuil, 1994, p.531-3.
14. Aleksandr Kolesnik, *Mife i pravda o seme Stalina*, Carcóvia, Prostor, 1990, p.65-6.
15. Entrevista com Galina Djugachvili, Moscou, 7 e 14 de junho de 1995.
16. *Iosif Stalin v obiatiakh semi*, op.cit., p.92-3.
17. Ibid., p.69-89.
18. Ibid., p.96-100.
19. Svetlana Alliluyeva, op.cit., p.177.
20. Galina Djugachvili, *Ded, otets, ma i drugui*, Moscou, Olimp, 1993, p.86.
21. Giulio Ceretti, *À l'ombre des deux T, 40 ans avec Maurice Thorez et Palmiro Togliatti*, Paris, Julliard, 1973, p.284-5.
22. Félix Tchuev, op.cit., p.65.
23. Coleção 558, inventário 4, dossiê 672.
24. Stálin, *Œuvres*, t.XVI, 1941-49, Paris, Noveau Bureau d'Édition, 1975, p.38.

25. Coleção 558, inventário 4, dossiê 672.
26. Félix Tchuev, op.cit., p.61
27. Sergo Beria, *Moi otets Lavrenti Beria*, Moscou, Sovremenik, 1994, p.181-3.
28. Coleção 558, inventário 4, dossiê 672.
29. *Iosif Stalin v obiatiakh semi*, op.cit., p.90-1.
30. Svetlana Alliluyeva, op.cit., p.184.
31. Ibid., p.187-95.
32. Dimitri Volkogonov, op.cit., p.15-6.
33. Entrevista com Nadejda Stálina, Moscou, 17 de junho de 1995.
34. Lilly Marcou, *Les Staline vus par les hôtes du Kremlin*, Paris, Gallimard, 1979, 254p, col. Archives.
35. *Correspondance secrète de Staline avec Roosevelt, Churchill, Truman et Attlee, 1941-1945*, 2 vol., Paris, Plon, 1959.
36. Ibid., t.1, p.270 e 274.
37. Robert Sherwood, *Le Mémorial de Roosevelt, d'après les papiers de Harry Hopkins*, Paris, Plon, 1950, p.206.
38. Sir Winston Churchill, *Mémoires sur la Deuxième Guerre Mondiale*, vol.IV, Paris, Plon, 1951, t.IV, p.70.
39. Charles de Gaulle, *Mémoires de guerre*, t.III, Paris, Plon, 1959, p.61.
40. *Correspondance secrète de Staline avec Roosevelt, Churchill, Truman et Attlee, 1941-1945*, 2 vol., Paris, Plon, 1959, p.170.
41. Ibid., p.174.
42. Charles de Gaulle, op.cit., p.69-70.
43. Idem.
44. Félix Tchuev, op.cit., p.242.
45. Coleção 558, inventário 2, dossiê 190.
46. Declarações reproduzidas por Svetlana Alliluyeva, op.cit., p.201.
47. Ibid., p.199.

8. O recluso

1. Citado por Daniel Yergin, *La Paix saccagée, les origines de la guerre froide et la division de l'Europe*, Paris, Balland, 1980, p.8.
2. Walter Bedell Smith, *Trois Années à Moscou, 1946-1949*, Paris, Plon, 1950, p.39-49.
3. Svetlana Alliluyeva, *Vingt lettres à un ami*, Paris, Seuil, 1967, p.204.
4. Ivan Tovstukha, *Joseph Stalin* (biografia autorizada), in Georges Haupt, Jean-Jacques Marie, *Les Bolcheviks par eux-mêmes…*, Paris, Maspéro, 1969. Um primeiro esboço data de 1917.
5. *Iosif Vissarionovitch Stalin, Kratkaia biografia*, Moscou, Institut Marksa-Engelsa-Lenina, 1947.
6. Aleksandr Iakovlev, *Ce que nous voulons faire de l'Union soviétique*, Paris, Seuil, 1991, p.142.
7. Vladimir Alliluyev, *Khronika odnoi semi, Aliluev Stalin*, Moscou, Molodaia Gvardia, 1995, p.243.
8. Ibid., p.248.
9. Svetlana Alliluyeva, op.cit., p.207.
10. Entrevista com Kyra Alliluyeva, Moscou, 12 de junho de 1995.
11. Svetlana Alliluyeva, op.cit., p.77.
12. Citado por Rosamond Richardson, *The Long Shadow. Inside Stalin's Family*, Londres, Abacus, 1993, p.208.

13. Ibid., p.241.
14. Entrevista com Kyra Alliluyeva, Moscou, 12 de junho de 1995.
15. Svetlana Alliluyeva, op.cit., p.54 e 64.
16. Amy Knight, *Beria*, Paris, Aubier, 1994, p.219.
17. Ibid., p.233-4.
18. Félix Tchuev, *Conversations avec Molotov. 140 Entretiens avec le bras droit de Staline*, Paris, Albin Michel, 1995, p.44, 218, 222 e 224.
19. Ibid., p.230.
20. Ibid., p.249.
21. Félix Tchuev, op.cit., p.313.
22. Idem.
23. Guennadi Kostyrtchenko, *V plenu u krasnovo pharaona*, Moscou, Mejdurnarodnye Otnochenia, 1994, p. 354-5.
24. Félix Tchuev, op.cit., p.314.
25. Ibid., p.315.
26. Alan Bullock, *Hitler et Staline, vies parallèles*, Paris, Albin Michel/Robert Laffont, 1991, t.II, p.429-30, que cita o diário de Mikoian publicado no *Komsomolskaia Pravda*, em 21 de fevereiro de 1986, bem como as recordações do almirante Issakov em *Zvezda*, 3, 1988.
27. Félix Tchuev, op.cit., p.232.
28. Sergo Beria, *Moi otets Lavrenti Beria*, Moscou, Sovremenik, 1994, p.340.
29. Citado no *Livre noir…*, textos reunidos por Ilya Ehrenburg e Vassili Grossman, Paris, Solin/Actes Sud, 1995, p.43-4.
30. Stálin, *Œuvres*, t.II, 1907-13. Paris, Éditions Sociales, 1954, p.55-6.
31. Isaac Deutscher, *Essai sur le problème juif*, Paris, Payot, 1968, p.98-9.
32. Discurso de Andrei Gromiko à ONU, publicado como anexo ao livro de Alain Gresh e Dominique Vidal, *Palestine 47, un partage avorté, Bruxelas, Complexe, 1987.*
33. Para mais detalhes sobre esse assassinato, ver Pável Sudoplatov et al., *Missions spéciales…*, Paris, Seuil, 1994, p.368.
34. Iakov Rapoport, *Souvenirs du procès des Blouses blanches*, Aix-en-Provence, Alinéa, 1988, p.26.
35. Pável Sudoplatov et al., op.cit., p.382.
36. Guennadi Kostyrtchenko, *V plenu u krasnovo pharaona*, Moscou, Mejdurnarodnye Otnochenia, 1994, p.95-6.
37. Alan Bullock, op.cit., t.II, p.416-7.
38. Dimitri Volkogonov, op.cit., p.445-6.
39. Idem.
40. Nicolas Werth, *Histoire de l'Union Soviétique*, Paris, PUF, 1990, p.361-5.
41. Dimitri Volkogonov, *Staline, triomphe et tragédie…*, Paris, Flammarion, 1991, p.456-7.
42. Coleção 558, inventário 4, dossiê 672.
43. *Idem*.
44. Svetlana Alliluyeva, op.cit., p.211.
45. *Iosif Stalin v obiatiakh semi*, Iz lichtnovo arkhiva, Moscou, Editora Q, 1993, p.103-4.
46. Svetlana Alliluyeva, art.cit.
47. Svetlana Alliluyeva, op.cit., p.219-20.
48. Svetlana Alliluyeva, art.cit.
49. Coleção 558, inventário 4, dossiê 672, e Félix Tchuev, op.cit., p.270.
50. *Rapport secret de Nikita Khrutchev sur Staline*, apresentado em 24 de fevereiro de 1956 ao XX Congresso do PCUS, Paris, Denoël, 1970.

Epílogo

1. Alexei Rybin reuniu, entre 1975 e 1983, os depoimentos dos que conviveram com Stálin em seus últimos dias, mas os poucos trechos publicados só o foram durante a perestroica. Utilizei o texto datilografado, que é o mais completo e que se encontra nos arquivos de Stálin: coleção 558, inventário 4, dossiê 672.
2. Svetlana Alliluyeva, art.cit.
3. Idem, e coleção 558, inventário 4, dossiê 672.
4. Svetlana Alliluyeva, *Vingt lettres à un ami*, Paris, Seuil, 1967, p.21-8.
5. Dimitri Volkogonov, *Staline, triomphe et tragédie…*, Paris, Flammarion, 1991, p.502.
6. A. Avtorkhanov, *Staline assassiné, le complot de Beria*, Paris, Presses de la Renaissance, 1980, 293p. O autor desse livro defende a tese do complô contra Stálin, fomentado por Beria com a cumplicidade de Malenkov, Kruchtchev e Bulganin.
7. Félix Tchuev, *Conversations avec Molotov. 140 Entretiens avec le bras droit de Staline*, Paris, Albin Michel, 1995, p.265-6.
8. Ibid., p.270.

Bibliografia

Obras

Histoire du Parti communiste (bolchevique) de l'URSS…, Paris, Bureau d'Édition, 1939.

MacNeal, Robert H. (org.), *Stalin's Works. An Annotated Bibliography*, Stanford (Calif.), Stanford University, Hoover Institution on War, Revolution and Peace, 1967.

Stálin, *Neizvestnyj Stalin* (escritos de 1934-52), Moscou, Russkoie Slovo, 1994.

____, *Œuvres*, t.XIV, 1934-40, t.XVI, 2 vols, 1941-49, Paris, Nouveau Bureau d'Edition, 1975, 1977.

____, *Socinenija 1901-1934*, Moscou, Gospolitizdat, 1946-51, 13 vols. Tradução inglesa: *Works 1901 – January 1934*, 13 vols, Moscou, Foreign Language Publishing House, 1952-54.; *Works, 1934-53*, 3 vols (org. Robert Macneal), Stanford, Hoover Institution on War, Revolution and Peace, 1967; tradução francesa: *Oeuvres*, 1901-1923…, 5 vols, Paris, Éditions Sociales, 1953-55.

Correspondência

Correspondance secrète de Staline avec Roosevelt, Churchill, Truman et Attlee, 1942-1945…, 2 vols, Paris, Plon, 1959.

Iosif Stalin v obiatiakh semi, Iz litchnovo arkhiva, Moscou, Edições Q, 1993.

Pisma I.V. Stalina V.M. Molotovu, 1925-1936, Moscou, Rossia Molodaia, 1995.

Documentos

Werth, Nicolas & Gaël Moullec, *Rappports secrets soviétiques, 1921, 1991. La société russe dans les documents confidentiels*, Paris, Gallimard, 1995.

Depoimentos

Amba, Achmed, *I Was Stalin's Body Guard…*, Londres, F. Muller, 1952.

Bajanov, B.G., *Avec Staline dans le Kremlin*, Paris, Éditions de France, 1930.

Beria, Sergo, *Moi otets – Lavrentii Beria*, Moscou, Sovremenik, 1994.

Beriejkov, Valentin, *J'étais interprète de Staline. Histoire diplomatique 1935-1945*, Paris, Éditions du Sorbier, 1985.

Ceretti, Giulio, *À l'ombre des deux T. 40 ans avec Maurice Thorez et Palmiro Toligatti*, Paris, Julliard, 1973.

Dimitrievsky, S., *Dans les coulisses du Kremlin*, Paris, Plon.

Djilas, Milovan, *Conversations avec Staline…*, Paris, Gallimard, 1971.

Feuchtwanger, Lion, *Moscow 1937. My Visit Described For My Friends…*, Londres, V. Gollancz, 1937.
Gorbatov, Aleksandr V., *Les années de ma vie. Un général soviétique dans les camps de Staline*, Paris, Stock, 1966.
Guinzbourg, Evguenia S., *Le vertige. Chronique des temps du culte de la personnalité*, Paris, Seuil, 1967.
Hochschild, Adam, *The Unquiet Ghost: Russians Remember Stalin*, Nova York, Viking, 1994.
Iremachvili, Iossif, *Stalin und die Tragödie Georgiens*, Berlim, Volksblatt-Druckrei, 1932.
Krivitsky, Walter G., *Agent de Staline*, Paris, Coopération, Paris, Gallimard/Julliard, 1940.
Marcou, Lilly. *Les Staline, vus par les hôtes du Kremlin*, Paris, Gallimard/Julliard, 1979.
Orlov, Alexander, *The Secret History of Stalin's Crimes*, Nova York, Random House, 1953.
Pascal, Pierre, *Mon journal de Russie, 1916-1927*, 4 vols, Lausanne, 1975-82.
Sadoul, Jacques, *Notes sur la révolution bolchevique…*, Paris, Éditions de la Sirène, 1919.
Simonov, Konstantin M. & L.I. Lazarev (orgs.), *Glazami tcheloveka moievo pokolenia: razmychlenia o I.V.Stalin*, Moscou, Novosti, 1989.
Soljenitsyn, Aleksandr, *Une journée d'Ivan Denissovitcht*, Paris, Julliard, 1963.
Sudoplatov, Pável et al., *Missions spéciales, mémoires du maître espion soviétique Soudoplatov*, Paris, Seuil, 1994.
Tchuev, Félix, *Conversations avec Molotov, 140 entretiens avec le bras droit de Staline*, Paris, Albin Michel, 1995.

Memórias

Chtemenko, Serguei M., *L'État-major general soviétique en guerre, 1941-1945*, Moscou, Edições Progresso, 1971.
Churchill, Sir Winston, *La Deuxième Guerre Mondiale*, 6 vols, Paris, Plon, 1948-1954.
Davies, Joseph E., *Mission à Moscou*. Coletânea de despachos confidenciais ao Departamento de Estado, cartas oficiais e pessoais, notas de uma agenda e do diário pessoal do autor, compreendendo fatos e comentários registrados até outubro de 1941, Montreal, L'Arbre, 1944.
Eden, Anthony, *Mémoires…*, 3 vols, Paris, Plon, 1960-1965.
Gaulle, Charles de, *Mémoires de guerre*, t.III – *Le Salut, 1944-1946*, Paris, Plon, 1959.
Harriman, Averell, *Paix avec la Russie…*, Paris, Arthaud, 1960.
____ & Elie Abel, *Special Envoy to Churchill and Stalin, 1941-1946*, Nova York, Random House, 1975.
Hull, Cordell, *The Memoirs…*, 2 vols, Nova York, Macmillan Company, 1948.
Jukov, Gueorgui K., *Mémoires…*, 2 vols, Paris, Fayard, 1970.
Kennan, George F., *Memoirs, 1925-1950*, Londres, Hutchinson, 1967.
Khrutchev, Nikita S., *Souvenirs…*, Paris, Laffont,1971.
Koniev, Ivan S., *Sapiski komanduiuchtchevo frontom 1943-44*, Moscou, Nauka, 1972.
Mandelstam, Nadejda, *Contre tout espoir, Souvenirs*, 2 vols, Paris, Gallimard, 1970-1973.
Meretskov, Cyril A, *Au service du peuple*, Moscou, Edições Progreso, 1971.
Sherwood, Robert E. *Le mémorial de Roosevelt, d'après les papiers de Harry Hopkins…*, 2 vols, Paris, Plon, 1950.
Smith, Walter Bedell, *Trois années à Moscou, 1946-1949*, Paris, Plon.
Stettinius, Edward R., *Yalta, Roosevelt et les Russes…*, Paris, Gallimard, 1951.
Truman, Harry S., *Mémoires…*, 2 vols, Paris, Plon, 1955-1956.

Ensaios

Astier de la Vigerie, Emmanuel d', *Sur Staline*, Lausanne, Claire-Fontaine, 1967.

Boffa, Giuseppe & Gilles Martinet, *Dialogue sur le stalinisme*, Paris, Stock, 1977, 253p.
Brossat, Alain, *Le stalinisme entre histoire et mémoire*, Paris, Éditions de l'Aube, 1991.
Elleinstein, Jean, *Histoire du phénomène stalinien*, Paris, Grasset, 1975.
Fuwa, Tetsuzo, *Stalin and Great Power Chauvinism*, Tóquio, Shin'nihon Shuppan, 1982.
Laqueur, Walter, *Stalin: The Glasnost Revelations*, Nova York, Scribner's, 1990.
Laurat, Lucien, *Staline, la linguistique et l'impérialisme russe*, Paris, Îles d'Or, Plon, 1951.
Martens, Ludo, *Un autre regard sur Staline*, Bruxelas, EPO, 1994.
Medvedev, Roy, *Faut-il réhabiliter Staline?* Paris, Seuil, 1969.
____, *Le stalinisme, origines, histoire, conséquences*, Paris, Seuil, 1972.
____, *Staline et le stalinisme*, Paris, Albin Michel, 1979.
Mehnert, Klaus, *Stalin versus Marx. The Stalinist Historical Doctrine…*, Londres, Allen and Unwin, 1952.
Pisier-Kouchner, Evélyne (org.), *Les interprétations du stalinisme*, Paris, PUF, 1983.
Razumikhin, Aleksandr M. (org.), *Vojd, khoziain, diktator*, Moscou, Patriot, 1990.
Rigby, T.H. (org.), *Stalin, Great Lives Observed*, Englewood Cliffs (NJ), Prentice Hall, 1966.
Tucker, Robert C., *La politique soviétique. Essai sur la pensée politique stalinienne et poststalinienne*, Paris, Payot, 1967.
____ (org.), *Stalinism: Essays in Historical Interpretation*, Nova York, W.W. Norton, 1977.
Volkoff, Vladimir, *La trinité du mal ou Réquisitoire pour servir au procès posthume de Lénine, Trotski, Staline*, Paris, Fallois, 1990.
Zinoviev, Aleksandr, *Le héros de notre jeunesse*, Paris, Julliard/L'Âge d'Homme, 1984.

Textos sobre a família

Alliluyev, Vladimir, *Khronika odnoi semi Alliluyev Stalin*, Moscou, Molodaia Gvardia, 1995.
Alliluyeva, Svetlana, *Vingt lettres à un ami…*, Paris, Seuil, 1967.
____, *En une seule année…*, Paris, Robert Laffont, 1970.
Djugachvili, Galina, *Ded, otets, ma i drugui*, Moscou, Olimp, 1993.
Kolesnik, Aleksandr, *Khronika jizni semi Stalina*, Moscou, IKPA, 1990.
____, *Mife i pravda o semi Stalina*, Carcóvia, Prostor, 1990.
Medvedev, Roy, *Semia tirana…*, Nijni Novgorod, Leta, 1993.
Richardson, Rosamund, *The Long Shadow, Inside Stalin's Family*, Londres, Abacus, 1993.

Biografias

Biografias favoráveis

Barbusse, Henri, *Staline. Un monde nouveau vu à travers un homme*, Paris, Flammarion, 1935.
Basseches, Nikolaus, *Staline…*, Paris, Spes, 1951.
Benoît, Jean, *Staline*, Paris, Resma, 1969.
Bloch, Jean-Richard, *L'Homme du communisme, portrait de Staline*, Paris, Éditions Sociales, 1949.
Delbars, Yves, *Le vrai Staline*, 2 vols, Paris, Editions Je Sers, 1950-51.
Graham, S., *Stalin, An Impartial Study of the Life and Work of Joseph Stalin…*, Londres, E. Benn, 1931.
Granier, Lén, *Staline*, Lyon, Gutenberg, 1945.
Instituto Marksa-Engelsa-Lenina, *Iosif Vissarionovitch Stalin, Kratkaia biografiia…*, Moscou, 1947.
Ludwig, Emil, *Staline…*, Paris, Éditions des Deux-Rives, 1945.
Montagu, I.G.S., Stalin. *A Biographical Sketch of the Man Who Leads the URSS*, Londres, Communist Party of Great Britain, 1942.

Murphy, J.T., *Staline*, Paris, Éditions Universelles, 1945.
Windecke, Christian, *L'Ascension de Staline, du séminaire au Kremlin…*, 2ª ed., Neuchâtel/Paris, Delachaux/Niestlé, 1943.

Biografias críticas

Antonov-Ovsenko, Anton V., *Portret tirana*, Moscou, Gregori Pejdz, 1994.
Beladi, Laszlo & Tamas Krausz, *Stalin*, Moscou, Izdatelstvo Politiceskoi Literatury, 1990.
Besedovsky, Grigori & Maurice Laport, *Staline, "l'homme d'acier"*, Paris, A. Redier, 1932.
Elleinstein, Jean, *Staline*, Paris, Fayard, 1984.
Essad-Bey (pseud.), *Stalin…*, Berlim, G. Kiepenheuer Verlag, 1931.
Fischer, Louis, *Vie et mort de Staline…*, Paris, Calmann-Lévy, 1953.
Hartmann, Maurice, *Staline*, Paris, Éditions Éclectiques, 1979.
Hingley, Ronald, *Joseph Salin, Man and Legend*, Londres, Hutchinson, 1974.
Laver, John, *Joseph Stalin: From Revolutionary To Despot*, Londres, Hodder and Stoughton, 1993.
Lewis, Jonathan & Whitehead, Phillip, *Stalin: A Time for Judgement*, Londres, Methuen, 1990.
Lyons Eugene, Stalin, *The Czar of All The Russias*, Nova York, J.B. Lippincott, 1940.
Marie, Jean-Jacques, *Staline*, Paris, PUF, 1995.
____, *Staline, 1879-1953*, Paris, Seuil, 1967.
Payne, Robert, *The Rise and Fall of Stalin*, Nova York, Simon and Schuster, 1965.
Raguza, Imam (pseud.), *La vie de Staline*, Paris, Fayard, 1938.
Rubel, Maximilien, *Stalin in Selbstzengnissen und Bilddokumenten*, Hamburgo, Rowohlt, 1975.
Serge, Victor, *Portrait de Staline*, Paris, Graset, 1940.
Smith, Edward Ellis, *La jeunesse de Staline, les premières années d'un revolutionnaire insaisissable…*, Paris, Stock, 1968.
Suvarin, Boris, *Staline, aperçu historique du bolchevisme*, Paris, Plon, 1935.
Trótski, Lev, *Staline…*, Paris, Grasset, 1948.
Volkogonov, Dimitri, *Staline, triomphe et tragédie*, Paris, Fllamrion, 1991.
Volkov, Fiódor D., *Vzlet i padenie Stalina*, Moscou, Spektr, 1992.

Biografias universitárias

Agosti, Aldo, *Stalin Iosif V. Dzugasvili (1879-1953): Un protagonista degli anni che sconvolsero il mondo*, Roma, Riuniti, 1983.
Bullock, Alan, *Hitler et Staline, vies parallèles*, 2 vols, Paris, Albin Michel/Robert Laffont, 1991.
Conquest, Robert, *Staline*, Paris, Odile Jacob, 1993.
Deutscher, Isaac, *Staline…*, edição definitiva, Paris, Gallimard, 1973.
Levine, Isaac Don, *Stalin*, Nova York, Cosmopolitan Book Corporation, 1931.
McNeal, Robert Hatch, *Stalin: Man and Ruler*, Basingstoke, Macmillan, 1988.
Tucker, Robert C., *Staline révolutionnaire, 1879-1929, Essai historique et psychologique…*, Paris, Fayard, 1975.
____, *Stalin in Power. The Revolution from Above, 1928-1941*, Nova York, W.W. Norton, 1990.
Ulam, Adam B., *Staline, l'homme et son temps…*, 2 vols, Paris, Calmann-Lévy/Gallimard, 1977.
Wolfe, Bertram D., *La jeunesse de Lénine; Lénine et Trotski; Lénine, Trotski, Staline…*, 3 vols, Paris, Calmann-Lévy, 1959, 1959.

Biografias de colaboradores próximos de Stálin

Knight, Amy, *Beria*, Paris, Aubier, 1994.
Medvedev, Roy, *All Stalin's Men*, Oxford, Basil Blackwell, 1983.
Rosenfeldt, Niels Eridk, *Knowledge and Power: The Role of Stalin's Secret Chancellery in the Soviet*

System of Government, Copenhague, Rosenkilde & Bagger, 1992.
Vaskberg, Arcadi, *Vychinski, le procureur de Staline…*, Paris, Albin Michel, 1991.

Obras gerais

Andrew, Christopher & Oleg Gordievsky, *Le KGB dans le monde,1917-1990*, Paris, Fayard, 1990.
Boffa, Giuseppe, *Storia dell'Unione Sovietica*, 2 vols, Roma, Mondadori, 1979.
Grieger, Manfred et al., *Stalins Schatten: Stalin und die westeuropaïschen Kommunisten*, Neuss, Marxistische Blätter, 1989.
Heller, Michel & Aleksandr Nekrich, *L'Utopie au pouvoir. Histoire de l'URSS, de 1917 à nos jours*, Paris, Calmann-Lévy, 1982.
Labica, Georges, *Le marxisme-léninisme*, Paris, Bruno Huisman, 1984.
Leonhard, Wolfgang, *Kreml ohne Stalin*, Colônia, Politik und Wirtschaft, 1960.
Mercalov, Andrei (org.), *Istoria I stalinizm*, Moscou, Izdatelstvo Politiceskoi Literatury, 1991.
Mongili, Alessandro, *Staline et le stalinisme*, Paris, Casterman, 1995.
Procacci, Giuliano, *Il Partito nell'Unione sovietica, 1917-1945*, Roma, Laterza, 1975.
Werth, Nicolas, *Histoire de l'Union Soviétique*, Paris, PUF, 1990.

Revolução de Outubro

Carr, Edward Hallet, *La Révolution bolchevique*, 3 vols, *1917-1923*, Paris, Minuit, 1969-1974.
Coquin, François-Xavier, *La Révolution Russe*, 7ª ed., Paris, PUF, 1982.
Daniels, Robert V., *Red October, The Bolshevik Revolution of 1917*, Nova York, Scribner's, 1968.
Ferro, Marc, *La Révolution de 1917*, 2 vols, Paris, Aubier, 1967 e 1976.
Pipes, Richard (org.), *Revolutionary Russia*, Cambridge (Mass.), Harvard University Press, 1968.
Schapiro, Léonard, *Les révolutions russes de 1917. Les origines du communisme moderne*, Paris, Flammarion, 1987.
Shapiro, Leonard, *Les origines de l'absolutisme communiste. Les bolcheviks et l'opposition 1917-1922*, Paris, Albatros, 1957.

Guerra civil e comunismo de guerra

Ferro, Marc, *Des soviets au communisme bureaucratique…*, Paris, Gallimard/Julliard, 1980.
Footman, David, *Civil War in Russia*, Londres, Faber and Faber, 1961.
Laloy, Jean, *Le socialisme de Lénine*, Paris, Desclée de Brouwer, 1967.
Pethybridge, Roger William, *The Social Prelude to Stalinism*, Londres, Macmillan, 1974.

Os anos 20

Bettelheim, Charles, *Les luttes de classes en URSS, 1917-1923*, Paris, Maspéro, 1974.
____, *Les luttes de classes en URSS, 1923-1930*, Paris, Maspéro, 1977.
Broué, Pierre, *Le parti bolchevik*, 2ª ed., Paris, Minuit, 1972.
Carr, Edward Hallet, *The Interregnum, 1923-1924*, Londres, Macmillan, 1954.
____, *Socialism In One Country, 1924-1926*, 3 vols, Londres, Macmillan, 1958.

____, *The Foundations of a Planned Economy, 1926-1929*, Londres, Macmillan, 1969.
Carrère d'Encausse, Hélène, *Le grand défi. Bolcheviks et nations, 1917-1930*, Paris, Flammarion, 1987.
____, *Lénine, la Révolution et le pouvoir*, Paris, Flammarion, 1979.
____, *Staline, l'ordre par le terreur*, Paris, Flammarion, 1979.
Daniels, Robert V., *The Conscience of the Revolution, Communist Opposition in Soviet Russia*, Cambridge (Mass.), Harvard University Press, 1960.
Lewin, Moshe, *Le dernier combat de Lénine*, Paris, Minuit, 1967.
____, *La paysannerie et le pouvoir soviétique, 1928-1930*, Paris, Mouton, 1966.
Nikolaevsky, Boris, *Les dirigeants soviétiques et la lutte pour le pouvoir…*, Paris, Denoël, 1969.
Rosenberg, Arthur, *Histoire du bolchevisme*, Paris, Grasset, 1967.
Schapiro, Léonard, *De Lénine à Staline, histoire du Parti Communiste de l'Union soviétique*, Paris, Gallimard, 1967.
Ulam, Adam B., *Les bolcheviks*, Paris, Fayard, 1973.
Volkogonov, Dimitri, *Le vrai Lénine*, a partir dos arquivos secretos soviéticos, Paris, Robert Laffont, 1995.

Os anos 30

Antonov-Ovseyenko, Anton, *The Time of Stalin, Portrait of a Tyranny*, Nova York, Harper and Row, 1980.
Avtorkhanov, Adburahman, *Staline au pouvoir…*, Paris, Les Îles d'Or.
Bettelheim, Charles, *Les luttes de classes en URSS, 1930-1941*, 2 vols, Maspéro, 1981.
Brzezinski, Zbigniew K., *La purge permanente, la politique dans le totalitarisme soviétique*, Paris, Les Îles d'Or, 1958.
Conquest, Robert, *La grande terreur. Les purges staliniennes des années 30*, Paris, Stock, 1970.
Dallin, David J. & Boris Nicolaevsky, *Le travail forcé en URSS*, Paris, A. Somogy, 1949.
Davies, Robert William, *The Industrialization of Soviet Russia, 1929-1930*, 2 vols, Londres, Macmillan, 1980.
Fainsod, Merle, *Smolensk à l'heure de Staline…*, Paris, Fayard, 1967.
Getty, John A., *Origins of the Great Purges. The Soviet CP Reconsidered, 1933-1938*, Cambridge (Mass.), Cambridge University Press, 1987.
Ivanov, Anatoli M., *Logika Kosmara*, Moscou, Russkij Vestnik, 1993.
Kemp-Welch, Anthony, *Stalin and the Litterary Intelligentsia, 1928-1939*, Basingstoke, Macmillan, 1991.
Khlevniuk, O.V., *Stalin I Ordjonikidze, Konflikt v Politburo v 30-e gode*, Moscou, Izdatelskii Tzentr, Rossia Molodaia, 1993.
Kirilina, Alla, *L'Assassinat de Kirov, destin d'un stalinien, 1888-1934*, Paris Seuil, 1995.
Kotkin, Stephen, *Magnetic Mountain: Stalinism as a Civilization*, Berkeley (Calif.), University of California Press, 1995.
Maramov, Grigori B., *Kremlevskii cenzor: Stalin smotrit kino*, Moscou, Kinocentr, 1992.
Reiman, Michal, *La nascita dello stalinismo*, Roma, Riuniti, 1980.
Werth, Nicolas, Ê*tre communiste en URSS sous Staline*, Paris, Gallimard/Julliard, 1981.
____, *Les procès de Moscou*, Bruxelas, Complexe, 1987.

A Guerra, 1941-1945

Bialer, Seweryn (org.), *Stalin and His Generals, Soviet Military Memoirs of World War II*, Nova York, Pegasus, 1969.
Edmonds, Robin, *The Big Three: Churchill, Roosevelt and Stalin in Peace and War*, Nova York, Norton, 1991.

Erickson, John, *The Soviet High Command…*, Londres, Macmillan, 1962.
Grigorenko, Piotr, *Staline et la Deuxième Guerre Mondiale…*, Paris, L'Herne, 1969.
Istoria velikoi Otetchestvennoi Voiny Sovetskovo Soiuza, 6 vols, Moscou, 1960-1965.
La Gorce, Paul-Marie de, *39-45, une guerre inconnue*, Paris, Flammarion, 1995.
Nekritch, Aleksandr, *L'Armée rouge assassinée, 22 juin 1941…*, Paris, Grasset, 1968.
Perlmutter, Amos, *FDR and Stalin: A Not So Grand Alliance, 1943-1945*, Columbia (MO), University of Missouri Press, 1993.
Suvorov, Victor, *Le brise-glace*, Paris, Orban, 1989.
Tokaev, G.A., *Stalin Means War…*, Londres, Weidenfeld and Nicholson, 1951.
Werth, Alexander, *La Russie en guerre*, 2 vols, Paris, Stock, 1964-1965.

A Guerra Fria

Aron, Raymond, *Espoir et peur du siècle*, Paris, Calmann-Lévy, 1957.
____, *Le grand schisme*, Paris, Gallimard, 1948.
Fontaine, André, *Histoire de la Guerre Froide*, 2 vols, Paris, Fayard, 1966-1967.
Kardelj, Edvard, *Memorie degli anni de ferro*, Roma, Riuniti, 1980.
Marcou, Lilly, *La Guerre Froide, l'engrenage*, Bruxelas, Complexe, 1987.
Schulman, Marshall D., *Beyond the Cold War*, New Haven (Conn.)/Londres, Yale University Press, 1966.
____, *Stalin's Foreign Policy Reappraised*, Cambridge (Mass.), Harvard University Press, 1963.
Yergin, Daniel, *La paix saccagée, les origines de la Guerre Froide et la division de l'Europe*, Paris, Balland, 1980.

A diplomacia

Hentsch, Guy, *Staline négociateur, une diplomatie de guerre*, Neuchâtel, La Baconnière, 1967.
Kennan, George F., *La Russie soviétique et l'Occident, quarante années d'histoire*, Paris, Calmann-Lévy, 1962.
Laloy, Jean, *La politique extérieure de l'URSS, 1917-1975*, Paris, Cours IEP, 1972.
Levesque, Jacques, *L'URSS et sa politique intenationale, de Lénine à Gorbatchev*, Paris, Armand Colin, 1988.
Ulam, Adam B., *Expansion and Coexistance, A History of Soviet Foreign Policy, 1917-1967*, Nova York, F.A. Praeger, 1968.
Werth, Alexander, *Russia: The Post-War Years*, Londres, R. Hale, 1971.

Fim de reinado

Avtorkhanov, Adburahman, *Staline assassiné, le complot de Beria*, Paris, Presses de la Renaissance, 1976.
Bortoli, Georges, *Mort de Staline*, Paris, Robert Laffont, 1973.
Kolendic, Anton, *Les derniers jours, de la mort de Staline à celle de Beria, mars-décembre 1953*, Paris, Fayard, 1982.
Rapoport, Iakov, *Souvenirs du procès des Blouses blanches*, Aix-en-Provence, Alinéa, 1988.
Salisbury, Harrison E., *Moscow Journal, The End of Stalin*, Chicago (Ill.), University of Chicago Press, 1962.

Agradecimentos

Agradeço profundamente a Robert C. Tucker, que foi o primeiro, e já se vão quinze anos, a me incentivar a dar minha versão histórica do personagem Stálin. Mil obrigadas a Nicolas Werth, que, com a precisão de um metrônomo, me apontou a Coleção 558, que guarda alguns dos arquivos mais importantes sobre Stálin. Agradeço-lhe igualmente por ter me mantido a par, e comunicado à medida que as explorava, das pesquisas mais abalizadas sobre Stálin realizadas na Rússia. Agradeço finalmente pela leitura competente, crítica e valiosa que fez de meu original. Minha imensa gratidão a Jean-François Leguil-Bayart, diretor do Ceri, que me ajudou intelectual e materialmente a efetuar esta longa e difícil pesquisa.

Agradeço igualmente às seguintes pessoas, que, de uma maneira ou de outra, me ajudaram: os netos de Stálin, Galina Djugachvili, Nadejda Stálina e Aleksandr Burdonski; sua sobrinha Kyra Alliluyeva e seu ex-genro Grigori Morozov, que de boa vontade me transmitiram suas recordações, as de seus pais e sua própria experiência.

Em Moscou, meus amigos russos estiveram sempre presentes para me auxiliar: Mikhail Panteleiv, Alexei Kojemiakov, Andrei Gratchev, Arkadi Vaksberg, Suria Sadekova, Nina Drozdova. Cyril Anderson, diretor do Centro Russo de Conservação e Estudo dos Documentos em História Contemporânea, Olega Naumov, responsável pelos arquivos, as sras. Rogovaia e Adibekova, Andrei Doronin, todos me ajudaram com amizade e eficiência a encontrar os arquivos Stálin, dando-me plenas condições de trabalho e obtendo, nos prazos mais curtos, fotocópias e microfilmes.

Marie-Paule Rochelois leu com atenção os originais; Jeanne Baisseitova me ajudou com competência a decifrar os manuscritos de Stálin; Colette Jaffrelot digitou meu original com precisão; Gregory Calès prestou valiosa assistência informática; Jean-Pierre Joyeux, documentarista no Ceri, conseguiu documentos e artigos difíceis de encontrar; Marie-Édith Semence, bibliotecária-chefe da faculdade de Ciências Políticas, colocou à minha disposição os livros necessários e estendeu seus prazos de devolução.

Índice onomástico

Abakumov, Victor, 1n, 2n
Adler, Max, 1n
Aigkhgolts, Magdalina, 1
Alexandre I, 1n
Alliluyev, Aleksandr Pavlovitch, 1
Alliluyev, Fiódor Sergueievitch, 1, 2, 3, 4, 5, 6
Alliluyev (n. Morozov), Iosif, 1, 2, 3
Alliluyev, Ivan Pavlovitch (vulgo Altaiski), 1
Alliluyev (n. Redens), Leonid Stanislavovitch, 1
Alliluyev, Pável Sergueievitch, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16
Alliluyev, Serguei Iakovlevitch, 1-2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15-16, 17, 18
Alliluyev, Serguei Pavlovitch, 1
Alliluyev (n. Redens), Vladimir Stanislavovitch, 1, 2n, 3, 4n, 5n, 6, 7, 8, 9, 10
Alliluyeva, Anna Sergueievna, 1, 2, 3-4, 5, 6, 7, 8, 9, 10-11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22-23, 24
Alliluyeva (n. Zemliantsina), Evguenia Aleksandrovna, 1, 2, 3, 4-5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15-16, 17
Alliluyeva, Kyra Pavlovna, 1n, 2, 3n, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15
Alliluyeva, Nadejda Sergueievna (Nadia), 1, 2-3, 4, 5-6, 7, 8-9, 10, 11, 12-13, 14, 15-16, 17, 18, 19-20, 21-22, 23, 24-25, 26-27, 28, 29, 30, 31, 32, 33
Alliluyeva (n. Fedorenko), Olga Evgueievna, 1, 2, 3, 4, 5-6, 7, 8-9, 10, 11-12, 13, 14
Alliluyeva, Svetlana, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7n, 8, 9n, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16-17, 18, 19n, 20, 21, 22-23, 24-25, 26, 27, 28-29, 30-31, 32, 33-34, 35, 36, 37-38, 39, 40, 41n, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53
Andreiev, Andrei Andreievitch, 1
Armand, Inès, 1
Avtorkhanov, Adburahman, 1

Baikalov, A., 1
Bajanov, Boris, 1n
Bauer, Otto, 1n, 2
Beaverbrook, 1
Bedell Smith, Walter, 1
Bergelson, David, 1
Beria, Lavrenti Pavlovitch, 1-2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10-11, 12-13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20-21, 22, 23n, 24-25, 26n, 27-28, 29, 30-31
Beria, Ninoi, 1
Beria, Sergo, 1, 2, 3, 4
Bessarabe, Nicolai, 1

Bestrova, E.V., 1n
Bielynski, G., 1
Blum, Léon, 1
Blum, Robert, 1
Blumkin, Iakov, 1
Bobrovski, Vladimir, 1
Bogdanov, Aleksandr Malinovski, 1
Botchoridze, Mitcho, 1
Bubnov, Andrei Sergueievitch, 1
Budienny, Semion Mikhailovitch, 1, 2, 3
Bukharin, Nikolai Ivanovitch, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7-8, 9, 10, 11, 12, 13, 14n, 15, 16, 17
Bulganin, Nikolai Aleksandrovitch, 1n, 2, 3, 4, 5
Bullock, Alan, 1, 2, 3, 4
Burdonskaia, Galina (Galia), 1, 2, 3n
Burdonski (n. Stálin), Aleksandr, 1, 2, 3-4, 5-6, 7n, 8, 9, 10n, 11, 12
Butussova, Matriona, 1, 2

Carrère d'Encausse, Hélène, 1
Carrillo, Santiago, 1n
Ceretti, Giulio, 1
Chatunovskaia, Lydia A., 1n
Chimeliovitch, Boris, 1
Chkiriatov, Matvei, 1
Chpiler, N., 1n
Chtcherbakov, Aleksandr Sergueievitch, 1
Churchill, sir Winston, 1, 2, 3-4, 5, 6, 7
Chvernik, Nikolai, 1
Copérnico, Nicolau, 1
Cromwell, Thomas, 1

Darwin, Charles, 1, 2
Davidova, Vera Aleksandrovna, 1-2
Denikin, Anton Ivanovitch, 1
Deutscher, Isaac, 1, 2n, 3n, 4, 5, 6, 7, 8, 9
Dimitrov, Goergi, 1
Djibladze, Sylvestr, 1, 2
Djugachvili (n. Gueladze), Ekaterina Gavrilovna (Keke), 1-2, 3-4, 5, 6, 7-8, 9, 10, 11-12, 13
Djugachvili (n. Svanidze), Ekaterina Semionovna (Kato), 1, 2, 3-4
Djugachvili, Galina, 1n, 2, 3n, 4n, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16
Djugachvili, Iakov (Iacha), 1, 2-3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10-11, 12-13, 14-15, 16, 17, 18, 19, 20
Djugachvili, Vissarion Ivanovitch (Besso), 1-2
Djugachvili, Zaza, 1
Dobroliubov, Nikolai A., 1
Donskoi, Dimitri, 1
Dzerjinski, Félix Edmundovitch, 1, 2, 3

Egnatachvili, Aleksandr Iakovlievitch, 1

Egorov, A.I., 1, 2
Ejov, Nikolai Ivanovitch, 1-2, 3
Elisabegatchvili, G., 1
Éluard, Paul, 1
Engels, Friedrich, 1
Enukidze, Abel Safronovitch, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9
Ehrenburg, Ilya, 1
Eristavi, Raphael, 1n, 2

Fefer, Itzik, 1, 2
Finkelstein, Esfiri, 1
Fotieva, Lydia, 1, 2, 3

Galilei, Galileu, 1
Gaulle, Charles de, 1, 2, 3
Glurdjidze, 1, 2
Gógol, Nikolai Vassilievitch, 1
Golitcheva, Olga, 1n
Gorbatchev, Mikhail Sergueievitch, 1, 2, 3n
Gorbatov, Aleksandr Vassilievitch, 1
Gorce, Paul-Marie de la, 1
Górki, Alexei Maximovitch Petchkov, vulgo, 1, 2, 3, 4
Gresh, Alain, 1
Gromyko, Andrei, 1
Grossman, Vassili, 1
Guendlin, Leonid, 1-2
Guesde, Jules, 1
Gurvitch, Esther Issaievna (segunda esposa de Bukharin), 1

Harriman, William Averell, 1
Haupt, Georges, 1
Hilferding, Rudolf, 1n
Himmler, Heinrich, 1
Hitler, Adolf, 1n, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9
Hofstein, David, 1, 2
Hopkins, Harry, 1, 2
Hugo, Victor, 1

Iagoda, Guenrikh Grigorievitch, 1, 2, 3, 4
Iakovlev, Aleksandr Nicolaievitch, 1n, 2, 3n, 4, 5, 6, 7
Ibarruri, Dolores, 1n
Ignatiev, Semion Denissovitch, 1
Iremachvili, Iosif, 1, 2
Issakov, 1
Istomina, Valentina Vassilievna (Valetchka), 1-2, 3, 4, 5
Iudenitch, Nikolai N., 1
Ivan o Terrível, 1

Jaruzelski, Wojciech, 1n
Jdanov, Andrei Aleksandrovitch, 1, 2, 3, 4, 5-6, 7, 8
Jdanov, Katia, 1, 2
Jemtchujina, Paulina Semionovna *ver* Molotova
Joffé, A.A., 1
Jordania, Noi, 1n, 2n, 3
Jukov, Gueorgui Konstantinovitch, 1, 2-3, 4n, 5, 6

Kaganovitch, Lazar Moisseievitch, 1n, 2, 3-4, 5-6, 7n, 8, 9, 10, 11, 12n
Kaganovitch, Maria Markovna, 1, 2
Kaganovitch, Maya, 1
Kaganovitch, Rosa, 1
Kalinin, Mikhail, 1, 2, 3, 4, 5
Kamenev, Lev Borissovitch Rozenfeld, vulgo, 1, 2, 3-4, 5, 6-7, 8, 9-10, 11, 12, 13, 14, 15-16, 17
Kamo, Semion Ter-Petrossian, vulgo, 1-2
Kandelaki, Constantin, 1, 2
Kanner, Gricha, 1n
Kapanatze, Piotr, 1, 2
Kapitsa, Piotr Leonidovitch, 1
Kaplan, Fanya, 1
Kapler, Alexis, 1-2
Kerenski, Aleksandr Fiódorovitch, 1, 2
Kesbegui, Aleksandr, 1
Ketskhoveli, Lado, 1, 2-3, 4, 5
Ketskhoveli, Vado, 1
Khan, Gêngis, 1
Khazan, Dora Moisseievna (esposa de Andreiev), 1, 2
Khlevniuk, O.V., 1n, 2
Kirilina, Alla, 1, 2
Kirov, Serguei Mironovitch Kostrikov, vulgo, 1, 2, 3, 4, 5-6, 7-8, 9, 10-11, 12, 13
Knight, Amy, 1n, 2n, 3, 4
Kolesnik, Aleksandr, 1n, 2n, 3n, 4, 5, 6, 7, 8, 9
Koniev, Ivan Stepanovitch, 1, 2n
Kostyrtchenko, Guennadi, 1n, 2n, 3, 4
Kropotkin, Petr Alexeievitch, príncipe, 1
Kruchtchev, Nikita Sergueievitch, 1, 2, 3, 4, 5, 6-7, 8, 9, 10, 11, 12-13, 14n, 15, 16, 17, 18n, 19, 20, 21n, 22, 23
Krupskaia, Nadejda Konstantinovna, 1, 2-3, 4, 5
Kutuzov, Mikhail, 1
Kuzakov, Konstantin Stepanovitch, 1-2, 3
Kuzakova, Maria, 1, 2, 3, 4
Kuznetzov, Alexei, 1, 2n
Kvitko, Lev, 1

Lafargue, Paul, 1
Lakoba, Nestor, 1

Landau, Lev, 1
Lênin, Vladimir Ilitch Ulianov, vulgo, 1, 2-3, 4-5, 6, 7-8, 9-10, 11, 12, 13-14, 15-16, 17-18, 19, 20-21, 22-23, 24, 25, 26, 27-28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39
Leopoldo da Bélgica, 1
Lepechinskaia, Olga, 1n
Lermontov, Mikhail Iúrievitch, 1
Leviatan, Iúri, 1
Lewin, Moshe, 1
Lozgatchev, P., 1-2
Lozovski, Salomon Abramovitch, 1, 2, 3
Ludwig, Emil, 1n, 2
Luxemburgo, Rosa, 1
Lvov, príncipe, 1, 2n

Maiski, Ivan, 1
Malenkov, Gueorgui Maximilianovitch, 1n, 2, 3, 4, 5, 6-7, 8n, 9, 10, 11-12, 13, 14, 15
Malinovski, Roman, 1-2, 3
Manuilski, Dimitri, 1, 2
Maquiavel, Nicolau, 1, 2
Marcou, Lilly, 1n
Marie, Jean-Jacques, 1
Markish, Peretz, 1
Markus, Maria Lvovna, 1-2
Martechin, V.V., 1
Martov, Iuli Ossipovitch Zederbaum, vulgo, 1n, 2
Marx, Karl, 1, 2
McNeal, Robert, 1
Medvedev, Roy, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7
Mégroz, Émilie, 1
Meir, Golda, 1
Mekhlis, Lev, 1n, 2
Meltzer, Iulia Isaacovna, 1, 2, 3
Menjinski, Viatcheslav Rudolfovitch, 1
Meretskov, Cyril Afanassievitch, 1
Merjanov, Miron, 1, 2
Mikhoels, Salomon, 1-2, 3, 4-5
Mikoian, Anastas Ivanovitch, 1, 2n, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10n, 11-12, 13, 14, 15, 16
Miliukov, Paul N., 1
Minin, Kuzma, 1
Mirbach, Wilhelm von, 1
Molotchnikov, Nicolai, 1
Molotov, Viatcheslav Mikhailovitch Skriabin, vulgo, 1, 2n, 3-4, 5, 6-7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18n, 19n, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29n, 30, 31, 32n, 33-34, 35, 36, 37, 38, 39, 40-41
Molotova (n. Jemtchujina), Paulina Semionovna, 1, 2-3, 4n, 5, 6-7, 8
Morozov, Grigori Iosipovitch, 1-2, 3
Morozov, Vera, 1

Moullec, Gaël, 1, 2
Muralov, Nikolai I, 1
Muraviov, Aleksandr Ivanovitch, 1

Nadirachvili, 1-2
Nevski, Aleksandr, 1
Nicolau II, 1n, 2n
Nikolaiev, Leonid, 1-2, 3, 4

Onufrieva, Pelágia Gueorguievna, 1
Ordjonikidze, Grigori Konstantinovitch (vulgo Sergo), 1, 2, 3, 4, 5, 6n, 7, 8, 9-10, 11, 12-13, 14, 15
Ordjonikidze, Papulia, 1

Panteleiev, Mikhail, 1, 2
Paulus, Friedrich, 1, 2
Pedro o Grande, 1
Pervukhin, M.G., 1n
Pestkovski, S.S., 1
Petrovski, G.I., 1
Piatakov, Gueorgui Leonovitch, 1-2, 3
Pilsudski, Joseph, 1n
Pipes, Richard, 1
Plekhanov, Gueorgui Valentinovitch, 1, 2, 3, 4, 5
Poincaré, Raymond, 1
Pojarski, Dimitri, 1
Poskrebytchev, Aleksandr, 1n, 2, 3, 4, 5, 6, 7
Prjevalski, Nikolai Mikhailovitch, 1
Prokopovitch, Serguei N., 1
Púchkin, Aleksandr Sergueievitch, 1, 2

Radek, Karl B. Sobelsohn, vulgo, 1, 2
Ramzin, Stenka, 1-2
Rapoport, Iakov, 1
Redens, Stanislav Frantsevitch, 1, 2, 3, 4, 5-6, 7
Reed, John, 1, 2
Renner, Karl, 1-2
Ribbentrop, Joachim von, 1
Richardson, Rosamond, 1
Riutin, M.N., 1, 2
Robespierre, Maximilien de, 1
Rodionov, Mikhail, 1n
Rokossovski, Konstantin K., 1
Roosevelt, Franklin Delano, 1, 2
Rozenkrantz, Anna Abramovna, 1
Rybin, Alexei T., 1n, 2, 3
Rykov, Alexei I., 1, 2, 3, 4n

Saburov, 1n
Saltykov-Chtchedrin, Mikhail Ievgrafovitch Saltykov, vulgo, 1
Schulenburg, Werner von, 1
Serge, Victor, 1n
Sikorski, Wladyslav, 1
Slavotinski, Tatiana Aleksandrovna, 1
Sokolnikov, Gritori Iakovlevitch Brilliant, vulgo, 1, 2
Solovev, Piotr Grigorievitch, 1n
Spanderian, Suren, 1n, 2, 3, 4, 5
Spirin, L.S., 1
Stahl, Ludmila, 1n
Stálin, Vassili (Vassia), 1-2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10-11, 12, 13, 14-15, 16-17, 18, 19-20, 21, 22n
Stálina, Nadejda, 1, 2n, 3, 4n, 5n
Starostin, M., 1-2
Stern, Lina, 1, 2
Sudoplatov, Pável, 1, 2, 3, 4, 5
Suhanov, Nikolai N., 1
Suslov, Mikhail Andreievitch, 1
Suvarin, Boris, 1, 2, 3
Suvorov, Aleksandr, 1, 2
Suvorov, Victor, 1n
Svanidze (n. Korona), Maria Anissimovna (Marussia), 1-2, 3, 4-5, 6-7, 8, 9, 10, 11-12
Svanidze, Aleksandr (Aliocha), 1, 2-3, 4, 5, 6, 7, 8, 9-10, 11
Svanidze, Aleksandra (Sachiko), 1-2, 3, 4, 5
Svanidze, Anatoli (Tolia), 1, 2
Svanidze, John Reed Aleksandrovitch (Johnik), 1
Svanidze, Maria (Mariko), 1, 2, 3, 4, 5, 6
Svanidze, Semion, 1
Svanidze, Sephora, 1
Sverdlov, Iakov Mikhailovitch, 1-2, 3, 4-5, 6, 7, 8

Tamerlão, 1
Tchavtchadze, Ilia, 1n
Tchekhov, Anton Pavlovitch, 1, 2, 3
Tchijikov, Piotr, 1
Tchkeidze, Nikolai, 1
Tchubar, Vlas, 1
Tchuev, Félix, 1n, 2n, 3n, 4n, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12
Tchukadze, Daniel, 1n
Thorez, Maurice, 1
Till, Karolina Vassilievna, 1, 2
Timochenko, Semion, 1
Tkhinvoleli, Christophe, 1
Togliatti, Palmiro, 1
Tolstói, Alexei Nikolaievitch, 1
Tomski, Mikhail P. Efremov, vulgo, 1, 2, 3

Tovstukha, Ivan, 1n, 2, 3
Trifonov, Iúri, 1n, 2n
Trótski, Lev Davidovitch Bronstein, vulgo, 1, 2, 3, 4, 5-6, 7-8, 9-10, 11-12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23-24, 25, 26, 27, 28
Troyanovski, Aleksandr, 1, 2
Truman, Harry S., 1
Tseretelli, Akaki, 1n
Tsulukidze, Aleksandr, 1, 2
Tucker, Robert C., 1, 2n, 3, 4, 5, 6, 7
Tukhatchevski, Mikhail Nikolaievitch, 1-2, 3
Tukov, 1, 2
Tupolev, Andrei, 1

Ulam, Adam B., 1n, 2, 3, 4
Ulianov, Dimitri Ilitch, 1, 2
Ulianova, Maria Ilynitchna, 1
Ulrich, Vassili, 1
Uritski, Mikhail, 1
Uspenski, Vladimir, 1n

Vandervelde, Émile, 1
Vassilievski, Aleksandr Mikhailovitch, 1
Vepiachiak, Semion, 1
Veretchtchak, S., 1
Vichnevski, 1
Vidal, Dominique, 1
Vinogradov, V.N., 1, 2
Vlassik, N.S., 1, 2, 3, 4, 5, 6
Vlassov, Andrei Andreievitch, 1
Volkogonov, Dimitri, 1n, 2n, 3n, 4n, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13
Voloditcheva, Maria A., 1, 2
Vorochilov, Kliment Efremovitch, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7-8, 9, 10, 11, 12, 13, 14n, 15-16, 17n, 18, 19, 20
Voronov, N.N., 1
Voznessenski, Nicolai, 1n
Vychinski, Andrei Ianuarievitch, 1n

Weigand, Maxim, 1n
Werth, Nicolas, 1n, 2n, 3, 4, 5, 6
Wolf, Bertrand, 1

Yergin, Daniel, 1

Zassulitch, Vera, 1
Zemlinitsina, Evguenia Aleksandrovna *ver* Alliluyeva
Zinoviev, Aleksandr, 1
Zinoviev, Grigori Ievseievitch Radomylski, vulgo, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9-10, 11, 12-13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20
Zlatogorova, B., 1n

Zoia, 1
Zuskin, Veniamin, 1

Título original:
Staline
(*Vie privée*)

Tradução autorizada da primeira edição francesa,
publicada em 1996 por Calmann-Lévy, de Paris, França

Copyright © Calmann-Lévy, 1996

Copyright da edição brasileira © 2013:
Jorge Zahar Editor Ltda.
rua Marquês de S. Vicente 99 – 1º | 22451-041 Rio de Janeiro, RJ
tel (21) 2529-4750 | fax (21) 2529-4787
editora@zahar.com.br | www.zahar.com.br

Todos os direitos reservados.
A reprodução não autorizada desta publicação, no todo
ou em parte, constitui violação de direitos autorais. (Lei 9.610/98)

Grafia atualizada respeitando o novo
Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

Preparação: Larissa Helena Santos Gomes | Revisão: Vania Santiago, Suelen Lopes
Indexação: Gabriella Russano | Capa: Dupla Design
Fotos da capa: © Chinese School/Getty Images; Library of Congress/Science Faction/Getty Images | Fac-símiles das p.60 e 62: © Calmann-Lévy, 1996

Edição digital: janeiro 2013

ISBN: 978-85-378-1037-8

Arquivo ePub produzido pela **Simplíssimo Livros**